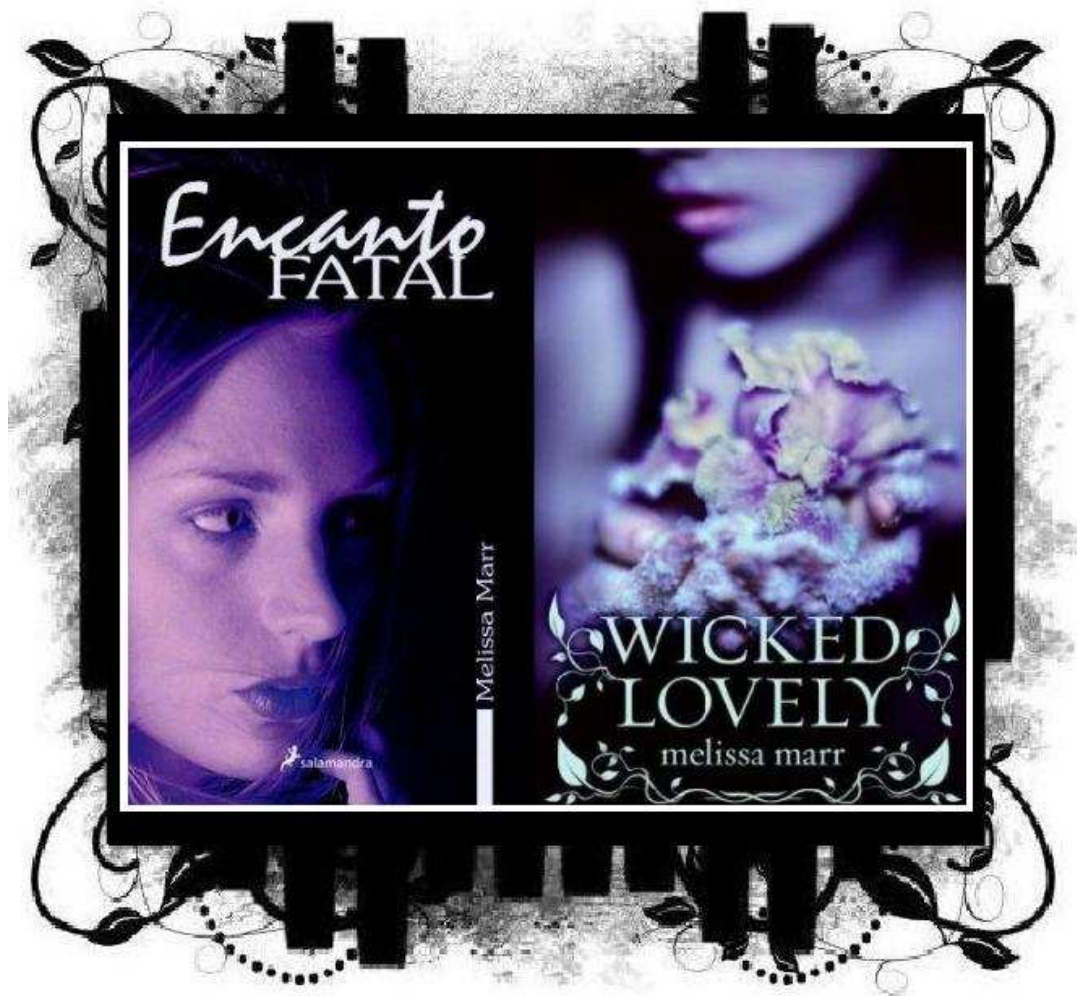


Wicked Lovely *Encanto Fatal*



Faerie in a Dark - Livro 1
Melissa Marr



Créditos

Comunidade do Orkut: Traduções e Digitalizações



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Tradução por:



Bruna Gazelato



Mademoiselle Letícia Machado



Nelda Menezes Farias

ROS: A tradução desse livro foi feita a partir de dois idiomas (Inglês e Espanhol), portanto não é a tradução oficial e pode haver alterações quando (se) vier a sair o livro no Brasil.

Sinopse: Em seus dezesseis anos, Aislinn se comporta aparentemente como qualquer garota de sua idade. Sai com suas amigas, gosta de música e tem um garoto em mira, ainda que desse último ela não esteja muito certa. No entanto, também tem algo nela que não tem nada de normal: assim como sua avó, Aislinn é capaz de distinguir os Élfos que vivem invisíveis entre os humanos, um dom incrível, que mais que um dom é uma maldição, pois esses seres não gostam de serem descobertos e costumam castigar com crueldade as pessoas que detectam sua presença. Sendo assim, seguindo ao pé da letra as regras secretas que sua avó lhe ensinou - nunca atraia a atenção dos elfos, não responda aos elfos, não olhe para os elfos - Aislinn terá que se virar para passar despercebida, especialmente aos olhos de Keenan, o rei dos elfos, que se propôs a seduzi-la e convertê-la em sua rainha.

Índice

Prólogo	04
Capítulo 1	05
Capítulo 2	12
Capítulo 3	20
Capítulo 4	25
Capítulo 5	29
Capítulo 6	35
Capítulo 7	39
Capítulo 8	45
Capítulo 9	52
Capítulo 10	58
Capítulo 11	63
Capítulo 12	70
Capítulo 13	74
Capítulo 14	78
Capítulo 15	82
Capítulo 16	87
Capítulo 17	95
Capítulo 18	104
Capítulo 19	108
Capítulo 20	113
Capítulo 21	117
Capítulo 22	123
Capítulo 23	129
Capítulo 24	132
Capítulo 25	144
Capítulo 26	149
Capítulo 27	152
Capítulo 28	156
Capítulo 29	163
Capítulo 30	170
Epílogo	179
Figuras das Notas de Rodapé	185
[Extra] Playlist e Comunidade Oficial do Brasil	186



*Para Loch, Dylan e Ásia, que acreditaram
em mim antes mesmo do que eu.*

*E em memória de John Marr pai e
Marjorie Marr, cuja presença continua viva
e me dá forças sempre que eu fraquejo.*

Prólogo



Rei do Verão se ajoelhou ante a ela e lhe perguntou:

— É isso o que escolhe livremente? Se arriscar ao frio do inverno?

Ela olhou para o jovem por quem tinha se apaixonado há algumas semanas. Nunca tinha lhe passado pela cabeça que ele fosse outra coisa do que um humano, mas agora a pele brilhava como se houvesse luzes piscando sob sua superfície e era tão estranho e belo que ela não podia afastar os olhos dele.

— É isso o que eu quero – ela disse.

— Você é consciente de que, se não for você a eleita, sofrerá o frio da Rainha do Inverno até que a próxima mortal se arrisque ao mesmo que você? E que terá que adverti-la para que não confie em mim? – Ele se deteve, olhando-a angustiado.

Ela assentiu.

— Se a próxima me recusar, você terá que advertir a seguinte garota e a seguinte – continuou ele – e até que uma me aceite, você não se livrará do frio.

— Eu sou consciente disso.

A jovem sorriu para ele da forma mais tranquilizadora que pode e depois se dirigiu ao arbusto de espinho. As folhas roçaram em seus braços quando ela se inclinou e rebuscou sob o arbusto.

Seus dedos se fecharam sobre o cetro de poder da Rainha do Inverno. Era muito simples e a madeira estava gasta, como se incontáveis mãos o tivessem agarrado. A jovem não quis pensar naquelas mãos, as mãos das garotas que tinham estado antes que ela naquele mesmo lugar.

Ela se ergueu esperançosa e temerosa.

Ele se aproximou por trás. O sussurro das árvores se voltou quase ensurdecedor. O brilho da pele e o cabelo do garoto se intensificaram. A jovem viu diante dela a projeção de sua própria sombra.

— Por favor. Permita que seja ela a eleita... – murmurou Keenan.

Ela levantou o cetro da Rainha do Inverno e aguardou expectante. Por um momento ela acreditou que tinha conseguido, mas, de repente, o gelo a atravessou e a invadiu como se milhares de fragmentos de cristal corresse por suas veias.

Ela gritou seu nome:

— Keenan!

Ela foi para ele gaguejando, mas o jovem retrocedeu; ele já não brilhava mais, já não a olhava.

Um segundo depois ela ficou sozinha, com um lobo como única companhia, à espera de explicar à próxima garota que era uma loucura amar Keenan, confiar em Keenan.

Capítulo 1

“Os videntes, ou homens com uma segunda visão [...] têm apavorantes encontros com [os Élfos, aos que eles chamam Sleagh Maith, ou Pessoas Boas]”.

A Comunidade Secreta, Robert Kirk e Andrew Lang (1893).

Bola quatro, caçapa lateral. – Aislinn impulsionou o taco com um golpe breve e rápido; a bola desapareceu na caçapa na lateral com um som gratificante.

Denny, seu parceiro de partida, efetuou um tiro muito forte para o lado.

Ela revirou os olhos:

— O que foi? Está com pressa?

Denny a apontou com o taco.

— Ok. – cedeu Aislinn. “Concentração e controle; é disso que se trata”, disse a si mesma. Ela encaçapou a bola dois.

Denny fez um gesto de assentimento, o mais próximo nele a um elogio.

Aislinn rodeou a mesa, fez uma pausa e passou giz no taco. Ao seu redor, o estalo da bola ao bater, as tênues risadas, inclusive a interminável música, country e blues, procedente da vitrola, a manteria fixada no mundo real: o humano, o seguro. Não era o único mundo, por mais que ela desejasse isso. Mas ela conseguia ocultar o outro (o inquietante) durante breves momentos.

— Bola três, caçapa do canto. – Ela olhou além da ponta do taco. Era um bom lance. “Concentração. Controle.”

Então ela o sentiu: um ar quente sobre a pele. Um elfo lhe cheirava o cabelo, jogando sobre o pescoço um hálito quente e pressionando seu afiado queixo contra a pele dela. Toda a concentração do mundo não poderia fazer mais tolerável ser o objeto de atenção do Cara-Pontiaguda.

Ela rasgou o pano da mesa com o taco: a única bola que encaçapou foi a branca.

Denny a pegou.

— O que foi isso?

— Uma bola abestalhada?

Ela se obrigou a sorrir, olhando a Denny, a mesa, a qualquer coisa, exceto a horda que entrava pela porta de Shooters¹. Mesmo que afastasse a vista, ela ainda os ouvia: gargalhadas e uivos, ranger de dentes e bater de asas, uma cacofonia² da qual não podia escapar.

¹ Shooters é relativo à algo como “aquele que atira” ou “atirador”, ou seja, refere-se ao nome do local onde Aislinn joga bilhar.

² Efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras

Os élfos estavam chegando aos montes, de algum modo mais livres ao cair da noite, e invadiam o espaço de Aislinn, acabando com qualquer possibilidade de encontrar a paz que ela tanto tinha buscado.

Denny não ficou olhando-a, nem lhe fez perguntas comprometedoras. Limitou-se a fazer um gesto para que ela se separasse da mesa e gritou:

— Grace, coloque algo para Aislinn!

Na vitrola, Grace selecionou uma das poucas canções que não eram nem country e nem blues: *Break Stuff* de Limp Bizkit.

Enquanto a estranhamente reconfortante letra a envolvia, cantada por aquela voz áspera, e notava no estomago a inevitável tensão da fúria, Aislinn sorriu. “Quem dera eu pudesse me deixar levar, descarregar sobre esses seres sobrenaturais todos esses anos agressividade.”, ela pensou. Ela deslizou a mão pela suave madeira do taco, observando como o Cara-Pontiaguda girava inconvenientemente ao lado de Grace. “Eu começaria com ele. Aqui mesmo. Agora mesmo.” Ela mordeu o lábio. Evidentemente, todos achariam que ela estava completamente louca se tratasse de golpear seres invisíveis, todos, exceto os élfos.

Antes que a canção terminasse, Denny tinha desocupado a mesa.

— Muito bem. – Aislinn foi até o suporte da parede para os tacos e colocou o seu em um espaço livre.

Atrás dela, o Cara-Pontiaguda soltou uma risadinha aguda e estridente e arrancou-lhe algumas mechas de cabelo.

— Jogamos outra partida? – Mas o tom de Denny indicava que ele sabia a resposta, que sabia que ia ser negativa antes mesmo de perguntar. Ele não sabia o porquê, mas era capaz de interpretar os sinais.

O Cara-Pontiaguda passou pelo seu rosto as mechas do cabelo de Aislinn.

Ela limpou a garganta.

— Deixamos para outro dia?

— Claro. – Denny começou a desenroscar seu taco.

Os que conheciam a garota jamais faziam comentários sobre suas estranhas mudanças de humor nem sobre seus inexplicáveis costumes.

Ela se afastou da mesa, murmurando tchau ao passar, atenta a não olhar para os élfos. Estes mudavam de lugar as bolas, chocavam contra as pessoas (qualquer coisa, contanto que cause problemas), mas nesse dia eles não tinham cruzado em seu caminho, ainda não. Aislinn se deteve na mesa mais próxima da porta.

— Estou indo.

Um dos clientes se ergueu após executar um belo golpe. Esfregou o cavanhaque, que tendia do cabelo grisalho.

— Já está na hora para a Cinderela?

— Já sabe como funciona isso: tem que estar em casa antes de perder o sapato. – Ela levantou um pé calçado com um acabado tênis esportivo. – Não tem sentido tentar³ a nenhum príncipe.

Ele soltou um resfôlego e se girou de novo para a mesa.

Uma élfia com olhos de cervo atravessou a sala; esquelética, com muitas articulações, era vulgar e esplêndida ao mesmo tempo. Seus olhos excessivamente grandes para o seu rosto lhe concediam um aspecto assustadiço. Combinados com

³ No sentido de provocar tentação.

aquele corpo consumido, aqueles olhos faziam com que ela parecesse vulnerável e inocente. Mas ela não era.

“Nenhum deles é”.

Com um movimento rápido e quase não visível, a Olhos-de-Cervo lançou sua língua azul para um élfos de pés rachados. Ele retrocedeu, mas por suas bochechas afundadas já corria um fio de sangue. A Olhos-de-Cervo riu entre dentes.

Aislinn mordeu seu lábio de novo e levantou a medida⁴ uma mão para se despedir pela última vez de Denny.

“Concentração”. Ela se esforçou em avançar com firmeza e tranquilidade, justamente o que ela não sentia em seu interior.

Saiu para a rua com os lábios apertados para não pronunciar palavras perigosas. Ela queria falar, dizer aos élfos que fossem embora para ela não ter ir, mas não podia. Jamais poderia. Se o fizesse, eles descobririam seu segredo: Saberiam que ela tinha o dom de vê-los.

O único modo de sobreviver era guardando esse segredo: sua avó tinha lhe ensinado essa regra até mesmo antes que soubesse escrever seu nome: “Mantenha a cabeça baixa e a boca fechada.” Ela achava mal ter que ocultar seu dom, mas se lhe ocorresse somente insinuar uma idéia tão rebelde, a sua avó a confinaria e ela teria que ficar em casa sem ir ao instituto⁵, nem à aula de bilhar, nem às festas: não teria liberdade, e tampouco Seth.

“Nunca mais”, ela disse a si mesma.

De forma que, contendo a raiva, Aislinn se encaminhou para o centro da cidade, para a relativa segurança das barras de ferro e as portas de aço.

Tanto em sua forma básica, quanto modificada na forma mais pura do aço, o ferro era venenoso para os élfos e, portanto, maravilhosamente reconfortante para ela. Apesar dos élfos que percorriam suas ruas, Huntsdale era seu lar. Aislinn tinha visitado Pittsburg, passeio por Washington D. C. e explorado Atlanta. Eram cidades bastante agradáveis, mas muito prósperas e vivas, com muitos parques e árvores. Huntsdale não era um povoado próspero, não era há anos, e isso significava que ali os élfos também não prosperavam.

Havia bagunça na maior parte dos solares⁶ e ruelas ante aos que eles passavam, mas não era nem remotamente tão ruim quanto o asfixiante tropel de élfos que brincavam no bulevar⁷ de Washington D. C. ou nos Jardins Botânicos de Pittsburg. Ela tratou de se animar com essa idéia enquanto prosseguia seu caminho. Ali eles eram muito menos, e também havia menos habitantes.

“Que eles sejam menos é bom”, pensou.

As ruas não estavam vazias; havia pessoas ocupadas em seus assuntos, comprando, rindo, caminhando. Para eles era mais fácil: não viam o élfos azul que tinha encurralado vários de seus congêneres⁸ alados em baixo de uma sebosa janela; jamais veriam aos élfos com juba de leão que faziam corridas sobre os cabos de alta tensão, caindo uns sobre os outros, aterrissando sobre uma mulher altíssima de dentes tortos.

⁴ No sentido de contida.

⁵ Escola, colégio.

⁶ Castelo ou terra onde habitava a nobreza e que dava o título às famílias.

⁷ Rua larga ou avenida arborizada, alameda.

⁸ Do mesmo gênero.

Ser cega para o invisível... Esse era um desejo que Aislinn sempre tinha mantido em segredo. Mas desejá-lo não mudava a realidade. Ainda que conseguisse deixar de ver os élfos, ela não poderia deixar de saber a verdade.

Ela enfiou as mãos nos bolsos e continuou andando; deixou para trás uma mãe com algumas crianças que pareciam esgotados, as vitrines das lojas que começavam a se cobrirem de geada, o lodo cinza que havia ao longo da rua. Estremeceu-se. O longo inverno não demoraria em chegar.

Tinha passado a esquina de Harper com Third, já praticamente em casa, quando saiu de um beco o casal de élfos que tinha estado a seguindo quase todos os dias nas duas últimas semanas. A élfia tinha um cabelo longo e branco que lhe caía como se fossem espirais de fumaça. Seus lábios eram azuis, mas não azul de batom, mas sim azul cadavérico. Usava uma desbotada saia de cor marrom costurada com grossos cordões. Junto a ela caminhava um enorme lobo branco em que ela se apoiava ou ia montada alternativamente. O élfio a tocou e de seu pé brotou vapor. Ela lhe mostrou os dentes, o empurrou e lhe deu uma bofetada; ele não fez outra coisa que sorrir.

E ao sorrir ficou irresistível. Ele brilhava ligeiramente o tempo todo, como se em seu interior ardessem carvões acessos. Seu cabelo, comprido até os ombros, reluzia como tiras de cobre que cortariam a pele de Aislinn se afundasse os dedos entre elas... Coisa que ela não ia fazer. Mesmo que ele fosse realmente humano, não seria seu tipo: bronzeado e bonito demais para tocá-lo, com um andar arrogante que revelava que ele sabia exatamente o quão atrativo ele era. Movia-se como se estivesse ao comando de tudo e de todos, o que fazia com que ele parecesse mais alto. Mas a verdade é que ele não era muito alto, não tanto quanto as garotas esqueleto que havia perto do rio, nem como o estranho homem de casca de árvore que perambulava pela cidade. O garoto tinha uma estatura dentro do normal; só passava uma cabeça de Aislinn.

Cada vez que ela o tinha por perto, percebia seu aroma de flores silvestres, ouvia o sussurro dos ramos dos salgueiros, como se estivesse sentada perto de um reservatório em um desses estranhos dias estivais⁹: notava um prazer a pleno verão antes do gélido outono. E desejava conservar esse prazer, deleitar-se com ele até que a quentura impregnasse toda sua pele. Mas lhe assustava essa ânsia quase irresistível de se aproximar mais do élfio, de se aproximar de qualquer élfio. Aquilo em específico a aterrorizava.

Ela apertou um pouco o passo, sem chegar a correr, mas avançando mais rápido. “Não corra”. Se o fizesse, os élfos a perseguiriam, pois eles sempre iam à caça.

Aislinn se enfiou em Comix Connexion¹⁰ e se sentiu mais segura entre as filas de caixotes de madeira sem pintar que ocupavam a loja. “Este é o meu refúgio”. Todas as noites ela tinha se escapulado, se escondendo dos élfos até que eles passavam de longo, esperando que eles estivessem fora de vista. Em alguns dias ela tinha que tentar isso várias vezes, mas até o momento sempre tinha funcionado.

Ela esperou no interior de Comix com a esperança de que não a tinham visto.

Então ele entrou – adereçado com um sortilégio¹¹ para esconder seu resplendor e parecer humano –, visível a todos.

⁹ Estival, próprio do Verão.

¹⁰ Segundo o site da autora, a Comix Connexion é uma loja cheia de fileiras de caixas de madeira sem pintar, onde a parede mostra um sistema estéreo que é muito alto, e um sem-fim de exemplares de belas artes, que não só oferece Comix (Mangás) atuais e anteriores, mas também graphic novel (tipo histórias em quadrinho do homem-aranha, superman e talz) e outros brinquedos.

¹¹ Malefício de feiticeiro.

“Isto é novo”. E as novidades não eram boas, não em relação aos élfos. Estes passavam perto dela – perto de todo mundo – diariamente, invisíveis e inaudíveis ao menos que desejassem o contrário. Os que eram fortes de verdade, aqueles capazes de se aventurarem a fundo na cidade, podiam ativar um sortilégio – uma manipulação élfica – para parecerem humanos à primeira vista. Esses lhe davam muito mais medo que os outros.

E aquele em particular era ainda pior: tinha ativado um sortilégio em um segundo e tinha ficado visível de repente, como que se revelar não o preocupasse de modo algum.

O recém chegado se deteve no balcão e disse algo a Eddy, se aproximando muito para que ele pudesse ouvi-lo por cima da música que estrondava dos alto-falantes dos cantos.

Eddy olhou para ela e em seguida outra vez para o élfio. Este pronunciou o nome de Aislinn. A garota o viu dizer, mesmo sem poder ouvir nada.

“Não.”

O élfio se dirigiu para ela, sorrindo; para todo mundo ele teria o aspecto se um de seus colegas de aula mais endinheirados.

Aislinn deu as costas para ele e pegou um velho exemplar de *Pesadelos e contos élficos*. Ela o agarrou firmemente, rezando para que não lhe tremessem as mãos.

— Aislinn, certo? – O élfio estava do seu lado, com um braço encostado ao seu, muito perto. Ele examinou o cómic com um sorriso irônico – É bom?

A garota retrocedeu e inspecionou devagar o garoto. Se ele estava tentando se passar por um humano com o qual ela teria interesse em conversar, ele estava enganado. Desde a barra dos seus jeans desgastados até o grosso casaco de lã, ele resultava muito distinto¹². Tinha tonalizado a cor de cobre de seu cabelo até a um loiro arenoso e tinha sufocado aquele estranho sussurro de verão, mas mesmo com o seu sortilégio humano ele era bonito demais para ser real.

— Não estou interessada. – Devolveu o cómic a seu lugar e foi para o próximo corredor, procurando manter o medo na linha, mas sem nenhum êxito.

Ele a seguiu com segurança e muito perto.

Aislinn não pensava que ele fosse machucá-la, não ali, em público. Por mais defeitos que tinham os élfos, pareciam se comportar muito melhor sob sua aparência humana. Talvez, isso se devia ao temor às barras de ferro das cadeias humanas. Na verdade não importava a razão; o que importava era que eles costumavam seguir essa regra.

Mas quando Aislinn o olhou, sentiu vontade de sair correndo. O garoto era como um dos grandes felinos do zoológico, que espreitavam suas presas do outro lado dos riachos.

A Garota-morta esperava perto da porta do estabelecimento, invisível, sentada sobre seu lobo. Ela tinha uma expressão pensativa, e seus olhos brilhavam como uma maré negra... Estranhos lampejos de cor em uma poça negra.

“Regra número três: Não olhe para os élfos invisíveis.”

Com calma, Aislinn voltou a baixar a vista para o caixote que tinha a frente, como se não tivesse feito nada mais do que lançar uma olhadela pela loja.

¹² Ela quis dizer que o resultado final do cara vestido daquela forma era muito diferente do tipo de cara que ela ficaria interessada.

— Eu estava com uns amigos para tomar um café. – O élfio encostou-se a ela ainda mais – Você quer vir?

— Não.

Ela se deslocou para um lado para colocar distância entre os dois. Engoliu saliva, mas isso não aliviou em absoluto a secura de sua boca, nem quão aterrorizada e tentada que ela se sentia.

Ele a seguiu.

— Talvez outro dia.

Não era uma autêntica pergunta. Aislinn sacudiu a cabeça.

— Bem, não.

— Ela já é imune aos seus encantos, Keenan? – inquiriu a Garota-morta. Seu tom era melodioso, mas em suas palavras tinham uma dureza subterrânea. – Ela é esperta.

Aislinn não respondeu, pois a Garota-morta não era visível. “Regra número dois: Não responda aos élfos invisíveis.”

O garoto também não lhe respondeu, nem sequer a olhou.

— Posso te mandar mensagens de texto? E-mails? Alguma coisa assim?

— Não. – Aislinn tinha a voz áspera e a boca seca. Engoliu saliva de novo. A língua tinha se colado à boca, e produziu um estalo surdo quando tentou falar. – Não estou interessada de modo algum.

Mas não era verdade.

Ela odiava a si mesma por isso, mas quanto mais ele se aproximava, tinha mais vontade de dizer “Sim, sim, por favor, sim” a tudo o que ele quisesse. Mas não o faria, ela não podia.

O garoto tirou um papel de seu bolso e rabiscou algo.

— Este é o meu número. Quando mudar de opinião...

— Isso não vai acontecer.

Ela pegou o papel procurando manter os dedos longe da pele do élfio, temendo que o contato piorasse as coisas, e o guardou no bolso. Resistência passiva, isso é o que lhe aconselharia sua avó. “Sorteie a situação e se afaste.”

Eddy a estava observando; a Garota-morta a estava observando.

O élfio se inclinou sobre ela e sussurrou:

— Realmente me encantaria te conhecer melhor... – Ele a cheirou como faria um animal, como os élfos de aparência menos humana. – Realmente.

“E esta é a regra número um: Nunca atraia a atenção dos élfos.” Aislinn quase tropeçou ao tentar se afastar dele e seu próprio desejo inexplicável de ceder.

Deu um tropeção na soleira quando a Garota-morta sussurrou:

— Fuja enquanto pode.

Keenan viu Aislinn ir embora, sem correr, ainda que não fosse o que ela desejava. Ele percebeu isso, percebeu seu medo, era como as batidas do coração de um animal aterrorizado. Os mortais não costumavam fugir dele, em especial, as garotas; só uma o tinha feito em todos os anos que ele levava praticando aquele jogo.

No entanto, Aislinn estava assustada de verdade.

Seu rosto, já pálido de natureza, tinha perdido toda a cor quando ele estendeu sua mão para ela, o que lhe deu uma aparência de fantasma moldurado por seu cabelo liso, de um preto azulado. Era delicada. Isso a fazia parecer mais vulnerável, mais fácil de abordar. Ou talvez isso só se devesse a que ela era muito magra. Keenan supôs que poderia repousar o queixo em sobre sua cabeça e envolvê-la por inteiro no espaço que sobrava de seu casaco. Perfeita.

A garota precisaria de alguma orientação sobre vestuário, substituir as roupas comuns, que pelo visto ela preferia, e acrescentar algumas peças de jóias, mas isso era inevitável nos tempos que corriam. Pelo menos ela tinha o cabelo longo.

Ele também supunha um desafio refrescante, com aquele estranho controle de suas emoções. A maioria das garotas que escolhia era muito fogosas, muito volúveis.

Antes pensava que esse era um bom sinalizador: a Rainha do Verão, ardente paixão. Isso tinha sentido.

Donia interrompeu seus pensamentos:

— Acho que ela não gosta de você.

— E?

Donia franziu os lábios, o único toque de cor em seu frio e níveo¹³ rosto.

Se a examinasse, Keenan podia reparar as mudanças operadas nela (o cabelo loiro, desbotado até um branco de nevasca, a palidez que ressaltava o azul de seus lábios), mas continuava sendo tão bela quanto quando ela se converteu na Dama do Inverno. “Ela é bela, mas não é minha. Não como será Aislinn.”

— Keenan – alfinetou Donia e com sua voz brotou uma nuvem de vapor gélido. – Ela não gosta de você.

— Ela gostará. – Ele saiu para a rua e tirou de cima dele o sortilégio. Depois pronunciou as palavras que tinham selado o destino de muitíssimas jovens mortais: – Eu sonhei com ela. É a Eleita.

E dessa forma a mortalidade de Aislinn começou a enfraquecer-se. A menos que ela se convertesse na Dama do Inverno, agora ela era sua... Por bem ou por mal.

¹³ Alvo como a neve.

Capítulo 2

“[Aos Sleagh maite, ou Pessoas boas] nada na terra os espanta mais do que o ferro frio”.

A Comunidade Secreta, Robert Kirk e Andrew Lang. (1893).

Nervosa como estava depois de ter sido abordada pelo élfio, Aislinn não podia voltar para casa. Quando tudo parecia em ordem sua avó não impunha muitas restrições, mas se chegasse a desconfiar que sua neta estivesse com problemas, a indulgência desapareceria. Aislinn não pretendia correr esse risco, não se pudesse evitar, de maneira que deveria manter seu pânico sob controle.

Por que estava aterrorizada, mais do que havia estado em anos, tanto que ela realmente chegou a correr por um quarteirão, atraindo élfos seguidores. No início eram muitos, até que um élfio lupino rosnou e eles fugiram... todos menos uma fêmea. Ela corria nas quatro patas ao lado de Aislinn enquanto elas percorriam a Terceira Avenida. O pelo cristalino da garota lobo entoava uma misteriosa e atraente melodia, que parecia encantar os ouvintes para ganhar sua confiança.

Aislinn reduziu a marcha com esperança de desencorajá-la, querendo acabar com aquele som melodioso. Aquilo não funcionou.

Ela se concentrou no som de seus pés batendo no pavimento, nos carros que passavam e em um estêreo com muito grave, qualquer coisa, menos na melodia. Quando ela dobrou a esquina na Crofter, o letreiro de neon vermelho do Ninho do Corvo se refletiu no pelo da élfia e acentuou o vermelho de seus olhos. Como o resto do centro urbano de Huntsdale, o prédio que abrigava o desgastado clube mostrava o quanto a cidade havia degenerado. As fachadas que se supunha que um dia haviam sido atrativas, agora exibiam sinais reveladores de idade e abandono. Ervas cresciam pelas rachaduras na calçada e terrenos semi-abandonados. Fora do clube, perto do pátio deserto da ferrovia, as pessoas pelas quais ela passava provavelmente estavam tentando conseguir drogas ou seguiam em busca de algo, qualquer coisa que entorpecesse suas mentes.

Não era uma opção que Aislinn pudesse considerar, mas ela não invejava o refúgio químico daquelas pessoas.

Algumas garotas que ela conhecia acenaram, mas não fizeram sinal para que ela parasse. Assim apenas devolveu o aceno com a cabeça e seguiu andando com passos normais.

Ela quase já havia chegado.

Então Glenn, um dos amigos de Seth, apareceu diante dela. Ele tinha tantos piercings no rosto que ela precisaria tocar um por um para contar todos.

À suas costas a menina lobo correu de um lado para outro e rolou sobre si mesma, chegando tão perto que o cheiro acre de seus pelos ficou embriagador e sufocante.

— Diga ao Seth que seus alto-falantes chegaram. — Glenn pediu.

A garota lobo, ainda nas quatro patas, empurrou Aislinn com a cabeça.

Aislinn tropeçou, agarrando o braço de Glenn para se equilibrar.

Glenn alargou a mão quando ela foi se separar.

— Tudo bem?

— Acho que corri muito depressa. — Ela respondeu se obrigando a sorrir e dar a impressão que havia ficado sem ar. — Estava tentando me manter aquecida. Sabe?

— Claro. — Seu olhar refletia algo familiar: incredulidade.

Quando Aislinn ia pegar o atalho para a casa de Seth, a porta do Ninho do Corvo se abriu e se ouviu uma música discordante. Os tambores retumbavam ainda mais velozes que seu coração disparado.

Glenn limpou a garganta e acenou para o beco cheio de sombras que havia próximo ao edifício.

— Seth não gosta que você passe por aqui sozinha. Você sabe que ele ficaria chateado se algo te acontecesse.

Ela não poderia contar a verdade: as coisas assustadoras não são os caras fumando no beco, mas a fada lupina rosnando a seus pés.

— É cedo.

Glenn cruzou os braços sobre o peito e negou com a cabeça.

— Certo. — Aislinn caminhou para longe da entrada do beco, para longe do atalho para a segurança das paredes de ferro de Seth.

Glenn a observou até que ela voltasse para a rua.

A garota lobo mordiscou o ar atrás dos tornozelos de Aislinn, até que ela cedeu ao medo e correu o resto do caminho para o pátio da ferrovia.

Nos limites do pátio de Seth, Aislinn parou para se recompor. Seth era bastante tranquilo, mas às vezes ficava nervoso se a via alterada.

A garota lobo uivou quando Aislinn caminhou os últimos poucos metros até o trem, mas isso não incomodou Aislinn, não ali.

O trem de Seth era bonito de muitas maneiras. "Como eu poderia ficar chateada aqui"? O lado de fora era decorado com murais que possuíam uma gama de pinturas, de animes a abstratas; bonitas e inesperadas, elas se fundiam umas às outras como uma colagem que parecia implorar para que o espectador desse sentido às imagens, que encontrasse uma ordem por trás da planilha de cores. Em um dos poucos meses quentes, ela sentava com Seth em seu estranho jardim, estudando a arte e percebendo que a beleza não está na ordem, mas na harmonia inesperada.

"Como estar com Seth."

Não eram apenas pinturas que decoravam o jardim: espalhadas como árvores falsas pelo perímetro, havia uma série de esculturas de metal. Criadas por Seth ao longo dos dois últimos anos. Entre essas esculturas (e em alguns casos subindo ao redor delas), havia flores e arbustos. Apesar da severidade dos meses de invernos, as plantas floresciam aos cuidados de Seth.

Com seu coração mais calmo, Aislinn levantou sua mão e bateu.

Antes do esperado a porta do vagão se abriu e Seth apareceu no umbral com um grande sorriso. As luzes da rua o faziam parecer um pouco intimidante, iluminando os piercings em suas sobrancelhas e a argola em seu lábio inferior. Ao se mover, o cabelo

preto azulado lhe caia sobre o rosto como minúsculas flechas que apontaram para as pronunciadas maçãs do rosto.

— Estava começando a pensar que você não ia aparecer.

— Não sabia que você estava me esperando. — Ela disse no que esperava ser um tom casual. “Ele esta ficando mais sexy a cada dia.”

— Eu não te esperava, somente tinha esperança que você aparecesse. Como sempre. — Ele massageou os braços, cobertos apenas pelas mangas de uma camiseta preta. Ele não era musculoso, mas seus braços (e o resto de seu corpo) estavam claramente definidos. Ele levantou uma sobrancelha e perguntou: — Você vai entrar ou ficar aí parada?

— Tem mais alguém na casa?

— Apenas eu e Broomer.

A chaleira apitou, e ele voltou para dentro dizendo em voz alta:

— Comprei um sanduba. Quer metade?

— Só chá.

Aislinn já se sentia melhor, estar perto dele fazia ela se sentir mais confiante. Seth era a calma personalizada. Quando seus pais haviam partido em uma espécie de missão e lhe deixado tudo o que tinham, ele não foi para a farra. Além de comprar os vagões de trem e transformá-los em algo semelhante a um trailer, ele havia agido de maneira normal, ainda saindo com os amigos, e algumas vezes indo a festas. Ele falava sobre Faculdade, a escola de Bellas Artes, mas não tinha pressa.

Aislinn caminhou desviando das pilhas de livros no chão. Chaucer¹⁴ e Nietzsche¹⁵ estavam ao lado do The prose Edda¹⁶; Kama Sutra¹⁷ inclinado contra A história mundial da arquitetura, e uma novela de Clare Duke. Seth lia de tudo.

— Apenas mova o Boomer daí. Ele está lerdo hoje .

Ele gesticulou em direção à Jibóia¹⁸ cochilando em uma das cadeiras ergonômicas na parte da frente do trem, sua sala de reuniões. Uma verde e outra laranja brilhante, as cadeiras se curvavam para trás como uma letra C. Elas não tinham braços, então você poderia sentar com suas pernas para cima se quisesse. Ao lado de cada uma havia mesas de madeira com livros e papéis empilhados.

Cuidadosamente ela pegou a enrodilhada jibóia e a moveu da cadeira para o sofá do outro lado do quarto estreito.

Seth apareceu com dois pires e suas xícaras de porcelana, com flores azuis, cheios quase dois terços com chá.

— É chá Oolong¹⁹ High Mountain. Chegou essa manhã.

Aislinn pegou uma, derramando um pouco pela borda e o provou.

— Está bom.

¹⁴ Geoffrey Chaucer (1343 - 25 de outubro, 1400) foi escritor, filósofo e diplomata inglês. É comum ser-lhe atribuído o título de Pai da Literatura Inglesa.

¹⁵ Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, 15 de Outubro de 1844 — Weimar, 25 de Agosto de 1900) foi um influente filósofo alemão do século XIX.

¹⁶ Eddas, ou simplesmente Edda, é o nome dado ao conjunto de textos encontrados na Islândia (originalmente em verso) e que permitiram iniciar o estudo e a compilação das histórias referentes aos personagens da mitologia nórdica.

¹⁷ Kamasutram (Sânscrito: कामसूत्र), geralmente conhecido no mundo ocidental como Kama Sutra, é um antigo texto indiano sobre o comportamento sexual humano, amplamente considerado o trabalho definitivo sobre amor na literatura sânscrita.

¹⁸ Jibóia: UMA COBRA. Isso mesmo, Seth tem uma cobra como animal de estimação o.O

¹⁹ Oolong é um chá chinês tradicional, situado entre o chá verde e o chá preto em termos de oxidação.

Ele se sentou em frente à ela, segurando sua xícara em uma das mãos e o pires na outra, e conseguindo parecer estranhamente digno, apesar de seu esmalte preto.

— Então, não havia ninguém do lado de fora do Ninho do Corvo?

— Encontrei Glenn. Seus alto-falantes chegaram.

— Que bom que você não entrou. Eles tiveram uma batida²⁰ ontem à noite. – Ele ficou serio por um tempo. – O Glenn não te contou?

— Não, mas ele sabia que eu não iria ficar. – Ela colocou o pé para cima, feliz quando a cara séria de Seth desapareceu. – Então, quem eles pegaram?

Ela provou o chá e se acomodou para escutar as últimas notícias. Na metade das vezes ela se encolhia e só ficava escutando enquanto Seth falava com as pessoas que enchiam sua casa na maioria das noites. Então ela podia fingir, pelo menos por um breve período, que o mundo era exatamente como parecia ser, nem mais nem menos. Seth lhe proporcionava isso. Um local privado onde ela poderia acreditar na ilusão da normalidade.

Não foi por isso que ela começou a visitá-lo quando os dois se conheceram há dois anos. Isso foi apenas o resultado de descobrir que ele morava em uma casa com paredes de ferro. Era de alguma maneira uma das razões que ela recentemente havia tendo pensamentos estúpidos e selvagens sobre ele, pensamentos em ceder aos seus flertes, mas Seth não namorava. Ele tinha uma reputação em ficar apenas uma noite, mas ela não estava interessada nisso. Bem, ela estava interessada, mas não se isso significava perder tanto sua amizade, quanto o acesso ao paraíso com paredes de ferro.

— Você está bem, Ash?

Ela o estava encarando. Novamente.

— Claro. É só que... eu não sei, cansada eu acho.

— Você quer conversar sobre isso?

— Sobre o que? – Ela provou o chá e esperou que ele esquecesse, quase tanto quanto ela esperava que ele continuasse.

“Como seria contar para alguém? – se perguntou – Em apenas conversar sobre isso?”.

A avó não falava a respeito dos élfos, se ela podia evitar. Ela estava velha, parecendo mais cansada a cada dia, muito cansada para perguntar o que Aislinn faz quando esta fora, muito cansada para fazer perguntas sobre para onde ela ia depois do anoitecer.

Aislinn atreveu outro sorriso cuidadosamente calmo para Seth. “Eu poderia contar para ele”, pensou. Mas ela não podia, não realmente, era uma das regras que a avó havia insistido que nunca deveria ser quebrada. Além disso, ele acreditaria?

Em algum lugar das profundezas do segundo vagão, uma musica tocava. Outra de suas músicas com um pouco de tudo, de Godsmack²¹ para Dresden Dolls, Sugarcult à Rachmaninoff, e outras bandas que ela não podia realmente identificar.

Era calmo. Até Seth parar no meio da história e colocar seu chá na mesa ao seu lado.

— Por favor, me diga o que está acontecendo?

A mão dela tremeu, derramando chá no chão. Ele normalmente não a forçava, não era o estilo de Seth.

²⁰ Batida Policial. Blitz.

²¹ Godsmack é uma banda de hard rock, formada em 1996 em Massachusetts.

— O que você quer dizer? Não há nada...

— Vamos, Ash – Ele interrompeu. – Você tem parecido preocupada ultimamente. Tem vindo aqui muito mais vezes, e a não ser que seja algo sobre nós... – Ele a encarou com uma expressão indescritível. – É algo sobre nós?

Evitando o contato visual, Aislinn disse:

— Estamos bem assim.

Ela foi para a cozinha e pegou um pano para limpar o chá derramado.

— Então o que? Você esta com algum tipo de problema? – Ele a segurou quando ela passava.

— Estou bem. – Ela desviou de sua mão estendida e foi secar o chá derramado, encarando o chão, tentando ignorar o fato de ele a estar olhando. – Então, humm, onde está todo mundo?

— Eu disse a todos que precisava de uns dias só para mim. Eu queria a chance de te ver sozinho. Conversar, você sabe. – Com um suspiro, ele se agachou e pegou o panos das mãos dela. Em seguida o lançou para a cozinha, onde aterrissou com um sonoro plaf – Fale comigo.

Ela se levantou, mas ele agarrou a mão dela antes que ela pudesse caminhar para longe. Ele a trouxe para si.

— Estou aqui. E estarei aqui. Qualquer que seja o problema.

— Realmente não é nada. – Ela ficou ali parada, uma de suas mãos na dele, a outra pendendo inutilmente ao seu lado. – Eu só preciso ficar em um lugar seguro e com boa companhia.

— Alguém te machucou? – Ele soou estranho, tenso.

— Não. – Ela mordeu o lábio. Ela não havia pensado que ele faria tantas perguntas, ela na verdade não estava contando com isso.

— Alguém quer te machucar? – Ele a puxou para sentá-la em seu colo, colocando a cabeça de Aislinn embaixo de seu queixo, abraçando-a seguramente.

Ela não resistiu. Ele a abraçava a cada ano, quando ela vinha de uma visita do túmulo da mãe, ele a abraçou quando a avó ficou doente um ano antes. Ele abraçá-la não é algo estranho. Mas as perguntas eram.

— Eu não sei. – Ela se sentiu ridícula, mas rompeu a chorar grandes e silenciosas lágrimas que ela não poderia conter. – Eu não sei o que eles querem.

Seth acariciou o cabelo dela, passando pelo comprimento do cabelo até suas costas.

— Mas você sabe quem eles são?

— De certa maneira. – Ela soluçou.

“Aposto que devo estar lindíssima”. Ela tentou se afastar.

— Então essa é uma boa maneira de começar. – Ele passou um braço ao redor dela, segurando ela com força e se abaixou para pegar um bloco e uma caneta que estavam no chão. Colocando o bloco sobre o joelho dela, ele segurou a caneta sobre ele. Com um sorriso para dar confiança, ele começou.

— Me diga. Vamos resolver; falaremos com algumas pessoas. Checar os relatórios policiais.

— Relatórios policiais?

— Claro. Descobrir mais sobre eles. – Ele lhe deu um olhar de confiança. – Vamos perguntar ao Rabbit do estúdio de tatuagens. Ele escuta de tudo. Vamos descobrir quem eles são. Então tomamos conta disso.

— Não vai haver nada na polícia. Não desses dois. – Aislinn sorriu diante da idéia dos crimes dos élfos serem reportados na delegacia. Eles precisariam de toda uma seção do jornal diário para noticiarem os crimes cometidos pelos élfos, especialmente nos bairros mais seguros: as casas grandes em áreas verdes, fora da proteção das grades de ferro e das pontes.

— Então vamos usar outros caminhos. – Ele empurrou o cabelo para longe do rosto dela, limpando as lágrimas de suas bochechas no processo. – Sério, sou um deus se tratando de pesquisas. Dê-me uma pista, e vou encontrar alguma coisa que podemos usar. Chantagem, tráfico de drogas, o que for preciso. Talvez estejam procurando por alguma coisa. Se não for isso, talvez estejam quebrando alguma lei. Perseguição ou alguma coisa assim. Isso é crime certo? Se não for, existem pessoas que o Rebbit conhece.

Aislinn se separou dos braços de Seth e caminhou em direção ao sofá. Boomer mal a olhou quando ela sentou próxima a ele. “Muito frio – Ela estremeceu. – sempre faz frio demais – Ela começou a acariciar Boomer enquanto pensava. – Seth nunca contou a ninguém sobre minha mãe. Ele pode ser cuidadoso.”

Seth sentou e cruzou os tornozelos, esperando.

Ela olhou para a antiga e gasta camiseta que ele usava (agora úmida por causa de suas lágrimas). As apelativas letras brancas proclamavam: “PDQES”, uma banda com o nome de espíritos travessos. “Talvez seja um sinal”, ela pensou. Ela vinha pensando sobre isso ultimamente, imaginava em contar tudo para ele.

Ele olhou ansioso para ela.

Ela secou seu rosto novamente.

— Tudo bem, Seth.

Quando ela não disse mais nada, ele ergueu uma sobrancelha e perguntou novamente.

— Ash?

— Certo. – Ela engoliu e disse mais calma que pode. – Élfos. Alguns élfos estão me perseguindo.

— Élfos?

— Élfos.

Aislinn se acomodou no sofá com as pernas dobradas. Boomer levantou sua cabeça e a olhou, sua língua balançando para fora, e em seguida deslizou para o colo dela.

Seth pegou sua xíxara de chá e deu um gole.

Ela nunca havia contado para ninguém antes. Era uma das leis da avó que nunca deveria ser quebrada: “Nunca se sabe quem está escutando. Nunca se pode saber quando eles estarão escondidos por perto.”

Aislinn sentiu o coração disparar. Ela começou a se sentir enjoada. “O que eu fiz?” Mas ela queria que ele soubesse, queria ter alguém para conversar.

Aislinn respirou várias vezes para se acalmar e acrescentou:

— Dois deles. Eles estão me seguindo há duas semanas.

Cuidadosamente, como se ele estivesse se movendo em câmera lenta, Seth se moveu para frente sentando na beirada de sua cadeira, quase tão perto de Aislinn que poderia tocá-la.

— Ash, você está brincando comigo?

— Não. – Ela mordeu o lábio e esperou.

Boomer deslizou para mais perto, arrastando a parte da frente de seu corpo sobre seu peito. Distraidamente ela acariciou sua cabeça.

Seth brincou com a argola em seu lábio, como um gesto nervoso, como quando uma pessoa passa a língua pelos lábios em uma conversa muito tensa.

— Como pequenas pessoas aladas?

— Não. Do nosso tamanho e aterrorizantes. — Ela tentou sorrir, mas não funcionou. O peito dela doía, como se alguém a houvesse chutado. Ela estava quebrando as regras pela qual ela vivia, que a mãe havia vivido, e sua avó também, todos em sua família por tanto tempo.

— Como você sabe que eles são élfos?

— Esqueça. — Ela olhou para o outro lado. — Apenas esqueça.

— Não faça isso. — Sua voz tinha um pouco de frustração. — Fale comigo.

— E dizer o quê?

Ele a encarou enquanto respondia.

— Diga que confia em mim. Diga que finalmente vai me contar tudo.

Ela não respondeu, não sabia o que falar. Claro que ela vinha escondendo coisas dele, mas ela escondia de todos. Era apenas como as coisas funcionavam.

Ele suspirou. Então colocou seus óculos e segurou a caneta sobre o caderno.

— Ok. Diga-me o que você sabe. Como eles se parecem?

— Você não será capaz de vê-los.

Ele parou novamente.

— Por quê?

Dessa vez ela não afastou a vista:

— Eles são invisíveis.

Seth não respondeu.

Por um momento eles apenas ficaram lá sentados, calados olhando um para o outro. A mão de Aislinn estava parada em cima de Boomer enquanto ela esperava, mas a jibóia não se movia.

Finalmente Seth começou a escrever. Então olhou para cima.

— O que mais?

— O que? Por que você está fazendo isso?

Seth deu de ombros, mas quando contestou sua voz não pareceu despreocupada.

— Por que quero que confie em mim? Porque quero que você pare de sempre parecer tão assustada? Por que me importo com você?

— Você disse que irá pesquisar. E se eles... Eu não sei, te machucarem? Se te atacarem? — Ela sabia o quão terrível eles poderiam ser mesmo que Seth fosse incapaz de entender.

— Por ir à biblioteca? — Ele voltou a erguer uma sobrancelha.

Aislinn continuou tentando organizar suas idéias, de encontrar uma opção entre suplicar a seu amigo que acreditasse nela e dizer a ele que ela não estava falando a sério. Ela empurrou o Boomer para a almofada do sofá e se levantou.

— Você pode vê-los machucando as pessoas, Ash?

— Sim... — Ela começou, mas se conteve. Ela caminhou em direção da janela. Três élfos estavam parados do lado de fora, não fazendo nada, mas sem dúvida estavam lá. Dois deles pareciam quase humanos, mas o terceiro era o menos humano possível: demasiado grande e coberto com tufo de pelos escuros como um urso andando ereto. Ela olhou em outra direção e estremeceu. — Não esses dois, mas... Eu não sei. Élfos

apalpam as pessoas, as faz tropeçarem, eles às cutucam. Normalmente coisas estúpidas. Porém algumas vezes é pior. Muito pior. Você não quer se envolver.

— Eu quero sim. Acredite em mim, Ash. Por favor? — Com um meio sorriso ele completou. — E eu não me importo de ser apalpado, vai ser um extra por te ajudar.

— Pois deveria se importar. Os élfos são... — Ela sacudiu a cabeça. Ele estava brincando sobre isso. — Você não poder ver como eles se parecem. — Sem intenção ela pensou em Keenan. Corando ela balbuciou. — A maioria é muito horrível.

— Mas não todos? Certo? — Seth perguntou calmamente, já sem sorrir.

— A maioria. — Ela olhou de volta para os três élfos do lado de fora, pois não desejava olhar para Seth ao admitir. — Não todos.

Capítulo 3

“[Os élfos] podem voltar-se visíveis ou invisíveis a seu desejo. E quando se apoderam de uma pessoa, tomam o corpo e a alma ao mesmo tempo.”

A fé élfica nos países celtas, W. Y. Evans–Wentz (1911)

A islinn fechou os olhos enquanto terminava de descrever os élfos que tinham estado seguindo-a.

— São élfos cortesões; disso eu sei muito bem. Movem-se no círculo de um rei ou uma rainha, e eles têm bastante influência para agirem sem conseqüências. São muito fortes e arrogantes para serem qualquer outra coisa.

Ela pensou no desdém e desprezo que eles mostravam por seus congêneres. Eles pertenciam à classe mais perigosa de élfos: os que tinham poder.

Ela se estremeceu antes de continuar.

— Não sei o que procuram. Há todo um mundo que ninguém pode ver. Mas eu posso... Eu os observo, mas eles jamais reparam em mim... pelo menos não mais que em outras pessoas.

— Então, você vê a outros que não te seguem?

Era uma pergunta muito simples, da mais óbvia. Aislinn olhou para Seth e começou a rir, não porque tivesse graça, mas porque era horrível. Escorreram lágrimas pelo seu rosto.

Ele ficou esperando, calmo, imperturbável, até que ela parou de rir.

— Suponho que isso foi um “sim”.

— Sim. – Ela secou suas bochechas. – São reais, Seth. Não são imaginações minhas. Existem élfos, criaturas sobrenaturais, quase em todas as partes. Horróricos. Ou belíssimos. Alguns deles, ambas as coisas ao mesmo tempo. Em algumas ocasiões são horríveis entre eles mesmos... – Um calafrio a percorreu pelas imagens que ela não desejava compartilhar com Seth. – E fazem coisas realmente ruins, repugnantes.

Ele aguardou.

— Esse tal de Keenan me abordou com aspecto de ser humano e tentou fazer com que eu sáísse com ele. – Ela olhou para longe, tentando reunir o sossego do qual dependia quando o que via, era estranho demais. Ela não conseguiu reunir esse sossego.

— E quanto a essa corte? Você poderia falar com seu rei ou o que quer que seja? – Seth virou a página.

Aislinn percebeu o suave sussurro do papel ao cair, muito sonoro apesar da música, apesar da impossibilidade de ouvir um som tão leve. “Desde quando posso ouvir uma folha de papel?”, ela se perguntou.

Pensou em Keenan, em como explicar a impressão de poder que ele irradiava. Parecia ter sido imune ao ferro do centro urbano; essa era uma possibilidade apavorante: no mínimo, tinha sido o suficiente poderoso como para ativar um sortilégio estando

rodeando de ferro. O ferro tinha enfraquecido um pouco a Garota-morta, mas também não tinha afugentado ela.

— Não. Minha avó disse que os élfos cortesões são os mais cruéis. Não acho que possa enfrentar nada mais forte, mesmo que revelasse a mim mesma, coisa que não posso fazer. Eles não devem se interar de que possuo o dom de vê-los. Minha avó disse que nos matarão ou nos deixarão cegas se descobrirem que os vemos.

— Suponhamos que eles são outra coisa diferente, Ash – Seth foi até ela. – E se houvesse outra explicação para o que você vê?

Ela fechou a mão em um punho enquanto ficava o encarava, sentindo como as unhas se ficavam na sua palma.

— Eu adoraria acreditar que há outra resposta. Os vejo desde que nasci. Minha avó também os vê. É algo real. Eles são reais. – Ela não pode continuar olhando para ele; baixou a vista para Broomer, que tinha voltado a se embolar em seu colo. Deslizou um dedo por sua cabeça com suavidade.

Seth a pegou pelo queixo e inclinou cabeça dela para obrigá-la a olhar para ele de novo.

— Deve haver algo que possamos fazer Ash.

— Porque não falamos disso amanhã? Preciso... – Sacudiu a cabeça. – Hoje já não posso lidar com mais nada.

Seth se agachou e levantou Broomer. A jibóia não se desenroscou enquanto ele a levava até seu terrário e a depositou com delicadeza sobre a rocha quente.

Aislinn aguardou em silêncio enquanto Seth fechava com trinco a tampa do terrário para impedir que Broomer escapasse. Se encontrasse a mínima possibilidade, a serpente acharia um modo de escapar para fora quando Seth a deixasse em casa sozinha e durante a maioria dos meses do ano a temperatura da rua poderia ser letal a ela.

— Vamos, te acompanharei para casa. – disse Seth.

— Não têm por que.

Ele arqueou uma sobrancelha e lhe estendeu a mão.

— Mas você pode fazê-lo. – ela aceitou pegando a mão dele.

Seth a conduziu pela rua, tão inconsciente da presença dos élfos quanto todas as pessoas com que cruzavam, mas o simples fato de que ele a rodeara com um braço fazia a Aislinn com que eles parecessem menos pavorosos.

Caminharam em silêncio ao longo de quase uma quadra. Depois ele perguntou:

— Você quer que passemos na casa de Rianne?

— Pra que? – Aislinn apertou um pouco o passo quando a élfia lupina que a tinha perseguido antes começou a dar voltas como um predador.

— Não sei. Pela festa que ela está dando? Essa festa da qual você me falou, se lembra? – Seth sorriu amplamente, como se tudo estivesse bem, como se a conversa sobre élfos não tivesse existido.

— Deus, não. Isso é a última coisa de que preciso. – Se estremeceu só de pensar. Tinha levado Seth a duas festas com as pessoas do instituto; na segunda ficou meridianamente claro que misturar aqueles dois mundos era, como não, uma péssima idéia.

— Você quer minha jaqueta? – Seth a trouxe mais para si, tão atento como sempre ao menor detalhe.

Aislinn negou com a cabeça, mas se apertou mais contra ele, desfrutando da desculpa para que ele a abraçasse.

Seth não fez objeções, mas também não aproveitou para que suas mãos roçassem nada indevido. Ele podia paquerar com ela, mas jamais fazia nenhum movimento que não fosse normal entre “só amigos”.

— Você vem comigo ao Agulhas e Alfinetes?

O salão de tatuagens estava no caminho; e Aislinn não tinha nenhuma pressa em se separar de Seth.

Ela assentiu e perguntou:

— Você já decidiu o que vai tatuar?

— Ainda não, mas Glenn disse que esta semana começou um cara novo. Acho que verei como ele trabalha, que estilos ele faz, você já sabe.

Aislinn soltou uma risadinha.

— Claro, você não vai querer escolher um estilo que não vai com o seu.

Franzindo o cenho em brincadeira, Seth torceu uma macha do cabelo dela.

— Talvez nós encontremos alguma coisa que agrade aos dois. Podíamos tatuar algo combinando.

— Sim, evidentemente... assim que você conheça minha avó e a convença de que assine uma autorização.

— Bem, então você não vai ter uma tatuagem. Nunca.

— Ela é uma mulher muito agradável. – Esta era uma velha discussão entre eles, mas ela ainda não tinha se rendido... nem tinha conseguido nenhum progresso.

— Não. Não penso em me arriscar. – A beijou na testa. – Enquanto ela não me conhecer, não poderá me encarar e dizer: “Mantenha-se afastado da minha menina.”

— Não tem nada de ruim em sua aparência.

— Sério? – ele sorriu docemente. – Isso é o que pensaria sua avó?

Aislinn tinha certeza que sim, mas ainda não tinha conseguido fazer com que Seth acreditasse nisso também.

Continuaram em silêncio até a Agulhas e Alfinetes.

A fachada do local era quase toda de vitrine, de modo que ficava menos intimidadora para os buscadores de tatuagens curiosos, mas, ao contrário dos salões de tatuagens que Aislinn tinha visto em Pittsburgh, este não era resplandecente. Conservava a aura artesanal; não era concebido para pessoas que estavam na moda... Embora também não fosse que em Huntsdale houvesse muitas pessoas na moda.

O sino da porta soou quando eles entraram. Rabbit, o dono, mostrou a cabeça por uma das estâncias, cumprimentou com a mão e desapareceu.

Seth foi até uma comprida mesinha de centro colocada contra a parede, onde havia várias pastas empilhadas.

Encontrou a nova e se sentou com ela nas mãos.

— Quer folheá-la comigo?

— Não, obrigado.

Aislinn foi até a vitrine onde se expunham as argolas, as barras e os rebites. Isso era o que ela queria. Só tinha um furo em cada orelha e sempre que entrava naquele local pensava em colocar um piercing. Embora não no rosto, pelo menos esse ano: O instituto Obispo O'Connell tinha algumas normas muito estritas sobre piercings faciais.

Um dos especialistas em piercings se plantou atrás do expositor.

— Já está pronta para perfurar o lábio?

— Não até que termine o colegial.

O cara deu de ombros e começou a limpar o vidro da vitrine.

Então o sino voltou a soar. Leslie, uma antiga amiga da escola, entrou junto com um cara com muitas tatuagens, muito diferente dos garotos com que Leslie costumava sair. Era lindíssimo: cabelo muito curto, traços perfeitos, olhos negros como o carvão. Também era um élfio.

Aislinn ficou como uma estátua, sentindo como o mundo se movia sob seus pés. “Esta noite há muitos élfos com rosto humano. Muitos élfos fortes.”

Mas aquele em especial quase não a olhou ao se dirigir para a sala do fundo; ao passar deslizou a mão por uma das vitrines de jóias com armação de aço.

Aislinn não podia afastar a vista dele, ainda não. A maioria dos élfos não passava pelo centro urbano; não tocavam barras de ferro; e sem dúvida não eram capazes de conservar ativado um sortilégio enquanto estavam em contato com o venenoso metal.

Ela tinha vivido com essas regras. Havia algumas exceções (os escassos élfos fortes), mas não tantas, não ao mesmo tempo, e não nos espaços seguros para ela.

— Ash? — Leslie estendeu a mão para a sua amiga. — Hey, você está bem?

Aislinn sacudiu a cabeça. Nada mais estava bem. Nada.

— Sim — ela mentiu, e olhou para a sala em que aguardava o élfio. — Quem é o seu amigo?

— Da vontade de apertá-lo, não é mesmo? — Leslie emitiu um som entre gemido e suspiro. — Ele se chama Irial. O conheci justo aí fora.

Seth deixou a pasta e cruzou o salão.

— Preparada para irmos? — Rodeou a cintura de Aislinn com seu firme braço. — Eu posso...

— Só um segundo. — Aislinn observou o élfio com Rabbit; suas vozes eram um pouco mais que um murmúrio. Se esforçando para reprimir sua paranóia, dirigiu sua atenção à Leslie. — Você não vai levá-lo à festa de Ri, certo?

— Irial? Claro. Você não acha que ele ia ser um sucesso?

— Bem... — Ela mordeu o lábio e tratou de agir como se tudo fosse normal. — A verdade é que ele é um pouco diferente das suas habituais víti²²... Quero dizer, namorados.

Leslie dirigiu um olhar de desejo ao garoto.

— Infelizmente, ele não parece estar interessado.

Aislinn conteve um suspiro de alívio.

— Só queria saber se você viria à festa. — Leslie sorriu de um modo um tanto selvagem para Seth. — Se vocês dois viriam.

— Não. — Ele respondeu sem rodeios. Tolerava Leslie, mas isso era o máximo que podia fazer. A maior parte das garotas do Bispo O'Connell não eram o tipo de pessoas que ele conversaria por vontade própria.

— Você tem algo melhor para fazer? — replicou ela em tom conspirativo.

— Sempre tenho. Só vou a esses lugares chatos se Ash insiste em ir — respondeu acenando para Aislinn. — Já está pronta?

— Me dê cinco minutos. — murmurou ela e se sentiu culpada imediatamente; aquilo não era um encontro, nem nada semelhante.

Não queria fazer Seth esperar, mas também não queria deixar uma amiga sozinha com élfio forte o suficiente para tocar o ferro. E sem dúvidas não ia deixar uma amiga sozinha com um élfio que usava um disfarce humano capaz de fazer ofegar a garota mais tímida do planeta. E Leslie era qualquer coisa menos tímida.

²² Ela ia dizer: “diferente das suas habituais vítimas” haushaushua.

Ela virou-se de novo para Seth.

— Se você quiser ir, eu posso voltar com Leslie...

— Não. – Ele lhe lançou um breve e irritado olhar antes de ir olhar os anúncios da parede.

— E o que você está fazendo por aqui? – Perguntou Leslie.

— O quê? – Viu que sua amiga sorria com malícia. – Oh, na verdade nada. Seth só está me acompanhando até em casa.

— Hum. – Leslie bateu com as unhas sobre a vitrine de vidro, alheia ao olhar irritado do empregado.

Aislinn afastou a mão de sua amiga do expositor:

— O que há de melhor do que uma festa? – Ela passou um braço ao redor de Aislinn e sussurrou: – Quando é que vai dar uma folga ao pobrezinho do Seth, Ash? Isso é muito triste, ver como você alimenta suas ilusões para nada.

— Eu não faço isso... só somos amigos. Ele tinha dito algo assim... – Ela baixou a voz e olhou para Seth de soslaio. – Bem, você já sabe.

— Ele está dizendo isso claramente, só que você é muito surda para ouvi-lo.

— Ele só flerta comigo. Mesmo que fosse sério, eu não quero um rolo só de uma noite, especialmente com ele.

Leslie sacudiu a cabeça e suspirou com ar melodramático.

— Você precisa viver um pouco, menina. Não há nada de ruim em amores passageiros se eles forem bons. E eu ouvi dizer que Seth é bom.

Aislinn não queira pensar nisso, pensar nele com outras garotas. Ela sabia que Seth saía, e mesmo que não via essas garotas, ela sabia que elas existiam. Era melhor ser só sua amiga do que se converter em uma dessas paqueras de usar e jogar fora. Ela não queira falar sobre Seth, então perguntou:

— E quem vai à festa?

Enquanto tentava manter sob controle os pensamentos indesejáveis, escutou a medidas a resposta de Leslie: o primo de Rianne tinha convidado alguns caras da sua república universitária. “Fico feliz que percamos a festa.” Seth não teria gostado nem um pouco dessas pessoas.

Quando o irmão de Leslie entrou no local, Seth voltou e passou um braço pelo ombro de Aislinn, quase que como marcando o território, enquanto todos papeavam.

Leslie gesticulou com os lábios: “Você está cega.”

Aislinn se encostou contra Seth, esquecendo de Leslie, dos comentários de seu irmão sobre tatuar um X nele, do élfio da sala do fundo, de tudo. Quando Seth estava ao seu lado ela podia com qualquer coisa. Por que ela ia ser tão idiota de arriscar o que tinham, se arriscar a perdê-lo, só por uma aventura?

Capítulo 4

“Quando você for o rei do Verão, ela vai ser sua rainha. Essa sua mãe, Rainha Beira, tem pleno conhecimento, e é o desejo dela manter você longe de [dela], de modo que o seu reinado possa ser prorrogado.”

Histórias maravilhosas da mitologia e as lendas escocesas, Donald Alexander Mackenzie (1917)

Os arredores de Huntsdale em uma linda mansão estilo vitoriano, que nenhum corretor tinha conseguido vender, nem se lembrar de ter mostrado a alguns possíveis clientes, Keenan hesitou com a mão levantada. Ele pausou, assistindo as figuras silenciosas no jardim de espinhos-pesados se movendo fluidamente, como as sombras embaixo das árvores gélidas. O gelo nunca derreteu nesse pátio, nunca derreteria, mas os mortais passando na rua só viam sombras. Eles afastavam a vista, se ousassem olhar de qualquer modo. Nenhum mortal (e nenhum elfo) colocava o pé na relva gelada de Beira sem o seu consentimento. Era qualquer coisa, menos convidativo.

Atrás dele, carros dirigiam na rua, pneus triturando o gelo em uma bagunça de lama no asfalto, mas o som foi silenciado pelo quase tangível frio que repousava como uma cortina de fumaça sobre a casa de Beira. Doía respirar.

“Bem-vindo em casa.”

Claro, ali ele nunca se sentiu em casa, ainda que, por outro lado, ele também não se sentia com Beira como com uma mãe. Dentro do domínio materno, o ar machucava, tirando a pouca força que ainda tinha. Ele tentou resistir, mas uma vez que ele estava dentro de seu total domínio ela poderia colocá-lo de joelhos. Coisa que ela fazia toda vez que a visitava.

“Talvez Aislinn seja a esperada – pensou. – Talvez ela fosse fazer a diferença.”

Keenan se preparou e bateu.

Beira abriu a porta. Em sua mão livre ocupava uma bandeja de biscoitos de chocolate com vapor em cima. Ela se inclinou para frente e beijou o ar perto de seu rosto.

— Biscoito amor?

Ela tinha o mesmo aspecto que exibia naquelas deploráveis reuniões celebradas no último meio século: uma parodia de um resumo mortal da maternidade, ela estava vestida com um modesto vestido floral, avental de babados, e um colar com uma única volta de pérolas. Seu cabelo estava torcido no que ela chama de “chignon”.²³

Ela sacudiu a bandeja um pouco.

— Eles estão frescos. Só para você.

— Eu não quero. – A ignorando ele andou para dentro da sala.

²³ Um coque alto.

Ela redecorou de novo – algum pesadelo moderno, completa com uma mesa de prata lustrosa; cadáveres desajeitados em cadeiras pretas moldadas; molduras de fotografias preto-e-branco de imagens de assassinatos, enforcamentos e algumas cenas de tortura. As paredes alternavam entre um contrastante branco e um preto plano com grandes padrões geométricos na cor oposta. Imagens selecionadas nas cenas de tortura — um vestido, lábios, feridas com sangue — foram pintadas à mão de vermelho. Aqueles salpicos de lama sombrios eram as únicas cores verdadeiras na sala.

Isso combina com ela muito mais do que a roupa que ela insistia em usar quando ele a visita.

Por trás do bar, uma élfia do bosque espantosamente machucada perguntou:

— Quer beber alguma coisa, senhor?

— Keenan, coração, diga para a menina o que você quer. Preciso ir olhar o assado. — Beira parou, ainda segurando a bandeja de biscoitos. — Você vai ficar para o jantar, não vai querido?

— Eu tenho alguma escolha? — ele ignorou a élfia e foi até uma imagem que cobria toda a parede. Nela, uma mulher de lábios vermelho-cereja olhava com os olhos fixos sobre uma plataforma de forca. Atrás dela, íngremes dunas que pareciam continuar para sempre. Ele olhou para Beira. — Uma das suas?

— No deserto? Sério querido. — Ruborizando, ela olhou para baixo, dando a ele um sorriso galanteador e brincando com suas pérolas. — Mesmo com esse adorável frio que eu tive que crescer nesses últimos séculos, aquele lugar ainda é fora dos limites. Por agora. Mas é muito amável você perguntar.

Keenan voltou para a imagem. A mulher o encarava, parecendo desesperada. Ele se perguntou se ela tinha morrido mesmo ou se só era uma simples modelo fotográfica.

— Bem... se sinta em casa. Volto em um instante. Então você pode me contar sobre a sua nova garota. Você sabe como eu fico esperando por essas vistas. — Então, sussurrando alguma canção de ninar de sua infância (alguma coisa sobre dedos congelados) Beira saiu para olhar o assado.

Ele sabia que se ele a seguisse, lá teria um grupo de élfas do bosque infelizes em sua cozinha tão grande quanto a de um restaurante. A nauseante maneira de agir de Beira não incluía realmente cozinhar, só o tipo de imagem de uma mãe que cozinha.

— Alguma bebida senhor? — A élfia carregava duas bandejas; uma com leite, chá, chocolate quente, e uma variedade de sucos nutricionais; na outra tinha cenouras, salsão, maçãs, e algumas outras comidas de mundanos. — Sua mãe é muito insistente sobre você ter um lanche saudável. — A élfia deu uma olhadela na direção da cozinha. — Não é aconselhável enfurecer a senhora à mestra.

Ele pegou um copo de chá e uma maçã.

— Você acha?

Crescer na Corte Invernal fez para ele muito familiar o que acontecia a quem enfurecia — ou só irritava — a Rainha do Inverno. Mas ele faria o melhor para irritá-la; isso é o que ele foi fazer ali, afinal.

— Quase pronto — Beira anunciou quando ela retornou. Ela sentou em uma das ridículas cadeiras e deu uma palmadinha na mais perto dela. — Vem. Conte-me tudo.

Keenan sentou na cadeira ao seu lado, mantendo a maior distância que ele podia.

— Ela é difícil, resistiu a minha abordagem inicial. — Ele pausou, pensando no medo nos olhos da Aislinn. Não foi a resposta que ele usualmente obtém das garotas mortais. — Ela não reparou em mim, apesar de tudo.

— Percebi. — Beira acenou, cruzou seus tornozelos, e se inclinou para frente, a imagem de uma mãe compreensiva e carinhosa. — E... você sabe, sua última namorada aprovou? — Sem olhar para longe dele, Beira gesticulou para uma élfia do bosque, que prontamente trouxe um copo com alguma coisa clara para beber. Quando Beira embrulhou a parte de baixo do copo com a mão, uma geada penetrou sobre ele até que o exterior do copo ficou inteiramente com uma camada de branco.

— Donia a aceitou.

Beira bateu com suas unhas ao lado de seu copo.

— Adorável, e como está Dawn?

Keenan trincou seus dentes: Beira sabia o nome de Donia. Depois de meio século como a Dama do Inverno, Donia ficou em volta o suficiente para que a memória fingida de sua mãe parecesse cômica.

— Donia está como ela tem estado há décadas, mãe. Ela está com raiva de mim. Ela está cansada. Ela está cansada de tudo que você a converteu.

Beira levantou sua outra mão de manicure para examinar-la futilmente.

— O que eu fiz a ela? Oh, me explique isso.

— É as suas coisas, seu caráter, sua traição que começou o jogo. Você sabe o que acontece com os mortais que tocam seu gelo. Mortais não são feitos para...

— Aaaah, adorável, mas você pediu para ela fazer isso. Você a escolheu, e ela escolheu você. — Beira se sentou novamente em sua cadeira, encantada por ter conseguido irritá-lo. Ela manteve sua mão aberta, e o cetro de poder foi flutuando até ela, um lembrete do poder que ela dominava. — Ela poderia se juntar em seu pequeno círculo de Ninfas do Verão, mas ela achou que valia a pena o risco. Ela pensou que valia se arriscar. Arriscar pela dor que ela está sentindo agora — ela fez tsk para ele. — Triste mesmo. Ela era uma garota tão linda, tão cheia de vida.

— Ela ainda é.

— Ela é agora? — Beira abaixou sua voz para um estagio sussurrado — Eu ouvi dizer que ela está ficando mais fraca à cada dia — ela pausou e fingiu uma careta — Que não suporta isso. Seria uma pena que ela se consumisse.

— Donia está bem.

Ele ouviu o tom afiado em sua voz, odiou que ela o fazia ficar com raiva tão rápido. A idéia de que Donia se tornasse uma sombra — moribunda, mas para toda eternidade presa e silenciada — sempre despertava a sua ira. A morte de um elfo sempre foi uma tragédia, pois para os elfos não existia vida após a morte. “É o porquê de ela mencionar isso”, pensou. Como seu pai a suportou por tempo o suficiente para Beira engravidar, ele nunca entenderia. A mulher era irritante.

Beira fez um barulho parecido com um rosnado, quase um grunhido, profundo na garganta.

— Não vamos discutir querido. Eu tenho certeza que Diane vai ficar bem até que a nova garota possa ser convencida que você merece esse sacrifício. Por estar sendo tão desfavorável, ela pode até tentar não ficar contra você dessa vez. Talvez ela possa incentivar nossa nova adorável a aceitá-lo, em vez de dizer a ela todos os terríveis contos das suas perversas intenções.

— Donia vai fazer a parte dela; eu vou fazer a minha. Nada muda, não até eu achar a Rainha do Verão.

Keenan levantou, andou até ficar de frente a Beira, até ele ficar a olhando por cima. Ele não podia evitar não parecer intimidante, não importava que ela ainda guardasse todo o poder, não importa que ela iria matá-lo mais cedo do que ajudá-lo.

Reis não bajulam; Reis comandam. Seu poder podia ser limitado — não mais do que um hálito quente contra seu frio glacial — mas ele ainda era o Rei do Verão. Ele ainda ficou contra ela, e ele não podia a deixar ignorar isso.

Bem como poderia acabar com isso.

— Você sabe que eu vou encontrá-la, mãe. Uma dessas garotas terá o cetro na mão, e seu frio não vai nem tocar ela.

Beira colocou de volta seu copo e olhou para cima, para ele.

— Sério?

“Eu odeio essa parte”. Keenan se inclinou para baixo e colocou uma mão em cada lado da cadeira de Beira.

— Um dia eu vou ter toda a força do Rei do Verão, como meu pai. Seu reinado irá terminar. Já não haverá mais frio crescente. Não mais poder ilimitado. — Ele diminuiu a voz, esperando esconder o tremor. — Então vamos ver quem realmente é o mais forte.

Ela ficou sentada por um momento, silenciosa e calma. Então ela colocou uma mão gelada sobre seu peito, o empurrando fracamente. Gelo se formou em uma teia saindo de sua mão, rastejando sobre ele até que doía tão ferozmente que mesmo se o Caçador Selvagem em pessoa estivesse sobre ele, ele não se moveria.

— Que discurso encantador. Fica cada vez mais divertido, como aqueles programas de TV. — Ela beijou ambas suas bochechas, deixando um traço gelado de seus lábios, fazendo o frio passar através de sua pele, lembrando-lhe que ela, não ele, ainda não, tinha todo o poder. — Isso é uma das pequenas coisas sobre nossa harmonia; se eu tivesse que lidar com um verdadeiro rei, eu sentiria falta dos nossos jogos.

Keenan não respondeu — não podia. Se ele morresse, outro poderia ficar no seu lugar? “A natureza aborrece o vazio.” Um novo rei poderia, um rei livre, vim com poder? Ela o insultou com isso — se você quer salvá-los, termine com isso. Deixe um verdadeiro rei reinar — Mas poderia outro rei ascender com poder total se ele falhar? Ele não tinha como saber. Ele vacilou em seus pés, odiando-a, odiando toda a situação.

Então Beira inclinou-se e sussurrou, e assim o seu hálito gelado bateu contra os seus lábios:

— Eu tenho certeza que vai achar sua pequena rainha. Talvez você já tenha. Talvez fosse Siobhan ou aquela Eliza de alguns séculos atrás. Agora ela é uma garota doce, essa Eliza. Poderia fazer uma Rainha adorável, você não acha?

Keenan teve um calafrio, seu corpo não mais respondendo por causa frio. Ele tentou empurrar o frio de volta, para fora. “Eu sou o Rei do Verão. Ela não pode fazer isso.” Ele engoliu, concentrando-se em ficar na posição vertical.

— Imagine, todo esse tempo, todos esses séculos, se ela estivesse ali no meio das garotas que foram fracas demais para arriscar. Muito medrosa para pegar o cetro e descobrir.

Algumas élfas raposas serventes entraram na sala.

— O quarto está pronto, mestra.

— O pobrezinho está cansado. E ele estava tão desagradável com sua mamãe — Ela suspirou, como se isso realmente tivesse a machucado. Com um dedo em seu queixo, ela inclinou-lhe a cabeça para trás. — Para cama sem jantar de novo. Talvez algum dia, você vai ser capaz de ficar acordado — ela o beijou no queixo — talvez.

Então tudo ficou escuro quando as criadas o carregaram para o quarto que Beira mantinha para ele.

Capítulo 5

“Os seres subterrâneos têm controvérsias, dúvidas, disputas, desavenças e divisões entre grupos.”

A comunidade secreta, Robert Kirk e Andrew Lang (1893)

Donia sabia que Beira estava se aproximando quando o vento mudou, trazendo uma onda de um frio penetrante ao redor de sua casa. “Como se pudesse ser outra pessoa”, ela pensou.

Ninguém a visitava, apesar da localização de sua casa. Do lado de fora da zona cheia de ferros da cidade, em uma das poucas áreas arborizadas de Huntsdale.

Quando Keenan escolheu Huntsdale, todos o haviam seguido, e se instalaram em suas casas para esperar. Quando ela escolheu a casa ela pensou, esperou, que os élfos pudessem fazer suas comemorações entre aquelas árvores, mas isso não aconteceu. Eles não haviam feito. Nada se aproximava dela, como se Keenan ainda possuísse algum direito sobre ela. Nem mesmo os representantes de outras Cortes se aproximavam: somente os reis da Corte Estival e Inverno se atreviam se aproximar.

Donia abriu a porta e deu um passo para trás. “Não há razão para fingir que eu não sei que ela está aqui.”

Beira soprou através da porta, posando no umbral como uma antiga vampira cinematográfica. Depois de cumprimentos artificiais e beijar o ar, ela se recostou no sofá, cruzou os tornozelos, deixando seus delicados pés pendurados na beirada. A imagem de fêmea fatal era arruinada apenas pelo cetro rústico que ela segurava levemente em sua mão.

— Eu estava pensando em você, querida.

— Tenho certeza.

O cetro não representava nenhum perigo para ela. Não mais. Mas Donia caminhou para longe. Ela se recostou contra a parede de pedra perto da lareira. Calor penetrou em sua pele, não o suficiente para acalmar o frio que a possuía, porém era melhor que se sentar perto da fonte daquele frio horrível.

O frio jamais incomodava a Beira: era o que a constituía e, portanto, podia controlá-lo. Donia carregava o frio dentro dela, mas não confortavelmente, não sem desejar o calor. Beira não desejava o calor, se regozijava no frio, o usava como uma nuvem de perfume gelado... Principalmente quando fazia outros sofrer.

— Meu menino foi me ver essa tarde. Disse com seu habitual tom de despreocupação.

— Eu imaginei que ele iria. – Donia tentou manter a voz firme, mas apesar das décadas de enfrentamento, um pouco de inquietude escapou. Cruzou os braços sobre o peito, envergonhada por ainda se preocupar com Keenan.

Beira sorriu com a reação de Donia e deixou o silêncio crescer desconfortavelmente. Então ainda sorrindo ela esticou sua mão livre como se um copo fosse se materializar ali. Mas não se materializou. Com um longo suspiro de resignação olhou ao redor.

— Ainda sem criados?

— Sim.

— Realmente querida. Você simplesmente poderia pegar alguns. As élfas do bosque são muito obedientes. No entanto, não suporto os brownies. – Ela fez uma cara de desgosto. – São espantosamente independentes. Eu poderia lhe emprestar alguns de meus serventes para que te ajudem.

— E para que me espionem?

— Bem, é claro que sim, porém isso é apenas um pequeno detalhe. – Ela agitou uma mão para mostrar indiferença. – esse lugar é realmente... Miserável. É ainda pior que o último. Naquela outra cidadezinha pequena... Ou aquela era de outras das amantes descartadas por meu filho? É tão difícil de lembrar.

Donia não caiu na armadilha.

— É limpo.

— Mas ainda sim é tão blah. Sem estilo. – Beira passou os dedos sobre as esculturas grosseiramente entalhadas em pedra, na mesa ao lado do sofá. – Elas nem sequer são da sua época. – Ela pegou uma miniatura de urso, com sua pata direita erguida, e garras em miniaturas expostas. – Esses são os trabalhos de Liseli, certo?

Donia assentiu, entretanto responder não era necessário. Beira sabia exatamente de quem eram as esculturas, e o fato de Liseli continuar visitando Donia e Keenan a irritava. Ela não havia aparecido por algum tempo, mas ela havia voltado a visitar há alguns anos. Desde que ela fora libertada do fardo de carregar o frio de Beira, ela viajava pelo mundo. Normalmente escolhendo áreas desérticas onde não havia nenhuma chance de encontrar Beira ou alguém de seu clã. A cada poucos anos ela aparecia para lembrar Donia que o frio não iria durar para sempre, ainda que muitas vezes parecia que sim.

— E essas calças esfarrapadas que você insiste em usar?

— Elas eram de Rika. Usamos o mesmo tamanho.

Fazia mais de duas décadas desde que Rika a visitara, mas ela era uma garota estranha: se sentia mais confortável em carregar o frio de Beira do que com a idéia de ser a rainha de Keenan. Elas eram diferentes, cada uma delas. Tudo o que as Damas do Inverno tinham em comum era à força de vontade. Muito melhor do que ter as características das insossas Ninfas do Verão, que seguiam Keenan como crianças.

Beira esperou enquanto Donia tentava não demonstrar sua impaciência.

Desistindo Donia perguntou.

— Você tem alguma razão para me visitar?

— Eu tenho uma razão para tudo. – Beira se aproximou e descansou sua mão nas costas de Donia.

Donia não se incomodou em pedir que ela retirasse a mão, isso somente a incentivaria a fazer isso novamente no futuro.

— E vai me dizer do que se trata?

— Tsk, Tsk, você é pior que meu filho, ainda que não tão temperamental. – Ela se aproximou mais deslizando sua mão pela cintura de Donia, cravando seus dedos nos quadris dela. – Você seria muito mais bonita se você se vestisse melhor. Talvez fazer alguma coisa mais bonita com seu cabelo.

Donia se afastou, com o pretexto de abrir a porta de trás, para deixar sair um pouco do frio crescente. Ela gostaria de ser tão temperamental quanto Keenan, mas essa era a natureza do Rei do Verão. Ele era tão imprevisível quanto às tempestades de verão, volúvel e imprevisível, e tão pretenso para rir, quanto para se enfurecer.

Mas não era seu poder que a inundava, era o poder do frio de Beira que a havia invadido quando ela segurou o cetro há tanto tempo atrás. Se aquilo não tivesse acontecido, se ela fosse imune ao frio da Rainha do Inverno, ela teria se unido à Keenan, e passado a eternidade com ele. Mas o frio que descansa dentro do cetro da Rainha do Inverno a havia preenchido, consumindo-a até que ela fosse pouco mais do que uma extensão viva do cetro. Donia ainda não tinha certeza de quem ela se ressentia mais: Keenan por convencê-la de que ele a amava, ou Beira, por ter destruído aquele sonho. Se ele realmente a tivesse amado o suficiente, ela não teria sido a Esperada? Não deveria ter sido ela sua rainha?

Donia saiu da casa. As árvores balançavam se retorcendo no céu, em busca dos últimos raios do sol. Em algum lugar à distancia, ela escutou o barulho dos cervos que vagavam pela pequena reserva natural que era seu quintal. Cenas familiares. Sons reconfortantes. Isso deveria ser idílico, mas não era. Nada era pacífico quando o jogo começava.

Nas sombras ela podia ver um grupo de lacaios de Keenan. Homens de sorveira²⁴, élfos raposas, e outros soldados da Corte Estival, até mesmo aqueles que pareciam quase mortais, ainda eram de alguma forma estranhos para ela, mesmo depois de estarem décadas presente. Eles sempre estavam lá, a observando, para comunicar a Keenan cada um de seus movimentos. Não importava que ela houvesse lhe dito inúmeras vezes que queria que eles fossem embora. Não importava que ela se sentisse presa pela presença deles observando-a e esperando.

— É a ordem das coisas Don. A Dama do Inverno é minha responsabilidade. Sempre foi assim. — Ele tentou pegar a mão dela, para entrelaçar seus dedos que agora lhe traziam dor ao redor dos dela.

Ela se afastou.

— Já não mais. Sério Kennan, se livre deles, ou eu vou fazer isso.

Ele não havia ficado para vela chorar, mas ela sabia que ele a ouviria. Todos a ouviram.

Porém ele não a ouviu. Ele estava muito acostumado com a cooperação de Rika, muito acostumado a todos se renderem a sua vontade. De maneira que Donia congelara vários de seus guardas na primeira década. Se eles se aproximavam demais dela, ela deixava uma camada de gelo cobri-los até que eles não pudessem mais se mover. Muitos haviam se recuperado, mas não todos.

Keenan somente havia mandando mais. Ele nem ao menos reclamava. Não importava o quão terrível ela era com ele, ele insistia em mandar mais de seus guardas para manter a vigilância sobre ela. E ela continuava os afastando, os congelando até que um dia ele mandou que os próximos grupos de guardas ficassem na segurança das árvores, ou sobre os galhos de um carvalho. O que de algum modo era um progresso.

Beira saiu e ficou ao lado de Donia.

— Continuam a te vigiar. Guardas obedientes que meu filho manda para que cuidem de você.

²⁴ Árvore ou arbusto do gênero Sorbo. Vide Fig. Pág: 179.

— Eles viram você chegar. Keenan irá saber. – Ela não olhou para Beira, ao invés disso, olhou para o jovem homem de sorveira que nunca manteve a distância ordenada.

Ele piscou um olho para ela. Nas décadas que passou ele raramente abandonou seu posto próximo a casa. Os outros se revezavam, constantes em número, mas não em seus semblantes. O homem de sorveira era diferente. Apesar de nunca falar mais do que umas poucas palavras, ela quase o considerava como um amigo.

— Sem dúvida, mas não agora. – Beira riu um som estranho, que pareceu com corvos brigando sobre a carniça. – O coitadinho está congelado.

Fingir que ela não estava preocupada nunca funcionou. Demonstrar preocupação nunca funcionou, então Donia olhou em direção aos arbustos, tentando mudar de assunto antes de perguntar como Keenan estava.

— E onde estão os teus lacaios esta noite?

Beira fez um sinal em direção da copa das árvores.

Então, apareceram: um trio de enormes cabras com pelos negros, três das mais fiéis harpias de Beira, se aproximaram. Apesar de serem enrugadas, parecendo apenas cascas de mulheres, as harpias eram muito fortes, capazes de arrancar as extremidades dos mais antigos Trols das montanhas. Donia tinha pavor quando cacarejavam como galinhas alvorotadas e corriam pelo jardim, como se desafiassem os guardas de Keenan a se aproximarem.

Donia caminhou até a balaustrada do pórtico da casa, longe de Beira, para perto da miserável mulher que servia a Rainha do Inverno.

— Você está adorável, Agatha.

Agatha cuspiu nela.

Era tolice irritá-las, mas Donia fazia isso todas as vezes que elas se aproximavam. Ela precisava provar, para si mesma e para elas, que não estava intimidada.

— Vocês percebem que não são vocês que mantêm os guardas afastados?

É claro que também não era as ameaças de Donia que faziam os guardas manterem distância. Se Keenan ordenasse que eles devessem se aproximar, eles o fariam. Os desejos dele eram ordens. Seus ferimentos e mortes não importavam. A vontade de Keenan era tudo o que importava.

As harpias a encararam, mas não responderam. Como os guardas de Keenan, as serviçais de Beira mantinham distância dela. Ninguém queria irritar Beira. Com exceção de Keenan.

“Falando em famílias disfuncionais...”, ironizou ela para si mesma. Ambos, Keenan e Beira a protegiam, como se o outro representasse uma ameaça maior.

Quando as harpias se recusaram a falar, Donia se voltou para Beira.

— Estou cansada. O que você quer?

Por um momento Donia pensou que havia sido muito rude, que Beira a atacaria. A Rainha do Inverno costumava ser tão manipuladora quanto Keenan era caprichoso, mas seu gênio era apavorante quando não estava sob controle.

Beira somente sorriu seu sorriso assustador característico, mas menos perigoso do que bravo.

— Existem aqueles que querem ver Keenan feliz, aqueles que querem que ele encontre a garota que irá dividir o trono com ele. Eu não sou uma delas.

Beira deixou sair todo o peso de seu frio, que golpeou Donia de tal maneira que ela sentiu como se estivesse no meio de uma geleira. Se ela ainda fosse mortal, isso a teria matado.

Beira levantou a mão de Donia que estava quase sem forças e a envolveu em seu cetro, sob suas mãos frias. Aquilo não reagiu, não mudou nada, mas ela mal o tocou e as memórias daqueles primeiros anos, quando a dor ainda era muito forte, voltassem.

Enquanto Donia ainda lutava para respirar, Beira continuou.

— Mantenha essa candidata longe do cetro, e irei retirar meu frio de você. Irei libertá-la. Ele não pode te oferecer essa liberdade. Eu posso. Ou... — Beira passou seu dedo sobre o peito de Donia, em uma imitação perversa de carinho. — se não fizer isso, podemos descobrir quanto frio posso empurrar para dentro de você, antes que isso te destrua.

Donia podia ser capaz de redirecionar o frio, mas ela não podia armazená-lo. Respondendo ao contato de Beira o frio continuava a aumentar, deixando bem claro quem possuía o poder.

— Sei qual é meu lugar. Donia respondeu com sua voz alterada. — Vou convencê-la a não confiar nele. Eu concordei com isso quando segurei o cetro.

— Não falhe. Minta, trapaceie. Qualquer coisa. Mas não deixe que ela toque no cetro. — Beira pressionou sua mão contra o peito de Donia, seus dedos levemente curvados, suas unhas raspando a pele através da blusa de Donia.

— O que...? — Donia tropeçou, tentando se desviar de Beira sem a enfurecer ainda mais, tentando fazer com que seus pensamentos entrassem em foco.

Havia regras. Todos sabiam. Eles eram terríveis para Keenan, mas elas estavam lá. O que Beira sugeria estava completamente fora das regras.

Beira largou o cetro, e passou o braço ao redor de Donia, a segurando em pé, e sussurrou:

— Se você falhar, meu poder pode destruir o seu corpo. Keenan não poderá evitar. Você será um espectro, uma sombra errante, ainda mais fria do que pode imaginar. Pense nisso. — Então ela a soltou.

Donia balançou sobre seus pés, de pé apenas por causa do cetro que ainda segurava. Ela o largou, doente pela sensação dele em suas mãos, lembrando da dor que sentira na primeira vez que ela o tocara, do desespero toda vez que uma nova mortal não o tomava dela. Donia se agarrou a balastrada do alpendre e tentou se manter em pé. Não funcionou.

— Muito bem, borboleta, vou embora. — Beira pegou seu bastão, se despediu dos guardas de Keenan agitando os dedos e desapareceu na escuridão com suas harpias.

Quando Keenan acordou, Beira estava sentada em uma cadeira de balanço ao lado da cama. Uma cesta de retalhos aos seus pés, e uma agulha em suas mãos.

— Costurando? — Ele tossiu limpando a garganta. Estava machucada pelo gelo que ele engoliu quando ela o congelou. — Não acha que isso é um pouco demais, até mesmo para você?

Ela levantou os retalhos que estava costurando.

— Acha isso? Sou bastante boa.

Ele se levantou. Pedacos grossos de pele com pêlos, alguns ainda ensangüentados, estavam empilhados sobre ele.

— Pelo menos é uma visão muito melhor do que as dos teus passa tempos verdadeiros.

Beira soltou a agulha para agitar a mão com um gesto displicente. A agulha continuou costurando a pele.

— A nova garota não é a Esperada. — Ela garantiu.

— Ela poderia ser. — Keenan pensou em Aislinn e no incrível controle de suas emoções. — Ela é a garota com quem sonhei...

Uma servente raposa entrou trazendo uma bandeja com bebidas quentes e uma sopa fervendo. Ela os deixou na mesa ao lado da cama.

— Também eram as outras garotas, querido. — Beira suspirou e se ajeitou em sua cadeira. — Você sabe que não quero brigar com você. Se eu soubesse o que iria acontecer... você fora concebido naquele mesmo dia. Como eu poderia saber que isso iria acontecer quando o matei? Eu ainda nem sabia que você já estava a caminho.

Isso não explicava o porquê dela ter limitado seus poderes, o porquê dela ter usado o fato da ligação sanguínea entre eles para fazer a Corte Obscura o amaldiçoar. Ela nunca oferecera explicações para aquilo, somente para a origem de sua submissão, nunca sobre do modo em que ela o tinha submetido.

Keenan pegou uma caneca de chocolate quente. O calor pareceu maravilhoso em suas mãos, ainda melhor em sua garganta.

— Apenas me diga quem ela é. — Ele disse. Quando Beira não respondeu, Keenan continuou. — Nós podemos nos comprometer. Dividimos o ano, dividir as regiões, como costumava ser com o meu pai.

Ele terminou a caneca e pegou outra, apenas para sentir o calor em suas mãos.

Então ela riu, formando uma pequena tempestade de neve que girou em espiral pelo quarto.

— Renunciar a tudo? Murchar como uma harpia? Pelo que?

— Por mim? Por que é certo? Por que... — ele colocou seus pés no chão, se encolhendo quando eles afundaram em um pequeno banco de neve. Algumas vezes as velhas tradições eram as piores, velhas regras que levavam como um manual por séculos. — Eu tenho que perguntar. Você sabe disso.

Beira pegou a agulha novamente em suas mãos, cravando-a no retalho.

— Eu sei. O Seu pai sempre perguntava. Seguindo cada regra como escrita. Ele era desse jeito... — Ela fechou a cara e pegou outro retalho do cesto. — tão previsível.

— A cada ano mais mortais passam fome. O frio... As colheitas estão acabando. Pessoas morrendo. — Keenan soltou um longo suspiro, e tossiu novamente. O ar no quarto estava congelando. Agora que ele estava enfraquecido, quando mais ele permanecia na presença de Beira, mais tempo ele precisaria para se recuperar. — Eles precisam de mais sol. Eles precisam novamente de um Rei do Verão conveniente.

— Isso realmente não é problema meu. — Ela largou sua costura na cesta e se voltou para partir. Ela parou na porta. — você sabe as regras.

— Certo. As regras. — Regras feitas para favorecê-la, regras às quais ele estava preso há séculos. — É eu já as conheço.

Capítulo 6

“A visão de uma batina ou o soar de um sino fazem fugir [os élfos]”
A Mitologia Élfica, Thomas Keightley (1870)

Aa Segunda-Feira, Aislinn abriu os olhos antes que soasse o despertador. Depois de tomar uma ducha e colocar o uniforme, foi para a cozinha. Vovó estava diante do fogão fritando ovos e baicons. Aislinn se inclinou para beijá-la na bochecha e perguntou:

— Estamos comemorando algo?

— Malcriada. – Ela lhe deu um tapa. – Só tinha pensado em preparar para você um bom café da manhã.

— Você está bem? – Aislinn tocou a testa dela.

Vovó sorriu com sorriu com languidez.

— Ultimamente você parece cansada. Pensei que você poderia tomar algo que não fosse iogurte.

Aislinn se serviu uma xícara pequena de café da cafeteira meio cheia e acrescentou duas generosas colheradas de açúcar antes de voltar para junto da avó.

— Dentro de pouco tempo serão as provas pré-universitárias de aptidão e o último trabalho de Inglês não ficou tão bom quanto eu queria. – Ela revirou os olhos quando a mulher a olhou com cara de incredulidade. – Bem, o quê? Eu não disse que o fiz mal feito, mas poderia tê-lo feito melhor.

Vovó serviu os ovos nos pratos que tinha disposto e os levou para a pequena mesa.

— Então é algo do colégio.

— Principalmente. – Aislinn se sentou e pegou o garfo. Empurrou os ovos para um lado e ficou olhando para o prato.

— E o que mais? – perguntou vovó em tom preocupado. A mão dela se tencionou sobre a xícara de café.

Mas Aislinn não podia contar o que era. Não podia dizer a ela que élfos cortesões a estavam seguindo, que um deles tinha ativado um sortilégio para falar com ela, que ela necessitou de toda sua vontade para não tocá-lo quando ele esteve ao seu lado. De forma que mencionou a única outra pessoa que lhe provocava as mesmas tentações.

— Humm, há um garoto...

A mão da avó se relaxou um pouco.

— Ele é maravilhoso. – ela prosseguiu – É tudo o que eu quero, mas não é mais do que um amigo.

— Você gosta dele?

Aislinn assentiu.

— Bem, então ele é um idiota. Você é inteligente e bonita se ele te recusou...

— Na verdade eu não pedi a ele que namore comigo.

— Bem, então nesse caso, o problema é seu. — Ela moveu a cabeça, satisfeita de si mesma. — Peça-lhe que saia com você e pare de se preocupar. Quando eu era uma juvenzinha, não desfrutávamos da mesma liberdade de vocês agora, mas... — E, lançada, começou a falar de um de seus temas favoritos: o avanço dos direitos da mulher.

Aislinn tomou o café da manhã, assentindo nos momentos adequados e fazendo perguntas para que a avó continuasse falando até a hora de ir para o instituto. Era muito melhor deixar que ela acreditasse que os garotos e as aulas eram a fonte de suas inquietudes.

A mulher já tinha enfrentado muitos problemas em sua vida: vovô morreu quando ela ainda era uma jovem mãe e teve que criar uma filha e logo uma neta com a mácula de possuir o dom de ver os élfos. E se ela descobrisse de que forma tão estranha eles estavam se comportando... bem, então qualquer possibilidade de que Aislinn conservasse sua liberdade seria anulada imediatamente.

Quando Carla apertou a campainha a caminho do instituto, avó e neta sorriam.

Mas então Aislinn abriu a porta do apartamento e viu três élfos no patamar, atrás de sua amiga. Mantinham-se afastados da porta, incomodados sem dúvida pelas volutas de ferro fundido que cobriam a grade exterior. Vovó teve que solicitar uma autorização especial para instalá-la na porta, mas valia à pena.

— Caramba – brincou Carla quando o sorriso de Aislinn se desfez. — Eu não pretendia acabar com o seu bom humor.

— Não é por você. É só... — Ela tratou de disfarçar a carranca – Hoje é Segunda, você sabe disso?

Carla olhou para se certificar que a avó de Aislinn não podia ouvi-las e perguntou em voz baixa:

— Você quer matar aula?

— Para ficar mais atrasada ainda em Cálculo? – ela suspirou. Agarrou sua bolsa e se despediu da avó antes de sair para o patamar.

Carla deu de ombros.

— Te darei aulas particulares se você quiser. Na loja de eletrônicos tem uma oferta...

— Hoje não. Vamos.

Desceu as escadas correndo deixando para trás vários élfos. Eles não costumavam entrar em edifícios de apartamentos. Aquela era uma das áreas mais seguras: nada de vegetação à vista, grades de ferro nas janelas... não era um bairro ruim, afastado como estava das perigosas árvores e arbustos nos subúrbios.

Enquanto percorriam as poucas quadras que as separavam do instituto, o bom humor de Aislinn se desvaneceu por completo. Havia élfos escondidos nos buracos²⁵, caminhando atrás delas, murmurando ao passar. Aquilo era mais que desconcertante.

Enquanto avançavam, Aislinn lembrou-se da frase da Garota-morta como um eco: “Fuja enquanto pode”. Ela não achava que pudesse fazê-lo de verdade, mas se pelo menos soubesse do que fugia talvez isso aliviasse o pânico que parecia não ter fim.

Então um dos élfos lupinos a cheirou e, ao se mover, sua pelagem cristalina tilintou como minúsculas sinetas de cristal. Aislinn se estremeceu. Talvez, saber do que ela fugia, não bastasse para aliviar o pânico.

No percurso do seu dia Aislinn encostou em um canto da sua mente as preocupações da manhã.

²⁵ Cavidade aberta numa parede... foi a melhor definição que encontrei para “huecos”... enfim.

Ela não podia dizer ao padre James que não estava prestando atenção na aula porque alguns élfos a estavam seguindo. Talvez a igreja advertisse contra os perigos das ciências ocultas, mas encontrar um padre moderno que acreditasse em algo sobrenatural (além do próprio Deus) era quase tão provável quanto encontrar algum que insinuasse que as mulheres também deveriam ser padres.

Enquanto se dirigia para a aula de Inglês, a última do dia, Aislinn pensou com um sorriso irônico, que talvez existissem sacerdotes inclinados a apoiar a igualdade da mulher, mas estes não se encontravam no Bispo O'Connell.

— Você acabou a leitura? – Leslie lhe perguntou, tirando de um puxão sua bolsa do armário, que depois fechou com uma batida.

— Sim. – Aislinn revirou os olhos – Otelo era um idiota.

Leslie piscou um olho e disse:

— Todos os homens são, colega. Todos.

— E como foi a festa? – Aislinn perguntou entrando na classe.

— O mesmo de sempre, mas... – Leslie se inclinou para o corredor. – Os pais de Dominic estarão fora a semana inteira. Haverá muita animação, substâncias estimulantes, garotos para paquerar...

— Não é minha praia.

— Vamos lá, Ash. – Antes de continuar, Leslie olhou de um lado para o outro do corredor para se assegurar de que ninguém as ouvia. – O amigo de Ri da loja de música já conseguiu o pedido extra ela encomendou.

Às vezes Aislinn desejava poder fumar e beber um pouco, mas não podia. De vez em quando ela se permitia desde que previsse ficar desmaiada no sofá de Seth, mas ela não podia se arriscar a percorrer Huntsdale com a guarda baixa.

— Acho que não. – respondeu com mais firmeza.

— Você poderia nos acompanhar. Você não tem que se unir ao festival, só estar conosco. Não é que eu vá ficar chapada; somente vou relaxar um pouco. – Ela tentou outra tática: – Os primos de Dom também estarão lá.

— Pensei que você tinha dito que todos os homens eram uns idiotas. – respondeu com um sorriso de cumplicidade.

— Bem, sim, mas é que os primos deles são uns idiotas com uns corpões de cair morta. Se não vai fazer nada com Seth... – Ela fez uma careta travessa. – Uma garota tem suas necessidades, não? Pense pelo menos.

Então a Irmã Mary Louise entrou e salvou Aislinn de ter que recusar novamente o programa.

Com seu habitual gesto, a Irmã Mary Louise caminhou por toda a parte da frente da sala, analisando os alunos por trás de seus óculos, ostensivamente horríveis.

— Bem, o que você podem me dizer?

Essa era uma das muitas razões porque aquela aula era a favorita de Aislinn: A Irmã Mary Louise não se limitava somente em soltar-lhes uma conferência. Os incentivava a falar, e em seguida incluía seus pontos de vista, que proporcionavam mais informação, mas com muito mais estilo que os outros professores.

Antes que alguém pudesse abrir a boca, Leslie declarou:

— Se Otelo tivesse confiado em Desdémona, tudo teria sido muito diferente.

A irmã a recompensou com um olhar de ânimo e logo se virou para Jeff, que fazia objeções à maioria dos comentários de Leslie e lhe perguntou:

— Você concorda?

A lição se transformou em seguida em um debate, com Aislinn e Leslie de um lado e a solitária voz masculina de Jeff do outro. Alguns estudantes intervinham de vez em quando, mas basicamente era uma troca entre as duas amigas e Jeff.

Mais tarde, Aislinn deixou Leslie junto ao seu armário e se juntou à multidão que se encaminhava para a saída. No geral, seu estado de ânimo era bom. Finalizar o dia com sua aula favorita não era tão bom quanto começá-lo com ela (no lugar da tortura da aula de Cálculo), mas ficava em um gratificante segundo lugar.

Mas então Aislinn cruzou o portão principal. O medo que ela tinha mantido sufocado desde a manhã voltou a inundá-la: lá fora, sentada sobre as costas do seu lobo, estava a Garota-morta... e ela tinha um aspecto tão aterrorizante quanto o do outro elfo, Keenan, na Comix.

Capítulo 7

“Os élfos, além de vingativos, também são muito arrogantes e não admitem interferências em seus direitos nobiliários²⁶”.

Lendas antigas, amuletos místicos e superstições da Irlanda,
Lady Francesca Speranza Wilde (1887)

— Olá, Ash. — Leslie estalou os dedos e seu esmalte prateado atraiu a atenção de Aislinn. — Você vem ou não?
— O quê?

— Para casa de Dom — ela suspirou, com a cara de irritação já familiar.

Ao lado delas Carla sufocou uma gargalhada. Leslie soltou o ar sonoramente, afastando do rosto a franja longa demais.

— Você não ouviu uma palavra do que eu estava dizendo, não é mesmo?

— Esperem! — gritou Rianne enquanto descia as escadas correndo. Como Leslie, ela já tinha tirado a jaqueta do uniforme, mas, além disso, tinha desabotoado os dois botões superiores da blusa. Ela fazia de tudo para se destacar, mas sempre acabava recebendo sermões de muitos dos membros do corpo docente do Obispo O'Connell.

De um extremo do edifício, o padre Edwin gritou:

— Senhoritas, eu estou recordando-as continuam dentro das instalações do colégio!

— Já não mais. — Rianne saltou da calçada para a rua e lançou um beijo ao sacerdote. — Até amanhã, padre.

O padre Edwin puxou o seu colarinho, que era a sua maneira de pigarrear.

— Procure não se meter em problemas, senhorita.

— Sim, padre. — respondeu Rianne com doçura. Em seguida baixou a voz: — Então, você vem, Ash? — E sem esperar a resposta se dirigiu para a esquina, esperando que todas a seguissem.

Aislinn negou com a cabeça.

— Eu marquei com Seth na biblioteca.

— Humm, *ele é bom*. — Rianne soltou um suspiro exagerado. — Você está escondendo algo? Leslie disse que por isso você não foi à festa na outra noite.

Do outro lado da rua, ouvindo tudo o que diziam, estava a Garota-morta. Ela as seguia montada em seu lobo, que trotava ao mesmo ritmo que elas.

— Nós somos amigos. — Aislinn se ruborizou mais aturdida do que o normal porque a élfia a estava escutando.

Ela se deteve, agachou e tirou o sapato como se tivesse entrado alguma coisa dentro dele. Olhou para trás: A Garota-morta e seu lobo aguardavam nas sombras de um beco do outro lado da rua. Os humanos passavam ao lado dela (inconscientes como

²⁶ Que diz respeito à nobreza.

sempre), conversando, rindo, completamente alheios ao lobo anormalmente grande e sua amazona élfica.

— Aposto o que você quiser que vocês poderiam ser algo a mais. – Rianne a rodeou com o braço e a obrigou a continuar. – O que você acha, Les?

Leslie esboçou, lenta e calmamente, um sorriso.

— Pelo que eu tenho ouvido, Seth tem experiência de sobra para ser um excelente candidato para esse posto. Acredite: para a sua primeira vez, mais vale alguém hábil.

— E dizem que Seth tem muita habilidade – Agregou²⁷ Riane com voz roca.

Carla e Leslie começaram a rir; Aislinn sacudiu a cabeça.

— Sheila me contou que quando estava no escritório do padre E., ela viu o novo aluno que ingressa essa semana, um órfão. – disse Carla quando pararam em frete à faixa de pedestres. – E disse que ele é um bocado de primeira.

— Órfão? Você disse “órfão”? – Leslie revirou os olhos.

Feliz porque a conversa desviou para outro assunto, Aislinn escutou a medidas²⁸, mais preocupada pelos élfos ameaçadores do que pelo novo estudante. A Garota-morta as seguia a uma distância constante. Pelo modo que seus congêneres reagiam ao vê-la, Aislinn deduziu que a élfica era especial. Nenhum deles se aproximava dela.

Alguns inclinavam a cabeça à sua passagem. Mas, em qualquer caso, a Garota-morta não devolvia a saudação a ninguém.

— Tem certeza Ash? Você poderia trazê-lo.

— O quê? – Aislinn a olhou. – Não. Seth vai me ajudar com o tema sobre... mmm, o governo. Ligo para vocês mais tarde. – O semáforo mudou e ela começou a atravessar a rua enquanto se virava para exclamar: – Divirtam-se!

A Garota-morta não as seguia. Talvez ela tivesse ido embora.

— Hey Ash! – Leslie a chamou quando já estava longe o suficiente para ter que gritar, tão longe que todo mundo podia ouvi-la. – Você sabe muito bem que neste mês não tem nenhum exame sobre esse tema.

Rianne agitou um dedo em sua direção.

— Mas que garota má...

As pessoas que passavam não fizeram caso, mas o rosto de Aislinn ardeu²⁹ de novo.

— Como quiser.

Aislinn entrou no parque em direção à biblioteca; ela ia pensando em Seth e que a Garota-morta a tinha seguido. Não prestava muita atenção ao que a rodeava, até que um cara (um cara humano) a agarrou pelo braço e a empurrou contra seu peito, imobilizando-a.

— Oh, mas é uma bela moça católica... Bonita saia. – Ele puxou a saia pregueada e os dois caras que o acompanhavam começaram a rir. – O que você está fazendo por aqui, rainha?

Aislinn tentou dar-lhe um chute, mas o seu pé mal atingiu a perna do seu agressor.

— Me solte.

— Me solte. – zombaram os outros dois. – Oh, não, me solte.

Onde tinha ido todo mundo? O parque não costumava estar tão deserto è essas horas, tão cedo.

²⁷ No sentido de juntar os fatos... Unindo o útil ao agradável.

²⁸ No sentido de quase não ouvir o que elas estavam falando.

²⁹ Ardeu, esquentou de vergonha.

Ela abriu a boca para gritar, mas o tipo a tapou com a mão livre e lhe introduziu o dedo indicador entre os lábios.

Aislinn deu uma mordida. O dedo dele tinha gosto de cigarros rançosos.

— Puta! – Mas ele não afastou a mão. Apertou mais forte até que lhe cravou o dedo na parte interna da bochecha e sangrou.

O cara da direita riu.

— Parece que a menina gosta do jeito selvagem, hein?

Aislinn notou lágrimas nos olhos. O braço que a mantinha presa a machucava. A mão que lhe cobria a boca voltou a apertá-la e ela sentiu o sabor de seu próprio sangue. Ela tentou pensar, lembrar o que sabia de defesa pessoal.

“Use tudo o que possa. Grite. Não ofereça resistência”. Ela fez o ultimo relaxando os músculos.

O tipo se limitou a mudar de lugar a mão que a segurava.

Então Aislinn ouviu um grunhido.

Do seu lado estava o lobo da Garota-morta mostrando os dentes. Ela parecia um cachorro grande, mas Aislinn sabia o que ele era na realidade. Visível por completo para todos e com uma aparência enganosamente humana, a Garota-morta segurava a correia do lobo de tal modo que o animal podia se aproximar dos três sujeitos o suficiente para que, com um simples ataque, corresse o sangue.

A voz da élfia soou arrepiantemente tranqüila:

— Tire as mãos de cima dela.

Os dois acompanhantes retrocederam, mas o que mantinha Aislinn presa replicou:

— Isto não é assunto seu, loira. Dê o fora.

Ela esperou um momento, logo deu de ombros e soltou a correia:

— Você pediu. Sasha, ao braço!

O lobo deu-lhe uma dentada no pulso. O homem uivou³⁰ enquanto soltava Aislinn e agarrou-se ao braço sangrento. A garota caiu no chão.

Sem mais uma palavra, os três caras começaram a correr. O lobo saiu em disparada atrás deles, mordendo-os as pernas enquanto fugiam.

A Garota-morta se abaixou. Sua expressão era indecifrável.

— Pode se levantar? – ela perguntou.

— Por que você...? – Um arrepio percorreu Aislinn quando a élfia lhe tocou o queixo. – Obrigada.

A Garota-morta se estremeceu ante a essa palavra.

— Eu não sei o que aconteceu. – Aislinn olhou para onde tinham escapado seus agressores. Huntsdale não era uma cidade ruim, talvez pouquinho “pesada” nas últimas horas do dia; talvez a falta de trabalho e o excesso de bares faziam que não fosse sensato utilizar como atalho os becos escuros pela noite. Ainda assim, um assalto no parque era estranho demais. Ela cravou os olhos nos da élfia e sussurrou: – Por quê?

Inicialmente a Garota-morta não respondeu. Esquivando a pergunta, lhe estendeu a mão lentamente.

— Lamento não ter chegado antes.

— Porque você estava...? – Aislinn se deteve, mordeu o lábio e se levantou.

— Sou Donia.

— Eu sou Ash.

— Bem, venha Ash.

³⁰ No sentido de uivar de dor.

Donia empreendeu o caminho para a biblioteca, andando a seu lado, sem tocá-la, mas perto o suficiente para reconfortá-la.

Aislinn parou diante de uma das colunas que ladeavam a entrada.

— Você não deveria ir buscar seu... mmm, cachorro?

— Sasha voltará. – Donia esboçou um sorriso que teria sido alentador se tivesse vindo uma de uma humana. Depois fez um sinal para a entrada. – Vamos.

Aislinn abriu a ornamentada porta de madeira e começou a se sossegar. A porta da biblioteca, assim como as colunas, destoava³¹ com a anódina³² arquitetura que predominava em Huntsdale. Era como se algum dos padres da cidade tivesse decidido que precisavam de um exemplo de beleza entre as, por outro lado, lúgubres estruturas.

Ela sentiu vontade de rir, não por diversão, mas sim pela crescente impressão de que as regras com que tinha vivido não eram válidas de repente. Não era os élfos quem a atacavam, mas sim seres humanos. “Regra número um: jamais atraia a atenção dos élfos”. Mas ela o tinha feito e, se não tivesse sido assim, o que teria acontecido a ela no parque?

Ela sentiu que os pés pesavam e o estômago deu uma volta.

— Precisa se sentar? – Donia lhe perguntou com amabilidade, enquanto a guiava para o corredor onde estavam os lavabos, junto à biblioteca. – É espantoso o que te fizeram.

— Me sinto como uma idiota – sussurrou Aislinn. – A verdade é que não aconteceu nada sério.

— Às vezes a ameaça de algo já é suficientemente horrível... – Donia levantou os ombros. – Vá lavar o rosto. Você se sentirá bem.

Uma vez que estava só no minúsculo lavabo, Aislinn limpou o sangue do rosto e o apalpou. Tinha uma mancha roxa onde aquele cara tinha lhe cravado os dedos. O lábio, já ressecado, tinha sido cortado. Tendo em conta o que aconteceu, não tinha sido tão ruim. Mas poderia ter sido.

Ela voltou a lavar o rosto e arrumou o cabelo. Tirou o uniforme e fez dele uma bola que enfiou na bolsa. Colocou um jeans gasto e um casaco longo que tinha encontrado em uma loja de segunda mão. Logo saiu de novo ao corredor, aparentemente vazio, e deixou que a porta se fechasse lentamente às suas costas.

Invisível para os humanos, Donia estava falando com uma garota esqueleto. Como o resto das garotas esqueleto, aquela era fantasmagoricamente branca, e tão magra que se viam todos os ossos debaixo da pele, quase translúcida. O fato de que ela se movesse parecia ir contra alguma lei básica. Algo de aspecto tão frágil deveria ter problemas para se mover, certo? Mas as garotas esqueleto se deslocavam sobre o chão sem nenhum esforço visível. E apesar de seu semblante cadavérico, vê-las era um espetáculo inquietantemente formoso.

O que resultava terrível de contemplar Donia era: seu cabelo branco se agitava como se uma tempestade rodeasse somente a ela. Minúsculos sinelos³³ tilintavam aos seus pés.

— Encontre-os. Descubra porque atacaram a garota. Se alguém os incitou a fazer tal coisa, eu quero saber. Aislinn não deve sofrer nenhum dano.

³¹ Não condizer, não ser próprio, discordar.

³² Insignificante, sem importância, que não desperta interesse, que não causa impressão.

³³ Espécie de estalactite de gelo, que no inverno se forma nas beiradas dos telhados ou onde quer que escorra ou goteje água de chuva, garoa ou neve derretida.

A voz da garota esqueleto foi um sussurro seco, como se as palavras tivessem que se precipitar sobre algo áspero antes de achar sua forma:

— Devo dizer a Keenan?

Donia não respondeu, mas seus olhos se escureceram na mesma maré negra que tinham na Comix.

A garota esqueleto deu um passo para trás e levantou as mãos entrelaçadas em sinal de súplica. Donia se dirigiu para a biblioteca, se afastando da suplicante e desapareceu.

Mas alguns instantes depois ela reapareceu (outra vez visível para os humanos) e sorriu para Aislinn.

— Você está melhor?

A voz de Aislinn não soou muito mais firme que a da garota esqueleto:

— Sim. Já estou bem.

Mas não era verdade; estava confusa por muitas razões. Aqueles élfos (Donia e Keenan) tinham alguma razão para segui-la, mas ela não podia fazer perguntas a respeito. “Será que só estão entediados e jogam comigo para passar o tempo?”, disse a si mesma. Havia muitas histórias nesse sentido, mas Donia parecia furiosa pelo que aconteceu no parque, parecia acreditar que alguém poderia ter enviado esses caras para atacá-la. Mas, por quê? O que estava acontecendo?

— Eu estava lendo enquanto te esperava. Antes de ir embora queria saber se tem alguém que possa te acompanhar para casa. – Donia ladeou a cabeça, sorrindo. Toda sua atitude semblava amistosa, confiável. Ela foi até um grupo de mesas. – Ash? Você está bem?

— Sim.

Ela seguiu a élfia até uma mesa que tinha um livro aberto e uma bolsa maltrapilhada.

— Há alguém para quem você possa telefonar?

— Sim. Eu estou bem.

Donia assentiu. Enfiou o livro em sua bolsa de couro. A porta se abriu e entrou uma mulher com um par de filhos.

Um grupo de seis élfas, invisíveis ao resto dos usuários da biblioteca. As seis eram belíssimas; se moviam como modelos e usavam roupa que parecia confeccionada à medida para seus esbeltos corpos.

Se não fosse pelas enredadeiras em flor que deslizavam por sua pele, teriam se parecido a humanas. Mas as enredadeiras eram como tatuagens vivas, pois se deslocavam por vontade própria e se arrastavam pelos corpos das garotas.

Uma delas começou a girar em uma espécie de dança antiquada. As demais riram entre dentes e fizeram reverências umas às outras antes de imitar sua companheira.

Então, uma delas viu Donia. Murmurou algo às demais e todas se detiveram. Inclusive as ondulantes enredadeiras ficaram imóveis.

Transcorreram vários segundos. Donia não pronunciou nenhuma palavra; Aislinn também não. “Como ambas estamos fingindo que não as vemos, o que vamos dizer?”, teve ânimos de ironizar para seu interior.

Ao fim disse:

— Se você não estivesse estado lá...

— O quê?

Quando afastou os olhos das élfas, Donia tinha uma expressão afligida.

— No parque. Se você não estivesse estado lá...

— Mas eu estava. — Donia sorriu, mas em seu rosto havia tensão; parecia angustiada, desejosa para ir embora.

— Ok. Vou procurar meu... alguém. — Aislinn apontou para as escadas que conduziam ao sótão da biblioteca. — Mas antes queria voltar a te agradecer por tudo.

Donia lançou um breve olhar para as élfas, que riam estupidamente.

— Se assegure de que alguém esteja contigo quando for embora. Você o fará?

— Claro.

— Bem. Nós nos veremos por aí em outro momento. E em melhores circunstâncias, tenho certeza disso.

Então a élfas sorriu. Ela era muito bela, deslumbrante, como é uma tempestade quando você acorda e vê os relâmpagos dividindo o céu. E provavelmente ela era igualmente perigosa.

Capítulo 8

“Deram para uma mulher que cuida de crianças-élfos uma água para limpa-las... e a mulher se aventurou a usar isso em si mesma. Colocou um pouco sobre seu olho. Isso lhe deu o poder de ver os élfos.”

Lendas e romances de Bretanha, Lewis Spence (1917)

A islinn ficou imóvel, o olhar na direção que a élfia saiu. Naquele breve momento Donia tinha sido tão arrasadoramente amável que Aislinn se sentiu perto das lágrimas.

Seth veio por detrás dela. Ela sabia que era ele antes que ele escorregasse seu braço em volta dela, mas ela não tinha certeza de como ela sabia. Ela só sabia. Tinha acontecido muitas coisas como essa ultimamente, sabendo de coisas sem nenhuma razão para tê-las. Era meio arrepiante.

— Quem é ela? – ele sussurrou.

— O que? – Era difícil sussurrar de volta enquanto ele ficava atrás dela; ele era muito mais alto que ela.

— Ela. A que estava falando com você – ele inclinou sua cabeça na direção que Donia tinha saído.

Ela não tinha certeza de como responder. Mas quando ela virou, Seth viu seu rosto, e ele não pareceu se mais importar com a resposta.

— O que aconteceu? – Ele encarou seu lábio inchado, como se ele quisesse tocá-lo.

— Te conto tudo em casa? – Ela o abraçou. Ela não queria pensar sobre isso, não agora. Ela só queria sair, ir para a casa de Seth, onde ela podia se sentir segura.

— Me deixe pegar minhas notas. – Então ele saiu, passando a direita da élfia que liderava o grupo perto de Aislinn.

Uma das élfas circulou atrás dela.

— *Ela é a nova.*

Outra passou a mão pelo cabelo de Aislinn.

— *É muito bonita.*

Outra encolheu os ombros.

— *Eu acho.*

Aislinn tentou manter sua face em branca. “Controle”. Ela se concentrou nas folhas que estavam nas roupas das garotas, não no estranho doce-açucarado perfume que ficava em volta delas, não no rastro quente que elas deixavam enquanto a examinavam com as mãos. Não era confortável – de qualquer modo – mas depois do fiasco que foi lá fora, seus toques pareciam menos horrível. A violência dos três rapazes... Ela estremeceu.

As élfas conversavam, alto agora que Donia tinha saído, presumivelmente, ninguém na biblioteca podia ouvi-las.

— *A dama do inverno parece estar fazendo progressos.*

— *Agora essa garotinha é uma intocável.*

— *Quem se importa? Eu não sou apreciadora de garotas. Agora, seu amigo... Ele é tocável. Apetitoso.*

Elas deram risadinhas.

— *Talvez ela o compartilhe quando ela se juntar a nós.*

— *Se ela for a Esperada, ela não vai ter escolha, vai? Seu amigo vai ser mercadoria disponível.*

Quando Seth caminhou de volta para ela, sua mochila lançada sobre o seu ombro, Aislinn deixou suas mãos onde ele poderia ver, como se ela aguardasse para outro abraço.

Ele a olhou com um olhar questionador.

— *Quem disse que precisamos esperar?*

Uma das élfas acariciou sua bochecha; outra o beliscou.

Os olhos de Seth se ampliaram. O coração de Aislinn pulou. “Ele sentiu”. Ela nunca teve com quem falar sobre élfos, então, não entendeu. Com ninguém além de vovó, não com quem não os via. Esperando que as élfas fossem tão tolas quanto pareciam, ela passou seu braço pela sua cintura o puxando para a porta, longe das élfas sensuais.

— Pronto pra ir para casa?

— Definitivamente. – Ele acelerou um pouco, e passou os braços em voltas de seus ombros.

— *O Rei do Verão parece ter alguma concorrência.*

— *Você quer contar isso para ele? "Oh, Keenan, amor... o brinquedo dela é delicioso."*

— *Não seja má. O rei é um bom divertimento.*

Elas deram risadinhas de novo.

— *Quanto será engraçado se ele estiver com ela por aí? Você sabe o quanto ele pega...*

— *Eu vou me voluntariar para distrair o mortal, então Keenan pode cortejar ela.*

— *Mmm, eu também. Olha todas aquelas argolas no seu rosto. Já pensou se ele tiver um piercing na língua?*

Uma vez que eles estavam protegidos dentro do trem de metal do Seth, Aislinn deixou sair um suspiro. A caminhada de volta foi como um castigo medieval com as élfas olhando e chegando perto deles. Elas não a tocaram, nem uma vez, mas Seth teria mais que um machucado inexplicável amanhã.

Ela estava feliz que ele não podia ver aquelas élfas tão bonitas.

Ela o abraçou, apenas um rápido abraço antes de andar para longe.

— Desculpa.

— Pelo o que? – Ele desenrolou Boomer da chaleira e o colocou no terrário.

— Por elas? – ela saltou sobre a bancada. Seth apertou o interruptor, ligando a lâmpada de aquecimento para Boomer

— Chá?

— Claro... você as sentiu?

— Talvez. – Ele pausou, esquentando a água para a chaleira. – Na biblioteca tinha alguma coisa... Conte-me sobre antes, primeiro, sobre aquilo. – Ele fez sinais para o seu rosto machucado.

Então ela contou para ele. Ela contou sobre os caras fora da biblioteca, sobre o resgate de Donia e a sua fúria depois quando ela falou com as garotas esqueleto. Ela deixou suas palavras saírem, não segurando nada.

Por alguns momentos ele ficou lá parado. Sua voz saiu tensa quando ele perguntou:

— Você está bem?

Sim. Nada aconteceu, na verdade. Só me assustou. Eu estou bem. – E ela estava.

Seth, no entanto, parecia que ele estava se esforçando para ficar calmo. Seu maxilar estava fechado apertado; seu rosto estava tenso. Ele virou para longe dela, enquanto ele tentava relaxar, mas ela o conhecia muito bem para funcionar com ela.

— Sério, eu estou bem – ela assegurou a ele – Meu rosto dói onde ele me segurou, mas não foi grande coisa.

Uma vez, quando ela era menor, ela viu como alguns élfos arrastavam outro de aparência delicada até um pequeno bosque do parque. O elfo havia gritado, horríveis gritos penetrantes que ecoaram nos sonhos de Aislinn por meses. Sendo agarrada e segurada contra a sua vontade em poucos minutos não chegava nem perto do que poderia acontecer.

— Donia me salvou antes que acontecesse alguma coisa realmente ruim – ela falou para ele novamente.

— Eu não sei o que eu faria se alguma coisa acontecesse com você... – Ele parou, com um desconhecido pânico em seus olhos.

— Mas não aconteceu. – Ela desejou que pudesse apagar essa preocupação dele, então ela mudou de assunto. – Agora, sobre seu encontro com as élfas...

Ele acenou, aceitando sua implícita necessidade de mudar de assunto.

— Que tal a gente escrever sobre o que aconteceu?

— Por quê?

— Para que eu saiba que não é coisa da minha imaginação ou suas sugestões. – Ele parecia inseguro, e ela não podia culpá-lo.

Ela não podia evitar os élfos; ele podia. Ele tinha escolha, uma coisa que ela nunca teve com eles.

Ela pegou a caneta e o bloco oferecido e escreveu: “Bunda beliscada, biblioteca. Palmadinha na bochecha, biblioteca. Pescoço lambido, esquina da avenida Willow Ave. Empurrão, cutucada, e tropeço, rua Seis, na salsicharia do Joe, cruzamento na casa da Keelie, embaixo da ponte.” Ela olhou para cima. Seth estava encarando sua crescente lista.

Ele balançou seu papel para ela poder ver: “Beliscão na biblioteca. Empurrão (?) fora da salsicharia. Tropeço embaixo da ponte?”

Ela o deixou pegar a, ainda inacabada, lista dela.

— Então élfos, hein? – Ele sorriu, mas não como se ele estivesse feliz. – Como eu pude sentir?

— Talvez seja porque você está ciente dessa possibilidade agora? Eu não sei. – Ela respirou fundo. Sabendo que ela deveria dizer a ele para ele ir embora antes que se focassem nele muito era uma coisa; ficando sozinha novamente nisso era outra coisa totalmente diferente. Ele merecia, pensando bem, ficar longe desses horríveis élfos

enquanto ele podia. – Você sabe que ainda pode me pedir para ir embora, fingindo que nada disso aconteceu. Eu entenderia.

Ele passou sua língua sobre o anel de prata no seu lábio inferior.

— Por que eu faria isso?

— Porque eles estão te tocando. – Ela explodiu seu fôlego saindo em um mal-humor e subiu no balcão. – Você sabe disso agora. Você as sentiu.

— Vale à pena. – Ele pegou a chaleira, mas não encheu. Ele só a olhou. – Eu pensava que faziam essas coisas em qualquer caso.

— Sim, mas você sentiu isso mais... E todas elas estavam te encarando. Alguma coisa mudou agora que aqueles dois estão me seguindo. – Ela não tentou esconder a preocupação ou o medo que ela sentia em sua voz. Se ele fosse saber a verdade sobre eles, ele merecia saber o tanto de medo que ela tinha.

Ele encheu a chaleira e andou para ficar na sua frente.

Ela jogou seus braços em volta dele.

— Desculpa que eu não estava lá antes – ele sussurrou a abraçando apertado.

Ela não disse nada. Ela não sabia o que dizer. Se ela contasse para ele o que ela viu durante esses anos, só faria ele se preocupar mais. Se ela ficasse pensando no que poderia ter acontecido, ela iria pirar. Ela não queria pensar sobre isso, sobre o que poderia ter acontecido, sobre o porquê de eles a agarrarem.

Finalmente ela desistiu um pouco e contou a Seth sobre as élfas que estavam a circulando e conversando sobre ele. Então ela perguntou.

— Então, o que você acha?

Ele pegou um pouco do cabelo dela e enrolou em seu dedo.

— Sobre piercing na língua?

— Sobre os comentários das élfas – ela corrigiu, corando. Ela mergulhou um pouco, com se ela fosse pular da bancada. – Elas parecem saber o que está acontecendo. Talvez você pudesse descobrir se há algo sobre grupos de élfas parecidas com Rianne? Você sabe, aquelas que são excessivamente magras, umm, Seth...

— Mmm? – Em vez de mover para trás para dar um espaço, Seth tinha andado para frente, se apertando contra os joelhos dela.

— Você precisa de se mover se eu for descer daqui. – Ela soou sem fôlego, nada parecido com ela mesma, e isso pareceu bom, muito melhor do que as preocupações que ela tem tentado evitar, muito melhor do que pensando nas coisas ruins que ela tinha que evitar, ou a élfas que a salvou, ou elas notando Seth.

Seth ignorou seu comentário, ficando perfeitamente onde estava.

Ela não se moveu ou o empurrou de volta. Ela não podia. Ao invés, ela perguntou de novo:

— O que você acha?

Ele levantou uma sobrancelha, encarando-a quando ele fez.

— Que nunca se usam muitos piercings.

Ela abriu seus joelhos, colocando um em cada lado de suas costelas, tendo pensamentos que ela não deveria... poderia, ter sobre ele.

— Isso é...

— O que? – Ele não se moveu mais longe, não chegou mais perto. Ele podia infortuná-la, flertar, mas ele não a seguia. Era escolha dela. Em um mundo que nenhuma escolha era sua, aquilo era um sentimento maravilhoso.

— Isso não é o que eu quero dizer. – Ela corou de novo e se sentiu tola por flertar também. Ela não deveria deixar isso ficar estranho. Uma noite poderia arruinar sua

amizade. Ela estava conduzindo ao contrario em uma corrida perigosa. Ela se jogou um pouco para trás. – Prometa que você vai me contar qualquer coisa que acontecer quando eu não estiver com você.

Ele andou para trás então, para dar a ela espaço.

Ela deslizou para baixo. Suas pernas estavam moles.

— Eu não gosto dos élfos prestando atenção em você.

Ele encheu as xícaras com chá e abriu um pacote de biscoito. Então ele colocou seus óculos e puxou uma pilha de livros e fotocópias.

Ela pegou sua xícara de chá, feliz por estar de volta no confortável chão.

Seu joelho bateu contra a perna dela enquanto ele arrumava seus papéis.

“Bem, não totalmente feliz.”

— Um jeito para se proteger é metal ou aço, o que você já sabe. – ele gesticulou para suas paredes. – Eu gosto de saber que eu durmo em um lugar seguro, mas eu vou parar no Alfinetes e Agulhas. Só pra pegar anéis de aço para substituir os de titânio. A não ser – ele pausou e virou para olhar para ela – que você pense que o negocio da língua seja uma boa idéia. Sério, eu poderia fazer isso.

Ele a assistiu, com um olhar de expectativa em seu rosto, como se ele estivesse esperando que ela dissesse alguma coisa.

Ela não disse, não podia. Ela corou mais que antes. “Ele ainda está flertando para me distrair. – E havia funcionado. – Bem demais.” Ela mordeu seu lábio inferior e olhou para longe.

— Certo. Bem, supostamente 'símbolos sagrados' também funcionam, cruzes , especialmente de ferro, água benta. – Ele marcou essa página e pegou um livro com passagens marcadas com brilhantes e pegajosas notas coloridas. Ele passou o dedo através, resumindo. – Espalhe sujeira do solo de igreja em frente deles. Pão e sal também são boas 'proteções', mas eu não tenho certeza o que fazer com eles. Espalhá-los igual a sujeira? Jogar neles?

Aislinn levantou para andar. Ele ficou a olhando, e então voltou para as páginas marcadas.

— Coloque a roupa dos avessos para se esconder deles... isso faz você parecer outra pessoa para eles... Plantas e ervas que funcionam de amuleto: Trevo de quatro folhas, erva de São João, verbena vermelha, todos eles ajudam a ver através de um sortolégio.

Ele colocou o livro de lado, olhando ao lado dela, para o nada, esperando.

Aislinn deslizou de volta para o sofá, um pouco mais longe dele do que ela normalmente sentava.

— Eu não sei. Eu não consigo me ver andando por aí com as roupas dos avessos e eu não sei sobre jogar pão neles. O que devo fazer? Carregar baguetes e torrada para todo lugar?

— Sal é mais fácil. – Ele lançou as páginas em cima de uma das mesas laterais e levantou. Ele puxou uma gaveta da estante de plástico que ficava no canto. Depois de procurar em volta por um minuto, ele pegou um punhado de pacotes de sal. – Aqui. Extras para você levar. Guarde no seu bolso. – Ele jogou alguns para ela e colocou alguns em seu bolso também – só no caso de acontecer alguma coisa.

— Ai diz o quanto de sal e o que fazer com ele?

— Espalhar neles? Jogar neles? Eu não sei. Eu não vi nada nesse livro, mas eu vou olhar naquele também. Encomendei alguns livros para empréstimos em

interbibliotecas. – ele voltou para a mesa e rabiscou uma nota em alguma página. – Agora, e sobre as ervas? Eu posso conseguir alguma. Alguma idéia de qual?

— Eu já posso ver eles, Seth – ela disse impaciente. Ela se acalmou, deu um respiro profundo, e pegou um biscoito do pacote ao lado dela – Por que eu precisaria de ervas?

— Eu poderia ajudar mais se eu pudesse ver eles também... - Ele escreveu outra nota: “Olhar mais receitas. Massa? Chá? Como usar erva para visão? Chá de camomila para a Ash.”

— Camomila?

— Ajuda a te relaxar. – Ele se inclinou e afagando seu cabelo calmamente, pausando para deixa deixar sua mão atrás do pescoço dela. –Você está se afastando de mim.

— Desculpe. – Ela fez cara feia. – Eu achei que estava mantendo tudo sob controle, mas hoje... se Donia não estivesse lá... Mas é aí que está a coisa. Ela não deveria estar lá. Eu os vi por toda minha vida, mas eles nunca prestaram atenção de mim. Agora parece que eles param tudo que estavam fazendo para me ver passar. Nunca foi desse jeito.

Ele ficou lá com um dos lápis de estudos em sua orelha a encarando. Ele pegou um livro e sentou na frente dela.

—Vestir margaridas supostamente mantém crianças seguras de seqüestros élficos, eu não sei se elas vão funcionar já que você não é criança.

Ele derrubou o livro que estava segurando e abriu outro.

— Carregue um bastão de madeira sorveira. Se eles a perseguirem, salte sobre água corrente, principalmente se isso fluir para o sul.

— Há um rio aqui, mas eu não me vejo o saltando não ser que brotem molas nos meus pés. Nada disso ajuda muito. – Ela odiou em como ela soou reclamona. – O que eu faria com o bastão? Bater neles? E eles não saberiam que eu vejo eles se eu fizer essas coisas?

Seth tirou seus óculos e sentou perto do topo de uma pilha de livros sobre o chão. Ele esfregou os olhos.

— Eu estou tentando, Ash. É só o primeiro dia que eu procurei. Nós vamos descobrir mais.

— E seu eu não tiver mais tempo? As regras estão mudando e eu não sei por que. Eu preciso fazer alguma coisa agora. – Ela tremeu, lembrando da estranha calma dos élfos quando ela passou por eles. Foi assustador.

— Como o que? – Ele ainda parecia calmo. Ela estava ficando mais ansiosa, e ele calmo.

— Achar eles. Conversar com os dois que começaram com isso, Keenan e Donia. – Ela colocou sua mão sobre a sua boca e respirou varias vezes.

“Se acalme.” Isso não ajudou muito.

Ele se inclinou para trás em sua cadeira, balançando e ficando só sobre as pernas de trás.

— Tem certeza que isso é uma boa idéia? Especialmente depois que aqueles caras...

— Élfos, – ela interrompeu. – élfos cortesões, estão me seguindo. O que eles poderiam fazer é muito pior. Eles querem alguma coisa, e eu não gosto de ser a única pessoa que não sabe o que é. – Ela parou, pensando no que as élfas na biblioteca

falaram – As élfas, quando elas estavam te desejando, chamaram Keenan de o “Rei do Verão.”

Com um golpe surdo, a cadeira bateu no chão, voltando para as quatro pernas.

— Keenan é um rei?

— Talvez.

Ele pareceu preocupado (um flash parecido com pânico passou por seu rosto), mas ele assentiu.

—Eu vou ver o que eu acho sobre isso amanhã. Eu planejo olhar online enquanto espero os outros livros.

— Parece bom. – Ela sorriu, tentando esconder seu próprio pânico, tentando não pensar que não um simples elfo cortesão a estava seguindo, mas sim o rei.

Seth a olhou igual às pessoas olham para alguém que está em um penhasco, sem certeza se eles vão pular ou não. Ele não pediu para ela pensar melhor sobre aquela perigosa possibilidade, não pediu para ela falar sobre isso. Ao invés ele perguntou:

— Você vai ficar para jantar?

— Não. – Ela levantou, enxaguou seu copo, e respirou fundo outra vez. Enfiando suas mãos em seus bolsos então ele não veria como tremiam, virou e antes que ela pudesse voltar, contou a ele. – Eu acho que eu vou sair e ver o que esta andando por aí essa noite. Talvez eles falem alguma coisa igual as da biblioteca. Vem comigo?

— Só um segundo. – Seth abriu um velho baú rotulado com vários textos de livros e tirou várias caixas de charutos cheias de jóias e bijouterias. Dentro tinha vários braceletes de couro com grandes anéis de metal, delicados camafeus, e caixas de jóias de veludo. Enquanto ele remexia nas caixas de charuto, ele colocou várias peças de lado, incluindo os braceletes de couro.

Ele mexeu mais um pouco e tirou um spray de pimenta.

— Para humanos, talvez isso funcione com os elfos também. Eu não sei.

— Seth, eu ...

— Só coloque essas coisas no seu bolso com o sal. – Ele fez uma careta. Então segurou um colar e um bracelete com grossas correntes, muito mais o estilo dele. – Aço. Supostamente queima eles, ou talvez só enfraqueça eles.

— Eu sei, mas...

— Olha, faz sentindo usar o que você tiver, certo?

Quando ela acenou, ele chegou mais perto e mencionou para ela virar. Ele colocou seu cabelo de lado, colocando o cabelo sobre seu ombro.

— Segure isso.

Silenciosamente, ela fez. Foi estranho, ficar tão perto depois da tensão anterior, mas ela ficou lá enquanto Seth colocava o colar em sua garganta.

Talvez ele esteja certo. Ela podia usar qualquer tipo de ajuda que ela achasse. A idéia de procurar elfos era contra qualquer regra que ela aprendeu, mas ela ia fazer isso, tentar isso. Era melhor do que ficar esperando. “Eu preciso tentar alguma coisa. Fazer alguma coisa.”

Até agora ela podia ver elfos do lado de fora da janela: um estava esparramado em cima de uma cerca que nunca poderia agüentá-lo, mas agüentou.

Seth prendeu o pesado metal sobre sua garganta, deixando-o cair sobre sua pele. Então ele beijou atrás de seu pescoço, e passando por ela foi para a porta.

— Vamos.

Capítulo 9

“O povo élfico são mais aptos com a música, e [...] Um de seus grandes encantos e atrações para que ficassem com eles era sua música”.

Notas sobre o folclore do nordeste da Escócia, Walter Gregor (1881).

Donia caminhava enquanto tentava encontrar um sentido para os acontecimentos daquele dia. Por que mortais atacariam Ash? Havia sido simples casualidade? Passou por alguns vagabundos que se recostavam às paredes de tijolos vermelhos já desbotados, junto de um grupo de jovens que comentaram em voz alta demais sobre seus “atrativos”, e uma aberta troca de dinheiro por crack entre dois sujeitos magros.

Em todas as décadas de Donia como Dama do Inverno, Beira jamais havia quebrado as normas. Ninguém sabia o porquê, porém havia muitas especulações. Séculos atrás, Beira havia imposto castigos especialmente cruéis a um grupo de élfos invernais que haviam interferido no jogo. “Nada deve interferir.” Porém a probabilidade de que o incidente do parque não tivesse nenhum elfo envolvido... Aquilo não poderia ser somente coincidência.

Enquanto caminhava, Donia deixou seu sortilégio desvanecer, e voltou a ser invisível para os mortais. Infelizmente, não poderia se esconder dos élfos com tanta facilidade.

Esforçou-se para manter a voz firme, mas isso nunca pareceu funcionar com Keenan, e nesse dia ainda menos que o habitual.

— O que você quer?

— Felicidade. Que Beira crie consciência. Perdão. — Ele se inclinou para beijá-la no bochecha.

Ela se afastou pisando em uma poça.

— Não posso te ajudar.

— Nem ao menos com o perdão? — De maneira ausente, soprou uma brisa leve em direção aos viciados que tremiam, sem nem ao menos alterar o passo.

Donia permaneceu em silêncio, pensando sobre o quanto poderia omitir sem chegar a mentir. Mas Keenan estava tão impaciente como sempre, e começou a interrogá-la antes dela poder organizar seus pensamentos.

— Você a viu?

— Sim.

— Falou com ela? — Ele estendeu a mão para segurar sua bolsa, sempre solícito, até mesmo agora enquanto seus olhos brilhavam com pensamentos sobre ela... De Aislinn.

Donia segurou a alça de sua bolsa, então se sentiu tola por ser tão mesquinha e a largou.

Sasha correu para ela com toda velocidade, saltando sobre os escombros. Deteve-se junto a Donia com sua calda ao alto.

— Bom menino. — Donia se inclinou para acariciar seu pêlo (e para ver se havia algum sangue em seu nariz) antes de continuar descendo a rua.

Do outro lado da rua, vários dos guardas de Keenan mantinham uma distância discreta, abrindo caminho ao redor das pessoas, parados nas fachadas destruídas dos prédios dessa parte da cidade, e de alguma maneira ainda conseguindo manter as bainhas de seus casacos longos longe de alguma sujeira no chão.

Sacudindo sua cabeça ela voltou a olhar para Keenan. E ele sorriu para ela. Por um instante ela esqueceu tudo. De sua traição, suas suspeitas sobre Beira, o frio doloroso. “Ele está tão bonito quanto estava no dia em que nos conhecemos. Eu pareço pálida e terrível, mas ele continua lindo.” Ela voltou a olhar para longe e aumentou a velocidade de seus passos.

Ele permaneceu ao lado dela, ajustando seus passos para acompanhá-la.

— Donia? Você falou com Aislinn?

— Eu falei com ela. — Ela pensou novamente sobre o que quase acontecera, o que poderia ter acontecido se ela não estivesse lá. Mas não falou para ele. — Ela é de certa forma, legal... Totalmente boa demais para você.

— Você também era. Ele a beijou na bochecha e seus lábios lhe produziram uma leve queimadura. — Você ainda é.

— Bastardo. — Ela o empurrou, ignorando a queimação nas palmas das mãos, por tocá-lo.

Ele colocou uma mão em seu ombro, derretendo o gelo que se formou quando ela o empurrou com força. O gelo se quebrou sob seu toque.

— Só sou por que Beira assassinou meu pai.

Keenan mantinha seus passos com os de Donia até que eles chegassem à entrada do beco sem saída. Ela não disse nada, não o ofereceu nada da maneira que seria apropriado. Mesmo depois de todos esses anos, ainda doía ver o desdém no rosto dela.

Finalmente ele parou em sua frente, impedindo-a de continuar.

— Você viu Beira.

Ela não respondeu, mas não era uma pergunta.

— O que ela queria? — Ele perguntou.

Ela desviou dele, caminhando ainda mais em direção do pátio da ferrovia.

— Nada que eu não possa agüentar.

Ela estava escondendo alguma coisa. Ele podia ver suas mãos apertadas, escutar sua respiração ficar um pouco pausada.

Ela a seguiu

— Parece estranho para ela ter parado apenas para uma visitinha. Eu não sabia que você gostava de tê-la por perto.

— Não é muito pior do que ver você, mas de alguma forma eu suporto isso. — Ela parou e se recostou em um dos prédios enegrecido pelo fogo, do lado de fora do pátio da ferrovia, fechando seus olhos, e respirando fundo. Sasha se deitou aos seus pés.

Como ela já fora mortal, estar tão perto do ferro não era tão difícil para ela, como era para a maioria dos elfos, mas ainda assim a machucava. Se isso machucasse Sasha, ela não teria ido, mas o lobo era imune ao ferro.

Os guardas estavam mantendo distância, mas mesmo estando apenas próximo de tanto ferro, deveria ser doloroso para eles. Keenan faz sinal para que eles fossem para longe.

— Donia? — Ele avançou para pegar a mão dela, mas não o fez. Seu toque a machucaria mais do que o ferro faria. Ao invés disso ele colocou suas mãos na parede de cada lado dela, suas palmas cobrindo parte do grafite na parede, fazendo uma espécie de prisão com seus braços. — Por que você vem aqui?

— Para lembrar a mim mesma o que eu perdi. — Ela abriu seus olhos, mantendo seu olhar. — Para me lembrar de não confiar em nenhum de vocês.

Ela estava extremamente impossível.

Ele fechou a cara diante de seu olhar acusador, durante as décadas de discussões.

— Eu não menti para você.

— Mas também não me disse a verdade. — Ela fechou novamente os olhos.

Nenhum dos dois falou por vários minutos. A respiração fria de Donia se misturava com a respiração quente dele no pequeno espaço entre eles, se elevando como vapor acima deles.

— Vai embora Keenan. E eu não gosto mais de você hoje do que gostava ontem, ou um dia antes, ou...

Ele a interrompeu.

— Mas eu ainda gosto de você. Ai é que esta a beleza disso, não é? E eu ainda sinto sua falta. Todas as vezes que fazemos isso, Don. — Ele abaixou sua voz para tentar esconder o quão perto estava da dor. — Sinto sua falta.

Ela nem ao menos abriu seus olhos para olhar para ele.

“Qualquer amor que ela poderia ter sentindo morrera décadas atrás. — Kennan disse a si mesmo — Se as coisas fossem diferentes... Mas elas não são.” Ele balançou sua cabeça. Donia não era a Esperada. Ela era uma das garotas que ele jamais teria. Ele precisava pensar em como se aproximar de Aislinn, não na mulher em que havia amado e perdido.

Ele suspirou.

— Você vai me dizer o que Beira queria?

Donia ainda não olhava para ele, mantendo seu rosto perto o bastante para ele sentir suas palavras em seus lábios. — Beira queria a mesma coisa que você quer: que eu mantenha o acordo.

Ele deu vários passos para trás.

— Maldição Donia, eu não quero...

— Cale a boca, Kennan. Cale a boca. — Ela se afastou do edifício. — Ela quer que eu convença Aislinn a não confiar em você. Apenas uma conversinha para caso de que eu tenha esquecido a minha função.

Ela estava escondendo alguma coisa. Beira não iria visitá-la apenas para isso. Evan, o homem de sorveira, encarregado de cuidar de Donia havia dito que ela havia ficado aterrorizada quando Beira partiu.

“Aterrorizada. Mas ela não confia em mim o suficiente para contar o porquê. E por que ela acreditaria?” Ele começou a segui-la para tentar novamente.

— Por favor. — A voz dela oscilava. — Hoje não. Hoje apenas me deixe em paz.

Então ela caminhou para longe, para perto do pátio da ferrovia, o Máximo que ela pode sem desmaiar. E não havia nada que ele pudesse fazer para impedi-la, para ajudá-la. Então ele a observou até que ela dobrou para trás de uma parede e ele não pode mais vê-la.

Ao anoitecer Donia já estava recomposta, mas estar no pátio da ferrovia a havia cansado, então ela parou para descansar perto da fonte na Willow, a um quarteirão da

casa de Aislinn. Ela mandou Sasha correr, indisposta para pedir que o lobo ficasse parado enquanto ele queria andar.

As luzes fortes das lâmpadas da rua refletiam na superfície da fonte, criando sombras arroxeadas no pátio. Um velho com um sax tocava para quem passava.

Donia esticou suas pernas no banco, saboreando as sombras, e escutando o saxofonista, e pensando.

Pela conversa com o outro élfos mais cedo, Donia havia aprendido que ninguém queria falar. Nem os élfos invernais de Beira, ou os élfos obscuros de Irial (que trabalham estreitamente com a Corte Invernal) admitiam estar envolvidos. Os élfos solitários só diziam que eles não estavam confortáveis no parque. A falta de respostas já era resposta o suficiente: Por ter consentido, ou ordenado, A Rainha do Inverno estava interferindo.

“Beira acha que essa garota é diferente”.

O saxofonista tocou outra triste melodia. Donia se moveu novamente, se espichando ainda mais, aproveitando a solidão, adorando a breve ilusão de pertencer à humanidade. Ela nunca seria isso novamente. Humana. Ela não mais pertencia a esse mundo. E nunca mais pertenceria. Ainda doía quando ela pensava no que abrisse mão por Keenan. Uma vez que a próxima garota levantar o cetro, ela iria se tornar apenas mais um élfos. Sem alianças com nenhuma corte, sem responsabilidades, sem lugar nenhum para pertencer.

Ela ainda queria isso: fazer parte. Uma vez ela pensara que pertencia ao lado de Keenan. Quando ela o encontrou, antes de saber o que ele era, ele a havia levado para escutar a banda de seus amigos. Ele até mesmo havia lhe comprado um vestido, um modelo pequeno e curto, com tiras de contas, penduradas por todo o lugar, que balançavam quando ela dançava. E eles haviam dançado.

A banda era algo que ela nunca havia escutado antes. Três homens altos e magros faziam amor com a música que eles tiravam de seus instrumentos de sopro, enquanto uma mulher com uma voz sensual cantava para a platéia, prometendo tudo com sua voz e seu corpo. Havia outros, um sujeito corpulento com dedos que tocavam as teclas do piano como se estivesse as acariciando.

Quando eles tocavam, Deus, era como se eles passassem emoções através de seus instrumentos. Nada nunca parece tão bom do que escutá-los tocar, nada exceto se mover através da pista nos braços de Keenan. Nada nunca pareceu.

Sacudindo para longe a nostalgia, ela fechou os olhos, escutando o saxofonista que estava tocando a sua frente. Suas músicas eram fracas comparadas às da banda de élfos em sua memória, mas abençoadamente mortal. Não havia nenhum truque em suas músicas, nenhuma mentira escondidas nas notas. Era falha, e de alguma maneira adorável por isso.

Ela riu alto do absurdo de tudo. Ela poderia escutar a música mais perfeita a qualquer dia, élfos com vozes de pureza incomparáveis, mas um homem velho pouco talentoso tocando por trocados em uma praça a alegrava mais.

Do lado dela, ela escutou a voz de Aislinn, cautelosa e fraca, e a garota se aproximou.

— Donia?

— umm?

A garota era precavida, muito mais do que Donia fora quando a Dama do Inverno e o Rei do Verão haviam brincado com ela. “Ela precisaria de algo mais que precaução, especialmente se ela for a quem ele vem procurando.”

— Nós estávamos passando, e vimos você. Sasha não está aqui, então eu pensei...
— A voz de Aislinn foi sumindo. — Ele voltou?

— Sasha está bem. Sente-se comigo. — Donia manteve seus olhos fechados, mas virou sua cabeça para sorrir na direção de Aislinn. O mortal de Aislinn não falou, mas Donia escutou os batimentos de seu coração, quando se colocou protetoramente junto da garota.

Aislinn começou.

— Nós não...

— Fique. Relaxe um pouco comigo. Nós duas podemos usar um pouco disso.

E era verdade. Depois que Keenan havia sussurrado suas palavras falsas, seus protestos e memórias daquilo que um dia tiveram, daquilo que ela não poderia ter, ela sempre se sentia indisposta. Se fosse inverno, ele não seria incapaz de incomodá-la, mas da primavera até o outono, ele estava livre, e a incomodando com sua presença. Não se importando em estar lhe tentando com promessas vazias, esquecendo do fato que ele roubara sua mortalidade. Até que outra garota esteja disposta em acreditar nele, ela estava presa, assistindo ele fazê-las se apaixonar por ele, sabendo que as garotas que escolhiam não se arriscar ao frio compartilhavam de sua cama. E todas elas se recusavam a se arriscar, escolhendo, ao invés, se tornarem Ninfas do Verão, recusando a erguer o cetro. “Eu o amo... Amava ele o suficiente para me arriscar ao frio, elas não.” Ainda assim, elas tinham Keenan.

— Ash? — O mortal, Seth olhou em direção a um grupo de pessoas que também usavam piercings e que o haviam chamado.

— Vou ficar aqui. — Aislinn murmurou para ele com um sorriso fraco. Ela apertou os braços ao redor do peito.

— Quando você estiver pronta... — Ele parecia preferir ficar ao lado de Aislinn, mas ela fez um gesto para que continuasse e o observou enquanto ele passava pela fonte.

Dentro da fonte, jovens Kelpies³⁴ brincavam. Como a maioria dos élfos da água, eles apenas se preocupavam com os outros élfos na praça. Eles ainda deixavam Donia desconfortável, de uma maneira que a maioria dos élfos já não a deixava, se alimentando de mortais sempre que tinham uma oportunidade, bebendo seus últimos suspiros, de alguma maneira fazendo da morte algo sexual. Nem mesmo a Corte Obscura de Irial a incomodava da maneira como os élfos da água faziam.

Claro que Seth, como a maioria dos mortais, não podia ver os Kelpies, mas quando ele passou ao lado deles, eles pararam e o observaram de uma maneira estranhamente faminta. Eles podiam ver a paixão nele, sentindo isso de alguma maneira, ou elas não o teriam observado.

Aislinn o observava também. Sua respiração acelerada, e suas bochechas rosadas. Sua vontade de ficar longe dele, aparentemente havia sido apenas fingimento. Ela não falou ou relaxou.

Apenas alguns minutos haviam se passado, quando ela anunciou.

— Não posso ficar aqui.

— Ainda se sentindo estranha por causa do ataque?

Donia se sentia bem desconfortável sobre aquilo também, mas por razões diferentes. Se Beira soubesse que Donia suspeitava que ela estivesse quebrando as regras, se Keenan soubesse que Donia suspeitava que essa mortal fosse a Rainha do

³⁴ Também conhecidas como cavalos marinhos, são parte do folclore da Escócia.

Verão desaparecida... “Eu voltaria estar presa entre eles novamente”. Nada mais era simples. Nada era já há muito tempo.

Ao seu lado, Aislinn estremeceu. Olhava para a fonte, ou talvez para além disso onde seu mortal estava.

— Acho que isso me apavorou um pouco. Não parece real, sabe? É o tipo de coisa que sai durante a noite...

Donia se sentou.

— Coisas?

Era uma palavra estranha para se escolher, e o gesto de Aislinn enquanto olhava para o lado dos Kelpies também era estranho.

“Ela podia vê-los?” Isso seria o mais inesperado. Existiam histórias sobre mortais com tal visão, mas Donia nunca havia encontrado um.

Com um estranho tom de brincadeira Aislinn disse.

— Não são apenas caras como aqueles nos dias de hoje. Até mesmo os bonitinhos, podem ser terríveis. Não confie neles somente por serem bonitos.

Donia riu friamente, soando exatamente como uma das criaturas de Beira naquele momento.

— Onde você estava quando precisei desse conselho? Eu estive saindo com o pior erro que uma garota poderia cometer.

— Se lembre de apontá-lo para mim se você o ver por perto. – Aislinn se levantou e colocou sua bolsa no ombro.

E com isso Seth já estava voltando, atento aos seus movimentos.

Donia sorriu para eles, desejando que alguém esperasse por ela dessa maneira, da maneira como Keenan uma vez o fizera.

— Obrigada mais uma vez, por me salvar. – Aislinn acenou e foi caminhando diretamente na direção às esqueléticas irmãs Scrimshaw, que estavam deslizando pelo chão, em sua beleza macabra.

“Se ela pode vê-las, ela desviará”.

Mas ela não desviou. Ela continuou caminhando em frente até que uma das irmãs saiu de seu caminho no último momento possível.

“Mortais não podem ver os élfos”. Donia sorriu com ironia, se os vissem, Keenan jamais teria convencido a nenhuma jovem a confiar nele.

Capítulo 10

“Em ocasiões, por meio de seus atrativos e encantadores métodos, costumam persuadir a homens e mulheres desprevenidos de que os acompanhassem.”

Notas sobre o folclore do nordeste da Escócia, Walter Gregor (1881).

Quando se achava o suficientemente longe da fonte para poder se deter tranquilamente, Aislinn achou que ia vomitar. Apoiou-se contra Seth, sabendo que ele a rodearia com seus braços.

O jovem encostou os lábios em seu ouvido para perguntar:

— É mais do que a vista é capaz de suportar?

— Sim.

Ele continuou estreitando-a, mas não acrescentou nada.

— O que eu faria sem você? – Aislinn fechou os olhos, sem vontade de ver as garotas enredadeira (nem nenhum outro élfos) que a observavam.

— Você nunca terá que descobrir isso.

Seth manteve um braço por cima de seus ombros quando começaram a andar e passaram diante do lugar onde aqueles caras a tinham imobilizado e diante dos onipresentes élfos de pele gretadas³⁵.

Ser mais enérgica soava bem em teoria, mas ainda tinha que aprender a relaxar muito mais se queria ser capaz de falar com os élfos. Pode ser que Donia a tivesse salvado uma vez, mas isso não mudava o que ela era.

Quando chegaram ao seu edifício, Seth deslizou-lhe algum dinheiro na mão.

— Amanhã venha de táxi.

Aislinn não gostava de aceitar seu dinheiro, mas não podia pedi-lo à avó sem levantar suspeitas. Ela o guardou no bolso.

— Você quer subir?

Seth arqueou as sobrancelhas.

— Eu passo.

Aislinn subiu as escadas desejando que a avó estivesse dormindo. Nesse exato instante, evitar seus olhos perspicazes demais parecia o melhor a ser feito. Ela abriu a porta do apartamento, tentou passar em frente à sala e seguir para o quarto.

— Você voltou a perder o jantar. – A avó não despregou os olhos do noticiário. – Há coisas ruins aí fora, Aislinn.

— Eu sei. – Ela parou na soleira da sala, mas não entrou.

A avó estava sentada em sua cadeira de cor púrpura intenso, com os pés em cima da mesinha de pedra e aço. Os óculos de ler estavam pendurados no pescoço presos por uma correntinha. Talvez ela já não fosse tão jovem como nas lembranças de infância de Aislinn, mas continuava parecendo tão fera quanto antes, ainda magra e mais sã do que

³⁵ Greta: Rachadura na pele.

muitas mulheres de sua idade. Até mesmo quando ela passava o dia em casa, se vestia elegantemente para o caso de que recebesse “chamadas”: o longo cabelo cinza, preso em um simples coque alto ou em uma enredada trança; e no lugar de um vestido, uma saia e uma blusa sóbria.

Mas a avó não era séria nem formal; era uma progressista³⁶ fora do comum e sem dúvidas era muito esperta quando prestava atenção.

— Aconteceu alguma coisa?

Soou como uma pergunta normal e se alguém a tivesse ouvido, a teria achado normal. “Ser sempre prudente; esta é a chave para sobreviver entre eles.”

No entanto, em sua voz havia mais que um simples matiz de preocupação.

— Eu estou bem, vovó. Só estou um pouco cansada. – Aislinn entrou na sala, se inclinou a lado da avó e deu-lhe um beijo.

“Eu vou te contar, mas ainda não.” A mulher já se preocupava demais.

— Está usando aço novo. – Ela examinou a corrente que Seth tinha dado à sua neta.

A garota vacilou. “O quanto devo contar a ela?” A avó não entenderia, não aprovaria que ela tomasse uma atitude ativa para descobrir o que os élfos pretendiam. Se esconder e olhar para o outro lado: esse era seu credo³⁷.

— Aislinn? – A mulher subiu o volume das notícias e tirou uma folha. Escreveu: “Eles te fizeram algo?”, “Você está ferida?”, e levantou a folha.

— Não.

Com um olhar severo, a avó acenou o papel. Depois de suspirar, Aislinn pegou o papel e a caneta. Usando a mesinha de centro como escrivaninha, rabiscou:

“Dois deles estão me seguindo.”

A mulher conteve o fôlego e soltou um ofego silencioso. Pegou a folha de Aislinn.

“Ligarei para o instituto, preencheri uma solicitação para que você continue o estudo em casa e...”.

— Não, por favor. – Sussurrou Aislinn. Ela colocou a mão sobre a da avó. Pegou a caneta dela e escreveu: “Não estou certa do que pretendem, mas não quero me esconder”. Depois disse: – Por favor. Deixe-me tentar assim. Eu terei cuidado.

A mulher olhou fixamente para sua neta, como se sob sua pele houvesse respostas ocultas que poderia ver aguçasse a vista.

Aislinn desejou parecer a garota mais tranqüilizadora do mundo. Por fim a avó escreveu: “Mantenha-se tão afastada deles quanto possa. Lembre das regras”.

Aislinn assentiu. Não costumava esconder coisas dela, mas não ia confessar a ela que tinha tentado segui-los nem contar-lhe das investigações de Seth.

Ela sempre insistia em que evitá-los era a única e a melhor atitude. Aislinn já não pensava que era... para ser sincera, ela nunca tinha pensado que fosse.

— Eu estou sendo prudente, já sei o que há aí fora.

A avó franziu o cenho e apertou-lhe o pulso brevemente.

— Leve sempre o celular no bolso. Quero poder entrar em conta com você a qualquer momento.

— Sim, vovó.

— E me mantenha informada de seus horários porque se... – A sua voz quebrou-se. Ela escreveu: “Tentaremos sua idéia alguns dias. Espere até que eles desistam. Não

³⁶ Que é favorável ao progresso ou partidário dele.

³⁷ Programa ou princípios pelos quais se governa uma pessoa.

cometa erros”. Depois rasgou o papel em pedacinhos. – Ok. Venha comer alguma coisa. Você deve andar de olhos bem abertos.

— Claro. – murmurou Ainslinn, enquanto dava um abraço rápido nela.

“Esperar até que desistam?” Aislinn não estava certa de que isso fosse possível. Se a avó soubesse de que se tratava de élfos cortesões, a trancaria em baixo de sete chaves. Ela tinha conseguido ganhar algum tempo, mas isso não duraria. “Preciso de respostas agora”, disse a si mesma. Se esconder não era a resposta. E fugir muito menos.

Ela desejava uma vida normal: ir para a universidade, uma relação, coisa simples. Não queria que todas as suas decisões se baseassem nos caprichos dos élfos. A avó tinha vivido assim e não era feliz. A mãe de Aislinn nem sequer teve a oportunidade de descobrir se poderia levar uma vida normal. E Aislinn não queria seguir nenhum desses caminhos. Mas também não sabia como conseguir com que as coisas fossem diferentes.

Os élfos (élfos cortesões) não perseguiram uma pessoa sem uma razão. Ao menos que descobrisse o que eles pretendiam e como desfazer o que quer que fosse que havia atraído a atenção deles, ela duvidava que fossem ir embora como se não fosse nada. E se eles não desaparecessem, desapareceria a sua liberdade. Essa possibilidade não a agradava em nada. Nada, de modo algum.

Depois de beliscar algo rápido, ela se retirou para seu quarto e fechou a porta. Aquele aposento não era um santuário. Não refletia sua personalidade, como a casa de Seth ou o quarto feminino demais de Rianne. Era só um quarto, um lugar onde dormir.

“Com Seth me sinto mais como se estivesse em casa – pensou. – Com Seth me sinto em casa.”

Em seu dormitório havia algumas coisas que importavam a ela, coisas das quais se sentia conectada: um livro de poesia que tinha pertencido à sua mãe, várias fotografias em preto e branco de uma exposição em Pittsburgh. A avó a tinha surpreendido naquele dia ao permitir que faltasse nas aulas para levá-la ao Carnegie Museum. Tinha sido fantástico.

Junto a essas fotografias, havia outras tiradas por ela mesma em um de seus aniversários, que a avó tinha ampliado. Uma vista da garagem de trens ainda a fazia sorrir. Aislinn tinha começado a tirar fotos para comprovarem se os élfos ficavam registrados no filme: já que os via quando olhava através do objetivo, eles apareceriam nos filmes? Não era assim, mas ela desfrutava o suficiente com o processo fotográfico para se alegrar de ter feito o experimento.

De qualquer forma, não tinha muitas amostras de sua personalidade no quarto. Só fragmentos. Algumas vezes parecia que a vida era assim... como se tudo o que ela deixava exposto ou fazia tivesse que ser planejado com antecedência. “Concentração. Controle”.

Ela apagou a luz, se enfiou na cama e pegou o telefone celular.

Seth respondeu ao primeiro toque.

— Já está sentido saudades de mim?

— Talvez. – Aislinn fechou os olhos e se esticou.

— Está tudo bem?

Ele soou tenso, mas ela não quis perguntar a ele o porquê. Ela não queria falar de nada ruim nem de preocupações.

— Me conte uma história – sussurrou, pois ele sempre conseguia fazer com que as coisas ruins fossem menos horríveis.

— Que tipo de história?

— Uma que me faça ter bons sonhos.
Então Seth riu baixinho e soou muito sexy.
— Será melhor que me diga que categoria você quer esse sonho.
— Me surpreenda. – Aislinn mordeu o lábio. Ela realmente devia parar de flertar com ele antes de atravessar uma linha que a impedisse de retroceder.
Seth não disse nada durante um minuto, mas o ouvia respirar.
— Seth?
— Estou aqui. – Sua voz soou suave, vacilante. – Era uma vez uma garota...
— Não uma princesa.
— Claro que não. Ela era inteligente demais para ser princesa. E também muito forte.
— Ah, sim?
— Oh, sim. Mais forte do que as pessoas achavam.
— E foi feliz e comeu perdiz?
— Não deveria ter alguma coisa no meio da história?
— Eu gosto de ler primeiro o final. – Ela aguardou encolhida na cama, ouvindo suas afirmações, acreditando (durante um minuto pelo menos) que tudo poderia ficar bem. – Ela foi feliz?
Ele não hesitou:
— Sim.
Houve um silêncio. Aislinn ouviu o ruído do tráfego, a respiração de Seth. Em outras ocasiões ela tinha adormecido assim: segurando o telefone enquanto ele se dirigia a sua casa, percebendo essa conexão com ele.
— Eu mencionei o quão sexy era a garota? – perguntou Seth ao final.
Ela riu.
— Era tão incrivelmente bela que... – Fez uma pausa, e Aislinn ouviu o ranger de sua porta. – E nesta parte é onde tem que se mudar as categorias.
— Você está em casa? – Ela podia ouvir seus movimentos, a porta ao se fechar, o tilintar das chaves sobre a bancada, a jaqueta ao cair provavelmente na mesa. – Então vou desligar.
— E o que acontece se eu não quero?
Ela ouviu música enquanto Seth se dirigia a seu quarto, um tipo de jazz. Acelerou-se o coração ao pensar que ele também ia jogar-se em sua cama, mas a voz soou-lhe um pouco apagada quando disse:
— Boa noite, Seth.
— Então você vai sair fugindo de novo, hein? – Uma de suas botas caiu no chão com um ruído surdo.
— Não estou fugindo.
A outra bota golpeou o chão.
— Verdade?
— Verdade. É só que... – Ela se deteve; não sabia como acabar essa frase se um modo sincero.
— Talvez você devesse reduzir um pouco o ritmo para que eu possa te alcançar. – Ele ficou à espera.
Ultimamente ele fazia isso cada vez mais freqüentemente: lançar sentenças que a convidavam a admitir algo perigoso para sua amizade. Ao ver que ela não respondia, acrescentou: – Bons sonhos, Ash.



Wicked Lovely

Encanto Fatal

Depois que Seth desligou, Aislinn continuou com o telefone na mão, ainda pensando em Seth. “Seria uma má idéia. Uma idéia muito, muito má... – ela sorriu – Ele acha que sou inteligente e sexy.”

Ela continuava sorrindo quando adormeceu.

Capítulo 11

“[Os élfos] são de aparência mutante; eles podem fazer-se pequenos ou grandes; podem adotar a forma que elegem [...] eles são tantos quanto folhas de capim. Estão por todas as partes”.

Visões e crenças do oeste da Irlanda, Lady Augusta Gregory (1920)

Quando na manhã seguinte subia os degraus do Obispo O'Connell, ela os viu: havia seres élficos junto a entrada, observando a todo mundo e com um aspecto estranhamente sério.

Dentro se abarrotavam mais deles em frente à porta do escritório do diretor. “Mas que diabos...?”. Eles costumavam evitar o instituto; Aislinn não sabia se era pelas fileiras de armários de aço ou pela abundância de artefatos religiosos. Talvez por ambas as coisas.

Quando chegou ante ao seu armário, a presença dos élfos a tinha deixado constrangida. Eles não deveriam estar ali. Havia regras; se supunha que aquele era um espaço seguro.

— Senhorita Foy?

Aislinn se virou. Ao lado do padre Myers se encontrava o élfico que menos queria ver.

— Keenan – sussurrou.

— Vocês se conhecem? – O padre Myers assentiu satisfeito e esboçou um sorriso. – Bem, bem.

Virou-se para os outros dois (igualmente visíveis) élfos que o acompanhavam. À primeira vista não pareciam muito mais velhos do que ela, mas o mais alto mostrava uma estranha solenidade que a fez suspeitar de que ele era “velho”. Tinha um cabelo inusitadamente longo para um porte tão formal; sob seu sortilégio, brilhava como se os cabelos fossem fios de prata. Em um lado do pescoço levava tatuado um minúsculo sol negro, descoberto porque ele havia prendido o cabelo em uma trança apertada. O segundo élfico levava quase raspado seu cabelo arenoso³⁸ e ele teria um rosto pouco memorável, a não ser pela longa cicatriz que nascia na têmpora e terminava na comissura³⁹ da boca.

— Aislinn é uma estudante brilhante – assegurou a eles o padre Myers. – E seu programa de aulas coincide com o de seu sobrinho. Ela o ajudará a se por em dia.

A garota ficou imóvel, tentando não sair disparada, se negando a olhar para Keenan (ainda que ele a observava cheio de expectativa), enquanto mais alguns élfos se amontoavam atrás de Myers.

³⁸ Semelhante à areia, à cor da areia.

³⁹ Linha de junção de duas partes que formam ângulo: *Comissura dos lábios*, ou seja, *canto dos lábios*.

Um deles, cuja pele semelhava a uma casca de árvore gretada⁴⁰ e cinzenta, cruzou um olhar com Keenan; acenou para os outros que tinham se colocado em leque na entrada e disse:

— Tudo em ordem.

— Senhorita Foy? Aislinn? – O padre Myers pigarreou.

Ela afastou a vista da comitiva élfica que tinha invadido o instituto.

— Desculpe padre. O quê?

— Pode acompanhar Kennan a aula de Cálculo?

Keenan esperava com uma gasta mochila de coró no ombro, olhando para Aislinn com atenção. Seus “tios” e o padre Myers a observavam.

Ela não tinha escolha. Esforçou-se em deixar seu temor de lado e disse:

— Claro.

“Esperar até que desistam?”. Não era muito provável que isso acontecesse. Todas as regras com que ela tinha vivido, que tinham mantido ela a salvo, estavam falhando.

Ao meio dia, o autocontrole de Aislinn estava sendo metodicamente corroído pela imposta humanidade de Keenan. Ele a seguia, falava com ela, agia como se ele fosse de confiança, como se fosse real. Mas ele não era.

Ela enfiou os livros no armário e ao fazê-lo arranhou os nós dos dedos. Keenan estava ao seu lado, como uma sombra indesejada da qual não podia se livrar.

Eles se olharam um ao outro, e ela se perguntou de novo se doeria tocar aquele cabelo metálico. As tiras de cobre reluziam sob o sortilégio e atraíam sua atenção apesar do seu enorme esforço.

Rianne se deteve e se encostou com um golpe contra a fileira de armários. O som fez com que as pessoas parassem para olhá-la.

— Tinha ouvido que ele era de se chupar os dedos, mas... – Colocou uma mão no peito como se lhe custasse respirar e lançou um olhar para Keenan lenta e valorativa. – Certo, certo. Ele é um bocado de primeira.

— Eu não saberia te dizer. – Aislinn corou. “E não penso em comprovar isso”. Apesar da estranha compulsão por tocá-lo, ela era mais forte que qualquer instinto.

“Concentre-se”.

Leslie e Carla se uniram a elas enquanto Rianne se separava dos armários e se aproximava de Kennan para examiná-lo como se fosse um bife em um prato.

— Estou certa que saberia.

Leslie deu umas palmadinhas no braço de Keenan:

— Ela é inofensiva, não se preocupe.

Aislinn tirou os livros para as aulas da tarde. Suas amigas não deveriam estar falando com ele e ele não deveria estar em seu espaço. E, sobre tudo, ele não deveria estar irradiando aquele incitante calor que a fazia pensar nos dias de férias, em fechar os olhos e relaxar... “Controle. Concentração”. Ela podia fazê-lo. Ela tinha que fazê-lo.

Organizou suas coisas no armário para deixar em cima de tudo o que precisava levar para casa. Quando o dia acabasse, estaria pronta para dar-se rapidamente à fuga.

Com um sorriso forçado, despachou suas amigas.

— Os alcanço em seguida. Guardem um lugar para mim.

— Guardaremos dois. Você não pode deixar que este bombom perambule sozinho por aí. – disse Rianne se despedindo de Keenan com a mão.

— Um lugar, Ri, somente um.

⁴⁰ Rachada.

Nenhuma das duas a levou em conta. Rianne agitou uma mão por cima do ombro desdenhosamente.

Depois de respirar fundo para se tranquilizar, Aislinn se virou para Keenan.

— Tenho certeza que você poderá se virar para almoçar sem minha ajuda. Então... hum, vá fazer amigos ou o que quiser. – E se afastou.

Ele se apressou para ficar ao seu lado para entrar juntos na cafeteria.

— Posso me sentar com você?

— Não.

Ele se colocou na frente dela.

— Por favor.

— Não.

Aislinn deixou a mochila em uma cadeira junto com as coisas de Rianne. Sem fazer nenhum caso a Keenan (nem aos olhares que eles estavam atraindo) abriu a mochila.

Ele não se moveu.

Com um gesto pouco firme, Aislinn apontou:

— A fila está lá.

Keenan olhou a multidão que avançava lentamente para as bandejas de comida e perguntou:

— Você quer alguma coisa?

— Que tal um pouco de espaço?

Uma labareda de fúria atravessou o belíssimo rosto do élfio, mas ele não disse nada. Limitou-se a ir embora. Aislinn queria acreditar que tinha se livrado dele com sua rejeição. Não queria perder a esperança, pois do contrário ela não sabia o que poderia fazer. Keenan era absorvente e desviava sua atenção do que ela sabia que era sensato e bom.

No outro extremo da cafeteria, Rianne tinha deixado seu lugar na fila e estava papeando com Keenan. Os dois olhavam para Aislinn: Ela com um sorriso conspirador, ele com aspecto satisfeito.

“Genial. – Desembrulhou parte de seu almoço e tirou um iogurte e uma colher. – O élfio perseguidor tem uma nova aliada.”

Aproveitando que estava sozinha, fez uma ligação rápida para perguntar pelo taxista que ela e Seth tinham conhecido no estúdio de tatuagens. O homem tinha explicado a eles o que fazer para que o enviassem especificamente, e tinha assegurado que chegaria na hora acordada ou lhe mandaria um amigo, se tal fosse solicitado.

Até o momento o taxista tinha cumprido sua palavra.

Falou em voz tão baixa quanto lhe foi possível, procurando que os guardas de Keenan não a ouvissem.

Um deles já estava se aproximando.

“Tarde demais, idiota”, ela pensou triunfal. Enquanto cortava a ligação, ocultou um breve sorriso, pois qualquer êxito contra aos élfos era um prazer. Removeu o iogurte e voltou a se perguntar por que Keenan tinha elegido a ela em particular. Sabia que a causa não era a sua capacidade de vê-los; ela tinha vivido segundo as regras e o tinha feito tudo muito bem.

“Então, porque eu?”

Durante toda a manhã, as garotas tinham tentado falar com ele e tinham se oferecido para mostrar-lhe o centro. Keenan tinha se mostrado amável, mas inflexível: ele sempre respondia que seu desejo era que Aislinn lhe mostrasse o lugar, não elas.

“Garotas bonitas, nerds, líderes de torcidas... todas babam por ele. – Dava gosto que todas elas a olhava com inveja, para variar. – Mas eu gostaria mais se Keenan fosse um cara normal, como Seth.”

Além da metade dos estudantes do instituto, os guardas de Keenan também os observavam tão impassíveis quanto era habitual nos élfos. Pareciam casados e entravam e saíam do centro em pequenos grupos. Ainda que o edifício carregado de metal devesse ser penoso para eles, permaneciam alertas e vigilantes e eles mantinham Keenan controlado o tempo todo. O tratavam de maneira reverencial. “Claro, eles têm que fazê-lo porque Keenan é um elfo rei. – Aislinn sorriu e ao ponto sentiu náuseas ante a avalanche de temores e imagens espantosa que a assaltaram imediatamente: – Um elfo rei... e está atrás de mim.”

Não com pouco esforço, Aislinn conseguiu aplacar suas inquietudes enquanto Carla e Leslie se encaminhavam para ela. O pânico não a ajudaria. O que ela precisava era de um plano para obter respostas. Talvez se as tivesse, se ela soubesse por que Keenan estava obcecado por ela, acharia um modo de livrar-se dele.

Olhou como Keenan se aproximava e viu uma imagem fugaz do sol ondeando sobre a água, refletindo-se contra os edifícios, estranhos pestanejos de calidez e beleza que despertavam desejos de correr a seu encontro. Ele lançou-lhe um olhar, sorrindo sedutoramente, enquanto seguia Rianne através da cafeteria abarrotada.

Rianne conversava com ele super animada; a qualquer um pareceria que eles eram velhos amigos que acabavam de se reencontrar. Leslie ria de tudo o que Keenan dizia e Aislinn pensou que todas suas amigas o tinham aceitado.

E porque elas não iriam aceitá-lo? Por mais que desejasse que não elas não lhe dessem bola, ela não podia evitá-lo. Não tinha essa possibilidade. Em ocasiões, a falta de possibilidades, a pressão de lidar com os élfos, faziam com que se sentisse asfixiada, como se seu segredo fosse uma carga física que a estivesse esmagando. Ela o detestava.

Depois de que as traidoras de suas amigas levaram Keenan para a mesa, Aislinn procurou ignorá-lo.

Funcionou durante um tempo, mas ele continuava a encarando, dirigindo-lhe a maior parte dos seus comentários, fazendo-lhe perguntas. Sentado em frente a ela, não parava de olhá-la fixamente com aqueles inumanos olhos verdes.

Ao final ele apontou as vagens, cozidas demais e fez uma pergunta boba. Ela o alfinetou:

— Como? Por acaso é uma comida vulgar demais para alguém como você?

“Aonde foi parar meu controle?”, ela se repreendeu. Cada minuto que passava, toda sua vida de controle emocional parecia estar desaparecendo.

Keenan ficou aterrorizantemente imóvel.

— O que você quer dizer?

Ela sabia muito bem que não devia provocar um elfo, especialmente um elfo rei, mas continuou disparando:

— Te surpreenderia o que eu sei de você. E sabe o quê? Não há nada que me impressione. Nem o mais mínimo do que sei.

Então Keenan começou a rir feliz e livre, como se a fúria que tinha chamejado em seus olhos não tivesse existido.

— Nesse caso terei que me esforçar mais.

Aislinn se estremeceu com receio, com um repentino anseio, com uma incômoda mistura de ambas as coisas.

Era pior que a simples compulsão de tocá-lo que ela tinha sentido: era a mesma perturbadora confusão de emoções que a tinha invadido na Comix, quando falou com ele pela primeira vez.

— Dê a ele uma oportunidade, Ash. – sussurrou Leslie.

— Deixe-o, Les. – Por baixo da mesa, Aislinn apertou os punhos sobre seu colo.

— Síndrome pré-menstrual. – diagnosticou Rianne e deu uma palmadinha na mão de Kennan. – Você nem a leve em conta, fofura. Nós te ajudaremos a desgastar suas defesas⁴¹.

— Oh, eu contava com isso, Rianne – murmurou ele. Ao falar, ele resplandecia, como se o interior de sua pele emitisse uma brilhante luz.

Aislinn percebia o ar carregado de aroma de rosas, aquela calidez tão tentadora que surgia dele. Suas amigas o contemplavam como se ele fosse o mais incrível que já tinham visto. “Que chatice”, resmungou para si mesma.

Ela permaneceu calada até que chegou a hora das aulas da tarde, fincando-se as unhas nas palmas, que deixaram umas marcas semicirculares como meias-luas. Ela se concentrou na dor dessas meias-luas, só parcialmente visíveis em sua pele e se perguntou se teria alguma possibilidade de se livrar da atenção de Keenan.

Mais para o final do dia, a proximidade de Kennan estava sendo insuportável. Uma estranha calidez parecia impregnar o ar quando ele estava ao seu lado e há alguns instantes atrás foi quase doloroso resistir ao impulso de tocá-lo. Seu cérebro dizia-lhe que o fizesse, mas seus olhos queriam se fechar, enquanto suas mãos desejavam se estenderem para ele.

“Preciso de espaço”.

Ela tinha aprendido manejar o fato de ver os élfos. Foi horroroso, mas tinha conseguido. Também podia com aquilo.

“Ele é apenas mais outro elfo.”, ela se deu ânimos. Concentrou-se, repetindo-se todas as regras e advertências mentalmente, como uma oração, como uma ladainha que a mantinha centrada. “Não olhe, não fale, não corra, não toque. – Ela tomou ar diversas vezes para se acalmar. – Não reaja. Não chame sua atenção. Jamais permita que eles saibam que você pode vê-los.” A familiaridade dessas palavras a ajudou a anular o desejo, mas não bastou para que se sentisse mais confortável com Keenan ao redor.

Por esta razão quando, ao entrar na classe de Literatura, uma das líderes de torcida ofereceu a Keenan um acento vazio e maravilhosamente longe do de Aislinn, esta dedicou à garota um amplo sorriso.

— Eu poderia até te beijar por isso. Obrigada.

Keenan se estremeceu ao ouvir aquilo. A líder de torcida ficou olhando para Aislinn sem saber se ela falava sério ou não.

— De verdade, muito obrigada. – Aislinn deu às costas ao não tão satisfeito Keenan e se sentou em seu lugar, agradecida por desfrutar de um respiro, por mais breve que fosse.

Alguns minutos depois entrou a irmã Mary Louise e distribuiu alguns papéis.

— Pensei em que hoje deixaremos descascar Shakespeare.

O anuncio foi recebido com murmúrios de gratidão, seguidos rapidamente por grúidos quando os alunos viram papéis de poesia.

Passando por cima das queixas, a irmã Mary Louise rabiscou um título na lousa: “*La belle dame sans merci*.”.

⁴¹ Desgastar as defesas de Aislinn.

Alguém do fundo resmungou:

— Poesia e francês, grande folia.

A professora sorriu.

— Quem quer ler sobre *La bella dama sin compasión*⁴²?

Com absoluta naturalidade, Keenan se pôs em pé e leu a trágica história de um cavaleiro fatalmente fascinado por uma fada. Não foram as palavras que arrancou suspiros de todas as garotas: foi sua voz. Até mesmo com um sortilégio, ele soava pecaminosamente bem.

Quando concluiu a leitura, a professora parecia tão atônita quanto os demais.

— Precioso – murmurou. E afastou seus olhos de Keenan para passá-los pela classe, se detendo nos estudantes que costumavam participar. – Bem, o que vocês podem me dizer?

— Eu não consigo pensar em nada. – sussurrou Leslie do outro lado do corredor.

Mary Louise olhou para Aislinn, em expectativa. Então, depois de tomar ar, a garota disse:

— Ela não era uma mulher. O cavaleiro confiou em algo inumano, uma fada, élfia, vampira ou o que quer que fosse e acabou morto.

— Bem – replicou a professora. – E o que significa isso?

— Que não se deve confiar em fadas, elfos, nem vampiros – respondeu Leslie entre dentes.

Todo mundo, exceto Keenan e Aislinn, começou a rir.

Então a voz de Keenan se colocou entre as gargalhadas.

— Talvez a fada não tivesse culpa. Talvez houvesse outros fatores.

— Claro. O que é a vida de um mortal? O cavaleiro morreu. Não importa se a fada, élfia, vampira ou o que quer que fosse se sentiu mal ou não, ela pretendia fazê-lo. O cavaleiro não deixa de estar morto. – Aislinn tentou manter a voz calma e se saiu muito bem. Ainda que as batidas de seu coração fossem farinhas de outro saco. Ela sabia que Keenan a estava observando, mas não afastou a vista da professora e acrescentou: – O monstro não sofre, não é?

— Poderia ser uma metáfora sobre confiar na pessoa errada – intercedeu Leslie.

— Bem, bem. – A irmã Mary Louise agregou várias linhas ao esquema da lousa.

A discussão se ramificou em vários outros temas mais, até que a professora disse ao fim:

— Vejamos um momento “O mercado dos duendes” de Christina Rossetti. Logo voltaremos a isto.

Aislinn não se surpreendeu que Keenan se prestasse voluntário para ler de novo: ele devia saber muito bem como soava sua voz. Nessa ocasião a olhou diretamente enquanto lia, dando breves olhadas para a página.

Leslie se inclinou para Aislin e sussurrou:

— Parece que Seth tem um competidor.

— Não. – Sacudiu a cabeça e se obrigou a olhar para o elfo enquanto respondia: – Não, de modo algum. Keenan não pode me oferecer nada que eu queira.

Ela falou em voz baixa, mas ele a ouviu e tartamudeou um pouco enquanto a confusão atravessava velozmente seu belo rosto. Ele se deteve na metade do poema.

A irmã Mary Louise rompeu o silêncio:

— Cassandra, por favor, continue a partir de aí.

⁴² A Bela Dama sem compaixão.

Aislinn não olhou para Keenan nem uma só vez no que restava da aula. Depois, praticamente saiu correndo da aula, rogando que o taxista estivesse esperando ela, como tinha prometido. Se ela tinha que continuar enfrentando às atenções de Keenan, temia o que poderia acabar fazendo.

Capítulo 12

“Meus amigos dizem que a única maneira de evitar a sua fúria é caçar um ramo de verbena e ligá-lo com um trevo de cinco folhas. Isto é uma magia contra todos os desastres.”

Histórias tradicionais da Bretanha, Elsie Masson (1929).

Quando Donia entrou na biblioteca, ela viu Seth. “O amigo de Aislinn, o que vive no trem com paredes de ferro”, ela pensou. Não era tarde o suficiente para encontrar Aislinn, mas se Seth estivesse aqui, talvez Aislinn fosse encontrá-lo de novo.

Ele não parecia notar qualquer pessoa envolta dele, apesar dos élfos e mortais que estavam todos observando ele. E por que eles não faziam isso? Ele era adorável, tentador em modos tão diferente de Keenan: mau e sossegado, sombra e palidez. “Não pense no Keenan. Pense no mortal. Sorria para ele”.

Ela teve seu tempo, se movendo devagar e cuidadosamente com uma casual mão sobre os espaços das mesas, um momento para pegar um fôlego em frente ao visor de livros.

Seth a viu.

“O deixe falar primeiro. Você pode fazer isso”. O olhar dela, escondido atrás de óculos escuros, ficou nele por uma respiração ou duas. Ele sentou em dos terminais de computador, uma pilha de folhas impressas ao lado dele.

Quando ela estava ao lado da escrivaninha, ela sorriu para ele.

Ele dobrou sua pilha de papéis, evidentemente escondendo o que ele estava pesquisando.

Ela inclinou a cabeça, tentando ver o que ele estava lendo na tela.

Seth Ele clicou em alguma coisa na tela e desligou o monitor.

Ele apontou para ela.

—Donia, certo? Ash não nos apresentou ontem a noite. Você foi quem a ajudou?

Ela acenou levantou uma mão.

Ao invés de balançar, ele segurou e beijou as costas de sua mão. “Ele pegou minha mão”. Não queimou como o toque do Keenan.

Ela congelou, como uma vítima antes da Caça, e por isso se sentiu tola. “Ninguém me toca. Como se eu ainda pertencesse ao Keenan. Proibida”. Liseli jurou que ia mudar, quando a nova Dama do Inverno pegou o cetro, mas era difícil de acreditar algumas vezes. Tinha décadas que ninguém realmente a tocava.

— Eu sou Seth. Obrigada pelo o que você fez. Se qualquer coisa tivesse acontecido com ela... – por um momento ele olhou tão feroz que podia rivalizar com alguns dos guardas de Keenan. – então, obrigada.

Ele ainda tinha a mão dela, ela tremeu e puxou-a fora de seu alcance. “Ele pertence à Ash, igual como Keenan pertence agora.”

— A Ash está aqui?

— Não. Deve estar no caminho da escola. – Ele olhou para o relógio que estava atrás dela.

Ela ficou indecisa por um momento.

—Você precisa de alguma coisa? – Ele a encarou, como se ele quisesse fazer uma pergunta diferente.

Ela empurrou seus óculos escuros mais pra cima, até a fonte de seu nariz. Olhando por ele, onde as ninfas de Keenan ainda assistiam, ela sorriu com ironia.

— Ash e você são... - ela balançou a mão no ar.

Sombriamente ele perguntou.

— O que?

— Prometido? – ela disse, e então fez uma careta. “Prometido. Ninguém usa mais isso.” Às vezes as diversas épocas a confundiam, como as palavras, as roupas e as músicas. Tudo isso davam voltas misturadas. – O namorado dela?

— O prometido dela? – ele repetiu. Ele passou sua língua em um anel no seu lábio inferior, e então ele sorriu.

— Não, não realmente.

— Oh-. Captando um perfume incomum, Donia respirou ligeiramente. “Não pode ser”.

Seth se levantou e pegou sua bolsa. Ele caminhou perto dela, deixando suas mãos próximas a ela, como se ele estivesse a tentar fazê-la voltar atrás, alegando algum tipo de dominação masculina... “Isso não muda com o passar dos anos.” Ela andou para trás, só uma vez, mas não antes dela captar um perfume de verbena recentemente tratada, não muito forte, mas estava lá sem dúvida. “Sim. Na mochila dele”. Embaixo disso estava um ligeiro aroma de camomila e erva de São João.

— Eu cuido dela, sabe? Ela é uma pessoa maravilhosa. Gentil. Boa. – Ele jogou sua mochila sobre seu ombro e a encarou. – Se qualquer pessoa tentar machucar ela – ele pausou, franziu, e continuou – não existe nada que eu não faria para mantê-la segura.

— Certo. Estou feliz que pude ajudar no outro dia.- Distraída, ela acenou. “Verbena... Erva de São João, o que ele pretende fazer com elas?” Eles estavam entre os chefes da lista de ervas que supostamente davam o poder de ver o élfos.

Então ele saiu, seguido por várias ninfas de Keenan. Ela se perguntou se elas iriam perceber o que ele carrega em sua bolsa. Ela duvidou disso.

Uma vez que a porta fechou atrás dele e das ninfas de Keenan, Donia sentou no terminal e colocou no histórico de buscas: “Élfos, Sortilégio, ervas para visão, Rei do Verão”.

— Oh – ela sussurrou.

Aquilo não podia ser bom.

Quando Keenan chegou ao seu loft⁴³ nos limites da cidade, Niall e Tavish estavam esperando. Eles se espreguiçaram como se tivessem relaxando, mas ele não perdeu o olhar de avaliação que eles deram a ele quando ele entrou.

⁴³ É uma cobertura, só que mais como um sótão.

— E então? – Tavish perguntou enquanto ele silenciava a televisão, silenciando um boletim meteorológico sobre um dilúvio esquisito.

“Beira deve ter escutado que eu passei o dia com a Aislinn.” Ela frequentemente criticava sobre qualquer progresso que ele faz com as meninas mortais, mas ela não poderia, pelas regras, interferir ativamente.

— Não muito bem. – Keenan foi relutante em admitir isso, mas a resistência Aislinn lhe estava afetando. – Ela não reage como é habitual.

Niall sentou em uma cadeira estofada e pegou um controle de vídeo game.

— Você a chamou pra sair?

— Já? – Keenan pegou uma fatia de pizza meio mordida da caixa em uma das mesas geóde⁴⁴ espalhadas ao redor da sala. Ele cheirou e mordeu. Não estava tão velha. – Não é muito cedo? A última garota...

Niall afastou a vista da televisão.

— Os hábitos dos mortais mudam mais rápido que os nossos. Tente uma casual aproximação de “amigo”.

— Keenan não quer ser amigo dela. As garotas não são feitas para isso. – Tavish insistiu na sua habitual forma rígida. Ele virou e pegou a caixa com sobras de pizzas. – Você precisa de proteína, não isso. Porque vocês dois insistem em comer alimentos mortais está além mim.

“Porque eu tive que viver um tempão com eles?” Mas Keenan não disse isso. Ele largou a pizza e sentou, tentando relaxar. Era mais fácil aqui do que a maioria dos lugares que eles viveram. Grandes plantas dominavam cada espaço do loft. Alguns pássaros voavam através da sala, grasnando para ele e recuando para os cantos das colunas que apóia o teto alto. Isso fazia a sala parecer aberta, mais parecido como se estivesse lá fora.

— Então o casual é o que eles gostam agora?

— Vale a pena tentar – Niall disse, sua atenção fixa na tela. Com a TV silenciosa, ele inclinou para um lado e depois para o outro, como se com isso pudesse fazer a imagem na tela se mover. Era difícil acreditar que ele falava mais línguas do que um elfo jamais precisou: dê a ele um brinquedo, e ele ficava desesperador. – O talvez tente algo agressivo, diga que você vai levar ela para sair. Algumas delas gostam disso.

Tavish voltou com uma mistura verde que ele estava sempre insistindo para Keenan beber. Ele acenou aprovando.

— Isso parece mais adequado.

— Bem, aí está... – pausou e disparou um sorriso para Tavish. – A sabedoria em pessoa sobre como tentar uma aproximação informal.

— Realmente. – Keenan riu.

— Onde está a graça? – Tavish colocou a bebida de proteína verde na mesa. Sua longa trança prata caiu para seu ombro quando ele se moveu; ele agitou de volta com um gesto impaciente, um intrigante sinal de que ele estava nervoso. Ele não deixava seu temperamento escorregar, pensando bem. Ele nunca mais deixou.

— Quando foi a última vez que você saiu com alguém? – Niall perguntou, ainda sem tirar os olhos da tela.

— As Ninfas do Verão são mais do que uma companhia adequada.

Niall interrompeu.

— Tá vendo? Ele está enferrujado.

⁴⁴ Um tipo de pedra.

— Eu sou o assessor mais velho do Rei do Verão, e... – Tavish parou, suspirando quando ele percebeu que só estava realçando o ponto de Niall – tente o conselho do garoto primeiro, meu soberano. – E com a dignidade impecável que ele usava como um confortável manto, Tavish saiu para o estúdio.

Keenan assistiu ele sair com mais do que um pouco cansaço.

— Em algum desses anos, ele ainda vai te bater pela sua provocação. Ele ainda é um élfos estival, Niall.

— Bom. Ele precisa achar alguma paixão em seus velhos ossos. –O humor de Niall desvaneceu substituído com uma astúcia que o tornou tão importante quanto Tavish aconselhando Keenan nos séculos que passaram. – Élfos estivais são feitos para paixões intensas. Se Tavish não se soltar um pouco, vamos perdê-lo porque acabará na Corte Eminente de Sorchia.

— A procura é difícil para ele. Ele sente saudades de como era a Corte sob o reinado de meu pai. – Se sentindo tão sombrio quanto Tavish, Keenan levantou para olhar para o parque do outro lado da rua. Um de seus homens de sorveira o saudou.

Keenan se virou para Niall e acrescentou:

— E ainda poderia voltar a ser.

— Então consquiste a garota. Conserte isso.

Keenan acenou.

— Uma aproximação casual, você diz?

Niall veio para ficar ao lado dele na janela, olhando para os já carregados ramos com a geada, mais uma prova que se eles não detessem o crescente poder de Beira, não passariam muito mais séculos para que os élfos estivas perecessem.

— E mostrar ela uma noite excitante, alguma coisa diferente, algo inesperado.

— Se eu não achar ela logo...

— Você vai. – Niall o assegurou, repetindo as palavras que ele tem falado por quase um milênio.

— Eu preciso fazer isso. Eu não sei se... – Keenan respirou fundo para se acalmar – Eu vou achar ela. Talvez seja Aislinn.

Niall apenas sorriu.

Mas Keenan não tinha certeza se seus conselheiros confiavam nele. Ele queria isso, mas cada vez que o jogo começava de novo, mais difícil ele se tornava.

Quando a Rainha do Inverno limitou os poderes de seu filho, fazendo ele incapaz de acessar grande parte do poder do Verão, congelando a terra constantemente, ela também começou a esmagar a esperança de muitos dos seus élfos. Ele podia ser mais forte que muitos élfos, mas ele estava longe de ser o rei que eles precisavam, longe de ser o rei que seu pai foi.

“Por favor, deixe que Aislinn seja a Esperada.”

Capítulo 13

“Neles tudo é caprichoso [...] Suas principais ocupações são celebrar festas, lutar e fazer amor.”

Histórias élficas e populares do campesinato irlandês,
William Butler Yeats (1888)

Depois que o táxi a deixou na garagem de trens, Aislinn começou a dar voltas ante a porta de Seth. Havia alguns élfos por ali, observando-a e falando entre eles. Eles nunca permaneciam muito tempo perto dos velhos vagões de trem e das longas vias férreas, logo outros os substituíam. Desde que Keenan tinha falado com ela pela primeira vez na Comix, os élfos pareciam se agrupar a onde quer que ela fosse.

— A garota presta atenção demais ao jovem mortal – resmungou um elfo magrelo com pernas de passarinho. – O Rei do Verão não deveria agüentar isso.

— Os tempos mudaram – replicou uma elfa.

Como as outras, ela estava coberta de enredadeiras em flor, mas vestia um traje negro ardósia no lugar da indumentária feminina que suas companheiras pareciam preferir. Suas enredadeiras começavam em seu pescoço, se enroscavam pelo cabelo e desciam até os tornozelos, o que lhe dava um aspecto selvagem e sofisticado ao mesmo tempo.

— Ela vem a sua casa todos os dias. – O elfo fraco deu voltas em torno da elfa com um predador. – O que ela faz aí dentro?

— Eu sei o que eu faria. – Com um sorriso malicioso, ela agarrou o rosto do elfo com ambas as mãos. – Talvez eu ainda tenha oportunidade de fazer se ela acabar com Keenan para toda a eternidade.

“Eternidade?”

Aislinn deu-lhes as costas para que eles não vissem a cara dela. Passeou por toda a zona de gramado murcho, perto o suficiente para ouvir os élfos, mas não tão perto quanto para parecer-lhes estranho. “Com Keenan para toda a eternidade?”

A elfa se aproximou do tipo de aspecto de pássaro até que seus narizes se tocaram e acrescentou:

— Não importa o que ela tenha feito. A garota já está mudando, – afirmou e o lambeu desde a ponta do nariz até o olho – ela está se convertendo em um membro de nossa Corte. Deixe que ela se divirta com seu mortal enquanto pode. Dentro de pouco tempo ele já não importará.

“Onde diabos se meteu Seth?”, se impacientou Aislinn. Pela quarta vez, pegou o celular e pressionou o 2, a discagem rápida do número dele.

Soou justo atrás dela. Ela se virou enquanto apertava a tecla de desconexão.

— Relaxe, Ash. – Seth se dirigia para ela segurando o celular já silenciado, alheio aos élfos ante aos que passava.

— Onde você estava? Eu estava preocupada que algo...

Ele levantou uma sobrancelha.

— Que você tivesse se esquecido – concluiu ela fracamente.

— Me esquecer de você? – ele rodeou-lhe a cintura com um braço e continuaram indo em frente. Depois de abrir a porta, ele fez um gesto para que ela entrasse. – Jamais me esqueceria de você.

O élfio pássaro se deslizava atrás deles, farejando Seth e enrugando o nariz.

— Na próxima vez atenda ao telefone, ok? – Aislinn deu um golpezinho no peito dele. – Onde você estava metido?

Ele assentiu e fechou a porta na cara do élfio.

— Estava falando com Donia.

— O quê? – Aislinn sentiu um nó na garganta.

— Ela não é muito simpática, embora seja mais bonita do que me pareceu ontem.

– Seth sorriu com calma, como se tivesse acabado de contar a ela que tinha estado papeando com uma garota normal. – Não tão bonita como para dizer a ela que andasse com cuidado, mas em qualquer caso, é quase tão bonita quanto você.

— Que você fez o quê? – Ela o empurrou suavemente, mas ainda assim ele simulou uma careta de dor.

— Eu falei com ela. – Ele colocou uma mão no peito, onde ela o havia empurrado. Afastou a camisa e olhou. Com uma expressão perplexa, disse: – Isso doeu.

— Talvez ela te pareça agradável, mas é uma deles. Não se pode confiar nesses seres. – E virou-se para observar aos élfos que folgavam no exterior. A garota do traje negro estava classificando um punhado de folhas e dobrando-as como se tratasse de papiroflexia^{45*}.

Seth se situou atrás dela e apoiou o queixo em sua cabeça.

— Quantos há aí fora?

— Muitos. – Ela se virou para ele, peito contra peito, próximo demais para poder olhá-lo na cara. – Você não pode fazer essas coisas. Não pode se arriscar...

— Relaxe. – Ele pegou uma longa mecha do cabelo dela e a deslizou lentamente entre os dedos. – Eu não sou idiota, Ash, mas também não disse a ela: “Fique longe, élfia repugnante.”. Eu agradei pela ajuda que lhe prestou ontem e mencionei que não permitiria que te acontecesse nada. Isto é tudo. – Ele retrocedeu para observar seu rosto. Seth tinha olheiras escuras. – Confie em mim, Ok? Não vou fazer nada que possa te colocar em perigo ainda mais.

— Eu lamento. – Se sentiu culpada por gritar, por duvidar, pelas olheiras de Seth, ela pegou a mão dele e a apertou. – Sente-se. Eu vou fazer chá.

— Eu fiz alguns progressos na investigação sobre como ver os élfos e se defender deles. Não muita coisa, mas é algo. – Ele se acomodou em sua poltrona preferida e tirou alguns papéis. Ao ver que ela não dizia nada, deixou as folhas em seu colo e perguntou: – Ou você quer me contar o tem te assustado?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Pelo menos ainda não. – Tudo aquilo de falar com élfos, investigar sobre eles, esquivar élfos... Aquilo era justo para ele? – Pensei que poderíamos conversar sobre outra coisa. Sei lá...

⁴⁵ Arte de fazer figuras de papel dobrado.

Seth esfregou os olhos.

— Ok. Você quer me contar algo do instituto?

— Humm... Não, se vamos tentar evitar o assunto dos élfos. — Ela encheu a chaleira e abriu a lata de camomila sobre a bancada. Levantando-a, perguntou: — Isso tem gosto ruim?

— Eu acho que não, mas tem mel no armário do fundo, se você quiser. — Ele se esticou e seu estomago ficou descoberto ao subir a camiseta; a argola preta do seu umbigo lampejou. — Falaremos disso depois, quando a vida voltar à normalidade. Eu estava pensando que nós deveríamos sair para jantar quando tudo isso tenha passado.

Aislinn já o tinha visto sem camisa antes, inclusive de cueca. Eles eram amigos há muito tempo.

“O que ele disse? — se espantou. — Jantar? Jantar com ele?” Ela ficou plantada na cozinha, contemplando como Seth brincava com a argola do seu lábio. Ele não estava mordendo precisamente, mas sim o sugava. Ele fazia isso quando estava concentrado. Não era um gesto nada sexy, mas *ele* era e ela o estava olhando embasbacada.

— Uau — sussurrou.

Ela afastou a vista sentindo-se ridícula. “Somos amigos — pensou — Os amigos também saem para jantar. Isso não significa nada.” Ela abriu o armário. O mel estava ao lado de um curioso sortido de especiarias e azeites.

— Jantar? — respondeu — Bem. Carla quer ir ao lugar novo que abriram na Vine. Poderia...

— Uau, hein? — respondeu Seth em voz baixa e rouca. Sua poltrona rangeu quando ele se levantou. Seus passos ressoaram estranhamente quando cobriu os metros que os separavam. De repente estava ao lado de Aislinn. — Eu gosto disso de “uau”.

Ela se afastou rapidamente e a ao fazê-lo espremeu o frasco de mel que gotejou na bancada.

— Não significa nada. Só que ultimamente nós estamos flertando demais e essa ligação e... Eu sei que provavelmente você tenha uma dúzia de garotas te esperando. Eu só estou cansada e...

— Hey! — Seth colocou uma mão no ombro dela, tentando fazer com que se virasse para ele. — Não há mais ninguém. Só você. Não tem havido mais ninguém nos últimos sete meses. — Ele puxou suavemente o ombro dela mais uma vez. — Em minha vida não há ninguém, exceto você.

Ela se virou e permaneceram assim, Aislinn olhando para a camisa de Seth, a que faltava um botão. Apalpou o frasco de mel até que ele o tirou das mãos dela e o deixou de lado.

Em seguida a beijou.

Ela ficou nas pontas dos pés e ladeou a cabeça, tentando se aproximar ainda mais. Seth deslizou-lhe uma mão pela cintura e a beijou como se ela fosse o ar e ele estivesse se afogando. E Aislinn se esqueceu de tudo: não havia élfos, nem visão, nem nada... só eles dois.

Seth a levantou até a bancada, onde ela tinha se sentado para falar com ele em inúmeras ocasiões. Mas desta vez Aislinn tinha as mãos no cabelo dele, afundando os dedos, estreitando-o mais.

Era o beijo mais perfeito que jamais tinha dado até que lembrou: “Seth, se trata de Seth.”

Ela se separou.

— Sem dúvida valeu a pena esperar – sussurrou ele, ainda a rodeando com os braços.

Ela tinha uma perna de cada lado e os tornozelos cruzados atrás dele. Ela apoiou a testa em seu ombro.

Nenhum dos dois disse nada.

“Seth não namora – pensou ela. – Isso é um erro.” Se seguia em frente, depois tudo seria estranho.

Ela levava meses se repetindo, mas isso não tinha impedido que continuasse tendo pensamentos traiçoeiros.

Levantou a cabeça para olhá-lo.

— Sete meses?

Ele pigarreou.

— Sim. Pensei que se eu fosse paciente... Sei lá. – Ele dedicou a ela um sorriso nervoso, nada normal nele. – Pensei que talvez você parasse de evitar o assunto... que depois de falar a sério e com o tempo, nós...

—Eu não posso, eu não... Preciso solucionar essa história dos élfos, e... Sete meses? – Ela se sentiu fatal.

“Seth têm estado me esperando há sete meses?”

— Sim, sete meses. – A beijou no nariz, como se tudo fosse normal e nada tivesse mudado. Em seguida a desceu da bancada com delicadeza e retrocedeu. – E continuarei esperando. Eu não vou ir embora e não vou permitir que te levem.

— Eu não sei... não sabia que...

Ela tinha muitíssimas perguntas: o que Seth queria? O que significava “esperar”? O que ela queria? E não podia perguntar nenhuma dessas coisas.

Pela primeira vez desde que se lembrava, ela se sentiu mais confortável pensando em élfos que em qualquer assunto.

— Eu preciso lidar com isso... com eles... agora mesmo, e ...

— Eu sei. Não quero que se esqueça deles, mas também não se esqueça disso. – Ele jogou o cabelo dela para trás e acariciou-lhe a bochecha. – Eles levam séculos seqüestrando mortais, mas você eles não vão levar.

— Talvez se trate de outra coisa.

— Não encontrei nada, absolutamente nada, que sugerisse que os élfos se rendem uma vez que descobrem um mortal que gostam. – A estreitou em seus braços, com ternura dessa vez. – Nós temos uma vantagem, porque você pode vê-los, mas se esse cara é realmente um Rei, não acho que ele vá aceitar muito bem um “não”.

Aislinn não disse nada, não podia dizer nada. Ela só ficou lá entre os braços de Seth enquanto ele colocava voz a seus crescentes temores.

Capítulo 14

“Élfos parecem ser inclinados para perseguições.”

O folclore da Ilha de Man, A.W. Moore (1891)

Ao final da semana, Aislinn tinha certeza de duas coisas. Ficar com Seth havia se tornado mais do que tentador, e evitar Keenan era totalmente impossível. Ela precisa fazer alguma coisa sobre as duas situações.

O Rei Élfo podia caminhar pela escola muito bem, mas ele ainda a acompanhava como um devoto e particular seguidor. Não iria dar-se por vencido. E todas as tentativas de Aislinn em se mostrar insensível e indiferente estavam sendo inúteis. Ao fim do dia ela mal podia se manter em pé, exausta pelo esforço para não tocá-lo. Ela precisava de um novo plano.

“Élfos perseguem”. Aquela regra, pelo menos, parecia inalterada. Como o élfo lupino que rondava as ruas, Keenan a estava perseguindo. Ela poderia não estar correndo fisicamente, mas era a mesma coisa. Então, apesar de apenas pensar nisso já a aterrorizava, ela decidiu parar, deixar que ele pensasse que poderia pegá-la.

Em sua infância essa havia sido uma de suas lições mais difíceis. A avó a levava a praça para um curto passeio, para que ela pudesse praticar em não correr quando eles a farejavam e a perseguiam. Ela odiava aquelas lições. Tudo dentro dela gritava “corra rápido” quando eles a perseguiam, mas aquilo era o medo, não a razão, impulsionando-a. Se ela parasse de correr, eles perderiam interesse. Então ela iria parar de correr de Keenan, assim que ela encontrasse uma maneira de fazer isso parecer natural.

Ela tentou alguns sorrisos experimentais para Keenan, enquanto eles caminhavam para a aula de Saúde

Ele respondeu sem hesitar, olhando-a de uma maneira tão intensa e feliz que ela tropeçou.

Mas quando ele tentou segurá-la, ela se afastou e uma expressão frustrada voltou ao rosto dele.

Ela tentou novamente depois da aula de Religião.

— Você tem planos para este final de semana?

A expressão em seu rosto era estranha, alguma coisa entre divertido e surpreso.

— Eu tinha esperanças, mas... — Ele a encarou até que ela sentiu o pânico tão familiar e o desejo aumentar. — duvido que eu tenha muita sorte.

“Não fuja”.

O peito de Aislinn doía demais para ela poder responder, então ela apenas acenou e disse:

— Oh.

Então houve silêncio, ele olhou em outra direção, mas ele estava sorrindo e calmo agora. Avançou entre as pessoas sem dizer mais nada. Continuava muito perto, mas o silêncio era uma mudança agradável. A falta do tentador calor era incrível, como se uma estranha calma irradiasse dele.

Quando eles caminharam para a secretaria, Keenan ainda estava sorrindo.

— Posso me juntar a você no almoço?

Ela parou.

— Você tem estado comigo todos os outros dias.

Ele riu, um som musical como o som encantado dos élfos lupinos quando eles corriam.

— Sim. Mas você se ressentia disso todos os outros dias.

— O que te faz pensar que não vou ficar chateada hoje?

— esperança. É o que me mantém vivo.

Ela mordeu o lábio, considerando: Ele fora facilmente encorajado por apenas algumas palavras amigas, mas quando ele não está tentando com tanta força ela parecia capaz de respirar perto dele, se sentindo menos oprimida pelas estranhas compulsões.

Indecisa ela disse:

— Ainda não gosto de você.

— Talvez você mude de idéia se você passar mais tempo comigo.

Ele estendeu a mão como se fosse tocar o rosto dela.

Ela não se afastou, mas ficou tensa. Nenhum dos dois se moveu.

— Não sou uma má pessoa, Aislinn. Eu apenas... – Ele parou e balançou a cabeça.

Ela sabia que estava andando em terreno perigoso, mas Keenan havia soado mais sincero que nunca, e ela se sentia mais em paz do que nunca, desde que ele começara a ir à escola Bispo O.C.

Ela o incitou

— O que?

— Eu só quero chagar a te conhecer. Isso é tão estranho?

— Por quê? Por que eu? – O coração dela acelerou enquanto esperava pela resposta dele, como se ele fosse responder a verdadeira pergunta. – Por que não outra pessoa?

Ele se aproximou a olhando de maneira predatória, seu humor mudando novamente.

— Honestamente? Eu não sei. Tem algo sobre você. Desde a primeira vez que te vi, eu simplesmente sabia. – Ele pegou a mão dela.

Ela realmente o deixou fazer isso. “Continue com o jogo”. Mas não era só um jogo: ela vinha resistindo à necessidade de tocá-lo desde a primeira vez que o vira. Não tinha lógica, mas definitivamente estava lá.

E com o toque dele, a visão de Aislinn ficou mais potente. Parecia que os Élfos ao redor haviam simultaneamente ativado um sortilégio humano. Ninguém na classe reagiu; ninguém gritou. Obviamente os élfos não haviam ficado visíveis repentinamente.

“O que aconteceu?” ela se estremeceu.

Keenan a estava encarando, intenso demais para servir de conforto. – eu não sei por que algumas pessoas atraem outras.

— Eu não sei por que você, e não outra. – Ele gentilmente a puxou para perto e sussurrou. – mas é em você que penso quando acordo todas as manhãs. É o seu rosto que eu vejo em meus sonhos.

Aislinn engoliu. Isso pareceria estranho, mesmo se ele fosse normal. E ele não era. O que Keena falava (infelizmente) era completamente sério.

Ela estremeceu.

— E não tenho certeza de que...

Keenan acariciou sua mão com seu dedo.

— Me dê uma chance. Vamos recomeçar.

Aislinn ficou paralisada. Anos dos avisos da avó encheram sua mente, uma sinfonia de sabedoria e preocupações. Ela escutou a própria voz dizendo para Seth que do jeito que as coisas eram feitas não estava funcionando. “tente algo diferente.” Ela acenou.

— Começar novamente. Claro.

E ele sorriu para ela, um sorriso verdadeiro. Malicioso e encantador e tão tentador, que as histórias de élfos que seqüestram pessoas, veio repentinamente em sua memória. “Seqüestro? sendo seguidos por vontade própria é mais provável.” Ela se deixou cair em sua cadeira. “Ele é um élfos. Élfos são maus. Mas se eu puder descobrir o que eles querem...”

A aula já estava na metade quando ela percebeu que não havia escutado uma palavra sobre a matéria ou (ela olhou para o caderno que não lembrava ter aberto), ter escrito nada.

Depois, ainda nas nuvens, ela caminhou ao lado de Keenan até seu armário.

Ele estava falando, perguntando alguma coisa...

—... parque? Eu posso pegar você, ou te encontrar lá. Você escolhe.

— Claro. – Ela piscou, se sentindo como uma sonâmbula em um sonho de outra pessoa. – O que?

Os guardas élficos trocaram olhares cúmplices.

— Tem um parque de diversões hoje à noite. – Estendeu a mão para pegar os livros dela.

Estupidamente ela começou a entregá-los para ele, mas ela se forçou a parar.

— E quanto seus planos?

— Apenas diga que sim. – Ele esperou ansioso.

Finalmente ela balançou a cabeça.

— Como amigos.

Ele deu um passo para trás quando ela fechou o armário.

— Claro. Como amigos.

Rianne, Leslie e Carla se juntaram a eles.

— E então? – Rianne perguntou. – ela disse que sim?

— Ela deu o fora nele, não foi Ash? – Leslie bateu no braço de Keenan como para consolá-lo. – Não se preocupe, ela faz isso com todos.

— Nem todos. Keenan parecia muito orgulhoso de si mesmo. – E sim, nós vamos ao parque.

— O que?

— Pode pagar. – Rianne estendeu a mão para Leslie, que mal humorada pegou umas notas amarradas do bolso, e então se virou para Carla. – Você também.

— Pagar? – Aislinn ecoou as seguindo em direção à cafeteria.

Atrás dela, ela escutou vários guardas rindo.

— Eu disse a elas que ele seria capaz de te convencer a sair. – Rianne dobrou as notas que havia ganhado e as colocou no bolso de seu casaco. – Olhe para ele.

— Ri, ele está bem aqui. — Carla murmurou, olhando para Keenan como se desculpando. — nós tentamos ensinar maneiras a ela, mas... Ela encolheu os ombros. — É como adestrar um cachorro. Se a tivéssemos quando ainda era um filhotinho, talvez conseguíssemos.

Rianne a socou no braço, mas ela estava rindo.

— Au, Au.

Se virando para Aislinn, Carla falou mais baixo. — quando vimos vocês dois conversando, ela não nos deixou chegar mais perto até que ela estivesse certa que ele já havia te convidado. Ela chegou a segurar a Leslie.

— Não é um encontro. — Aislinn resmungou.

— Certo. Nós só vamos conversar para nos conhecermos melhor. — Keenan concordou. Ele parou, olhando para cada uma delas, brilhando um pouco enquanto ele fazia isso. — Na verdade, vocês podem vir conosco se quiserem. Conhecer alguns de meus velhos amigos.

O coração de Aislinn se acelerou.

— Não!

— Isso parece um encontro para mim. Não se preocupe. Eu não vou ao teu encontro Ash. — Rianne assentiu, como se algo maravilhoso estivesse acabado de acontecer, e se virou para Carla. — O que você acha?

Carla balançou a cabeça.

— Definitivamente um encontro.

— Aislinn irá me acompanhar como amiga. — Keenan disse com um olhar de alegria. — Estou simplesmente honrado por ela ter aceitado me acompanhar.

Aislinn olhou para ele, e para suas amigas que estavam olhando para ele com adoração.

Ele captou seu olhar e sorriu.

Ela não acelerou o passo quando ele começou a caminhar com ela. Agora que Keenan parecia feliz, a compulsão que ela vinha sentindo diminuiu para quase um sussurro.

“Eu posso suportar isso”. Mas quando ele tocou em seu cabelo, com um gesto cortês e fora do usual, ela viu o próprio reflexo nos olhos dele, rodeada por um pequeno alo de sol. “Pelo menos isso é o que eu espero” acrescentou para si mesma.

Capítulo 15

“Eles vivem muito mais que a gente; ainda morrem por último, ou [pelo] menos desaparecem daquele estado de vida.”

A Comunidade Secreta, Robert Kirk e Andrew Lang (1893).

Quando Donia retornou para casa de sua caminhada da noite, Beira estava esperando na varanda, deitada em uma cadeira de gelo. Quase futilmente a Rainha do Inverno esculpiu élfos gritando em uma folha de gelo ao lado dela. Parecia que os élfos nas esculturas foram presos vivos, guinchando e gritando de dor.

— Donia, querida – Beira falou, ficando em pé com tanta graça que parecia que ela foi puxada por cordas invisíveis. – Eu estava começando a pensar se eu deveria mandar Agatha atrás de você.

A harpia em questão sorriu largo, expondo espaços onde um número de dentes não deveria estar.

— Beira. Que... – Donia não achou uma palavra que não seria mentira. Inesperado? Prazer? Não, nenhuma das duas. – O que eu posso fazer por você?

— Uma pergunta muito boa, essa aí. – Beira bateu levemente em seu queixo com um dedo. – Quem me dera se meu filho tivesse boas maneiras para perguntar isso – Beira fez cara feia petulantemente – Mas ele não tem.

Do outro lado do jardim, na borda das árvores, vários guardas saudaram. O homem de sorveira acenou.

— Você sabe o que aquele garoto fez?

Donia não respondeu; não era mesmo uma pergunta. Tal como Keenan fazia. Seria um alívio não ser colocada entre eles.

— Ele foi para a escola da menina. Ele se matriculou lá, igual um mortal. Acredita? – Beira começou a andar, o destacado ritmo de seus pés batendo como gotas de chuva na varanda gasta. – Ele gastou a semana com ela, ficando atrás dela igual seu cachorro.

— Lobo. Sasha é um lobo.

— Lobo, cachorro, coiole, tanto faz. O ponto – Beira pausou, ficando tão parada que ela poderia ser esculpida no gelo – O ponto, Donia, é que ele encontrou um jeito. Você entende o que isso significa? Ele está fazendo progressos; você não. Você está falhando comigo.

Agatha deu uma estridente gargalhada.

Beira virou para a harpia devagar, deliberadamente. Ela entortou um dedo.

— Vem aqui.

Ainda não percebendo seu erro, Agatha foi para a varanda com o sorriso ainda no lugar.

— É divertido então que meu filho pode vencer? Que ele pode destruir tudo que eu construí? – Beira colocou um dedo no queixo de Agatha, sua longa unha perfeita furando a pele da harpia. Uma linha de sangue escorreu para baixo em sua garganta. – Eu não acho nem um pouco engraçado, Aggie querida.

— Não é o que eu quero dizer, minha rainha. – Os olhos de Agatha se ampliaram. Ela olhou para Donia, implorando.

— Aggie, Aggie, Aggie – Beira fez tsk – Donia não vai ajudar você. Ela não poderia, nem se ela quisesse.

Donia olhou para longe, olhando para o sempre presente homem de sorveira. Ele estremeceu cheio de compaixão. Todos eles viram o temperamento de Beira antes, mas ainda era horrível.

Segurando a harpia em seu abraço apertado agora, Beira colocou seus lábios na boca murcha de Agatha e assoprou.

Todo o tempo Agatha tentava escapar, suas mãos empurrando o ombro de Beira, segurando os punhos da Rainha do Inverno. Algumas vezes a Rainha do Inverno tinha pena; algumas vezes não.

Hoje ela não teve.

Agatha lutou, mas foi inútil: só outro rei poderia contra Beira.

— Bem, então – Beira murmurou enquanto o corpo da Agatha caía, mole no abraço de Beira.

O espírito de Agatha, uma sombra agora, ficou ao lado delas, apertando o punho, chorando silenciosamente.

Beira lambeu seus lábios.

–Me sinto melhor.

Ela derrubou o corpo de Agatha no chão.

A sombra de Agatha ficou do lado de seu agora corpo sem vida. Cristais de gelo caíram da boca aberta do cadáver, fazendo uma trilha nas suas bochechas afundadas.

— Vá em frente, agora. – Beira enxotou a silenciosa chorosa sombra com um gesto, como quando ela enxota um inseto. Então ela virou para Donia. –Trabalhe mais rápido, garota. Minha paciência está se esgotando.

Sem esperar por uma resposta, Beira foi embora, a sombra de Agatha a seguindo, deixando Donia para cuidar do cadáver na varanda.

Donia encarou Agatha, o corpo que era Agatha. O gelo derreteu, deixando uma poça encharcando seu cabelo.

“Poderia ser eu. Será eu algum dia se eu falhar, Beira...”

— Posso ajudar? – O homem de sorveira falava tão perto que ela deveria saber que ele estava lá muito antes de ele falar.

Ela olhou para cima, para ele. Sua cinza-marrom pele e cabelo escuro-verde folhudo fez dele quase uma sombra no escuro. Se não fosse pelos seus brilhantes olhos vermelhos, ele poderia quase se misturar na crescente noite.

“Noite? Quanto tempo que fiquei parada aqui?”

Ela suspirou.

Ele fez sinais para os outros guardas que esperavam na linha das árvores.

— Nós podemos levar ela com a gente. O solo é úmido; seu corpo iria sumir rápido na lama.

Donia engoliu o enjôo que ameaçava subir.

— Keenan já sabe? – Ela sussurrou, embaraçada que ela ainda se importava com o que ele sentia.

—Skelley já foi contar para ele.

Donia acenou. “Skelley? Qual deles é ele?” Ela tentou se concentrar, pensar nos guardas. Melhor do que pensar sobre Agatha.

Skelley, ele era um dos guardas do corte, magro, como as irmãs Scrimshaw e gentil. Ele chorou quando ela tinha congelado os guardas antes. Ainda assim ele ficou, fazendo suas tarefas, guardando ela, fazendo como Keenan ordenava.

— Você precisa de mais guardas? – O homem de sorveira não estremeceu quando ele ofereceu, apesar de que ela sabia que ele se lembrava do ataque de mau-humor quando isso foi oferecido no passado. – Nós poderíamos pelo menos chegar mais perto.

Geladas lágrimas rolaram em seu rosto e pousaram na poça de água na varanda. “Eu não choro por ela. Ele poderia oferecer tanta bondade se ele soubesse que, mesmo com Agatha nos meus pés... eu choro por mim mesma?”

Ela olhou para longe, para onde os outros guardas ficavam, esperando, prontos para protegê-la mesmo pensando que ela nunca mostrou uma razão para eles fazerem isso. Claro que eles fariam isso. É a vontade de Keenan.

— Donia?

Ela olhou para cima.

— É a primeira vez que você fala meu nome.

Com outro calmo som, ele parou na varanda.

— Permita que nós a levemos.

Ainda o assistindo, Donia acenou.

Ele gesticulou para os outros, e em um pequeno momento eles levaram o corpo embora, deixando apenas uma gigante mancha úmida onde Agatha caiu.

Fechando seus olhos como se ela pudesse tirar as imagens da mente, Donia tomou vários suspiros profundos.

— Devo ficar mais perto? – o homem de sorveira sussurrou. – Só um guarda mais perto de você. Se ela voltar...

Como os olhos ainda fechados ela perguntou:

— Como te chamam?

— Evan.

— Evan – ela murmurou. –Ela vai me matar, Evan, mas não hoje a noite. Mais tarde. Se eu deixar a nova garota pegar o cetro, ela vai me matar. Eu vou me juntar a Agatha. – Ela abriu os olhos e segurou o olhar dele. –Eu estou com medo.

— Donia, por favor...

— Não. – ela virou para longe. –Ela não vai voltar esta noite.

— Só um guarda extra? – Ele levantou um braço, como se quisesse abraçar ela. – Se for prejudicada...

— Keenan vai superar isso. Ele tem uma nova garota. Ela vai ceder. Todas nós cedemos. – Ela dobrou os braços sobre o seu peito e virou para voltar para dentro. Ainda virada, ela adicional suavemente: – Me deixe pensar. Amanhã vou solucionar o resto.

Então ela entrou e fechou a porta, chamando Sasha, enterrando seu rosto na sua pele macia e tentando se tranquilizar.

Keenan estava animado quando chegou a casa. Os guardas já tinham colocado Niall e Tavish em dia nas novidades, então ele não estava surpreso por vê-los sorrindo quando ele entrou em casa.

— Quase tempo recorde – Tavish acenou aprovando, segurando um copo de vinho do verão. – Eu te disse: nada para se preocupar. As mortais são assim, especialmente nos dias de hoje. Coloque-a na linha e continuamos com os trâmites.

— Colocá-la na linha? – Niall riu e colocou um copo de vinho pra ele também. – Eu amaria ver você dizer isso para uma garota mortal.

Tavish franziu o cenho e carregou a garrafa para a sala de estar. Lá tinha vários periquitos empoleirados em um enorme tronco de árvore que alcançava o outro lado da sala.

— Eu venho passando séculos com as Ninfas do Verão. Todas foram mortais, e não eram tão complexas.

Niall virou para Tavish e disse, devagar, como se o velho elfo fosse muito, muito Nov.

— Uma vez que elas são Ninfas do Verão, suas inibições somem. Lembra Eliza quando ela era uma mortal? Nem um pouco afetuosa. – Ele tomou um grande gole e suspirou. – Agora ela é muito mais receptiva.

— Aislinn é diferente – Keenan interrompeu, se sentindo furioso ante a idéia de que Aislinn pudesse ser como Eliza, que se unisse às Ninfas do Verão, que esquentasse as camas dos outros elfos. – Eu posso sentir isso. Ela pode ser a Esperada.

Tavish e Niall trocaram um olhar. Eles ouviram a mesma expressão antes, e ele sabia disso.

“Ela poderia ser, pensando bem. Ela poderia ser a Esperada. – Ele caiu no sofá e fechou os olhos. – Eu odeio isso, como esses odiosos jogos são espantosamente importantes. – Eu vou tomar uma ducha. Limpar minha cabeça.

— Relaxa. – com uma expressão solene, Tavish encheu seu copo e entregou a ele – Ela deve ser a Esperada. Uma delas tem que ser. Cedo ou tarde.

— Certo. – Keenan pegou o copo de vinho. “Se não, eu vou passar a eternidade fazendo isso”. – Mande duas garotas. Eu posso usar alguma ajuda para relaxar.

Algumas horas mais tarde Keenan olhou para o relógio na terceira vez em meia hora. Mais duas horas. Essa seria a primeira vez que as pessoas veriam eles juntos, a primeira chance que eles teriam para ver ele falar com a garota que pode ser a Rainha do Verão, a garota que pode mudar tudo. Não importava que pudesse ser outras. Era sempre a mesma coisa: a preciosa bolha de esperança que essa poderia ser sua rainha.

Niall inclinou contra o batente na porta de entrada para o quarto.

— Keenan?

Keenan segurou um par de calças cinza. “Muito formal. – Ele foi para o seu armário. – Jeans. Pretos. Ela vai gostar disso”. Tudo era mais rápido se ele simplesmente usasse o que elas queriam, fazendo umas pequenas mudanças para agir do modo que elas achavam atraente. – Eu preciso jeans pretos, não novo, mas não tão desgastados.

— Certo. – Niall passou a mensagem para uma das Ninfas do Verão. Quando ela saiu, ele entrou no cômodo – Keenan?

— O que? – Keenan achou uma camiseta que ele não lembrava que tinha. Ele puxou uma camiseta azul escura, feita com seda de aranhas do deserto, muito mais bonita. Só podia mudar para melhor.

— O mortal que Aislinn...

— Logo ele heverá desaparecido. – Keenan tirou sua camisa e colocou a nova. Então ele olhou as jóias que as meninas haviam trazido mais cedo. Seria muito conveniente ter um presente em mãos se as coisas iam bem. Mortais ou élfas, as garotas gostavam desse tipo de coisa.

— Eu tenho certeza que ele vai, mas, enquanto isso...

O pequeno coração lhe pareceu muito bonito. “Muito pessoal, muito cedo?” Um sol resplandecente era uma boa opção. Ele colocou esse de lado enquanto olhava o resto.

— Depois dessa noite, o tipo vai estar ocupado com outras coisas.

— Por quê?

— Eu pedi para as garotas para achar alguém para distrair ele. Ele está se pondo no caminho.

Ele pegou o resplandecente sol de ouro. “Vou dar a ela mais tarde, isso vai significar mais para ela se for a Esperada. – Ele deslizou para seu bolso. – Eu fico com o sol.”

Capítulo 16

“Eles se excedem e cometem atos injustos e pecaminosos [...] No caso dos súcubos, que se unem com homens, é abominável e inapropriado.”

A comunidade secreta, Robert Kirk y Andrew Lang (1893)

Seth remexeu o macarrão com ar abstraído. Lançou uma olhadela para Aislinn.

— Você quer me contar o que está acontecendo?

Não disse mais nada, só esperou silencioso e pacientemente. Desde o beijo (a conversa anterior), Seth tinha sido fiel à sua palavra, à espera que ela fizesse o movimento seguinte.

Aislinn se aproximou e o observou, tentando decidir como contar a ele sobre o parque de diversões. Tinha tentado começar essa frase várias vezes desde sua chegada à casa de Seth. Não tinha funcionado. Então, soltou de uma vez:

— Marquei de sair com Keenan esta noite.

Seth não afastou a vista da água que fervia.

— Você vai sair com o Élfio Rei? — perguntou. — O mesmo que está te perseguindo?

— Não é um encontro. — Ela estava bastante perto para tocá-lo, mas não o fez. — Ele me pediu para que o acompanhe a um parque de diversões.

Seth a olhou finalmente.

— Esse cara é perigoso.

Aislinn tomou-lhe a concha da mão e o puxou suavemente pelo braço para que ele se virasse para ela.

— Se não descobro o que ele quer, minha avó irá me tirar a pouca liberdade que ainda me resta. Preciso encontrar uma maneira de fazer com que Keenan me deixe em paz.

Seth tinha a mesma e insólita expressão de pânico de quando soube do que aconteceu com aqueles caras no parque. Assentiu devagar, com se estivesse pensando, processando o que ela lhe dizia.

Aislinn continuou:

— Talvez haja algo que eu possa fazer ou dizer... ou ouvir por acaso.

Encostou-se contra ele, pois precisava de seu conselho, seu apoio. Ela tinha medo, mas não podia se sentar sem mais nem menos esperando que alguém a salvasse. Devia tentar se salvar ela mesma, resolver o problema.

Seth não disse nada, de forma que ela lhe perguntou em silêncio:

— Você tem uma idéia melhor?

— Não. — Ele suspirou e a trouxe mais perto, estreitando-a com força. — Que cara mais inconveniente.

Ela começou a rir para não começar a chorar.

— Você acha?

A água do macarrão começou a subir, assobiando e salpicando⁴⁶. Aislinn pegou a colher de pau e começou a remexer o macarrão. Seth ficou atrás dela, com as mãos sobre seus quadris.

— Depois de jantar, quero provar alguns dos ungüentos daquelas receitas que encontrei, para poder vê-los também.

— Ok. — disse ela e o olhou por cima do ombro.

Ele deu-lhe um ligeiro beijo na bochecha. Foi doce, terno. No entanto, seu seguinte comentário foi qualquer coisa, menos doce:

— Anda, se afaste daí.

— O que?

Ele a empurrou para um lado.

— Não me admira que você coma tanto iogurte. Seus dotes culinários são lamentáveis. — ele resmungou.

Ela riu, agradecida por ele não pegar no pé dela, de que não permitiu que sua confissão estragasse o tempo que ainda restava a eles de estar juntos. Ela deu um leve golpe no braço dele.

— Posso mexer o macarrão. Para isso não se requiere uma habilidade especial.

— A metade acabará grudada no fundo da panela se continuar empenhada em fazê-lo. Vamos. Sai daqui.

Sem deixar de sorrir, Aislinn cedeu seu lugar e foi abrir a pequena geladeira. Dentro havia um pacote de seis garrafas de cerveja artesanal⁴⁷... nada de bebidas baratas para Seth. Mas ele não dividia sua cerveja.

Tudo o que se bebia em sua casa chegava das mãos de seus visitantes; era uma norma restrita. Ela pegou uma.

— Posso?

— Você não costuma beber, Ash — Ele franziu o cenho. — Além do mais, pensei que você queria ter a mente despejada.

Aislinn se refeou antes de contar a ele o quão assustada estava. Ao invés disso, fechou o congelador, ainda com a garrafa na mão.

— Você toma junto comigo?

Com outro olhar de desaprovação, ele passou a ela um prato com pão cortado em rodelas.

— E onde é esse parque?

— No rio. — Deixou o prato na mesa e estendeu a garrafinha para ele.

— Você poderia cancelar... até mesmo adiar, pelo menos até que saibamos mais. — Ele destapou a garrafa, deu um gole e devolveu a ela. — Sabe quantas histórias há sobre pessoas que os élfos levaram? Centenas de anos, Ash, há centenas de anos pessoas estão desaparecendo.

— Eu sei. — Bebeu um gole, olhou para Seth e bebeu outro gole.

Ele lhe tirou a garrafinha e acenou para o pão.

⁴⁶ No sentido de respingar quando a água começou a borbulhar quando ferveu.

⁴⁷ Cerveja artesanal ou a **Microbrew**, mesmo que soa como uma miniatura cerveja, uma microbrew é realmente uma cerveja fabricada em uma pequena cervejaria comercial. A ênfase de uma cerveja artesanal, ou microbrew, é a qualidade do produto e não a sua produção em massa. Estas cervejas são também conhecidas como real ale ou barril.

— Come alguma coisa; depois provaremos umas dessas receitas. – Ele olhou para relógio, enquanto escorria o macarrão. – Preciso poder vê-los para te encontrar se algo der errado.

Depois de jantar, Aisllin ligou para a avó para tranquilizá-la. Garantiu a ela que estava em um lugar seguro.

— Estou com Seth em sua casa. Passarei um tempo aqui...

Não contou a ela que não ia ficar ali e se sentiu culpada, mas a avó já se preocupava demais. Depois de assegurar-lhe algumas coisas mais entre murmúrios (e de se sentir mais culpada ainda), desligou.

“Eu adoraria poder ficar aqui com Seth”, pensou. Com cuidado de não irritar Boomer, se estendeu no sofá e fechou os olhos um minuto.

Seth se inclinou e lhe deu um beijo na testa. Nos últimos dias as coisas tinham sido assim freqüentemente: pequenas carícias, delicados sinais de afeto, para lembrá-lhe o quanto ela importava para ele. Claro, ele continuava flertando até que a tensão resultava excitante.

“E tudo isso é real, não uma artimanha de elfo. Seth é real.” Aislinn não tinha lhe perguntado o que ele queria, não sabia como fazê-lo, mas estava praticamente convencida de que ele não estava procurando por uma aventura passageira.

Abriu os olhos. Durante um momento quase teve a sensação de que a pele de Seth resplandecia. “É só porque estou cansada.” Piscou.

Ele se sentou do outro lado do extremo do sofá e colocou os pés de Aislinn sobre seu colo. Em seguida consultou um maço de receitas.

— Tenho três com chá, um par de ungüentos, algumas tinturas e uma cataplasma. O que você acha?

Ela se levantou e se aproximou.

— Uma cataplasma?

Ele lhe afundou uma mão no cabelo, separou uma longa mecha e começou a enrolá-la em um dedo.

— Se aplica sobre as feridas, como quando se coloca um bife em um olho roxo.

— Ah... argh. – Pegou os papéis e deu uma olhada neles.

“Seth está brincando com meu cabelo.”, pensou com prazer. Ele roçava-lhe a clavícula com a polpa dos dedos; e ela se deu conta de que estava contendo a respiração. “Respire, Ash”, se ordenou.

Soltou o ar pouco a pouco e tentou se concentrar na receita. De alguma maneira, tudo parecia mais importante quando pensava a aonde ela ia essa noite e com quem.

Levantou a folha que estava tentando ler.

— Isso tem que repousar três dias.

— Há algumas assim – Ele pegou o papel com a mão livre, a que não estava traçando círculos em sua pele. – As tinturas devem se macerar entre sete e dez dias. Prepararei um par esta mesma noite, assim que você tiver ido. Só me perguntava se alguma coisa disso te parece... não sei, familiar.

Ela deixou as outras folhas sobre o monte que repousava no colo de Seth e disse:

— Eu nasci assim. Minha avó, minha mãe, isso é o que acontece em minha família: temos alguma coisa nos genes. Como ser baixinho ou qualquer outra coisa.

— Ok. – Seth não olhava para os papéis, mas sim a mão de Aislinn, que tinha ficado pousada em sua coxa. Levantou-se bruscamente e se afastou. – Provemos com um ungüento. Eles parecem mais rápidos.

Ela o seguiu até o balcão da cozinha onde ele havia espalhado as ervas, algumas tigelas, uma faca e uma peça de cerâmica branca com uma espécie de cabo de madeira. Ela pegou o cabo.

— Pilão. – disse Seth.

Aislinn o olhou.

— O que?

— Isso é um pilão. Observe. – Ele colocou as ervas no recipiente branco e estendeu a mão para o pilão.

Ela deu-lhe o pilão, percebendo o quanto ele foi subitamente dando distância dela.

Ele o utilizou para moer as ervas, convertendo-as em um pó grosso.

— Assim. – em seguida devolveu-lhe o pilão. – Erva de São João. Pulverize-a e coloque-a aqui – Ele apontou para uma tigela de cereais vazia.

— Ok. – Aislinn começou a moer aquela planta de estranho aroma.

Ao seu lado, Seth encheu uma panela de água até a metade e a colocou sobre o fogão. Pegou mais duas caçarolas⁴⁸ e as colocou na bancada.

— E sobre o outro dia, sobre nós... – começou Aislinn e o olhou mais nervosa do que esperava.

Ela precisava saber com certeza o que tinha significado para ele, mas tinha medo que ele se sentisse ferido quando perguntasse.

Mas o tom de Seth não foi de ofendido. Ao contrário, também soou nervoso:

— Sim?

— Você vai... não sei, me pedir para sairmos juntos ou algo assim? Ou é só algo irrelevante, encaminhado a...?

— Você me diz o que quer. – Ele tirou a tigela das mãos dela e a trouxe para si, até ficar quadril contra quadril. – Sair para jantar? Ir ao cinema? Um final de semana na praia?

— Um final de semana? Não está indo um pouquinho rápido? – Colocou as mãos no peito dele para manter uma pequena distância entre ambos.

— Não tão rápido como eu desejaria. – Ele se inclinou até que sua boca ficou quase tocando a dela. – Mas eu me contenho.

Ela nem sequer pensou: mordeu-lhe o lábio inferior. E de novo estavam se beijando, lenta e delicadamente, e de algum modo foi mais excitante do que a primeira vez. Em algum ponto entre o momento que tinha contado a ele que ia se encontrar com Keenan e o momento que tinha perguntado em que situação eles se encontravam, a situação tinha mudado.

As mãos de Aislinn encontraram a bainha da camisa de Seth, se deslizaram por baixo até a sua pele e as argolas que decoravam seu busto. Qualquer objeção das que costumava se repetir tinha desaparecido.

“Esta é a linha que não se pode cruzar”, pensou e quase começou a rir.

— Seth? Você está aí? – Alguém sacudiu a maçaneta da porta.

— Seth, nós sabemos que está em casa! – uivou Mitchell, um dos ex de Leslie. Ele chamou de novo, mais forte. – Vamos, abra.

— Os ignore. – sussurrou-lhe Seth no ouvido. – Talvez eles vão embora.

A maçaneta voltou a se agitar.

— Talvez seja melhor assim. – Aislinn retrocedeu se sentindo quase tonta. – Não estamos pensando com muita clareza.

⁴⁸ Panela de ferro ou alumínio, com bordas altas, cabo e tampa.

— Eu não tenho feito outra coisa do que pensar nisso durante meses, Ash... – Colocou-lhe uma mão de cada lado do rosto. – Mas você não tem que dizer mais do que uma palavra e nós pararemos. Você marca a linha. Não vou te pressionar. Nunca.

— Eu sei disso. – Ruborizou-se. Era muito mais fácil ceder à tentação, do que falar a respeito dela. – Mas eu não estou certa de até onde eu quero chegar.

Ele a estreitou com mais força e acariciou-lhe o cabelo.

— Pois então iremos devagar, ok?

— Ok. – Ela moveu a cabeça afirmativamente, se sentindo aliviada e decepcionada ao mesmo tempo. Havia muitos males lá fora para agir com despreocupação, mas ainda assim, se deixar levar sem controle, nem lógica, nem o que deveria ou não fazer... Dizer que aquilo era tentador era um eufemismo⁴⁹.

Seth falou em voz baixa e categórica:

— E sim, eu quero que a gente namore. Com você eu não desejo nada irrelevante.

Aislinn não disse nada, ela não podia.

No exterior, Jimmy berrou:

— Abra a maldita porta, Seth! Aqui faz um frio de arrancar a pele.

Seth ladeou a cabeça de Aislinn para que ela o olhasse.

— Você está me preocupando, Ash. Está tudo bem?

Ela assentiu.

— Ou está pensando em sair correndo de novo? – acrescentou.

O coração de Aislinn começou a bater depressa. Ela se ruborizou.

— Não. Estou pensando justo o contrário.

Ele deslizou-lhe os dedos pela bochecha, se deteve na comissura de sua boca e a olhou nos olhos.

— Sem pressão.

No final ela se apoiou em seu peito, ocultando o rosto.

— Eu preciso pensar. Se vamos namorar... não quero estragar as coisas, o que nós temos.

— Isso não vai acontecer. – Ele engoliu saliva antes de acrescentar: – Mas não há porque se apressar. Eu não vou a nenhuma parte.

Voltaram a chamar na porta, com mais força, até que Seth soltou Aislinn. Deu-lhe as costas para arrumar a roupa e sem seguida a abriu de uma vez.

— O que está acontecendo?

— Porra, cara, aqui fora está frio. – Mitchell o empurrou para entrar.

Jimmy, outro dos garotos que tinham terminado o colegial o ano passado, entrou atrás dele. Três garotas que Aislinn não conhecia o acompanhavam.

Aislinn voltou para a bancada para continuar pinçando ervas. Jimmy se deteve junto à porta e a olhou com um sorriso socarão.

— Hey, olá Ash.

Ela levantou a tigela em modo de silenciosa saudação. Ela tinha os lábios avermelhados e o cabelo bagunçado. Com certeza era evidente que eles tinham interrompido algo.

Era mais fácil centrar sua atenção no unguento do que tratar com os recém chegados. Derrubou as ervas moída em uma tigela vazia, acrescentou mais e continuou moendo.

⁴⁹ Figura de retórica pela qual se suavizam expressões tristes ou desagradáveis empregando outras mais suaves e delicadas.

Jimmy deu uma cotovelada em Seth.

— E o que aconteceu com a regra de “em casa só entram amigos”?

— Ash é uma amiga. – Seth o olhou com os olhos semicerrados. – A única que sempre tem minha porta aberta.

Sem deixar de sorrir com malícia, Jimmy se aproximou da garota e observou o recipiente.

— Bem, isso é muito interessante. O que tem aí? – Levantou a tigela com erva de São João, já moída e cheirou. – Nada que eu já tenha fumado.

Ele era um linguarudo; e Mitchell era ainda pior, especialmente desde que Leslie tinha contado a todos que quisessem ouvi-la que seu ex era péssimo na cama. Ele deixou um pacote de seis cervejas sobre a bancada.

As garotas estavam ao redor de Boomer, contemplando a jibóia sem pestanejar, mas sem se aproximar demais. As três estavam vestidas com roupas que implicava que se congelariam na rua: saia justa e blusa de decote vertiginoso⁵⁰, o tipo de roupas que seriam incomodas mesmo que fosse outono. Aislinn as observou e em seguida se virou para Jimmy, que já se comportava como se estivesse em sua própria casa e estava provando o macarrão.

— Pensei que eu tinha pedido a todo mundo que me deixasse uns dias só para mim. – Seth virou a primeira tigela de ervas moída na água fervendo e colocou em funcionamento um temporizador. – Ash, você pode pegar o azeite de oliva quando tiver acabado com isso?

Ala assentiu.

— Então, uns dias só para você, hein? – Mitchell fez uma careta. – Pois você não parece estar sozinho.

— Nós estávamos. – Seth arqueou uma sobrancelha e apontou para a porta com a cabeça. – E ainda poderíamos estar.

— Lá fora está frio. – Mitchell abriu uma lata de cerveja.

Seth respirou fundo diversas vezes.

— Se vão ficar um tempo, coloquem alguma coisa de música.

— Nós tínhamos pensado que talvez você quisesse sair. – interveio a garota que estava junto com Jimmy.

Outra das garotas (a que não tirava os olhos de Seth) se deslocou para um lado, só um pouco, e Aislinn alcançou ver uns minúsculos chifres saindo entre os cabelos e umas asas elásticas presas às suas costas.

“Como ela entrou aqui e com esse aspecto?”. Só os élfos mais fortes podiam estar rodeados por tal quantidade de aço e manter o sortilégio. Aquela era uma das regras que lhe tinha proporcionado maior consolo ao longo dos anos.

A garota alada avançou para Seth lentamente, como se cada passo requeresse uma grande concentração.

— A verdade é que não podemos ficar muito tempo. Você vem com a gente? Uma banda muito boa vai tocar no Ninho do Corvo. – ela dedicou a Aislinn um sorriso empeçonhado. – Eu convidaria você também, mas desde a batida^{51*} estão sendo muito mais restritos com o tema da idade. Só permitem a entrada de maiores de dezoito, sabe?

Devagar, Aislinn deixou a tigela e foi se colocar diante de Seth, entre ele e a élfia.

— Seth não está disponível.

⁵⁰ Que perturba a mente e a reflexão; que leva rapidamente à explosão das paixões humanas; que arrasta a atos irrefletidos e impetuosos, resumindo: À La biscaté rrsrsr.

⁵¹ Blitz Policial.

Ele colocou-lhe as mãos nos quadris. Fulminando a intrusa com o olhar, Aislinn apoiou as costas contra Seth. “Como ela se atreva a entrar aqui? Quem a enviou?” se ofuscou. A idéia de que Seth fosse vulnerável aos élfos a enfureceu repentinamente.

— Uau, isso sim é divertido. – Afirmou Mitchell.

Assentindo, Jimmy se sentou com a panela de macarrão que tinha sobrado e um garfo.

— Eu aposto por Ash.

A élfia continuou andando em direção à cozinha.

Aislinn esticou um braço para ela

— Acho que você tem que ir.

— Sério? – replicou enrugando o nariz.

— Sim. – Colocou uma mão sobre o pulso da élfia, sem retê-la, somente pousando os dedos ali. Como quando ia à escola, o contato aguçou ainda mais seu dom da visão.

Em seguida a empurrou suavemente.

A élfia crispou o rosto e se desequilibrou. Arqueou as sobrancelhas, enquanto lançava um estranho olhar a Aislinn.

Recuperou-se rapidamente e murmurou:

— Outra noite, então.

— Não tenha ilusões. – Seth rodeou a cintura da garota com um braço.

Jimmy e Mitchell trocaram outro sorriso bobo.

— Cara, você deveria compartilhar seus segredos. – Mitchell se colocou em pé e levantou sua cerveja. Só com um rápido olhar para sua parceira, esta foi correndo para seu lado. – Embora não é que você nunca teve problemas para... – ele limpou a garganta e sua garota deu-lhe um soco no ombro. Ele sorriu de orelha a orelha. – O que eu quero dizer é que, seja o que for que esteja fazendo nosso amigo, – continuou, ladeando a cabeça para a parte de trás do vagão, onde estava o dormitório de Seth – deve funcionar. Ash quase nunca fala assim e agora está disposta a começar uma briga por ele.

A élfia não tinha se movido. Deslizava os dedos pelo decote lentamente.

— Você iria se divertir. Muito mais do que aqui.

Aislinn se separou de Seth. Fechou os dedos sobre o pulso da garota e a puxou para a porta. Para uma élfia tão forte, era incrivelmente fácil arrastá-la. “Talvez esteja fraca por todo esse aço” pensou.

— Vá. – Abriu a porta e empurrou a élfia para frente. – Fique fora.

Todos os élfos do exterior contemplaram a cena. Muitos deles riram com regozijo. A garota enredadeira vestida com traje negro estava outra vez ali. Ela levantou a vista de seus animais selvagens de papiroflexia, que agora andavam ao seu redor como se estivessem vivos.

— Eu já tinha te advertido, Cerise – disse e continuou dobrando as folhas. – Esta estratégia não serve se eles já estão apaixonados.

— Fique longe dele – alfinetou Aislinn à élfia.

— Por esta noite. – Olhou para o interior do vagão, enquanto suas asas se abriam e fechavam em suas costas, muito devagar, como uma mariposa em repouso. – Mas, sério, acho que ele poderia ter algo muito melhor.

“Élfos desgraçados”. Aislinn abriu a boca para dizer mais alguma coisa.

— Não estou interessado. – respondeu Seth a gritos atrás dela.

— Puta. – resmungou uma das garotas ao passar junto a Aislinn. Saiu pisando duro, como se tivesse o direito de se sentir ofendida. – Não tinha porque expulsá-la assim. Só estava paquerando.

- Os caras não gostam de garotas que se jogam – esclareceu a outra. – Eles gostam das damas.

Na porta, Jimmy se deteve e disse de maneira deliberadamente inexpressiva:

— Sim. Não é algo que nos excite demais. – E soltou uma gargalhada. – Ash, quando se cansar de Seth...

— Cala a boca – Mitchell deu-lhe um empurrão.

Invisíveis para todo mundo, exceto para os elfos e Aislinn, vários seres élficos do grupo em constante troca saíram disparados.

Aislinn fechou a porta e se recostou contra ela. Seth já estava de novo com a malcheirosa mistura, mexendo-a.

— Tendo em conta que você não parece ciumenta, imagino que essa garota é uma élfica.

— Com asas e tudo. – Se aproximou, puxou-o para que se agachasse e o beijou. – Mas pode ser que eu seja um pouco mais ciumenta do que você supunha.

Ele sorriu.

— Por mim tudo bem. – Ele deixou a colher e seguiu Aislinn até a bancada. – Achei que eles não gostavam de aço.

— E não gostam. Por isso ela queria te tirar daqui. Ela era forte o suficiente para entrar, mas não para ficar muito tempo. Nem sequer podia manter bem o seu sortilégio. – Pegou outro punhado de ervas para moê-las – Me faça um favor?

— O que você quiser.

— Fique em casa esta noite. – Ela retirou alguns talos grossos demais. Olhou para a porta, que de repente tinha se tornado uma barreira muito fraca contra o crescente número de elfos do exterior.

— Eu poderia te pedir o mesmo. – murmurou Seth e a abraçou.

Aislinn fechou os olhos e apoiou a bochecha em seu peito.

— Se eu não encontrar respostas logo, minha avó irá me tirar do instituto. Não posso continuar desviando sua atenção por muito mais tempo e não quero mentir para ela e dizer que os elfos foram embora.

— Eu poderia ir com você.

— Keenan não me dirá nada se eu te levar comigo. Preciso que ele pense que eu acredito nele. – Ela se colocou nas pontas dos pés para beijá-lo e em seguida acrescentou: – Se não funcionar, tentaremos outra coisa.

Seth parecia preocupado, inclusive assustado... coisas que ela não queria ver, coisas que não queria que ele sentisse... mas no final assentiu.

— Tenha muito cuidado, ok? – advertiu-lhe ele.

— Farei tudo o que puder...

Porque se não, lhe tirariam tudo: o instituto, os amigos, Seth, tudo. Keenan tinha que deixar escapar algo. Os elfos tinham que dizer algo que a ajudasse a resolver como se livrar de Keenan. Eles tinham simplesmente tinham que fazê-lo.

Capítulo 17

“Quando eles pegarem você, e você provar de suas comidas... Você não poderá voltar. Você estará mudado... E viverá com eles para sempre.”

Afé élfica nos países celtas, WY Evans-Wentz (1911).

Nessa hora depois Aislinn caminhava pela Rua Seis, se sentindo mais apreensiva a cada passo. E pensar na élfia entrando na casa de Seth não a fazia se sentir nem um pouco melhor. “E se eu não estivesse lá? Eles o teriam machucado?”

Ela não queria ter deixado Seth, ou ir se encontrar com Keenan, ou lidar com aquele desastre, mas precisava de respostas.

E Keenan as tinha.

Ele estava parado na entrada do parque com um aspecto tão normal que era difícil lembrar que ele era um élfio, e não somente um élfio cortesão, mas um rei. Ele avançou como se fosse abraçá-la.

— Aislinn.

Ela voltou alguns passos, se desviando dele facilmente.

— Estou tão feliz por você ter vindo. Keenan pareceu extremamente sério.

Por não saber o que falar ela deu de ombros.

— Podemos entrar? – Ele estendeu seu braço, como se eles estivessem em algum baile formal, ou algo assim.

— Claro. – Ela ignorou seu braço. E sua careta. Quando ela o seguia em direção pelos labirintos de estandes que pareciam ter brotado ali, da noite para o dia.

Pessoas sorriam ao redor, em uma impossível multidão. Famílias e casais brincavam em jogos por todos os lados. Muitos deles carregando uma bebida com um doce aroma, algum tipo de líquido dourado e denso.

— Você está muito... – Ele a olhou, sorrindo aquele sorriso não humano. – Eu estou apenas honrado por você ter se juntado a mim.

Aislinn assentiu, como se ele estivesse fazendo sentido. Ele não estava. “Isso é ridículo.” Seus comentários excessivamente ansiosos a deixavam cada vez mais incomoda.

Ao seu lado um grupo de garotas tentava jogar minúsculas bolas de plástico em bandejas com copos. Sobre suas cabeças as luzes da roda gigante reluziam. Pessoas riam e ficavam próximas quando passavam.

Então Keenan pegou a mão de Aislinn, e de repente sua visão estava tão clara que ela engasgou. Para todos os lugares que ela olhava, um disfarce desaparecia. Os trabalhadores nos estandes, os empregados do parque, nos brinquedos... Eram todos élfos. Todos do parque e alguns convidados eram élfos.

“Oh Meu Deus.” Ela nunca vira uma quantidade tão grande de élfos. Para todos os lugares que ela olhava élfos disfarçados a olhavam e sorriam amigáveis e alegres. “Por que há tantos élfos camuflados como humanos”

Alguns humanos de verdade sorriam, brincando em jogos manipulados, e andando em cavalos raquíticos, mas os élfos não olhavam para eles. Ela era a única para quem eles olhavam.

Keenan acenou para um grupo de élfos que o havia chamado.

— São velhos amigos. Você quer conhecê-los?

— Não. – Ela mordeu seu lábio e olhou ao redor, sentindo seu peito se apertando.

Ele amarrou a cara.

— Agora não. – Ela forçou um sorriso, torcendo para que ele achasse que seu nervosismo fosse apenas acanhamento. “Controle”. Ela respirou fundo e tentou soar amigável. – Eu achei que iríamos nos conhecer melhor.

— Certo. – Ele sorriu como se ela lhe houvesse dado algum presente maravilhoso. – O que eu posso te contar?

— Ummm, que tal sobre a tua família? – Aislinn tropeçou, seus pés instáveis, como sua respiração.

— Eu moro com meus tios. – Ele disse enquanto ele a guiava para frente, passando por um grupo de élfos que (até a poucos momentos atrás) se pareciam com qualquer um que freqüentasse a escola Bispo O.C.

Vários élfos apontavam para ela, mas nenhum deles se aproximava. Na verdade, os outros se afastavam do caminho de Keenan enquanto ele a guiava em direção às fileiras de cabines onde os élfos disfarçados comandavam os jogos.

— Com os teus tios? – Ela repetiu, sentindo muita dúvida se o que estava por vir era uma boa idéia. Ela puxou sua mão a libertando. – Certo, os caras que foram até a escola. “Élfos. Como quase todos aqui.” Ela se sentiu tonta. Ela tentou novamente. – E os seus pais?

— Meu pai morreu antes de eu nascer... – Ele parou, não parecendo triste, mas irado. – mas tudo o que sou eu devo a ele.

“Élfos podiam morrer?” ela não estava certa em como responder a esse estranho comentário, então ela simplesmente disse:

— Minha mãe se foi também. Morreu no parto.

— Sinto muito. – Ele pegou suas mãos novamente e as apertou de forma carinhosa, e entrelaçou seus dedos nos dela. – Tenho certeza de que ela era uma boa mulher. E ela deve ter sido encantadora para ser a tua mãe.

— Não me pareço muito com ela.

Aislinn engoliu com dificuldade. Tudo o que ela tinha eram fotos. Nas fotos que a avó tinha pela casa, sua mãe sempre pareceu assustada, como se ela não fosse capaz de lidar com o que podia ver. A avó nunca falava sobre o último ano da mãe, e era como se ele não estivesse existido.

— E quanto ao seu pai? Ele é um bom homem? – Ele parou, segurando a mão dela enquanto eles ficavam parados, cercados por élfos, falando sobre suas famílias.

Se ela não fosse capaz de ver os olhos com formatos diferentes, e os sorrisos estranhos dos élfos que estavam escutando, tudo poderia parecer muito normal. Mas não era.

Ela começou a caminhar para longe, indo em direção à uma das tendas onde eles estavam vendendo uma daquelas bebidas doces e perfumadas.

— Aislinn?

Ela estremeceu mais confortável em falar sobre um pai que ela nunca conheceu, do que da mãe que lhe dera a visão.

— Quem sabe? – minha avó não sabe quem ele é, e minha mãe não esta aqui para nos dizer.

— Pelo menos você tem sua avó. – Ele levantou sua mão livre e tocou no queixo dela. – Estou feliz que você teve isso, uma tutora carinhosa.

Ela começou a responder, mas viu que se dirigiam para eles o Cara Pontaguda e cerca de seis dos outros élfos que gostavam de aparecer no Shooters, humilhando os clientes, e a perseguindo na sala de bilhar com sua presença. Ela parou incapaz de se mover, anos de instinto superando a lógica.

— Aislinn? O que há de errado? – Ele se moveu para frente dela, bloqueando a visão dela de tudo e todos, menos dele. – Eu ofendi você?

— Não, eu apenas... – Ela lhe ofereceu o que esperou ser um sorriso convincente e mentiu. – estou com frio.

Ele tirou sua jaqueta e a colocou ao redor dos ombros dela gentilmente.

— O que acha disso?

— Melhor.

E realmente estava. Se ele fosse o que pretendia ser, gentil e considerado, ela até poderia se sentir mal por lhe dar falsas esperanças.

Mas ele não era. Keenan não era real em absoluto.

— Vamos. Por aqui sempre tem jogos interessantes. – Ele voltou a pegar a mão de Aislinn, e a visão dela voltou a se aguçar.

Eles viram uma mulher que anunciava a gritos:

— Acerte três dardos para ganhar o prêmio!

Uma trança grossa se estendia até seus joelhos. Seu rosto era como um anjo em uma pintura antiga, inocência com uma centelha de perigo em seus olhos. Apesar das patas de cabra que apareciam por debaixo de sua saia, a mulher era linda, mas ninguém se aproximava.

Ao lado, uma fila de élfos e humanos aguardavam. Élfos que Aislinn havia visto pela cidade se misturavam com élfos que nunca poderia imaginar existirem: asas e peles cheias de espinhos e todos os modelos de roupas. Era demais para assimilar.

Aislinn parou sobrecarregada pelo enorme numero e variedade de élfos ao seu redor.

— As leitoras da sorte daqui sempre dão um grande espetáculo.

Keenan puxou a aba da tenda para trás para que ela pudesse olhar para dentro. Havia três mulheres com olhos brancos, e languidos, atrás delas uma fileira de estátuas, como gárgulas sem asas, inesperadamente musculosas. “E estão vivas”. Seus olhos vagavam ao redor da tenda, como se eles estivessem tentando encontrar alguém para responder uma pergunta que não fora feita.

Todos os élfos saíram do caminho, e Keenan a levou para a parte da frente da tenda.

Ela caminhou para mais perto de uma das estátuas. Aquilo parecia ter os olhos arregalados, quase como se estivesse com medo que ela esticasse a mão.

Uma das mulheres se adiantou e segurou a mão de Aislinn.

— Não.

As mulheres falaram ao mesmo tempo, não para ela ou Keenan, mas suavemente, como se para elas mesmas, em um sussurrar sibilante.

— Ele é nosso. Foi uma troca justa. Você não deve interferir.

A mulher que segurava a mão de Aislinn, piscou para ela.

— Bem, então irmãs? O que podemos dizer?

Aislinn tentou se soltar, mas a mulher a segurou com firmeza.

— Então você é a nova bem amada desse jovem... – A vidente olhou para Keenan com seus olhos aparentemente cegos.

Atrás delas, élfos chegavam mais perto, brigando e tagarelando.

A velha olhou para Keenan de uma forma penetrante (seus olhos brancos reluziam) e disse:

— Esta garota é diferente das outras, querido. Ela é especial.

— Isso eu já sei, mães. – Keenan passou um braço pela cintura de Aislinn, meio que a abraçando, como se tivesse direito de fazê-lo.

“Mas ele não tem”.

Aislinn retrocedeu tanto quanto pode da mulher que segurava sua mão.

As três videntes suspiraram ao mesmo tempo.

— Tem caráter, não é?

Aquela que ainda segurava o braço de Aislinn perguntou para Keenan.

— Devo lhe dizer o quão diferente ela é? O quão especial essa será?

Todos os élfos pararam de falar de repente. Todos estavam a observando abertamente, transfixados e alegres, como se um grande acidente houvesse acontecido na frente deles.

— Não. – Aislinn libertou sua mão e agarrou o braço de Keenan.

Ele não se moveu.

— Especial como eu sonhei? – Keenan perguntou à mulher cega, sua voz podia chegar claramente aos élfos que estavam escutando.

— Você não conhecerá nenhuma tão excepcional quanto essa. – As três mulheres assentiram estranhamente em sincronia uma com a outra, como três corpos com uma única mente.

Sorrindo, Keenan jogou um punhado de moedas de bronze para as mulheres, que havidamente as pegaram no ar, suas mãos se movendo, descrevendo arcos idênticos ao mesmo tempo.

“Preciso sair daqui. Agora.”

Mas ela não podia correr. Se não fosse por sua capacidade de vê-los, não teria nenhuma razão para reagir tão bruscamente. As mulheres não eram mais estranhas do que a maioria das videntes de parques. “Não se exponha. Lembre-se das regras”. Ela não podia entrar em pânico. Seu coração ainda batia loucamente, seu peito parecia apertado, como se ela não pudesse respirar. “Se mantenha firme. Preciso me concentrar.” Ela precisa sair dali, de afastar dos élfos, e voltar para Seth. Ela não deveria ter ido. Ela tinha a impressão de ter se metido em uma armadilha.

Ela se afastou das mulheres e puxou Keenan pelo braço.

— Vamos buscar uma bebida. Vamos.

Ele a puxou para mais perto dele e foi com ela até a porta, passando a multidão de élfos, que sussurravam.

— Ela é a Esperada...

— Você ouviu?...

— Envie a mensagem...

— Beira vai ficar furiosa...

À medida que a noite caía, élfos que Keenan não havia visto em anos, chegaram ao parque. “É uma boa audiência... Inclusive com as harpias por aqui espionando para

Beira.” Emissários de outras Cortes Élficas haviam chegado, alguns pela primeira vez em séculos. “Eles sabem.”

— Keenan? – Um dos guardas da casa de Donia veio em sua direção e se curvou.

Keenan balançou a cabeça. Ele girou Aislinn e a segurou em um abraço solto, pouco elegante, mas ainda assim eficaz. Ela brilhou ligeiramente no escuro, a luz do sol em seu corpo em mudança já a completando. Algumas vezes era dessa forma. A mudança aparece tão rapidamente que as garotas começam a suspeitar. Fazia sentido que em sua rainha, (por que certamente Aislinn não poderia ser outra coisa) a mudança seria ainda mais rápida.

Atrás de Aislinn um homem de sorveira disfarçado em seu sortilégio mortal interceptou o guarda de Donia.

— O que? – Aislinn começou, olhando para Keenan, seus olhos dilatados e lábios separados, como se ela esperasse por um beijo.

“Muito cedo para isso”. Mas ele se aproximou dela, segurando-a em seus braços como se estivessem em um baile. “Celebraremos um baile, mostraremos o esplendor de nossa Corte assim que suba ao trono.”

Olhando por cima do ombro de Aislinn, onde o homem de sorveira havia parado o guarda de Donia, Keenan disse:

— Eu não quero que nada estrague esta noite. Se o mundo terminar hoje à noite eu não quero saber.

E era verdade. Ele tinha sua rainha nos braços, depois de séculos de procura, ela estava finalmente em seus braços. As Eolas haviam profetizado isso.

Ele inclinou a cabeça e sussurrou:

— Dance comigo.

Aislinn balançou a cabeça, com algo muito próximo ao medo em seus olhos.

— Não há lugar, nem música.

Keenan a girou desejando que ela estivesse com uma saia apropriada, sentindo falta da oscilação da seda e o sussurrar dos saiotes.

— Claro que tem.

Nada ficou no caminho. Nada se interferiu.

Ao invés disso a multidão se movia ao redor, se separando para abrir uma clareira, para que ele pudesse ter espaço para ter sua primeira dança com sua rainha.

Na extremidade do rio, ele viu seus élfos estivais, (“Agora são nossos élfos estivais” desaparecendo da vista ao se despojarem dos sortilégios para se juntarem a eles na dança. Logo Aislinn e ele seriam capazes de protegê-los, tomar conta deles, como um verdadeiro rei do verão deveria.

— Você não pode mesmo escutar a música?

Ele a conduziu para perto de um grupo de élfos do pântano, que não haviam se incomodado de se desfazer de seus sortilégios, mas haviam se juntado a dança. Sua pele marrom reluzia luminosa com a luz que ficava presa próxima a superfície, parecendo primos a muito distâtes das Selkies, as focas humanas. Várias das Ninfas do Verão haviam começado a dar voltas ali, formando um emaranhado de saias e cabelos, compridos.

Com uma mão na parte inferior das costas de Aislinn, e a outra segurando sua mão pequena, ele a guiou através multidão de élfos que dançavam invisíveis. Com a boca próxima a sua orelha ele sussurrou:

— Risos, o fluxo de água, o suave sussurro do tráfego, o zumbido dos insetos. Você pode ouvi-los, Aislinn? Apenas escute.

— Eu tenho que ir embora. – O cabelo dela açoitou o rosto de Keenan quando ele a fez dar uma volta completa para ficar mais perto do que antes. Ela soou aterrorizada ao acrescentar: – Vamos.

Ele parou.

— Dance comigo, Aislinn. Eu posso escutar música o suficiente por nós dois.

— Por quê? – Ela estava parada e rígida nos braços dele, olhando ao redor, olhando para rostos escondidas sob máscaras mortais. – Me diga por que. O que você quer?

— Você. Passei minha vida esperando por você. – Ele parou, olhando para a alegria nas caras das criaturas do verão, aqueles que vinham sofrendo sobre o reinado de Beira há tanto tempo. – Me dê esta dança, esta noite. Se estiver em meu poder, lhe darei o que quiser em retorno.

— Qualquer coisa que eu pedir? – Ela repetiu sem acreditar. Depois de todas as preocupações, das pesquisas, do medo, ele lhe oferecera uma saída em troca de uma simples dança. “Poderá ser assim tão fácil?” Uma dança e ela poderia partir, fugir dali, para longe de todos eles. Mas se existe verdade nas histórias, élfos somente ofereciam negócios que os beneficiavam.

— Me dê sua palavra. – Ela retrocedeu um passo para que pudesse olhar para ele nos olhos. Uma tarefa impossível estando tão perto.

Ele sorriu um sorriso de abalar a terra, e as palavras prenderam na garganta de Aislinn. Ela estremeceu, mas não se moveu.

— Me prometa isso em frente a todas estas testemunhas. – Ela fez um gesto em direção à multidão. Eles eram na maioria élfos, mas alguns humanos estavam parados assistindo, sem saber de que espetáculo se tratava, mas observando de qualquer maneira.

Os élfos (os invisíveis e os que estavam usando seus sortilégios) se espantaram e murmuravam.

— Ela é esperta...

— Conseguir a palavra de um rei sem saber o que ele é e quem ele é.

— Ele irá lhe dar a palavra?

— Ela será uma rainha maravilhosa.

Então Keenan levantou sua voz para que todos o escutassem.

— Wm frente de todos ao nosso redor, eu lhe dou minha palavra de honra, Aislinn: tudo o que você pedir de mim, que eu possa lhe ofertar será seu. – Ele se abaixou em um joelho e completou. – e deste dia em diante, seus desejos serão como meus desde que eu seja capaz de realizá-los.

O murmúrio entre os élfos aumentou, retumbando juntos como uma música descoordenada.

— E se ela não for a Esperada?

— Como ele pode ser tão tolo?

— Mas as Eolas falaram...

Ainda ajoelhado Keenan levantou sua cabeça para ela, sua mão estendida. Seus olhos brilhavam perigosamente quando ele olhou para cima e perguntou:

— Você vai dançar comigo agora? Apenas pegue minha mão Aislinn.

Tudo o que ela tinha que fazer era dançar com ele. Aproveitar a festa dos élfos apenas por aquela noite. E ela poderia pedir que ele a deixasse em paz. Era um preço pequeno para um prêmio tão grande. E ele nem precisaria saber que ela sabia o que ele era, ele nunca saberia sobre sua visão.

— Eu vou. — Ela deslizou sua mão na dele, leve de alívio. Logo tudo estaria acabado.

A multidão aplaudiu e riu, criando tanto alvoroço que ela riu também. Talvez eles não estivessem comemorando pela mesma razão, mas isso não importava. Eles ecoavam sua alegria.

Uma das garotas sorridentes com enredadeiras ao redor de seus braços a alcançou um copo de plástico cheio com o líquido dourado e doce que a maioria parecia estar bebendo.

— Beba para celebrar.

Aislinn pegou o copo e bebeu. Era incrível, uma mistura inebriante de coisas que não deveriam ter sabor. Luz do sol engarrafada, e açucarada, tardes preguiçosas e pôr-do-sol, brisas quentes e promessas perigosas. Ela bebeu tudo.

Keenan pegou o copo de sua mão.

— Me concede minha dança?

Ela lambeu o resto do líquido em seus lábios (como bala quente) e sorriu. Seus pés estavam estranhamente instáveis.

— Será um prazer.

Então ele a guiou pela multidão, girando-a em danças antigas e novas, de uma valsa estilizada, aos movimentos modernos sem nenhum tipo de coreografia.

Em algum lugar em sua mente, ela sabia que algo estava errado, mas quando ele a guiava pela dança, ela não podia se lembrar o que. Eles riram, beberam e dançaram até que Aislinn já não se importava com o que a havia deixando preocupada.

Finalmente ela colocou sua mão no punho de Keenan e falou.

— Chega, eu preciso parar.

Ele a pegou nos braços e a segurando sentou em uma cadeira com encosto alto encravada com sois e videiras.

— Nada de parar, apenas uma pausa.

“De onde a cadeira veio?” Ao redor deles os élfos dançavam e riam. “Eu devo ir”. Quase todos os humanos haviam ido para casa. Até mesmo as garotas esqueletos (as irmãs Scrimshaw) estavam dançando. Grupos de Ninfas do Verão dançavam, girando rápido demais para serem confundidas com humanos.

— Eu preciso de outra bebida. Sentada no colo de Keenan, Aislinn deitou a cabeça em seu ombro, respirando com dificuldade. Quanto mais ela tentava fazer sentindo dos fleches de ansiedade, menos claros eles ficavam.

— Mais vinho do estival! Keenan pediu, rindo quando vários garotos-leões tropeçaram entre si ao levarem os copos. — Minha dama deseja vinho, e vinho ela terá.

Ela tomou uma taça e a girou entre as mãos. Delicadas volutas talhadas no cristal molduravam a imagem de um casal que dançavam sob a brilhante luz do sol. Com o vinho, as cores descreviavam espirais e variavam, como se dentro da taça chamejasse uma minúscula aurora.

— Onde foram parar os copos de plástico?

Ele beijou seu cabelo e riu.

— Objetos bonitos, para uma dama bonita.

— Tanto faz. — Ela deu de ombros e bebeu outro longo gole.

Com um braço seguro ao redor da cintura dela, uma mão entre os ombros dela, Keenan a colocou no chão.

— Vvamos dar outro passeio pelo parque?

O cabelo de Aislinn caiu na grama úmida de orvalho quando ela olhou para ele, o Élfo Rey que a segurava em seus braços. E se maravilhou de estar se divertindo tanto.

Ele a puxou para cima e sussurrou.

— Dance comigo, Aislinn, meu amor.

As pernas dela doíam, e sua cabeça dava voltas. Ela não havia se divertido assim desde... “Nunca”.

— Com certeza.

Em toda a parte élfos riam, dançando de maneira graciosa, selvagem e algumas vezes chocante. Mais cedo eles pareciam sedados como casais em filmes antigos em preto e branco, mas com o avançar da noite, aquilo havia mudado. “Quando somente haviam sobrado os élfos”.

Keenan a balançou em seu abraço e beijou seu pescoço.

— Eu poderia passar a eternidade fazendo isso.

— Não. – Ela o empurrou para longe. – sem beijos, não...

Então eles estavam se movendo novamente. O mundo girava em um borrão de rostos estranhos perdidos em uma nuvem de música. Os corredores do parque cobertos de serragem estavam escondidos nas sombras, as luzes dos brinquedos estavam apagadas.

Mas o amanhecer estava chegando, a luz estava se espalhando pelo céu. “Por quanto tempo nós dançamos?”

— Eu preciso me sentar. De verdade.

— Qualquer coisa que a minha dama quiser. Keenan a levantou nos braços novamente. Ele a pegar no colo já deixara de parecer estranho vários drinks atrás.

Um dos homens com pele que parecia uma casca de árvore estendeu um cobertor perto da água. Outro colocou uma cesta de pic nic.

– Bom dia Keenan, minha senhora.

Então com uma reverência ele partiu.

Keenan abriu a cesta e pegou outra garrafa de vinho, como também queijos e frutas estranhas.

— Nosso primeiro café da manhã.

“Definitivamente isso não é comida de parque. Opa... comida élfica.” Ela sufocou uma risada. Então olhou para cima. Atrás dele o parque havia desaparecido. Como se ele nunca estivesse lá, todos os élfos haviam desaparecido. Eram apenas os dois.

— Para onde todos foram?

Keenan encheu novamente o copo, com o mesmo líquido que parecia o amanhecer.

— Estamos apenas nós dois. Mais tarde, depois de ter descansado, vamos conversar. Depois poderemos dançar todas as noites se você quiser. Viajar. Agora tudo vai ser diferente.

Ela nem ao menos podia ver os élfos que costumavam vagar perto do rio. Eles realmente estavam sozinhos.

— Posso te fazer uma pergunta, Keenan?

— Claro. – Ele segurou o pedaço de uma fruta nos lábios dela. – morda.

Aislinn se inclinou quase perdendo o equilíbrio, mas não mordeu a fruta estranha.

Ao invés disso, ela sussurrou.

— Por que os outros élfos não brilham como você?

Keenan baixou a mão.

— Os outros, o que?

— Élfos. – Ela fez um gesto ao redor, mas o local estava vazio tanto de élfos quanto de humanos. Ela fechou os olhos para tentar fazer o mundo parar de girar tão loucamente e sussurrou. – Você sabe, seres élficos como aqueles que estavam dançando conosco toda a noite, como você e Donia.

— Seres élficos? – Ele murmurou. Seu cabelo cor de cobre brilhava com a luz que estava aparecendo no céu.

— Sim. – Ela deitou no chão. – Como você.

E pareceu que ele disse: – “e logo, como você...” Mas ela não tinha certeza. Tudo estava desfocado.

Ele se curvou sobre ela onde ela estava deitada no chão. Seus lábios roçando nos dela, com gosto de luz do sol e açúcar. O cabelo dele caindo sobre o rosto dela.

“É macio, nem um pouco parecido com metal.”

Ela pretendia pedir para parar, dizer para ele que ela estava tonta, mas, antes que ela pudesse falar, tudo ficou escuro.

Capítulo 18

“Eles não estão sujeitos a ferida ou doenças, mas sim diminuindo e decaindo em um determinado período de tempo [...] Alguns dizem que sua contínua Tristeza é devido ao seu estado oscilante.”

A comunidade secreta, Robert Kirk e Andrew Lang (1893).

Do na manhã seguinte, Donia acordou no chão, o corpo de Sasha entre ela e a porta. Ninguém trouxe mensagens do Keenan. Nenhum guarda bateu em sua porta.

— Ele esta me ignorando? – ela sussurrou para Sasha.

O lobo colocou suas orelhas para trás e ganiu.

— Quando eu realmente posso saudar sua presença, ele não esta aqui. – Ela não iria chorar, pensando bem, não por ele. Ela já tinha chorado o suficiente ao longo dos anos. Ela havia esperado que, ao se inteirar sobre a morte da Agatha, viria exigindo que ela aceitasse sua ajuda. Ela não poderia, mas seria mais fácil, seguro, do que ela estava agora.

— Venha Sasha. – Ela abriu a porta e mencionou para Evan chegar mais perto. “Pelo menos ele está aqui esperando.”

O homem de sorveira se juntou a ela, mantendo uma respeitável distância, ficando em pé na frente da varanda até que Donia disse:

— Entre.

Ela não esperou para ver se ele a seguia. A idéia de convidar um dos guardas de Keenan para dentro de sua casa, mesmo Evan, cuja presença tinha sido constante nas últimas décadas, a perturbava.

Gesticulando ao banco mais afastado dela, ela perguntou:

— Keenan já sabe sobre Agatha?

— Ele não estava quando Skelley chegou ao loft. Um dos outros foi ao parque busca-lo. – Evan limpou sua garganta, mas seu olhar era negro – Ele estava muito ocupado com a nova rainha.

Ela acenou. “Então é realmente ela”. Beira deveria estar furiosa, uma força para ter medo.

Fazia tanto tempo que Donia não sentia o autêntico medo. Entre Keenan e Beira, ela era mimada, mais segura do que qualquer elfo ou mortal.

— Eu iria perguntar para você deixar alguns guardas chegarem mais perto – Evan ficou de joelho, mostrando um respeito que o tipo dele raramente oferece a qualquer elfo que Keenan. – Deixe-me ficar aqui com você.

— Está bem – Ela murmurou, ignorando seu breve olhar de choque e a irritação dela. “Eu posso ser razoável”. Então ela disse às palavras que ela nunca disse para

qualquer guarda de Keenan? –Fale para Keenan que eu preciso que ele venha aqui. Agora mesmo.

Não demorou muito para Skelley chamar Keenan, não demorou o suficiente para Donia se preparar para a dor e ver ele em sua casa. Quando Evan chegou com Keenan, ela permaneceu em sua cadeira de balanço, enrolada em si mesma, braços dobrados firmemente sobre ela no peito, com os pés escondidos em baixo dela. Antes que Evan tivesse fechado a porta atrás dele, voltando para os guardas lá fora, Keenan atravessou a sala, ficando ao lado dela.

Sasha chegou mais perto, pressionando seu corpo no dela, tentando acalmar ela. Donia distraidamente afagou sua cabeça. Ela olhou para Keenan e disse:

— Eu não tinha certeza se você viria.

Em uma estranha imitação da posição de Sasha, Keenan sentou no chão.

— Eu tenho esperado décadas para você me querer por perto, Don, implorei para estar em sua presença.

— Isso foi antes dela. – Ela se sentiu tola por isso, por mais que ela queria que Aislinn pegasse o cetro, ela estava com ciúmes. Aislinn era a Esperada; Ela iria passar a eternidade com Keenan. – As coisas são diferentes agora. – Donia tentou manter todas as suas emoções fora da sua voz, mas ela falhou.

— Eu sempre vou vim quando você me quiser. Quantas vezes eu te disse isso? – Ele sussurrou, suas palavras carregando aquela quente respiração do verão. –Isso não vai mudar. Nunca.

Ela pulou, colocando sua mão em cima de seus lábios antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. Uma fina camada de gelo se formou onde ela o tocou, mas ele não reclamou.

“Ele nunca reclama”. Ela não tirou a mão, mesmo que sua respiração a queimava. — Eu escutei notícias do parque... que ela é a Esperada.

Quando Evan contou para ela, ela quase chorou, imaginando a eternidade na sua dor, sozinha, assistindo eles dançarem e rirem. “A não ser que Beira me mate”.

— Don... – Seus lábios se moveram contra os dedos dela, gentis mesmo que eles a machucassem, parecido com as palavras que ele iria dizer se ela não o parasse. Onde não haveria testemunhas, ele iria ser a pessoa que ele foi antes dela descobrir que ele era um rei, a pessoa por quem ela se apaixonou. Isso era o porquê dela evitar ficar sozinha com ele.

— Não. – Ela disse, não queria o lado gentil dele, não agora. Hoje ela precisava que ele fosse o Rei do Verão, deixando de lado a pessoa que ele poderia ser sem a coroa. Ela precisava que ele fosse arrogante e seguro, capaz de fazer o que era preciso fazer.

Vapor passou pela sua mão quando ele exalou, sopro do verão derretendo seu gelo.

Às vezes, em segredo, em sonhos que ela nunca iria dizer a ele, ela pensava o que teria acontecido se o seu gelo e sol dele realmente se chocassem, se eles se tocassem como eles se tocaram na poucas semanas antes dela virar a Dama do Inverno, quando ele estava fingindo ser um mortal para ela. Ela iria derreter? Queimar?

Ela tremeu excitada pelo pensamento, e sentiu frio crescer dentro dela como suas emoções regiam como uma nevasca. Se ela não ficasse calma, ela teria que deixar aquele horrível frio sair.

— Beira esteve aqui ontem à noite. Você precisa saber o que ela está fazendo.

Ele acenou, com cansaço em seu rosto, enquanto ela contava pra ele quase tudo, sobre a visita da Beira quando Aislinn foi escolhida, sobre o ataque que a Aislinn sofreu fora da biblioteca, sobre ela acreditar que o ataque foi culpa de Beira, sobre a morte da Agatha, sobre as ameaças de Beira, sobre sua insistência que a Aislinn não pegasse o cetro.

Ela apertou suas mãos tão apertadas que gelo formou nas pontas de suas unhas. “Agora vem a parte difícil”.

— Vamos. — Ele olhou para cima, para Sasha, então passou pelo lobo para as pequenas lembranças com as outras Damas do Inverno. — Os guardas vão trazer suas coisas. Podemos transformar estúdio em uma sala particular e...

— Keenan — ela interrompeu antes que ela pudesse pensar em aceitar.

Ele veria a lógica do que precisava ser feito se ele pensasse claramente; ela precisava assegurar que ele faria. Ela abriu a mão dela. Gelo caiu e quebrou em seu pé. — Eu não vou para lugar nenhum.

— Você não pode ficar aqui. Se alguma coisa acontecer com você — ele curvou a cabeça, deixando sua testa descansar no seu joelho — por favor, Don, vem comigo.

“Onde está o Rei do Verão?” Mas não era o rei que colocou sua cabeça no seu colo, implorando. Ela não moveu para longe. Queimou ela, congelou ele, mas ela ficou parada.

— Eu não posso ir com você. Não é o meu lugar. Eu não sou quem você está procurando.

Ele olhou para ela, um feio machucado de gelo se formando onde a pele dele tocava seu joelho.

— Eu não sou forte o suficiente para ela, mas eu vou ser logo. Fique comigo até que a gente resolva isso.

— E o que ela faria comigo quando eu sair?

— Eu vou ser forte logo. — Ele era quase assustador com sua insistência. Seus olhos escurecidos para aquela cor verde celeste que ela ainda sonhava; se ela o encarasse por muito tempo, ela veria flores florescendo ali, uma promessa do que ele podia virar uma vez que sua rainha o libertasse.

Ela não podia desviar o olhar. Ele sussurrou:

— Fique comigo. Eu vou te manter segura.

— Você não pode. — Ela desejou que ele pudesse, mas era impossível: não há uma vitória, não pra ela. — Eu quero que você vença. Eu sempre quis, mas eu ainda tenho que tentar convencer Aislinn pra não acreditar em você, que você não vale o risco. Essas são as regras. Eu dei minha palavra quando peguei o cetro. Nós dois fizemos.

Ele colocou uma mão em cada lado dela, as pontas de seus dedos queimando sua pele através de suas roupas.

— Mesmo que isso significa que Beira ganhe? Mesmo se ela matar você? Nós podemos trabalhar juntos, encontrar uma solução.

Ela balançou a cabeça. Por todos esses séculos, tanto tempo que ela nem mesmo podia se lembrar, ele ainda podia ser tão imprudente. Isso geralmente a deixava furiosa. Hoje a deixou cansada.

— Se ela vencer, ela não vai me matar. É só se você ganhar que eu vou morrer.

— Então por que me contar? Eu preciso vencer. – Ele parecia horrível, pálido e doente como se tivesse sido espetado por pontas de ferro. Ele se moveu um pouco para longe dela, rastejou no chão com a cabeça inclinada, onde eles não podiam se tocar. Ele soou tão quebrado quanto parecia. – Se você parar Aislinn, eu perco tudo. Se você não fizer, você morre. O que eu faço?

— Espere que eu perca – Ela sugeriu suavemente.

— Não.

Ela se levantou e andou até ele.

— Eu estou apavorada com Beira, mas eu realmente eu tenho esperança que Ash seja a Esperada. Para o bem de vocês dois.

— Você ainda vai ser uma sombra. Isso não resolve nada.

“Onde esta o Rei do Verão?” Ela suspirou enquanto assistia ele lutando com o que ele queria e com o inevitável. Nem todos os sonhos se realizam. Se isso fizesse as coisas mais fáceis, ela seria cruel. Isso não ajudaria pensado bem.

Ela se inclinou sobre ele, segurando seu cabelo para trás então não cairia sobre ele.

— Isso resolve muitas coisas.

— Isso...

— Me faça perder, Keenan. Convença ela que você vale o risco – ela beijou a bochecha dele – Porque você vale. – Era fácil dizer isso, sabendo que Beira iria matá-la, sabendo que ela não passaria a eternidade com ele sabendo que ela ainda o amava.

— Eu não posso...

Ela colocou sua mão sobre a boca dele.

— A convença. – Ela retirou sua mão e, com lábios firmemente apertados para manter o gelo longe da boca dele, o beijou. – E então mate Beira.

Capítulo 19

“A natureza dos elfos é em parte humana e em parte espiritual [...] Alguns são benévolos; outros, malévolos [...] seqüestram pessoas e provocam desgraças.”

O folclore da ilha de Man, A. W. Moore (1891).

Keenan estava muito agitado quando saiu da casa de Donia; caminhou sem rumo pela cidade, ansiando uma resposta. Não havia. A menos que Aislinn fosse sua rainha perdida e ele conseguisse convencê-la de que confiasse nele, de que o aceitasse, não havia nada o que fazer. Simplesmente ele não era suficientemente forte para enfrentar Beira.

“Se eu fosse...” Sorriu ante a esse pensamento: deter Beira, talvez a tempo de salvar Donia. Esse era o único recurso que ele tinha.

Mas se aquilo do que haviam falado as Eolas se referia ao dom de Aislinn – algo na própria natureza da garota – tudo ia ser por nada. Donia morreria e ele continuaria submetido. A exígua quantidade de verão que ele podia produzir não estava nem remotamente perto de poder resistir a Beira.

Apoiou a cabeça no tronco de um carvalho, com os olhos fechados. “Respire. Respire fundo.” Aislinn era diferente, talvez suficientemente diferente; talvez fosse a Esperada. “Mas ela poderia não ser.”

A proclamação das Eolas – que os élfos haviam interpretado como o anúncio do descobrimento da Rainha do Verão – poderia não ser nada mais do que a revelação de que Aislinn possuía o dom de vê-los. “Talvez ela não seja a Esperada”, se repetiu.

Justo quando se encaminhava para a parte mais verde da cidade, ouviu se aproximarem as harpias de Beira. Estas o seguiram à uma distância quase respeitosa até que ele chegou ao rio.

Keenan se sentou na margem, com os pés colados ao chão e o sol nas costas e aguardou. “Melhor aqui do que em meu apartamento”, pensou.

A última vez em que tinha ido visitá-lo em seu loft, Beira congelou tantos pássaros quanto pode quando ele saiu da estância. Ao regressar, Keenan os encontrou mortos no chão, ou presos nos galhos, pendurados como horripilantes enfeites nas pontas de singelos⁵². A menos que conseguisse detê-la, uma daquelas vezes poderiam ser as Ninfas do Verão ou seus guardas quem sofreriam a ira da Rainha do Inverno.

Beira se achava à sombra de um toldo de cores berrantes que vários desses de seus guardas quase nus o seguravam: umas criaturas de espinho e um trol de pele grudenta; todos exibiam manchas roxas recentes e tinham a pele congelada.

⁵² Espécie de estalactite de gelo, que no inverno se forma nas beiradas dos telhados ou onde quer que escorra ou goteje água de chuva, garoa ou neve derretida.

— O quê, você não me dá um abraço? Nem um beijo? – Beira estendeu uma mão.
– Vem aqui, amor.

— Ficarei aqui. – Keenan não se incomodou nem em se levantar; se limitou a levantar a vista para a sua mãe. – Eu gosto de sentir o calor na pele.

Ela enrugou o nariz e esboçou uma careta de desgosto.

— Que coisa tão repugnante, a luz do sol.

Keenan deu de ombros. Falar com Beira naquele momento, depois de ter visto Donia e de todas as dúvidas sobre Aislinn, era a última coisa que queria.

— Você sabia que hoje em dia há um mercado de roupas com fator de proteção solar? – Beira se recostou em uma cadeira segadoramente branca que as harpias tinham lhe levado. – Os mortais são umas bestas muito, mas muito estranhas.

— Você tem algo a me dizer, Beira? – Keenan jamais desfrutava de sua presença, mas depois de que sua mãe tinha ameaçado Donia, custava-lhe mais do que o normal se fingir cortês.

— É tão difícil acreditar que eu só queria te ver? Conversar com você? – Sem olhar para trás, estendeu uma mão; uma élfica do bosque com uma coleira colocou-lhe uma bebida gelada entre os dedos – Você quase não me visita.

Keenan se reclinou no capim, se deleitando com o calor da terra que seu corpo absorvia do solo.

— Talvez porque você é sádica e cruel?

Beira agitou uma mão como que para sacudir-se de cima esse comentário.

— Você diz batata, eu digo batata⁵³.

— Eu digo integridade, você diz engano.

— Bem, isso de integridade é um conceito do mais subjetivo. – Ela deu um gole na sua bebida. – Posso te oferecer um refresco, tesouro?

— Não. – Ele deslizou os dedos pelo solo, enviando seu calor aos bulbos adormecidos. Pequenos brotos despertaram sob seu contato; delicados brotos de flores surgiram entre seus dedos abertos.

— Eu ouvi que você compartilhou certo refresco com a nova Ninfa do Verão. A pobre garota ficou tonta com a bebida. – Estalou a língua enquanto lançava-lhe um olhar de reprovação. – Eu não te ensinei a fazer melhor as coisas? Olha que embebedar a essa pobrezinha para convencê-la de que... você já sabe o que.

— Não foi assim. – alfinetou-lhe Keenan. – Aislinn e eu dançamos e celebramos sua nova vida. Não se tratou de uma sedução.

Beira começou a andar, e todos seus guardas se puseram a perambular para mantê-la coberta com o toldo enquanto ela se movia. Se cometessem um erro, eles pagariam sem importar de quem era a culpa.

Quando a sombra bloqueou os reconfortantes raios solares, Keenan se sentiu dividido entre esperar ou acender fogo ao toldo, sem mais nem menos. Levantou-se para encarar Beira.

— Bem, se quer minha opinião, a sabedoria de uma mãe, te direi que essa garota nova não vale à pena. – Lançou um olhar às flores, que se congelaram sob seu olhar. Em seguida, deu uns passos e, com um som crispante, as triturou com a bota. – Não acho

⁵³ A frase original era: “Tú dices patata; yo digo batata”... Patata e Batata têm o mesmo significado, porém se diz “patata” na Espanha e “batata” na América latina... é como se fosse o sotaque, assim como o inglês americano e o inglês da Inglaterra que têm sotaques diferentes, mas como aqui no Brasil não existem duas formas de falar BATATA, eu deixei o contexto original, porém com essa nota para explicar o porquê da frase ter ficado tão estranha... Enfim.

que a pobre Deborah considera um grande problema convencê-la de que se mantenha longe de você. Você não teria pedido a ela que não seja dura com a mortal, não é mesmo?

— É Aislinn quem deve decidir. Ela irá pegar o cetro ou não. — Ele queria dizer-lhe que suas ameaças a Donia não mudavam nada, mas não podia fazê-lo. — Eu falei com Donia, coisa que obviamente você já sabe, sobre o anúncio das Eolas.

— Oh! — Fez uma pausa com os olhos como pratos, com se estivesse surpreendida. — Que anúncio?

— Que Aislinn é especial.

— É claro que ela é, queridinho. Todas elas são especiais... ao menos as primeiras noites. Depois disso — acrescentou, dirigindo a vista para uma élfia amedrontada — a novidade se esfumaça, sabe?

Keenan soltou uma risada forçada.

— Pobre Delilah — prosseguiu Beira. — Eu imagino que está ressentida. Não faz muito tempo que a que dançava com você era ela. — Começou a girar como se estivesse dançando com um par invisível, e foi muito elegante mesmo que ela fez isso sozinha. — Os mortais são umas criaturas muito fracas. Eles não têm mais do que sentimentos frágeis que levam por aí expostos em suas delicadas carapaças... Fáceis de esmagar.

O coração de Keenan se acelerou. As normas proibiam que Beira tomasse contato com a jovem mortal, e até o momento jamais havia descumprido essa norma, — ao menos pelo o que ele sabia — mas ela já estava quebrando outras.

— Ao que você se refere?

— A nada, querido. — Se deteve e fez-lhe uma reverência; sacou um leque e o agitou ante seu rosto, enviando uma corrente de ar frio para seu filho. — Só estava me perguntando se você não deveria escolher outra garota para o jogo; deixe que esta se una ao resto das descartadas. Até mesmo eu iria com você procurar mais candidatas. Poderíamos passar por Delia para que nos acompanhasse e transformar isso em um experimento de vínculos afetivos.

Keenan transpassou à sua voz toda a amargura que sentia e disse:

— Bem, ao ritmo que vai Aislinn, talvez eu precise. Aparte de uma dança carregada de álcool, eu não consegui nada.

— Haverá outras garotas, minha vida. — Beira suspirou, mas seus olhos brilhavam com um brilho glacial: um sinal evidente de que estava satisfeita.

“Mas elas não são a Rainha do Verão, não é mesmo?”, pensou ele.

— Talvez eu só tenha que tentá-lo com mais empenho — respondeu, e mandou um sopro de ar quente para o toldo de Beira, que começou a queimar.

Logo se afastou e deixou ali sua mãe, gritando aos guardas para que a mantivesse protegida da luz do sol.

“Algum dia serei capaz de enfrentar ela”, se disse.

Por agora, ele se deliciou com a última cena.

Kennan andou pela cidade, se afastando do rio pela Quinta Avenida até Edgehill, e seguiu por ali até alcançar as lojas mais sórdidas. O barulho da Cidade era um rumor reconfortante e lembrava-lhe os mortais que prosperavam onde sua espécie não podia. “Se trata disso: destes mortais e dos meus élfos estivais.”

— Keenan? – Rianne saiu de uma loja de música e por pouco não se choca com ele. – O que aconteceu com seu cabelo?

Distraído como estava, tinha passeado por aí diretamente visível, com o cabelo em sua tonalidade normal: cobre refletivo.

— Tinta – Sorriu para Rianne e matizou o cabelo até que desapareceu o reflexo metálico.

Ela estendeu a mão, e levantou-lhe umas mechas e os moveu à luz do sol.

— Durante um minuto pareciam tiras de metal.

— Humm. – Ele retrocedeu para liberar o cabelo da mão de Rianne. – Você viu Aislinn hoje?

Ela começou a rir.

— Não. Pensava que talvez ela ainda estivesse com você.

— Não. – ele olhou além de Rianne, onde algumas Ninfas do Verão paqueravam com um homem de sorveira que havia terminado seu turno. – Eu a acompanhei a sua casa esta manhã.

— Então, esta manhã? – Sacudiu a cabeça, sem deixar de sorrir. Pelo seu ar, a Kennan evocava-lhe a inocência, uma garota intacta e doce. Mas suas palavras contrastaram sua atitude: - Eu sabia que era uma boa aposta.

— Só estivemos dançando.

— É um começo, não? – Ela olhou ao redor, rua cima a baixo, e no interior da loja de música. Sua ilusória lascívia se desvaneceu e mostrou sua verdadeira personalidade. – entre você e eu, para Aislinn seria bom algo a mais de diversão em sua vida. Ela é séria demais. Acho que você vai ser bom para ela.

Keenan ficou paralisado. Não tinha pensado muito nisso; tudo o que lhe importava era que ela fosse boa para ele, para os élfos estivais.

“Sou bom para ela? – Entre os sacrifícios que Aislinn teria que fazer e as dificuldades que representariam para ambos se ela era a autentica rainha, ele não estava seguro. – Provavelmente não.”

— Eu tentarei ser, Rianne.

— Você já conseguiu que ela saia e dance até o amanhecer; para mim soa a bom início. – Deu-lhe umas palmadinhas no braço, consolando-o por algo que nem se sequer entendia. – Não se preocupe demais.

— Ok.

Depois que Rianne se afastou, Keenan regressou a seu estado normal – invisível para os mortais – e continuou andando para seu apartamento. Se alguma vez ele tinha precisado da sabedoria de seus conselheiros, essa vez era esta.

Keenan ouviu a música antes mesmo de abrir a porta do loft. Respirou fundo e entrou, com um sorriso falso no rosto.

Depois de uma superficial olhada a Keenan, Tavish tirou de cima dele Eliza, que lhe rodeava o pescoço com os braços e se encaminhou ao estúdio:

— Vem.

Em ocasiões como aquela Keenan sentia que a presença de Tavish era quase como a de um pai. O élfio mais velho havia sido conselheiro e amigo do último Rei do Verão; estava esperando por Keenan quando o garoto alcançou a maior idade e deixou a casa de Beira. Mesmo que Tavish jamais se atreveria a se comportar como pai, ele era muito mais que um servente.

Ao reparar em seus movimentos, Niall abriu a boca. Sacudindo brevemente a cabeça, Keenan o deteve.

— Não. Fique com as garotas.

— Se você precisa de mim...

— Claro que sim. Sempre. – Keenan deu-lhe um apertão afetuoso no ombro. – Agora mesmo, preciso que mantenha todo mundo aqui no salão.

Aquele não era o lugar adequado para falar. Se eles soubessem que ele suspeitava que Beira estivesse agindo com artimanhas e más intenções, se propagasse o rumor de que Aislinn possuía o dom de vê-los, tudo poderia ser-lhes muito ruim.

Enquanto ziguezagueava para atravessar a sala, e as Ninfas do Verão que davam voltas mareantes com os guardas fora de serviço o abraçavam, Keenan mostrou um semblante isento de qualquer dúvida. “Não deixe transluzir os problemas. Sorria.”

Quando alcançou Tavish, estava disposto a trancar a porta o resto do dia. Acreditava que as garotas e os guardas eram dignos de confiança, mas na verdade, nunca se sabia.

Tavish encheu uma taça de vinho.

— Tome.

Keenan aceitou a taça e se derrubou em uma das pesadas poltronas de couro.

Tavish se sentou em frente dele, em outra poltrona e perguntou:

— O que aconteceu?

De modo que Keenan contou: o dom de Aislinn, as ameaças de Beira, tudo.

Tavish ficou olhando o interior de sua taça como se fosse um espelho. A fez girar sustentando-a pelo pé⁵⁴.

— Talvez Aislinn não seja a rainha, mas Beira a teme. Para mim, essa é razão suficiente para manter a esperança... mais razão do que jamais tivemos.

Keenan assentiu com a cabeça. Tavish poucas vezes era direto em seus argumentos.

Ao invés de olhar para o jovem, o conselheiro inspecionou a habitação, como se estivesse lendo a lombada dos livros que cobriam as paredes do estúdio.

— Eu tenho aguardado com você, mas nunca insinuei que alguma das garotas fosse a Esperada. Não me corresponde fazê-lo.

— Eu valoro sua opinião. – assegurou Keenan. – Diga-me o que pensa agora.

— Não permita que Aislinn recuse o desafio. Se ela é a Esperada e não... – Fixou a vista nos grossos livros que havia atrás do jovem. – Ela deve aceitar.

O velho élfio havia sido pessimista durante tanto tempo que sua veemência resultava perturbadora.

— E se ela o recusa? – perguntou Keenan.

— Ela não pode. Consiga que aceite. – Os olhos de Tavish se viam tão negros como os estanques dos bosques assombrados, inquietamente cativantes, quando por fim os cravou em Keenan. – Faça o que tiver que fazer, mesmo que seja... desagradável para você ou para ela. Se você tem em conta uma só coisa de todas as que eu já te disse, meu senhor, que seja esta.

⁵⁴ Pelo pé da taça.

Capítulo 20

“Eles lhe ofereceram bebidas... Depois a música parou, todos desapareceram, deixando o copo em suas mãos, e ele retornou para casa, porem muito mais cansado e fatigado”.

A mitologia élfica, Thomas Keightley (1870).

Quando Aislinn acordou, os números vermelhos do relógio anunciavam que passara das nove horas. Os acontecimentos da noite anterior a golpearam. “As bebidas estranhas, as danças, ter dito ao Keenan que ela sabia o que ele era enquanto eles olhavam o sol nascer, ele a beijando.” Isso era a ultima coisa que ela lembrava. “O que mais aconteceu? Como ela fora parar em casa? Quando?” Ela se içou para fora da cama, mal conseguindo chegar ao banheiro antes de vomitar. “Oh Meu Deus”.

Ela sentou com seu rosto contra a porcelana fria até que teve certeza que conseguiria ficar de pé sem vomitar novamente. Todo o seu corpo tremia, como se estivesse com algum resfriado, mas não era o resfriado que a deixava doente. Era o pavor. “Ele sabe que posso vê-los. Ele sabe. Eles virão por mim, e vovó...” pensar em sua avó tendo de lutar contra os élfos, a deixou enjoada novamente. “Eu preciso sair daqui.”

Depois de escovar seus dentes e lavar o rosto, Aislinn apressadamente colocou seus jeans e camiseta, calçou as botas, e pegou sua bolsa.

A avó estava na cozinha, encarando a cafeteira, um pouco menos atenta antes de sua cafeína de cada manhã.

Aislinn apontou para seu ouvido.

A avó ligou seu aparelho para surdez e perguntou:

— Tudo bem?

— Apenas atrasada, vovó. Dormi demais. – Aislinn a abraçou rapidamente e se preparou para sair.

— Mas e o café da manhã...

— Desculpe. Eu preciso ammm, encontrar o Seth. Eu não tinha te contado? Nós teremos uma espécie de encontro com café da manhã. – Ela tentou manter sua voz firme. “Não deixe ela ver o quão preocupada você está”. A avó já estava muito receosa depois da conversa na outra noite, a deixar ainda mais preocupada seria egoísmo.

— Aislinn você sabe que não está me enganado, me evitando para que eu não pergunte sobre o problema. Nós vamos falar sobre isso. – A avó sorriu. – As coisas não melhoraram, não é?

Aislinn parou.

— Apenas mais alguns dias, vovó, por favor?

Por um minuto parecia que a avó iria falar, ela apertou os lábios e colocou as mãos no quadril. Então ela assentiu.

— No alguns dias. Amanhã nós vamos conversar. Você entendeu?

— Prometo. – Aislinn deu um beijo de adeus, agradecida por adiar isso nem que seja por mais um dia.

Ela não estava certa se poderia agüentar aquela conversa. Não agora.

“Eu preciso do Seth. Eu nem ao menos liguei para ele a noite passada.”

— Eu não acredito que fiz aquilo. Aislinn colocou sua cabeça entre os joelhos e se concentrou em não vomitar em seus pés. – E disse para ele que sabia que eram élfos.

Seth estava sentado no chão ao lado de seus pés. Ele estava dando tapinhas nas costas dela, fazendo pequenos círculos para tranquilizá-la.

— Está tudo bem. Vamos respire. Apenas respire.

— Não está tudo bem, Seth. – Sua voz estava abafada por sua posição decididamente desconfortável. Ela levantou a cabeça somente o suficiente para olhar para ele. – Eles costumam matar pessoas, arrancar seus olhos por saberem o que eles eram.

A náusea apareceu novamente. Ela fechou os olhos.

— Shh. – Ele se aproximou a confortando da maneira que ele sempre fazia quando ela se sentia desesperada. – Vamos.

— E se eles arrancarem meus olhos? E se...

— Pare. Nós vamos dar um jeito. – Ele a colocou em seu colo, a embalando como a uma criança.

“Exatamente como Keenan fez a noite passada”.

Ela tentou ficar de pé, se sentindo culpada, da maneira como ela traía Seth, mesmo pensando que tudo o que ela fizera fora dançar. Ela esperava.

“E se Keenan e eu, nós...”. Ela começou a soluçar novamente.

— Calma. – Ele a embalou, murmurando palavras de carinho.

E ela o deixou. Até que ela começou a pensar sobre os élfos novamente e de dançar com o Keenan, e beijá-lo e de não saber o que mais poderia ter acontecido. Ela se afastou e parou. Seth ficou no chão. Ele mantinha sua cabeça para cima apoiada em uma mão, e seu cotovelo no acento da poltrona em que ela estivera sentada.

Ela virou a cabeça incapaz de olhar para ele.

— Então, o que vamos fazer sobre isso?

Ele foi ficar ao lado dela.

— Nós vamos improvisar. Ele te prometeu um favor. Se os livros estiverem certos, promessas são como leis.

Ela concordou.

Ele caminhou para frente dela e baixou a cabeça até que os fios longos de seu cabelo caíssem como uma teia em frente ao rosto dela.

— E o resto nós vamos lidar também. – Então ele a beijou. Suavemente, carinhosamente, amorosamente, e disse. – nós vamos descobrir sobre isso. Juntos. Estou aqui com você, Ash, mesmo depois que você me contar o que mais aconteceu.

— O que você quer dizer? – Aislinn sentiu o mundo balançar novamente.

— Você bebeu alguma coisa que te deixou confusa, dançou até o amanhecer, e acordou passando mal em sua cama. – Ele segurou o rosto dela em suas mãos. – o que mais aconteceu?

— Eu não sei. – Ela estremeceu.

— Tudo bem, como você chegou em casa?

— Eu não sei. – Ela lembrou do gosto da luz do sol, a sensação de raios solares caindo sobre ela enquanto ela olhava para o rosto do Keenan, quando ele se inclinou sobre ela. “O que aconteceu?”

— Você foi a algum outro lugar?

Ela sussurrou:

— Eu não sei.

— Dormiu com ele? – Ele olhou diretamente para ela quando ele fez a pergunta que ela vinha tentando (e fracassando) responder.

— Eu não sei. – Ela olhou para longe, se sentindo doente pelas palavras que haviam ficado penduradas por ali como algo horrível. – Eu saberia, não? Isso é algo que eu lembraria, não?

Ele a puxou para seus braços, a colocando em baixo de seu queixo, como se ele pudesse mantê-la a salvo de todas as coisas ruins, se a colocasse perto o suficiente.

— Não sei. Não tem nenhum flash de memória? Alguma coisa?

— Eu me lembro de dançar, beber, sentar em uma cadeira estranha, e então o parque havia desaparecido. Keenan me beijou. – Ela estremeceu novamente. – Eu sinto tanto.

— Não é sua culpa. – Ele acariciou o cabelo dela com a mão.

Ela tentou se soltar.

Ele não tentou forçá-la a ficar, mas manteve as mãos nos braços dela. Ele parecia tão sério, tão inflexível.

— Me escute. Se algo aconteceu, não é culpa sua. Ele te deu alguma droga, alguma bebida élfica. Você estava bêbada, alta, qualquer coisa, e o que aconteceu depois não é sua culpa.

— Eu me lembro de rir, me divertir. – Ela olhou para baixo, para as mãos, que estavam fechadas bem apertadas para não tremerem. – Eu estava me divertindo, Seth... E se eu fiz alguma coisa? E se eu disse sim?

— Isso não importa. Se você fez alguma coisa errada, você não pode ter consentido. É simples assim. Ele não deveria ter feito nada, Ash. Se ele fez, ele é que está errado. Não você.

Ele parecia com raiva, mas não disse para ela que ele estava certo, que ela não deveria ter ido. Ele não disse nada terrível para ela. Ao invés disso ele colocou o cabelo dela para trás da orelha e deixou sua mão descansar no rosto dela, levantando o rosto gentilmente para que ela pudesse olhar para ele.

— E nós não sabemos se alguma coisa aconteceu.

— Eu só quero que a primeira vez seja com alguém especial, e se eu, se nós, isso está errado. – Ela se sentiu um pouco tola por se preocupar com isso. Ela havia se exposto ao Rei do Verão, e estava preocupada com sua virgindade. Ele poderia acabar com a vida dela, ele poderia destruir seus olhos. A virgindade não deveria ser tão importante. Mas importava.

Ela caminhou para longe, indo se enrolar no conforto do sofá.

— Eu sinto muito. Você estava certo e eu...

Ele a interrompeu.

— Não tem nada para você se lamentar. Você não estava errada. Não estou aborrecido com você. É ele... — Seth parou. Ele não se moveu apenas ficou no meio do aposento, a observando. — É você que importa.

— Me abraça? Quer dizer se você ainda quiser. — Ela olhou em outra direção.

— Todos os dias. — Então ele estava lá, levantando-a nos braços, a segurando como se ela fosse frágil e preciosa. — Eu quero te abraçar todos os dias. Nada irá mudar isso, nunca.

Capítulo 21

“O élfico então derramou três gotas de um precioso líquido na pálpebra esquerda de sua companheira, e ela viu o país mais delicioso... A partir deste momento ela possuía a capacidade de distinguir o povo elfico enquanto eles estavam invisíveis.”

A mitologia élfica, Thomas Keightley (1870).

Donia andou passando pelos élfos fora da casa de Seth; alguns guardas familiares, a demi-succubus⁵⁵ Cerise, e algumas Ninfas do Verão. Sem Keenan ao lado dela, nenhum deles sorriu. Eles ainda inclinaram suas cabeças, mas não tinha nenhuma afeição no respeito deles. Para eles ela era a inimiga; nunca se importaram que ela arriscou tudo por ele, tudo que as outras não estavam dispostas a arriscar. Eles simplesmente esqueceram-se disso.

Na porta ela se abraçou pela inevitável fraqueza que as horríveis paredes traziam. Ela bateu na porta. Dor queimando nas batidas.

Ela não reagiu quando Aislinn abriu a porta, mas foi preciso esforço. Pelo olhar seco em seu rosto, Donia tinha certeza que as memórias dela do festival estavam menos limpas do que as de Keenan. Tudo que ele admitiu foi que ele a deixou beber muitos drinks do Verão, pego pelo momento, a festa, a dança. Esse era o seu caminho: muito fácil para alegrar, para acreditar. Para ele, isso funcionava.

Aislinn parecia horrível.

Apertando sua mão, olhando tanto irritado e desconfiado, estava seu mortal, Seth.

— O que você quer?

Os olhos de Aislinn se ampliaram.

— Seth!

— Não. Tudo bem, Ash. – Donia sorriu; por todos os seus desejos pelo sucesso de Keenan, ela viu o olhar no rosto de Seth e não podia fazer menos que respeitar ele. Um mortal ficou contra a considerável tentação do Rei do Verão, e foi o mortal estava segurando a mão de Aislinn. Donia acrescentou: – Eu só quero conversar.

Atrás dela Cerise chegou mais perto, anunciando sua aproximação batendo suas asas, como se ela pudesse assustar Donia.

— Ou talvez a gente pudesse dar uma caminhada. – Ela olhou para Cerise e assoprou um sopro de ar frio nela, não o suficiente para ferir, mas gelado o suficiente para ela se lembrar onde estava pisando.

Cerise guinchou, um simples toque de frio mandando ela de volta para trás. Donia começou a sorrir: não havia bons momentos o suficiente ultimamente. Então ela percebeu que Aislinn pulou no ataque da Cerise. Seth não se moveu, não escutou: élfos

⁵⁵ Demi-succubs é um demonio que tira a anergia vital dos homens enquanto têm relações sexuais.

podiam fazer um barulho que a faziam a cabeça dos mortais doerem, mas eles não respondiam de outro jeito, não ouviam o barulho.

As exclamações atrás dela confirmaram que os outros viram muito bem a reação de Aislinn. Donia olhou para Aislinn.

— Você pode ver eles.

Aislinn acenou.

Cerise tremeu atrás do homem de sorveira. As Ninfas do Verão ficaram de boca aberta.

— Eu vejo élfos. Sorte a minha. – Aislinn acrescentou, soando tão cansada quanto parecia – Você pode entrar aqui ou há muito ferro?

Donia sorriu para o desafio da menina.

— Eu prefiro andar.

Acenando, Aislinn deslizou seu olhar para os guardas e falou para o chefe dos homens de sorveira:

— Kennan já sabe, e agora Donia também, e se tem mais alguém que vocês precisam ir correndo contar, agora é a sua chance.

Donia estremeceu. “Não é uma bravata, mas sim temeridade”. Ela seria uma boa competidora para Keenan.

Antes que qualquer um pudesse responder, Donia andou passando pelas Ninfas do Verão e ficou em frente ao homem de sorveira.

— Se qualquer um aqui contar para Beira, eu vou achar. Se a lealdade pelo Keenan não for o suficiente para manter seus lábios fechados, eu posso selar eles para você.

Ela encarou Cerise até que a demonia-succubus resmungou:

— Eu nunca trairia o Rei do Verão.

— Bom. – Donia acenou. Então ela voltou para o lado de Aislinn. Só o som das asas de Cerise batendo loucamente quebrou o silêncio até que Donia perguntou – Eu preciso te falar sobre a infidelidade do Keenan, sobre sua sensualidade, sobre o quão burro seria acreditar nele?

Embranquecendo ainda mais, Aislinn olhou longe.

— Eu acho que já sei disso.

Donia disse suavemente para Seth.

— Você fala que você não é o prometido dela, mas ela precisa de você. Talvez possamos falar de ervas, também?

— Espere. – Seth colocou Aislinn dentro por um momento, fechando a porta na cara de Donia.

Enquanto ela esperava fora para o inevitável acordo, ela deu para as Ninfas do Verão o seu mais frio sorriso, esperando que fosse o suficiente, odiando o jogo que ela tinha que jogar.

“Eu dei meu voto.”

Atrás do homem de sorveira, Cerise chiou para ela.

— Por quê? – uma das mais novas Ninfas do Verão, Tracey, perguntou, chegando mais perto de Donia que os outros geralmente faziam. – Ele ainda cuida de você. Como você pode fazer isso com ele? – Tracey parecia genuinamente confusa, uma familiar carranca em seu rosto.

Com seu corpo magro e voz suave, Tracey foi umas das mais difíceis para Donia convencer não arriscar o frio. Ela era tão frágil, tão facilmente confundida, muito gentil para ser a Dama do Inverno ou a Rainha do Verão.

— Eu fiz um voto. – Donia tentou explicar isso freqüentemente o suficiente, mas a visão de Tracey era preta e branca. Se Keenan era bom, Donia tem que ser má. Simples lógica.

— Isso machuca Keenan. – Tracey balançou sua cabeça, como se ela pudesse fazer os problemas irem embora dizendo não.

— Isso me machuca também.

As outras meninas puxaram Tracey de volta, tentando distrai-la antes que ela começasse a chorar. Ela nunca deveria ser escolhida. Donia ainda se sentia culpada por isso; ela suspeitava que Keenan também. As Ninfas do Verão eram como plantas que precisavam dos nutrientes do sol para florescer: elas não podiam ficar longe do Rei do Verão por muito tempo, ou elas desfaleciam. Tracey, no entanto, nunca pareceu florescer, mesmo que ela ficasse com Keenan um ano inteiro.

A porta abriu de novo. Seth saiu; Aislinn seguiu logo atrás dele.

— Nós vamos. – A voz de Aislinn estava mais forte, mas ela ainda parecia longe de estar bem. Havia círculos escuros embaixo de seus olhos, e seu rosto estava quase tão pálido quanto de Donia. – Diga a eles que não nos sigam.

— Não posso. Eles são Keenan, não meus.

— Então eles vão ouvir tudo? – Aislinn parecia que ela precisava de alguém para ajudar ela a fazer decisões, não como seu usual jeito. “O que Keenan não me contou?”

— Eles não podem entrar na minha casa. Nós vamos para lá. – Donia ofereceu antes que ela pudesse pensar através disso. Então, antes que ela tivesse que ouvir os comentários que se seguiam os arquejares de surpresa, ela saiu, deixando Aislinn e Seth se apressando para alcançar ela.

“Mais estranhos na minha casa. – Ela suspirou, esperando que não transformasse em breve a casa de Aislinn, esperando que Keenan estivesse certo. – Por favor, que Aislinn seja a Esperada.”

Na borda do quintal aonde eles vieram sobre a natural barreira que protegia uma casa de elfo de intrusos mortais, os olhos de Seth de alargaram, mas Aislinn não hesitou. Talvez ela sempre fosse imune; talvez fosse só sua visão que a fazia obvia por isso. Donia não perguntou. Ao invés disso, ela sussurrou as palavras para aliviar Seth da aversão e os levou ainda em silêncio, para dentro de sua casa.

— Nós somos os únicos aqui? – Seth olhou em volta da sala, embora seus olhos mortais não vissem nada se os três não estivessem sozinhos. Ele ainda segurava a mão de Aislinn e não fez nenhum movimento para tirar logo.

— Sim. – O olhar de Aislinn demorou na simples mobília em madeira natural da pequena sala, na enorme lareira que pegava quase uma parede toda, e as pedras cinza que terminavam fora da parede. – Somos somente nós.

Donia se inclinou nas paredes, apreciando seu calor.

— Não é bem que você imaginou?

Aislinn se inclinou sobre Seth; os dois pareciam completamente exaustos. Ela entortou sua boca em um meio sorriso.

— Eu não acho que eu imaginei alguma coisa. Eu não sabia por que você estava falando comigo, ainda não sei. Eu só sei que tem alguma coisa a ver com Keenan.

— Tem tudo a ver com Keenan. Além daqui, para aqueles que esperam lá fora, – ela gesticulou para porta – O que ele quer é a coisa mais importante. Nada mais importa para eles. Você, eu, não somos nada em seu mundo, a não ser o que possamos ser para ele.

Inclinando sua cabeça sobre o braço de Seth, Aislinn perguntou:

— Então, e sobre aqui?

Seth jogou seus braços em torno dela e puxou ela para o sofá, murmurando:

— Senta. Você não precisa ficar em pé para falar com ela.

Donia chegou mais perto deles, ficando em frente deles, olhando para Aislinn.

— Aqui, o importa é o que eu quero. E eu quero te ajudar.

Tentando conter suas emoções, Donia andou através da sala; ela pausou periodicamente, mas ela não fez nenhum movimento para continuar a conversa. “Como eu posso dizer o que é preciso dizer?” Eles estavam cansados, e ela não podia culpar eles por isso.

— Donia? – Aislinn se enrolou dentro dos braços de Seth, meio sonolenta e letárgica. Ela estava vulnerável pelo o que Keenan tinha feito.

Donia a ignorou. Passando, ao invés, para a estante que guardava os livros de autoria mortal e élfica que as Damas do Inverno coletaram por nove séculos. Ela correu seus dedos sobre alguns de seus favoritos; *A Comunidade secreta*, de Kirk e Lang, *A traição das maiores Cortes*, *A mitologia élfica*, de Keightley. *Sobre o ser: moralidade e mortalidade dos elfos*, de Sorch. Ela mergulhos seus dedos passando desse, passando uma antiga copia de *O Mabinogion*, passando uma coleção de jornais que as outras guardaram, passando o esfarrapado livro que guardava as cartas que Keenan mandou para elas durante os anos; sempre naquela elegante letra, mesmo que a língua não fosse sempre a mesma. Ela parou lá.

Sua mão demorou sobre um livro muito usado com uma capa verde rasgada. Nele, escrito a mão com estranhas bonitas palavras de quase todas as línguas, estavam duas receitas conhecidas por dar para aos mortais a Visão.

Era proibido deixar que essas receitas fossem lidas por um mortal. Se alguma das Cortes souber que Donia deixou, a ameaça de Beira seria a menor preocupação. Muitos elfos cresceram gostando de ser um povo oculto; seria uma grande perda se os mortais pudessem ver eles de novo.

— Você está bem? – Seth não veio em direção a ela, ficando protetoramente ao lado de Aislinn, mas sua voz carregava preocupação.

“Ele se preocupa por mim, uma estranha.” Valia à pena proteger aquele humano. Ela conhecia as historias de elfos bem o suficiente, tendo gastado horas lendo esses livros. A corte deveria ter dado a ele um dom pelo que ele fez, defendendo aquela que seria a rainha.

— Eu estou. Eu estou surpreendentemente bem. – Ela tirou o livro. Depois de sentar na frente deles, ela colocou o livro em seu colo e delicadamente passou as páginas. Vários pedaços avulsos deslizaram, vindos livremente para sua mão. Ela falou um pouco acima de um sussurro, mas ela falou – Escreva isso.

— O que? – Aislinn piscou e se endireitou, ficando fora do circulo dos braços de Seth.

— É um crime com a mais grave pena se eles souberem que eu te dei isso. Keenan pode olhar por outro lado se ninguém mais souber, mas eu quero que ele – ela inclinou sua cabeça ligeiramente pra Seth – tenha uma justa chance no que vai se seguir. Deixar ele indefeso e cego... isso seria errado.

— Obrig...

Ela o cortou.

— Não. Essas são palavras mortais, ficando vazias pelo uso casual. Se você for caminhar entre nossa espécie, lembre-se: eles são insultados muito facilmente. Se

fizerem a você um movimento bom, uma ação de amizade lembre-se disso. Não diminua naquela superficial frase.

Ela contou pra ele então, deu a ele as palavras que o ajudariam a ver.

Ele abaixou o olhar e escreveu, mas ele não fez perguntas até que ela fechou o livro e o colocou no seu lugar na estante. Então ele só perguntou,

— Por quê?

— Eu já fui ela. – Donia olhou longe, encarando os espinhos de seus livros usados nas estantes, se sentindo insegura com o peso com o que ela acabou de fazer se balançando dentro dela. Keenan a perdoaria? Ela não tinha certeza, mas, como ele, ela acreditava que Aislinn realmente era a Rainha do Verão. Por que mais Beira seria tão inflexível sobre ela ficar longe do cetro?

Donia empurrou seus olhos da prateleira e olhou para Aislinn quando ela disse o resto:

— Eu fui uma mortal. Eu não tinha idéia do que ele era; nenhuma de nós tinha. Você é a primeira que o vê, vê qualquer um deles o que eles realmente são. O que eu sou agora.

— Você era mortal? – Aislinn repetiu balançado.

Donia acenou.

— O que aconteceu?

— Eu o amava. Eu disse sim quando ele pediu para eu escolher ficar com ele. Ele me ofereceu para sempre, amor, danças à meia-noite.

Ela encolheu os ombros, relutante ao pensar tanto tempo sobre os sonhos que ela não tinha direito de ainda ter, especialmente com Aislinn olhando para ela. Algum dia Seth iria desaparecer, mas Keenan não. Se Aislinn era a Rainha do Verão, seria um pequeno problema até ela se apaixonar por Keenan. Uma vez que ela ver a sua verdadeira natureza, a pessoa que ele poderia ser... Donia balançou sua cabeça e adicionou:

— Havia outra garota que tentou me tirar disso, a garota que acreditou nele uma vez.

— Por que você não acreditou? – Aislinn tremeu se movendo mais perto de Seth.

— Por que Seth está sentado aqui?

Aislinn não respondeu, mas Seth sim. Ele apertou a mão de Aislinn e disse:

— Por amor.

— Escolha sabiamente, Aislinn. Por Seth, ele pode escolher te deixar, escolher ir embora.

— Eu não vou. – Seth interrompeu.

Poupando ele de um sorriso, Donia disse:

— Mas você pode. Por nós, se nos escolhermos Keenan, não tem como ir embora. Se nós não o escolhermos...

— Isso não é um problema então. Eu não quero Keenan. – Aislinn levantou seu queixo, olhando confiante apesar das suas mãos tremulas.

— Você vai, contudo. – Donia disse gentilmente.

Donia se lembrou da primeira vez que ela o viu como ele realmente era, na clareira quando ela ficou esperando para pegar o cetro da Rainha do Inverno. Ele era tão incrivelmente perfeito que ela precisava lembrar ela mesma para respirar. Como qualquer mortal poderia rejeitar ele quando ele podia ser ele mesmo?

— Agora que ele sabe sobre sua visão, ele pode ser ele mesmo em frente de você. Você vai esquecer seu próprio nome.

— Não. – Aislinn balançou sua cabeça. – Eu já o vi como ele é, e eu ainda estou dizendo não.

— Serio? – Donia a encarou, odiando que ela tivesse que dizer isso, mas sabendo que Aislinn precisava saber a verdade. – Você estava dizendo isso na última noite?

— Isso foi diferente. – Seth levantou. Ele parou e andou para frente.

Donia nem se mexeu. Ela assoprou gentilmente, pensando: “Gelo”. Uma parede de gelo se formou em volta de Seth, como uma jaula de vidro.

— Tudo que eu sei é que ele acredita que Aislinn é destinada a ser dele. Uma vez ele acreditou que eu era, e isso é o resultado de seu amor. – Ela se moveu e tocou o gelo, tremendo enquanto isso era recolhido de volta para sua pele. – Isso é tudo que eu posso dizer para vocês hoje esta noite. Vai fazer seu remédio, Seth. Pensem sobre o que eu disse a vocês.

Capítulo 22

“[Uma] mulher dos Sidhe (os élfos) chegou e disse que tinham elegido uma garota que seria a noiva do príncipe do sombrio reino, mas como não estaria bem que sua esposa envelhecesse e morresse, enquanto ele seguia com o primeiro ardor de seu amor, eles a obsequiariam com uma vida de élfia.”

O crepúsculo celta, William Butler Yeats (1893 - 1902)



Quando chegou a casa no domingo pela manhã, a Aislinn não lhe surpreendeu encontrar a avó acordada e alerta. Pelo menos ela esperou até depois do café da manhã para atacar.

Aislinn se sentou no chão aos pés da avó. Ela tinha se sentado ali muito freqüentemente ao longo dos anos, deixando-se escovar o cabelo, escutando histórias, ou simplesmente estando perto da mulher que a tinha criado e amado. Não desejava brigar com ela, mas também não queria viver com medo.

Manteve um tom neutro quando falou.

— Já sou quase adulta, vovó. Não quero fugir e me esconder.

— Você não entende...

— A verdade é que entendo sim. – Ela tomou-lhe mão. – Eles são espantosos. Eu tenho isso em claro, mas não posso passar a vida me ocultando do mundo por culpa deles.

— Sua mãe era igual, insensata e teimosa.

— Sêrio? – Aislinn ficou imóvel ante essa revelação. Jamais tinha tido autênticas respostas quando perguntava pelos últimos anos de sua mãe.

— Se ela não tivesse sido ainda estaria aqui. Era uma imprudente. E agora está morta. – Ela soou fraca, mais que cansada, exausta, consumida. – Não suportaria perder você também.

— Eu não vou morrer vovó. Mamãe não morreu por causa dos élfos. Ela...

— Shhh. – A mulher olhou para a porta.

Aislinn suspirou.

— Eles não podem me ouvir aqui dentro, ainda que estejam justo atrás da porta.

— Isso não se pode saber. – Enquadrando os ombros, e já não pareceu a mulher murchada em que havia se convertido, mas sim a severa e disciplinada avó da infância de Aislinn. – Não vou permitir que você seja imprudente.

— O ano que vem completarei dezoito...

— Bem. Mas até então você segue vivendo em minha casa. Com minhas normas.

— Vovó, eu...

— Não. A partir de agora você se limitará a ir ao instituto e voltar. Você pode pegar um táxi. E me informará de onde está. Não dará voltas pela cidade toda hora. – O

cenho da avó se aliviou um pouco, mas sua determinação não. – Só até que deixem de te seguir. Por favor, não discuta comigo, Aislinn. Não posso viver isso de novo.

Depois dessas palavras, não havia muito mais o que dizer.

— E o que acontece com Seth?

A expressão da avó se suavizou.

— Esse garoto significa tanto para você?

— Sim. – Ela mordeu o lábio à espera. – Ele vive em um vagão que tem paredes de aço.

A mulher olhou sua neta. Finalmente se abrandou.

— Você irá e voltará de táxi. E ficará dentro desse vagão.

Aislinn a abraçou.

— Eu o farei.

— Daremos a eles um pouco mais de tempo. Eles não podem chegar até você no instituto e nem aqui. Tampouco nesse vagão de Seth. – Ela assentiu enquanto enumerava as medidas de segurança, restritas, mas não impossíveis. – Mas, se isso não funcionar, você terá que parar de sair. Entendido?

Mesmo que Aislinn se sentiu culpada por não corrigir as crenças errôneas de sua avó sobre o instituto e a casa de Seth, ela manteve suas emoções ocultas, como fazia quando os élfos estavam próximos e só disse:

— Entendido.

No dia seguinte, segunda-feira, Aislinn inspecionou o instituto como uma sonâmbula. Keenan não estava ali. Nenhum elfo passeava pelos corredores. Os tinha visto fora, nos degraus da entrada, na rua enquanto o táxi a levava, mas não havia nenhum dentro do edifício.

“Keenan já obteve o que queria? – se perguntou – Por acaso isso era tudo?”

Pela maneira que Donia havia lhes falado, ainda havia muito mais, mas Aislinn era incapaz de se concentrar em nada que não fosse a lacuna de suas lembranças.

Ela queria saber, precisava saber o que tinha acontecido na noite do parque de diversões. Isso era a única coisa em que podia pensar enquanto as aulas seguiam seu curso.

Ao meio dia, se rendeu e saiu pela porta principal, sem se importar com quem a visse.

Descia os degraus de acesso quando o viu: Keenan aguardava do outro lado da rua, observando-a. Sorria com doçura, como que se alegrasse de vê-la. “Ele me dirá. Se eu perguntar, ele me contará o que aconteceu. Ele tem que fazê-lo.” Ela se sentiu tão aliviada que foi para ele desviando os carros, praticamente sorrindo.

Nem sequer reparou que Keenan era invisível até que ele disse:

— De modo que é verdade que você pode me ver.

— Eu... – balbuciou, tropeçando com as palavras que estava a ponto de pronunciar, as perguntas para as quais precisava de respostas.

— Os mortais não podem me ver ao menos que eu o deseje. – Keenan agia com tanta calma, como se eles estivessem conversando sobre as lições de casa, como se não estivessem tratando de um assunto que podia fazer com que matassem Aislinn. – Você pode me ver, e eles não. – acrescentou, sinalando para um casal que passeava com seu cachorro rua abaixo.

— Sim. – sussurrou. – Eu sempre vi os élfos.

Era mais difícil dizê-lo nessa ocasião, dizer isso a ele. Os élfos a tinham aterrorizado desde que se lembrava, mas nenhum tanto quanto Keenan. Ele era o Rei das criaturas horrendas das que tinha fugido toda a sua vida.

— Você quer caminhar comigo? – perguntou Keenan, ainda que já o estivessem fazendo.

Ele se fundiu no que Aislinn já considerava seu sortilégio habitual – apagando o fulgor de seu cabelo de cobre e o som sussurrante do vento entre as árvores – e ela compassou seus passos aos dele, em silêncio, pensado em como formular suas perguntas.

Acabavam de deixar para trás o parque quando ela lhe disse à queima-roupa:

— Você o fez? Nós fizemos? Eu falo de sexo.

Keenan baixou a voz como se fosse compartilhar um segredo com ela.

— Não. Eu te levei a sua casa e te deixei na porta. Isso é tudo. Quando terminou a festa, quando todos foram embora e só ficamos você e eu...

— Me dê sua palavra. – Ela se estremeceu, esperando que ele não fosse tão cruel quanto para lhe mentir. – Eu preciso saber. Por favor.

Enquanto ele sorria-lhe de um modo tranquilizador, ela percebeu o aroma de rosas silvestres, do feno recém cortado, de fogaréus... coisas que ela achava nunca ter tido por perto, mas que, no entanto, naquele momento reconhecia.

Keenan assentiu com solenidade.

— Eu te dou minha palavra, Aislinn. Eu te jurei que seus desejos seriam os meus sempre que fosse possível. Eu mantenho meu juramento.

— Eu tinha muito medo de... quero dizer, não é que eu pensasse que você... – Ela fez uma careta ao se dar conta do que tinha insinuado – É só que...

— O que se pode esperar de um elfo, não é? – Ele sorriu-lhe com ironia, e pareceu surpreendentemente normal para ser um elfo Rei – Eu também já li as histórias dos mortais sobre nós. Elas não são de todo falsas.

Aislinn respirou fundo, e notou aqueles estranhos aromas de verão na língua.

— Mas os élfos que eu governo não são assim. Eles não fariam isso: violar outro ser. – Ele reconheceu as reverências de vários élfos invisíveis com um movimento da cabeça e um sorriso veleidoso. – Os meus não se comportam desse modo. Nós não tomamos os outros sem permissão.

— Obrig... Quero dizer, me alegra saber disso. – Ela quase lhe deu um abraço de tão grande que foi seu alívio. – Você não gosta dessa palavra, não é?

— É. – Ele começou a rir, e Aislinn sentiu como se o próprio mundo se alegrasse.

“Continuo sendo virgem”, suspirou para si mesma. Ela sabia que havia outras questões que deveria considerar, mas aquilo era a única coisa em que podia pensar. Sua primeira vez seria algo para recordar, e ela mesma a escolheria.

Enquanto continuavam caminhando, Keenan pegou a mão dela.

— Com o tempo, espero que chegue a compreender o quanto você significa para mim, para a minha gente.

O perfume de rosas silvestres se confundiu com um estranho cheiro salobro: ondas que rompiam em praias rochosas, golfinhos que mergulhavam. Aislinn se balançou, sentindo o empuxe daquelas ondas remotas, como se o ritmo de algo que se encontrava fora de seu alcance se enfiasse sob sua pele.

— É estranho ter esta oportunidade para ser franco e claro. Jamais cortejei ninguém que pudesse me conhecer de verdade. — Sua voz se mesclou com o som daquelas águas desconhecidas, e soou mais musical com cada sílaba.

Aislinn parou de andar; ele continuava sujeitando-lhe a mão, como uma âncora que evitasse sua fuga. Estavam diante da Comix Connexion.

— Aqui nos conhecemos. — Keenan acariciou-lhe a bochecha com a mão livre. — Te escolhi aqui, neste lugar.

Ela sorriu com languidez, e imediatamente foi consciente de que se sentia mais feliz do que deveria. “Concentre-se. — Algo ia mal. — Concentre-se”. Ela se mordeu a bochecha e em seguida disse:

— Eu te dei sua dança e você me deu sua palavra. Agora eu te direi o que quero de você...

Ele deslizou os dedos pelo cabelo dela.

— O que eu posso te oferecer, Aislinn? Flores entrelaçadas em seu cabelo? — Ele abriu a mão, deixando escapar uma mecha. Em sua palma repousava um botão de lírio. — Ou talvez colares de ouro? Esquisitices com as quais os mortais só podem sonhar? Farei essas coisas de qualquer forma. Não desperdice seu desejo.

— Não. Não quero nada disso, Keenan. — Ela retrocedeu para colocar distância entre ambos, tentando passar por cima dos grunhidos das gaivotas que ouvia entre o fragor das ondas. — Só quero que me deixe em paz. Isso é tudo.

Ele suspirou fundo e ela sentiu vontade de chorar pelo quão triste que de repente o viu. “Artimanhas de élfos, tudo são artimanhas de élfos.”, disse a si mesma. Ela franziu o cenho.

— Não fique assim.

— Você sabe quantas mortais eu cortejei nos últimos nove séculos? — Ele olhou para a vitrine de uma loja, ao cartaz da estréia de outro filme de vampiro. Com expressão nostálgica, continuou: — Eu não. Você poderia perguntar a Niall, provavelmente até mesmo a Donia.

— Tanto faz. Não tenho nenhum interesse em ser uma delas.

O oceano se desvaneceu sob o cheiro acre dos ventos do deserto, que lhe crivaram a pele quando a ira incendiou o rosto de Keenan.

— Certo. Certo... — E ele começou a rir com suavidade, e foi como uma brisa fresca na pele ardente de Aislinn. — Por fim te encontro e você não me quer. Você é capaz de me ver, de modo que eu posso ser como realmente sou: não um mortal, mas sim um élfos. Continuo submetido a outras regras: não posso te contar porque você é importante para mim, quem sou eu...

— O Rei do Verão. — o interrompeu, afastando-se dele, pronta para correr. Tentou manter sua raiva sob controle. Keenan tinha se portado corretamente com ela, mas isso não mudava nada. Ele continuava sendo um élfos. Ela não deveria ter-se permitido esquecer esse dado.

— Aaah, de modo que você também sabe disso.

Com um movimento inumanamente rápido, ele se aproximou mais até que eles estivessem peito contra peito. Em menos tempo em que se demora em piscar, ele se mostrou com seu autêntico aspecto: sem se ocultar com seu sortilégio. A calidez se derramou sobre ambos, como se do cabelo do jovem caíssem raios de sol semelhantes a mel túbio que se vertia devagar sobre Aislinn.

Ela sufocou um grito e sentiu como se o coração fosse se queimar por bater tão depressa. O calor se deslizou por sua pele, até que esteve quase tão tonta quanto quando dançavam.

Então ele o deteve como se fechasse uma torneira. Já não havia brisas, nem ondas, nada exceto sua voz.

— Te prometi que faria qualquer coisa que você me pedisse e que estivesse em minhas mãos. O que você me pede não está em minhas mãos concedo-lo, Aislinn, mas há muitas coisas que sim.

Ela sentiu que lhe faltavam os joelhos; seus olhos queriam se fechar. Teve a espantosa tentação de rogar-lhe que fizesse aquilo de novo – fora o que fosse – só mais uma vez, mas sabia que era absurdo. Ela o afastou de um empurrão, como se a distância pudesse ser-lhe de ajuda.

— Então você mentiu para mim.

— Não. Uma vez que se escolhe a uma garota mortal, não se pode anular a eleição. No final você tem a possibilidade de me rejeitar ou me aceitar, mas sua vida mortal já ficou para trás. – Ele conchavou as mãos diante dela, recolhendo o ar e transformando-o em um líquido cremoso. Volutas vermelhas e douradas se estremeciam nele; partículas brancas flutuavam entre as outras cores.

— Não. – Aislinn sentiu que sua raiva de toda uma vida para os élfos se acendia. – Eu te rejeito, Ok? Vá embora e ponto final.

Keenan suspirou e soltou o punhado de luz solar, que pegou com a outra mão sem olhar.

— Agora você é uma de nós. Uma élfica estival. Mesmo que não fosse, você continuaria sendo minha, parte de nosso povo. Você bebeu vinho élfico comigo. Não leu isso em seus livros, Aislinn? Jamais beba com os élfos.

Ainda que ela ignorasse o porquê, aquilo tinha sentido. Em seu foro: seu ouvido, a estranha calidez debaixo de sua pele. “Já sou uma deles?” Mas isso não significava que tivesse que aceitá-lo. A pesar de sua crescente fúria, fez uma pergunta:

— Então, por que me deixou ir para casa?

— Pensei que te chatearia se acordasse comigo, e... – Fez uma pausa, com a boca torcida em um meio sorriso burlão. – E eu não te quero chateada.

— Pois eu não te quero de nenhuma forma. Por que não pode me deixar em paz e ponto final? – Fechou a mão em um punho, tentando conter sua raiva, coisa que lhe estava sendo cada vez mais difícil nos últimos dias.

Keenan deu um passo para ela, deixando que a luz do sol descendesse sobre seu braço.

— As normas exigem que faça uma eleição formal. Se não aceita a prova, você se converte em uma Nífa do Verão... ligada a mim tanto quanto uma criança de peito à sua mãe. Sem mim você se desvanecerá, se transformará em uma sombra. Essa é a natureza dos élfos recentes e a limitação das Ninfas do Verão.

A fúria de Aislinn – tão bem controlada depois de tantos anos – golpeava em seu interior como uma nuvem de traças que chocasse contra sua pele, ansiosas por ficar em liberdade. “Controle-se. – Cravou as unhas nas palmas da mão para não esbofetear Keenan. – Centre-se.”

— Não serei uma élfica em seu harém nem em nenhum outro lugar.

— Então fique comigo e só comigo: essa é a outra opção.

Então ele se inclinou e a beijou nos lábios. Para ela foi como tragar luz solar, como essa sensação de languidez depois de muitas horas na praia. Foi glorioso. Aislinn retrocedeu tropeçando até que tropeçou com o caixilho da vitrine.

— Afaste-se de mim – disse, deixando que toda a ira contida se refletisse em sua voz. Sua pele começou a brilhar com o mesmo fulgor que a de Keenan. Ficou olhando seus braços, horrorizada. Esfregou o antebraço, como se assim pudesse eliminar o fulgor. Não houve mudança alguma.

— Não posso. Você me pertenceu durante séculos. Você nasceu para me pertencer. – Ele voltou a se aproximar e soprou-lhe sobre o rosto como se estivesse soprando um dente-de-leão⁵⁶ para espalhar suas sementes.

Aislinn quase revirou os olhos; sentiu todo o prazer que havia desfrutado sob o sol de verão, combinado com uma carícia aparentemente interminável. Ela se apoiou contra a áspera parede de ladrilho que havia junto a eles.

— Vá embora.

Ela fuçou em seus bolsos em busca dos pacotes de sal que Seth tinha lhe dado e os abriu com um estalido.

Os lançou sem força, mas ainda assim roçou em Keenan. Ele começou a rir.

— Sal? Oh, encanto, você é um troféu do mais delicioso.

Precisou de mais energia do que ela achava ter, mas Aislinn conseguiu se separar do muro. Sacou o aerossol de pimenta: funcionava com qualquer coisa que tivesse olhos.

Girou a trava de segurança e apontou ao rosto de Keenan.

— Coragem e formosura. – sussurrou ele, reverentemente. – Você é perfeita.

Então se despojou de seu sortilégio e se uniu ao resto dos élfos invisíveis que passeavam pela rua.

Deteve-se no meio do quarteirão de edifícios e sussurrou:

— Te permitirei ganhar este assalto, mas ainda assim eu ganharei o jogo, minha bela Aislinn.

E ela o ouviu tão claramente como se Keenan ainda estivesse do seu lado.

⁵⁶ Vide Fig. Pág: 179.

Capítulo 23

“Seus presentes normalmente vêm com certas condições, as quais retiram seu valor e algumas vezes, se tornam a fonte de perdas e tristezas.”

A ciência do conto de fadas: um inquérito sobre a mitologia élfica, Edwin Sidney Hartland (1891).



Donia sabia quem era antes mesmo de chegar à porta. Nenhum elfo se atreveria a bater em sua porta daquela maneira.

— Um jogo? Aislinn invadiu a sala, seus olhos brilhando.

– É isso que tudo é para você também?

— Não. Pelo menos não da mesma maneira. – Ao lado de Donia, Sasha mostrou dentes e baixou suas orelhas, dando as boas vindas para Aislinn como ele um dia dera as boas vindas para Donia. Ele sabia que (apesar das ondas de raiva que fluíam de Aislinn) ela não representava nenhum perigo.

Ela ficou lá parada, brilhando como Keenan fazia quando estava com raiva, e largou.

— Então o que é?

— Sou um peão, nem rei ou rainha. – Donia disse com uma careta.

A raiva se esvaiu tão rápido quanto apareceu, Aislinn parou.

“E também é tão volátil quanto ele.”

Aislinn mordeu o lábio, em silêncio por um momento.

— De um peão para outro, você poderia me ajudar?

— Na verdade é o que eu faço.

Feliz por desviar o olhar do brilho terrível que feria seus olhos, Donia caminhou em direção a um antigo guarda roupas e o abriu. Misturadas com suas roupas do dia a dia havia roupas que ela não usava: Blusas de veludo com lindos bordados, blusas brilhantes que pareciam ser uma rede de estrelas, vestidos feitos com tecidos transparentes que mostravam tanto quanto cobriam, e roupas de couro de todos os modelos que uma garota poderia querer.

Ela pegou um bustiê carmim que Liseli dissera que usara no baile do solstício, no ano após ela ter se tornado a Dama do Inverno.

“Ele chorou lágrimas de luz do sol – ela dissera para Donia. – mostre para ele o que ele não pode ter.”

Donia nunca foca capaz de ser tão ousada, mas ela gostaria.

Os olhos de Aislinn se alargaram quando ela olhou para o bustiê.

— O que você está fazendo?

— Te ajudando. – Donia voltou a pendurar a roupa e pegou uma coleira estranha de metal incrustada com pedras negras.

Aislinn empurrou aquilo para longe, com uma careta.

— Isso é ajudar?

— É sim. – Então Donia encontrou a peça que serviria para Aislinn: uma camisa renascentista que havia sido modificada para uma blusa, com um cordão de um vermelho tétrico que seguia do pescoço até a cintura. – Os élfos respondem bem para a confiança. Eu aprendi isso tarde demais. Você deve mostrar para ele que não é submissa, que você não será comandada. Vá até lá, aja como igual, não se subjogue, e diga que você quer negociar.

— Pelo quê? – Aislinn pegou a blusa acariciando o material macio.

— Por algum tipo de paz. Ele não ira embora. E sua humanidade não ira voltar. Não comece a eternidade com ele acreditando que ele pode te dizer o que fazer. Comece surpreendendo-o: se vista para a batalha.

Donia procurou por saias e os trajas. Todos pareciam muito formais. Aislinn precisaria lembrar Keenan que ela não era como as outras, submetida as suas vontades. Ela era uma garota que cresceu em um mundo onde as mulheres possuem escolhas.

— Seja mais agressiva do que ele. O convoke para uma conversa. Se ele demorar, não espere, vá a procura dele.

Agarrando a blusa, Aislinn parecia desamparada.

— Não estou certa de que posso fazer isso.

— Então você já perdeu. A sua modernidade é a sua melhor arma. Use-a. demonstrar que tem direito a algum tipo de escolha. Você sabe o que ele é, então, exija que ele fale com você. Negocie por qualquer controle que possa arrancar dele. – Donia pegou uma calça elegante e moderna. – Vá trocar de roupas. Depois vamos continuar a conversa.

Aislinn pegou a calça preta e apertada com as mãos tremendo.

— Existe alguma maneira de ganhar?

— As Ninfas do Verão acreditam que elas ganharam. – Donia odiava falar aquilo, mas era verdade. As garotas eram felizes: elas não viam suas dependências como um fardo.

Aislinn apertou a blusa em suas mãos, torcendo-a como uma roupa molhada.

— Quais as alternativas? Tem que haver outras escolhas.

Donia parou. Ela colocou a mão no pulso de Aislinn, se livrando do sortilégio e revelando a neve que caia em seus olhos.

— Eu.

Ainda que o frio do inverno fosse terrível para os élfos estivais, (o que Aislinn era agora) ela não desviou o olhar.

Então Donia deixou o frio escorregar por seus dedos, até que o frio subisse pelo braço de Aislinn, formando pequenas colunas de gelo no cotovelo dela, então caindo no chão com um estalo.

— Essa é a outra opção.

Estremecendo, Aislinn finalmente se desviou.

— Também não quero isso.

— Eu sei. – Donia reabsorveu o frio, tremendo pelo esforço. – Mas entre as duas... Elas são livres de maneira que não sou. Ser uma Ninfa do Verão é viver para sempre, para a dança e a brincadeira, e ter a liberdade para quase qualquer coisa. É uma vida de eterno verão. Elas não têm responsabilidades, elas deixaram isso para trás junto com suas mortalidades, e ele... – Ela quase se engasgou com as palavras, mas ela ainda assim ela as disse. – Ele toma conta delas. Elas não carecem de nada.

— Eu não quero isso.

Donia queria falar para Aislinn para recusar isso, mas não era sua função. Isso era seu trabalho. Ao invés disso Donia disse:

— Isso é o que você já é. Com certeza você notou?

Com isso os ombros de Aislinn caíram.

Donia se lembrava disso, aquele sentimento estranho de dissociação que acompanhava a mudança. Não eram memórias agradáveis, até mesmo agora com o frio alojado bem fundo dentro dela. Ela escondeu a pena em sua voz e falou:

— Para não se juntar a elas, você deveria fazer o teste.

— Que tipo de teste? – Aislinn parecia ainda mais jovem do que assustada.

Ninguém havia feito essa pergunta antes. Quando a questão do teste surgia, as garotas já haviam se decidido. Elas poderiam não falar sobre isso, mas a escolha delas, (em arriscar tudo para estar junto de Keenan ou não) já havia sido feitas em seus corações.

No tempo de Donia, nenhuma delas havia amado ele o suficiente para arriscar. E por isso mesmo, ele não as havia amado realmente... Pelo menos era o que Donia dizia para si mesmo a cada vez que Keenan conquistava uma nova jovem.

— Isso é ele que deve lhe dizer. Eu não posso. Ele te apresentará uma terceira opção, uma recompensa, por assim dizer. Em nove séculos, ninguém se tornou essa terceira coisa. Se você fizer o teste e perder, você se tronara o que sou. Se você não fizer o teste antes da próxima estação chegar, isso também será uma opção: você simplesmente se unirá às outras garotas. – Donia deu um leve empurrão em direção ao quarto. – Vá se trocar.

Aislinn parou na porta.

— Não existe nenhuma saída para essa confusão? Apenas caminhar para fora disso? Eu quero voltar para minha vida. Não existe alguém com quem podemos falar?

Donia calmamente fechou a porta do guarda roupas, sem olhar para Aislinn. Ninguém nunca havia feito essa pergunta também.

Ainda encarando o guarda roupas, ela disse.

— Apenas uma garota conseguiu evitar a escolha.

— Como ela conseguiu?

Se virando, Donia encarou Aislinn e matou a esperança que havia aparecido em sua voz.

— Ela morreu.

Capítulo 24

“Ele não é menos um personagem que o Rei dos Élfos... Na verdade são muito numerosos [seus súditos] e eles são muito diferentes na sua natureza. Ele é o soberano desses beneficentes e alegres seres... que dançam na luz do luar.”

O Mabinogion (notas), Lady Charlotte Guest (1877).

Keenan mexeu na sua bebida futilmente. Ir ao Rath usualmente o alegrava, mas tudo que ele podia pensar era sobre como convencer Aislinn que ela era essencial. Ele deixou suas emoções saírem mais cedo, deixando seu poder vazando sobre ela, e ela havia se derretido ao senti-lo; reconhecendo isso como isso é chamado sua própria mudança, mas ele precisaria de outra tática para o próximo encontro.

Nunca o mesmo movimento duas vezes.

— Se você não vai conversar, vá dançar Keenan – Tavish falou calmamente, como se ele não estivesse preocupado. — Vai fazer bem para eles ver você sorrir.

Além dele, as Ninfas do Verão estavam dançando, girando nesse jeito vertiginoso que elas gostavam, e dando risadinhas. Guardas, dentro e fora de suas ocupações, circularam através da multidão. Apesar de ser seu clube, os élfos Invernais e os Obscuros freqüentavam mais e mais, fazendo seus próprios guardas cada vez mais necessários à medida que o tempo passava.

Só élfos da Corte Eminente pareciam capazes de seguir as regras da casa regularmente. Mesmo seus próprios élfos estivais não eram bem comportados na maioria das noites.

— Certo. — Keenan pousou com barulho o resto da sua bebida e chamou Cerise com um sinal.

O celular dele tocou, e era ela. Sua voz. Ela. Sua recente rainha.

— Aislinn?

Ele fez um movimento de escrever no ar. Tavish pegou um guardanapo; Niall mexeu uma caneta.

— Claro... Não, eu estou no Rath. Eu poderia ir agora... — Ele desligou e encarou o telefone.

Tavish e Niall olharam com expectativa para ele.

Keenan acenou para Cerise voltar para a pista.

— Ela quer me encontrar e conversar.

— Viu? Ela vai cair na linha como o resto delas. — Tavish disse aprovando.

— Você precisa de nós ou nós podemos ir — Niall pegou Siobhan pela cintura enquanto ela andava perto — relaxar?

— Vai dançar.

— Keenan? — Cerise segurou uma mão.

— Não, não agora. – Ele virou para longe, assistindo os criados correndo através da multidão, mal evitando serem pisados pelos pés dos dançarinos.

Ele deixou sua luz do sol pingar sobre a multidão, colocando vários sóis ilusórios rodando em cima dos dançarinos. Minha rainha me procurou para sair. Tudo seria como deveria ser, logo. “Minha rainha, finalmente ao meu lado.” Ele riu alegre, vendo a alegria dos seus élfos na frente dele, os élfos que esperaram com ele. Logo ele seria capaz de restaurar a ordem na corte. Logo, tudo estaria certo.

Aislinn andou para baixo do prédio abandonado ao lado do rio, murmurando o conselho de Donia de novo e de novo a cada passo: pegue a ofensiva. Ela tentou acreditar que ela podia fazer isso, mas a simples idéia de ir para o seu covil fazia ela se sentir doente. Ela tinha visto élfos o suficiente indo para o Rath and Ruins pelos anos que ela soube evitar isso em todos os custos.

“Mas aqui estou eu.”

Ela sabia onde ele estava, sabia que ele viria se ela acenasse, mas Donia pensou que isso era inteligente. “Seja agressiva. Bata primeiro.”

Aislinn agarrou a esperança que havia um jeito de guardar sua vida, pelo menos o máximo disso que ela pudesse.

“Eu ainda não sei o que ele quer, não realmente.” Então, ela ia perguntar, mandar, que ele falasse com ela, que ele contasse o que ele queria, e por que.

“Eu posso fazer isso.” Ela parou na porta.

Em frente dela, meio inclinado, estava um dos porteiros. Embaixo do sortilégio, ele tinha uma aparência aterrorizante, presas curvadas em espirais saindo em cada lado de seu rosto, terminando em pontos afiados. Ele parecia como se passasse todo o tempo levantando pesos, um fato que ele não escondia com seu sortilégio.

Ela parou vários passos longe dele.

— Licença.

Ele baixou sua revista e olhou por cima dos seus óculos escuros.

— Só membros.

Ela olhou para cima, para ele, pegando seu olhar o melhor que ela podia, e disse:

— Eu quero ver o Rei o Verão.

Ele colocou a revista de lado.

— O que?

Ela endireitou os ombros. “Seja agressiva”. Isso soava muito mais fácil do que se sentia. Ela tentou de novo.

— Eu quero ver Keenan. Ele está lá dentro. E eu sei que ele quer me ver. E sou a – ela forçou as palavras saírem – nova garota na vida dele.

— Você não devia vir aqui. – ele resmungou enquanto abria a porta e acenava para um menino com uma juba de leão que estava dentro. – Fala que... fala para o Keenan que... – ele olhou para ela.

— Ash.

— Que a Ash está aqui fora.

O menino-leão acenou e correu, desaparecendo através de uma porta. Seu sortilégio o fez parecer angélico, sua juba de leão uma curva de cabelo loiro-arenoso pavorosa. Dos élfos da cidade os juba-de-leão era um dos poucos que nunca parecia causar problemas de propósito.

O guarda deixou a porta cair com um baque. Ele pegou sua revista, mas ele continuou olhando para ela e balançando a cabeça.

Seu coração pulou. Tentando aparentar frieza, ela olhou de volta para a rua. Poucos carros chegavam tão longe; não era uma área ativa.

“Se eu vou ser agressiva, por que não começar agora?” Uma pratica. A próxima vez que ele olhou de volta para a revista, ela disse:

— Se te serve de alguma coisa, você é mais sexy com as presas.

Ele olhou de boca aberta para ela. A revista caiu o chão úmido com um som agudo.

— Com o que?

— Presas. Serio, se você for empregar um sortilégio, Substitua as presas por piercings em formas de barras, por exemplo. –Aislinn deu a ele um olhar avaliativo. – Um pouco mais ameaçador, também.

Seu sorriso era uma coisa lenta, como o nascer do sol nascendo no horizonte. Ele alterou seu sortilégio.

— Melhor?

— Sim. – Ela parou perto dele, não tocando, mas mais perto do que ela acreditava que podia chegar sem entrar em pânico. “Finja que é Seth”. Ela inclinou sua cabeça então estava olhando para ele. – Funciona para mim.

Ele riu, nervosamente, e olhou por cima do ombro. O mensageiro não estava de volta ainda.

— É muito provável que eu ganhe uma surra se você continuar fazendo isso. É uma coisa seria com uma mortal, mas você... – ele balançou sua cabeça – você esta fora dos limites.

Ela não se moveu, não fechou a pequena distancia, mas não voltou, também.

— Ele é assim tão cruel? Bate em pessoas?

O guarda quase teve um colapso com sua risada.

— Keenan? Inferno, não. Mas ele não é o único jogador. A Dama do Inverno, os conselheiros do Keenan, as Ninfas do Verão – ele estremeceu, abaixou sua voz – a Rainha o Inverno. Você nunca sabe quem vai ficar irritado sobre o que quando o jogo está em andamento.

— Então qual é o premio pelo jogo? – O coração dela bateu tão alto agora, que sentiu como se fosse ter dores no peito a qualquer momento.

Keenan e Donia não estavam contando tudo pra ela; talvez ele pudesse. Donia podia dizer que ela estava tentando ajudar, mas ela era uma das jogadoras.

O mensageiro estava voltando, liderando duas das élfas decoradas com videiras que ela viu na biblioteca. “Foco. Não entre em pânico com o que ele diga.”

Ele se inclinou até que suas presas emolduravam a testa dela e sussurrou:

— Controle. Poder. Você.

— Oh.

O que isso significa?

Ela silenciosamente seguiu a menina coberta com videira, pensando se alguma vez um elfo deu uma resposta direta. “Aislinn, minha rainha, por aqui” seguiu Eliza através da multidão; ela separava as pessoas como ela fez por ele. Ela era adorável, uma visão se tornando realidade.

As Ninfas do Verão giraram como dervixes⁵⁷. Os élfos invernais ficaram de mau-humor. E os élfos obscuros lamberam seus lábios, como se em antecipação. Outros – élfos solitários e os escassos membros da Corte Eminente que misturavam com a multidão – olharam curiosos, mas sem se envolverem no resultado. Isso era como se sua vida, sua luta, não eram nada mais do que um quadro para sua diversão.

Eliza parou, curvou sua cabeça.

— Sua convidada, Keenan

Ele acenou, então puxou fora uma cadeira para Aislinn. Ela não estava sorrindo, não estava feliz. Ela não estava aqui para aceitar, mas para lutar.

“E todos estão assistindo.”

Ele se sentiu curiosamente pouco a vontade. Ele sempre escolhia o campo da batalha, definia o palco, mas ela estava aqui – no clube dele, rodeado pelo povo dele – e ele não tinha nem a mínima idéia de como lidar com isso.

“Ela veio por mim.” Não pela razão que ele gostaria, embora; sua postura era prova o suficiente que ela estava lá para rejeitar ele.

Como estratégia, era muito boa. Mesmo se ela não fosse a Rainha, ela era o melhor jogo que ele teve em um bom tempo. Se ela não estava tão apavorada com ele, esse seria um bom começo para a noite.

— Me informe quando você parar de me encarar. – Ela tentou soar arrogante e falhou. Ela virou e sinalizou para um dos inúmeros criados que corriam em volta. – Poderia me trazer alguma coisa normal que os mortais bebam? Eu não quero nenhum daqueles vinhos que eu bebi no parque.

O criado se curvou— seu cabelo arrepiando quando outro elfo tentou parar perto – e foi procurar a bebida dela, não diminuindo pelos élfos em volta dele, se perdendo na multidão de élfos.

Na borda da pista de dança, Tavish e Niall assistiam abertamente, usando os guardas para formar um muro para deixar as meninas afastadas. Elas raramente tinham senso sobre o que deveria e o que não deveria ser dito. Nessa noite elas estavam quase impossíveis para lidar, acreditando que sua rainha estava finalmente com eles.

— Parei de encarar. – ele murmurou, mas ele não parou. Ele não pensou que ele poderia se ela se vestisse assim mais freqüentemente. Ela estava com uma calça com uma espécie de vinil e uma blusa antiquada que tinha um laço com uma fita de veludo vermelho. Se ele puxasse aquela fita, ele tinha bastante certeza que tudo iria se desfazer. – Você quer dançar antes da gente conversar? – Seus braços quase doeram para segurar ela, para dançar como eles dançaram no festival, para girar na frente dos élfos... “Nossos élfos.”

— Com você? Pouco provável. – Ela souou como se estivesse rindo dele, mas a sua bravura era forçada.

— Todos estão olhando. – “Olhando para nós dois”. Ele precisava valer a si próprio ou os élfos poderiam pensar que ele é fraco, subordinado dela. – Todos menos você.

Então ele tirou seu sortilégio, deixando que toda a luz do sol que ele carregava iluminar ele, fazendo ele mesmo brilhar como um farol na luz fraca do clube. Para um

⁵⁷ Membro de qualquer uma das várias ordens ascéticas de monges ou mendicantes maometanos, das quais algumas se distinguem por observâncias características, tais como danças violentas e piruetas (dervixes dançantes, dervixes girantes), ou cantos vociferantes ou gritantes (dervixes uivantes).

mortal ver um elfo era uma coisa, mas se sentar ante a um monarca élfico era outra coisa totalmente diferente.

Os olhos de Aislinn se alargaram; ela respirou com dificuldade.

Se inclinando sobre a mesa, Keenan lançou uma mão para agarrar uma das suas rigidamente apertadas mãos.

Em movimento muito rápido para um olho mortal ver, Aislinn arrancou fora, então franziu para sua mão, como se ela pudesse reprimir o lembrete de quanto ela já estava mudada.

Então o criado que Aislinn mandou para pegar os refrescos estava de volta, carregando uma bandeja de bebidas; três dos seus o seguiu, cada um carregando uma bandeja com o açucarados aperitivos mortal que os elfos preferiam.

Com uma amizade que ela negava para os elfos, ela sorriu para eles.

— isso foi rápido.

Eles ficaram parados, as jубas morenas incharam de prazer.

— Por você nós faríamos qualquer coisa, minha senhora – o mais velho respondeu em uma voz grave que todos os criados tinham.

— Obrig... – ela parou antes que ela falasse aquela desconfortável palavra mortal – quero dizer, é gentil da sua parte.

Keenan sorriu enquanto a assistia. Talvez a sua atitude diferente fosse um resultado de seu próprio corpo diferente; talvez fosse um produto da inevitável aceitação pelos elfos. Ele não se importava, enquanto ela sorria para seus elfos.

Mas quando ela olhou para longe dos criados, obrigada a olhar para seu rosto brilhante, ela parou de sorrir. O pulso dela bateu em sua garganta como uma coisa presa. Seu olhar deslizou para longe dele; ela engoliu várias vezes.

Os criados colocaram as bandejas na mesa; sorvete, bolos, e café; sobremesas de padarias próximas e bebidas úmidas sem álcool. Eles rosnaram uns para os outros enquanto falavam das delícias.

— Prove esse.

— Não, esse.

— Ela vai gostar mais desse.

Finalmente Tavish veio na mesa com um guarda para afastá-los.

— Vão embora.

Aislinn assistiu silenciosamente. Então, com uma visível determinação, ela se voltou para Keenan.

— Então vamos falar sobre seu joguinho. Talvez haja uma resposta que nós podemos achar que vai deixar nós dois voltar para nossas vidas.

— Você é minha vida agora. Isso – ele movimentou uma mão envolta dele no clube – os elfos, tudo, isso tudo vai para seu lugar uma vez que você me aceitar. – Nada disso importava sem ela ao seu lado. “Se ela disser não, todos eles morrem”. Ele sussurrou: – Eu preciso de você.

Aislinn apertou seus punhos. Isso não estava funcionando. Como ela ia discutir com ele quando ele ficava lá brilhando como um objeto divino? Ele não estava ameaçando ela, não estava fazendo nada a não ser dizendo coisas para ela que deveriam ser doces. Isso é tão horrível? Ela hesitou enquanto ele olhava para ela tão intensamente, parecendo para todos como se ele fosse uma boa pessoa. “Ele é um elfo. Nunca confie em um elfo”.

O harém de Keenan estava à suas costas, outras garotas que um dia estiveram onde ela estava. Agora elas se misturavam no esmagamento de corpos em volta delas. Essa não era a vida que ela queria.

— Esse não é o tipo de resposta que ajuda. – ela deu um suspiro profundo. – eu não gosto de você. Não quero você. Não amo você. Como você pode pensar que há algum motiva para... – ela tentou achar as palavras certas. Não existia nenhuma.

— Para te cortejar? – ele falou, meio sorrindo.

— Seja o que for que você chama isso. – O cheiro de flores estava esmagando ela, confundindo. Ela tentou de novo. – Eu não entendo por que você esta fazendo isso.

— Já está feito. – ele soltou.

Ela puxou para longe.

— Não.

Ele se inclinou de volta para seu banco. As luzes azuis do clube aumentavam sua aparência desumana. –E se eu te contasse que você era a chave, o graal, o livro, aquele objeto que iria me resgatar? E se eu te falasse que você é o que eu preciso para derrotar aquela que congela a Terra? Se sua aceitação iria salvar o mundo, todos esses élfos, seus mortais também, você faria isso?

Ela o encarou. Aqui estava a resposta que eles estavam escondendo dela.

— É disso que se trata.

— Pode ser. – Ele andou em volta da mesa, devagar o suficiente que ela podia ficar em pé e colocar a cadeira entre eles.

Ela não fez.

— Há só um jeito de descobrir, pensando bem. – ele parou tão perto que ela teve que empurrar ele para agüentar. – Você tem que escolher ficar comigo.

Ela queria correr.

— Eu não virar uma delas – ela acenou para as Ninfas do Verão – Ou algum tipo de élfia do gelo igual Donia.

— Então Donia te contou sobre isso. – ele acenou, como se isso fosse normal.

— O detalhe que você não mencionou? Sim. – ela tentou soar razoável, como se sendo contando para ela que suas opções era o harém das meninas ou uma élfia do gelo era uma coisa habitual. – Olha. Eu não quero ser um de seus brinquedos, e eu não quero ser o que Donia é.

— Eu não acho que você vai ser uma das duas. Eu te disse mais cedo. Eu quero que escolha ficar comigo. – Ele a colocou em pé, deixando ela muito perto dele. – se você é a Esperada...

— Ainda não estou interessada.

Ele pareceu cansado então, tão infeliz como ela se sentia.

— Aislinn, se você é ela, a chave que eu preciso, e se você for embora, o mundo vai continuar a ficar mais frio até que os élfos estivais, incluindo você agora, morrem disso, até que os mortais morram de fome. – Os olhos dele estavam reflexivos, como um olho de um animal embaixo daquelas estranhas luzes do clube. – Eu não posso permitir que isso aconteça.

Por um momento Aislinn ficou lá, incapaz de achar uma palavra para dizer. Donia estava errada: ela não era capaz de falar com ele, tentar discutir com ele. Ele não era discutível.

— Eu preciso que você entenda. – Seu tom estava assustador, o rosnado de alarme de um predador no escuro. Quase tão rápido, ele soou desesperado quando ele acrescentou – Você não pode pelo menos tentar?

E Aislinn se sentiu acenando, concordando que ela iria tentar, desesperada para acabar com a infelicidade dele.

“Foco”. Isso não era o que ela veio fazer aqui. Ela agarrou a borda da mesa até que machucou.

Vendo ele, sabendo que ele era real, conhecendo o que verdadeiramente parecia o mundo que ele estava oferecendo; não estava fazendo nada fácil de resistir. Ela pensou que seria, pensando nas coisas terríveis que ela via, iria fazê-la mais forte, mais relutante. Mas enquanto ele a olhava implorando, tudo que ela podia pensar era na ânsia de lhe dar o que queria, qualquer coisa para fazer aquela luz do sol chamejar sobre ela de novo.

Ela tentou se concentrar nas coisas horríveis dos élfos, pensando sobre as coisas cruéis que ela os via fazerem.

— Seus élfos não são importantes o suficiente para valer que eu desista da minha vida. — Ele não respondeu. — Eu tenho visto eles. Você não entende? Os que estão aqui — ela abaixou sua voz — Eu os tenho visto apalpando meninas, os escutei, os assisti beliscando e dando rasteira e enganando. E pior. Eu tenho escutado eles rindo de nós. Toda minha vida, todo dia, eu tenho visto seu povo. Eu não vejo nada que vale salvar.

— Se você me aceitar, você poderia governá-los; ser a Rainha do Verão. Eles obedeceriam você como eles fazem comigo. — Seus olhos imploraram para ela, não uma cilada de elfo agora, só um olhar desesperado. Ela levantou seu queixo.

— Bem, se o jeito que eles agem é alguma indicação, eles não te obedecem muito bem. A não ser que você não se opõe as ações deles.

— Eu tenho tido pouco poder para fazer mais do que contar com a melhor natureza deles para os fareles escutarem. Se você governá-los, você poderia mudar isso. Nós poderíamos mudar tanto. Salvar eles. — Ele fez um movimento circular com a mão para a multidão dos élfos que estavam dançando. — A não ser que eu viro o rei realmente, esses élfos vão morrer. Os mortais aí fora na sua cidade vão morrer. Eles já estão morrendo. Você vai ver com seus próprios olhos quando isso acontecer.

Ela sentiu lágrimas nos olhos, soube que ele viu, e não se importou.

— Tem que haver outro jeito. Eu não quero isso, e eu não vou virar uma das Ninfas do Verão.

— Você vai, a não ser que você escolha ficar comigo. É uma coisa simples. Sério, é divertido o tão rápido que o processo é.

— E se eu não for esse seu graal? Eu passo a eternidade como Donia? — Ela o empurrou longe — Como isso é um bom plano? Ela está miserável, sofrendo. Eu vi isso.

Ele estremeceu e olhou para longe quando ela mencionou Donia, parecendo muito mais real para isso. Isso a fez pausar. Ele pode ter muito para ganhar, mas pelo olhar de dor que foi para seu rosto, ele pode ter perdido algumas coisas que importavam.

— Só me fale que você vai pensar nisso. Por favor? — ele inclinou e surrou — Eu espero. Só me fale que você está pensando bem nisso. Eu preciso de você.

— Você não pode achar outro jeito? — ela perguntou, embora ela soubesse a resposta, sabia que não havia outra resposta. — Eu não quero ser sua rainha. Eu não quero você. Tem alguém que eu...

— Eu sei. — Keenan aceitou uma bebida de um criado que corria embaixo das pernas de um dos inúmeros guardas que seguiam Keenan. Com outro sorriso cansado, ele acrescentou, - Lamento por isso também. Eu entendo, muito melhor do que sou capaz de dizer.

A inevitabilidade disso tudo estava a se definir. Ela pensou sobre isso: as coisas que iriam mudar, as coisas que ela queria deixar inalteradas. Ela tinha tantas perguntas.

— Há outro jeito? Eu não quero ser uma élf, e eu certamente não quero governá-lo.

Ele riu, tristemente.

— Alguns dias eu não quero também, mas nenhum de nós dois pode mudar o que nós somos. Eu não vou mentir e falar que eu gostaria de desfazer isso para você, Aislinn. Eu acredito que você é a escolhida. A Rainha do Inverno tem medo de você. Até Donia acredita que é a Esperada. — ele levantou a mão dele — eu gostaria que isso não te causasse problemas. Mas eu estou implorando para você me aceitar. Simplesmente me diga o que você quer, e eu vou tentar.

Em um momento estranho como no parque, ele esperou com sua mão estendida, pedindo para ela aceitar ele. No parque de diversões ela pensou que isso estava quase acabando; agora que ela tinha o sentimento que isso só era só o começo.

“Como eu vou contar para Seth? Vovó? O que eu falo para eles?” Simplesmente ignorar isso nunca funcionou com a visão, e ela estava começando a acreditar que isso era a mesma coisa. Ela sabia que estava mudando, apesar do quanto ela esteve tentando negar isso.

“Eu sou uma deles.”

Para sobreviver, ela precisava começar a pensar sobre descobrir o mundo dos élfos.

Então ele percebeu que alguns dos guardas de Keenan mencionaram outra pessoa que manda, outro jogador nesse jogo deles. Ela olhou para ele e perguntou:

— Quem é a Rainha do Inverno? Ela pode me ajudar?

Keenan engasgou com sua bebida. Naquele jeito borrado que ele se move, ele pegou os braços dela.

— Não. Você não pode deixá-la saber que você nos vê, que você sabe alguma coisa do que está acontecendo. — ele a sacudiu um pouco — Se ela soubesse...

— Se ela puder me ajudar...

— Não. Você tem que acreditar em mim. Ela é mais perversa do que eu posso começar a explicar. Eu posso não te atacar por nos ver, mas existem outros que podem, incluindo a Rainha do Inverno. Ela é o porquê de eu ser fraco. O porquê que a Terra congela. Você não pode procurar ela. — Seus dedos escavaram seus braços até que ela começou a brilhar também. Ele parecia apavorado, um pensamento que ela não queria considerar tão perto. “Ele se considerava fraco?”

Silenciosamente ela acenou, e Keenan soltou seus braços, suavizando suas mangas enrugadas.

Aislinn se inclinou mais perto, os lábios dela quase na pele dele já que a música estava ficando mais alta pelo momento.

— Eu preciso saber mais disso. Você está pedindo muito para mim... — ela não podia continuar por um momento, pensando no que ele estava pedindo para ela desistir, para ela virar. “O que eu já estou virando”. — Eu preciso de mais respostas se você quer que eu pense em alguma coisa.

— Eu não posso te contar tudo. Existem regras, Aislinn. Regras que estão em vigor fazem séculos... — Ele estava quase gritando para ser ouvido sobre o barulho. — Nós não podemos conversar aqui no meio da agitação deles.

Em volta deles, os élfos estavam pisoteando, se movimentando em jeitos claramente não mortais, mesmo com o sortilégio deles no lugar.

Ele levantou uma mão de novo.

— Vamos para o parque, em uma cafeteria, qualquer lugar que você quiser.

Ela o deixou ele segurar sua mão, odiando o quão inevitável sua escolha estava começando a parecer.

Keenan sentiu a pequena mão dela na dele, como um calmante toque do sol. Ela não tinha dito sim, mas ela estava considerando isso, aceitando a perda da sua mortalidade. Claro, ela poderia chorar, mas isso era mais comum com as élfas mais novas.

Ele a levou para a porta, bem consciente que os élfos estivais estavam assistindo com olhares aprovadores. Eles dançaram mais perto, passando e sorrindo para Aislinn. E ela deixou a cabeça erguida, tão atrevida como quando ela andou pela multidão para o ver. Ele suspeitou que ela os visse como eles são: não com o sortilégio, mas seus verdadeiros rostos. Ela não dançou, mas ela não se moveu para longe quando eles chegaram mais perto. Para um mortal que pode ver, isso era realmente uma coisa corajosa.

Ele sabia que ela escutou os murmúrios daqueles que não sabiam da visão, escolheram ficar invisíveis, que chegaram ainda mais perto e passaram uma mão o cabelo dela.

— Nossa senhora.

— A Rainha está aqui.

— Finalmente veio para nós.

Eles não escutaram as dúvidas dela de desespero. Eles só escutaram que a garota mortal o procurou; eles só sabiam que ela saiu com ele. Depois das palavras das Eolas no parque, eles acreditavam que ela era aquela que iria deixá-lo livres, resgatar eles. Ele esperava que eles estivessem certos...

— As Ninfas do Verão na biblioteca, elas disseram – ela olhou longe e corou antes de dizer o resto das palavras – elas soaram como se elas, hmmm, namoravam mortais.

Isso doeu, ela perguntando isso. Ele nunca tinha pensado que quando ele achasse sua rainha, ela seria tão desinteressada nele. Ele cerrou os dentes, mas ele respondeu.

— Elas fazem.

— Então eu poderia... – Ela pausou quando eles se aproximaram da porta.

O guarda, o que acrescentou estranhos anéis de metal para o sortilégio dele desde que Keenan chegou, sorriu para ela.

— Ash, o que...?

Sendo atrevida mais uma vez, ela sorriu para ele.

— Depois.

Chocado pelo sorriso fácil dela para o guarda, Keenan virou para perguntar o que tinha acontecido entre eles, o que era muito melhor que do que discutir o seu desejo de continuar a ter um relacionamento com um mortal.

Eles pararam do lado de fora, ele sentiu isso: a onda de frio que dava dor nos ossos.

— Beira. – apressadamente ele sussurrou – Por favor, fique perto de mim. Minha mãe está vindo para cá.

— Eu pensei que você vivia com seus tios.

— Eu moro. – Ele parou em na frente de Aislinn, se colocando entre elas. – Beira é extremamente incompetente para cuidar de alguém.

— Certo, certo, querido, isso não é muito gentil.

Beira parou fora da escuridão como um pesadelo que ele nunca poderia deixar de lembrar. Seu sortilégio revelou a sua habitual vertente de pérolas repousando sobre um vestido cinza, assim como o casaco de peles grossas que ela usava. Mas não revelou os seus olhos cheios de neve ou seus lábios cheios de gelo. Keenan sabia que Aislinn viu, apesar de tudo. Ele sabia que ela viu a verdadeira face de sua mãe. O pensamento não lhe confortou.

Beira deixou seu hálito gelado chegar a seu rosto quando ela suspirou e disse:

— Eu só pensei que eu deveria conhecer a garota que todo mundo esta falando.

Então a Rainha do Inverno se inclinou perto dele e beijou seu filho em ambas as bochechas.

Keenan sentiu o machucado, o machucado feito pelo frio, se formando onde os lábios dela tocaram na pele dele, mas ele não falou. Felizmente, Aislinn também não.

— A outra garota sabe que você saiu com ela? – Beira estava em um estado sussurrado, apontando para Aislinn e enrugando o nariz.

Ele colocou suas mãos em punhos, desejando que ele pudesse deixar seu temperamento reinar, pensando nas ameaças de Beira para Donia. Agora com Aislinn ao lado dele - e ainda vulnerável – ele não ousou fazê-lo.

— Eu não saberia te dizer.

— Tsk, tsk, mau temperamento é tão pouco atraente, você não acha?

Ele não mordeu a isca.

Ela bateu suas mãos, mandando uma onda de frio para ele, e falou.

— Você não vai nos apresentar, querido?

— Não. – Ele ficou em frente e Aislinn, deixando ela fora do alcance de Beira. – Eu acho que você tem que ir embora.

Beira riu, deixando seu gelo deslizar através do som, o fazendoele sofrer. Ele tentou deixar Aislinn segura atrás dele onde o gelo não a tocaria, mas ela ficou ao lado dele e encarou Beira desdenhosamente.

— Vamos. – Aislinn pegou a mão dele então, não com amor ou afeto, mas em um gesto de solidariedade. Essa não era a garota ansiosa que ele esteve conversando no Rath. Não, ela parecia mais como um soldado, um dos guardas que se esquecem de sorrir mesmo em momentos de alegria. Ela estava magnífica.

Enquanto ele ficou parado lá, brigando para não vacilar embaixo do gelo que Beira soltou, Aislinn o abaixou e beijou cada uma das suas bochechas machucadas, seus lábios suaves como uma pomada nas dolorosas contusões.

— Eu não aguento valentões.

Calor atingiu a mão dele, queimou nas bochechas dele. “Não é possível que ela seja tão perfeita.” Keenan olhou de Aislinn para sua mãe. Eles se enfrentaram uns aos outros como se eles estivessem prontos para enfrentar uma guerra que os élfos não tinham visto em milênios.

Incapaz de se concentrar, Keenan se virou para a lixeira que havia no beco, um homem meio que dormindo enrolado em um ninho de roupas e caixas, e escutou o som de seus conselheiros e guardas se aproximando atrás deles.

Beira chegou mais perto, a sua mão ossuda branca passando pela bochecha de Aislinn.

— Ela tem um rosto familiar.

Aislinn parou fora do alcance e Beira.

— Eu não acho.

Beira riu, e Aislinn sentiu algo frio e mal deslizando atrás dela. Se ela estava ou não sobre virar um deles não importava mais; isso parou de importar quando Beira machucou Keenan. Um instinto protetor cresceu nela, um impulso que ela geralmente sentia pelos seus amigos, mas nunca por um élf. Talvez fosse o jeito que ele pareceu no clube, o crescente sentimento que ele caiu numa cilada como ela.

“Beira não poderia ficar contra nós dois. Não Rei e a Rainha do Verão juntos”. Tão quanto ela não gostava da possibilidade, isso soou certo quando ela pensou.

— Até logo, amores. — Beira ondulou e duas harpias param em volta, acompanhando ela igual a aquelas damas de honras faziam nas pinturas da realeza. Embaixo do sortilégio, essas élfas não compartilhavam a beleza escura de Beira, elas simplesmente pareciam como se alguém sugou suas vidas fora delas, deixando cascas vazias, magras e olhos vidrados.

Sem olhar para trás, as três desceram pelo beco. Cacos de gelo racharam e angularam como vidros quebrados, brilharam nos passos de Beira.

Aislinn olhou para Keenan.

— Que vadia. Você está bem?

Mas ele estava olhando para ela com admiração nos seus olhos. Ele colocou uma mão na bochecha dele; os machucados estavam sumindo enquanto ela assistia, deixando uma marca vermelha onde os lábios dela tocaram na pele dele.

O dois “tios” dele vieram para cada lado dele. Seus guardas se moveram envolta dele. “Poucos demais e tarde demais”. Vários élfos estavam falando de uma vez só.

— Beira já foi?

— Você está...?

Mas Keenan os ignorou. Ele deslizou a mão da Aislinn para sua bochecha, segurando lá.

— Você fez isso.

Um dos élfos parou perto.

— O que ela fez? Você está ferido?

— Ela não viu, não é? Beira? — Keenan perguntou.

Os olhos dele se alargaram, e Aislinn viu pequenas flores roxas florescendo dentro deles.

Ela colocou a mão dela longe, balançando a cabeça.

— Isso não significa nada, não muda nada. Eu só estava... eu não nem sei por que eu fiz aquilo.

— Mas você fez — ele sussurrou, pegando ambas as mãos dela na dele. — Você vê o quão diferente isso é agora.

Ela tremeu. Ele estava olhando para ela como se ela fosse graal que ele estava falando, e o pensamento dela era só de correr, longe e rápido, correr ate que ela não pudesse correr mais

— Nós estávamos indo conversar. Você disse... — As palavras dela sumiram quando o peso disso tudo caiu nela. “É verdade. Eu sou a...” Ela não podia nem pensar nisso, mas ela sabia que era verdade, e ele sabia isso também. Ela balançou a cabeça.

— Alguém vai me incluir aqui? — O silencioso tio élf parou perto.

Ainda pegando suas mãos, Keenan inclinou sua cabeça para eles se movimentarem. Sua voz, um baixo sussurro grave, como um estrondo de uma trovoadas, ele anunciou:

— Aislinn curou o toque da Rainha do Inverno.

— Eu não queria. – Ela protestou, tentando ar um puxão livre de seu alcance. Algum flash de amizade, de instinto protetor, tinha desaparecido enquanto ele segurava as mãos dela tão apertadas nas suas.

— Ela beijou o gelo de Beira, e isso sumiu. Ela desfez o taque da Beira. Ela me ofereceu sua mão, por opção, e eu estava mais forte. – ele deixou uma das mãos dela sair para tocar na bochecha dele de novo.

— Ela fez o que?

— Ela me curou com um beijo, dividiu sua força comigo. – Ainda segurando uma das mãos dela, Keenan ficou de joelhos a encarando, lágrimas de ouro correndo pelo seu rosto como um léquido do sol.

Os outros élfos ficaram de joelhos ao lado dele no beco sujo.

— Minha rainha. – Keenan largou a outra mão dela para estendê-la ao seu rosto.

E ela correu. Ela correu como ela nunca correu na vida dela, esmagando o gelo brilhante embaixo dos seus pés, fugindo da luz do sol reluzente na pele do Keenan.

Keenan ajoelhou no chão por vários momentos depois que Aislinn foi embora. Ninguém mais passou.

— Ela foi embora. – Ele sabia que ele soou fraco, mas ele não podia encontrar força para se importar. – Ela é a Esperada e foi embora. Ela sabe, e oi embora.

Ele encarou o beco que ela sumiu. Ela não se moveu tão rápido quanto os élfos, mas ela se moveu mais rápido que um mortal podia. Ele pensou se ela sequer percebeu.

— Nós deveríamos buscar ela? – Perguntou um dos homens de sorveira.

Keenan virou para Tavish e Niall.

— Ela foi embora.

— Ela foi – Tavish disse enquanto mencionava para os guardas voltarem.

Eles sumiram nas sombras, perto o suficiente para ouvir se eles forem convocados, mas não tão perto para eles ouvirem uma conversa suave.

Niall pegou o braço de Keenan.

— Dê a ela esta noite para pensar nisso.

Tavish moveu para o outro lado de Keenan.

— Ela iria pensar sobre isso. Ela disse isso lá dentro. – Keenan olhou de Tavish para Niall várias vezes. – Ela ainda vai. Ela tem que fazer isso.

Nenhum deles respondeu enquanto conduziam-no de volta, seus guardas seguindo eles silenciosamente.

Capítulo 25

“Os élfos, como bem sabemos, se sentem extremamente atraídos pela beleza das mulheres mortais [...] O Rei emprega a seus numerosos duendes para que as encontrem e as levem à força sempre que seja possível.”

*Lendas Antigas, amuletos místicos e superstições da Irlanda, Lady
Francesca Speranza Wilde (1887)*

Aislinn não parou de correr até que chegou ante a porta de Seth. Ela a abriu com um empurrão, chamando-o a gritos e se deteve tropeçando quando viu o pequeno grupo de pessoas reunidas ali.

— Ash? — Seth havia cruzado a sala e a sujeitava entre seus braços antes que ela pensasse o que dizer.

— Eu preciso... — Ela continuava ofegando, com o cabelo grudado no rosto e no pescoço.

Mal observou o tilintar de garrafas e os corpos que se moviam enquanto tentava respirar.

Ninguém fez nenhum comentário, ou se fizeram, ela não ouviu enquanto Seth a conduzia até o segundo vagão, onde estavam seu quarto e o minúsculo banheiro. Eles pararam no corredor, em frente à porta fechada do quarto.

— Você está ferida? — Seth passou-lhe as mãos pelos braços, olhando seu rosto e as mãos, procurando rasgos na ridícula roupa que Donia tinha lhe dado.

Aislinn negou com a cabeça.

— Eu estou gelada e assustada.

— Tome um banho. Se esquite enquanto eu me livro de todo mundo. — Ele abriu a porta e acendeu o pequeno calefator⁵⁸ que havia no lugar. Um suave zumbido encheu o local quando o aparelho começou a resplandecer.

Ela hesitou. Em seguida assentiu. Seth lhe deu um beijo e a deixou lá.

Quando Aislinn saiu do pequeno banheiro, tudo estava em silêncio; todos tinham ido embora. Ela ficou no umbral, se sentindo mais segura agora que se encontrava com Seth. A avó fazia as coisas tão bem quanto podia, mas com seu medo aos élfos, estes adquiriam muita importância, como se até mesmo os assuntos cotidianos dependessem de alguma forma das reações dos élfos.

Seth estava estendido em seu sofá, com as mãos por cima da cabeça e os pés pendurados nos braços do sofá. Ele não parecia alarmado, nem sequer surpreendido pela aterrorizante chegada de Aislinn.

“Ele me vê diferente agora? — pensou ela — Ou eu voltei a ficar invisível?” Ela caminhou para Seth. Ele não se levantou, não a olhou, nem falou. “Ele realmente não pode me ver.” Ela deslizou os dedos por seu braço e se deteve em seus bíceps.

⁵⁸ Aparelho de aquecimento.

— É mais fácil ser agressiva quando você está assim? – Seth a olhou diretamente. Ela afastou a mão imediatamente.

— O quê? Como...?

— A receita de Donia. Você está toda borrada, como os élfos aí de fora, mas ainda assim eu posso te ver. – Ele não se moveu. – Eu não me importo, sabe?

— Já sou tão má quanto eles.

— Eu não acho. – Ele rolou-se sobre seus quadris para deixar espaço para ela no sofá. – Você não tocou um desconhecido na rua. Sou eu.

Ela se sentou no sofá e Seth a rodeou com as pernas, colocando-lhe uma por suas costas e a outra sobre o colo.

— Keenan está convencido de que eu sou a Rainha do Verão.

— A o quê?

— A que pode devolver-lhe os poderes que perdeu. Se ele não encontrar sua rainha, o frio continuará aumentando. Keenan disse que todo mundo, inclusive os humanos, morrerão. É disso que se trata. Ele acha que eu sou a Esperada, essa rainha que vai transformar tudo. – Ela se inclinou para frente para que Boomer não lhe enredasse no cabelo enquanto rastejava pelas costas do sofá. – Me transformaram em uma élfia. Eu sou uma deles.

— Isso ficou claro já que você ficou invisível.

— Eles me fizeram isso, me mudaram, e eu sou... não quero ser sua asquerosa rainha.

Seth assentiu.

— Mas eu acho que sou... – continuou Aislinn. – Eu não sei o que fazer. Esta noite eu conheci a outra: a Rainha do Inverno. – Se estremeceu pensando naquele terrível frio, em como doía. – Ela é espantosa. Apareceu e atacou Keenan e eu senti desejos de feri-la. Tive um impulso de submetê-la e humilhá-la.

Falou a Seth da geada que Beira deixava em seu rastro, das harpias, do beijo que tinha feito todos acreditar que ela era sua rainha. No final acrescentou:

— Eu não quero nada disso.

— Então encontraremos a forma de desfazê-lo. – Ele usou suas pernas para puxá-la sobre seu peito. – Ou vamos descobrir como lidar com ele.

— E se eu não puder? – sussurrou.

Ele não respondeu; não lhe prometeu que tudo sairia bem. Só a beijou.

Aislinn sentiu que o calor a inundava, como se acendesse uma pequena lâmpada em algum lugar próximo a seu estômago, mas não pensou em nada até que Seth a empurrou um pouco para trás e ficou olhando-a.

— Você tem gosto de luz do sol. A cada dia mais e mais. – sussurrou. Ele passou os dedos sobre os lábios dela.

Ela se levantou com vontade de chorar.

— Por isso as coisas mudaram entre nós? Por que estou me transformando em algo diferente?

— Não é isso. – Ele se mostrou tranquilo, pausado, como se aproximasse de um animal assustado. – Sete meses, Ash. Durante sete meses esperei que viesse para mim. Isso – prosseguiu, levantando uma mão dela que reluzia como as de Keenan – não tem nada a ver. Me apaixonei por você antes disso.

— Como eu ia saber? – Retorceu a borda da estúpida blusa que Donia tinha lhe cedido. – Você não dizia nada.

— Eu dizia muitas coisas – Ele a pegou com doçura. – Só que você não as ouvia.

— Então, por que agora? Se não é pelo o que está acontecendo comigo, por quê?

— Eu te esperei muito tempo. – Ele desfez-lhe o laço da blusa e o enrolou o cordão ao redor do dedo. – Você me tratava como um amigo.

— Você era meu amigo.

— Eu ainda sou. – Ele colocou um dedo na parte superior do cordão e puxou para afrouxá-lo. – Mas isso não significa que eu não possa ser outras coisas também.

Aislinn engoliu em seco, mas não se afastou.

— Keenan não o fez. Quero dizer... que nós não fizemos.

— Eu sei. Do contrário, você não teria ido vê-lo vestida assim. – Ele a olhou, passeando lentamente a vista por suas calças de vinil e a blusa um pouco aberta, até alcançar seu rosto ruborizado. – A menos que você deseje Keenan. Se for assim, diga-me agora.

Ela negou com a cabeça.

— Não. Mas quando ele... Não é ele, mas sim alguma artimanha de élfos...

Seth levantou-lhe o rosto.

— Não se renda.

— Se eu... se nós... – Ela respirou fundo e tentou impedir que suas palavras tropeçassem entre si ao falar – E se eu quisesse ficar aqui e passar a noite com você?

Ele a olhou sem piscar vários segundos.

— O que está te acontecendo com élfos não é razão suficiente.

— Certo. – Aislinn mordeu o interior de seu lábio, envergonhada.

Mas como um eco, voltou a ouvir o silêncio de Keenan em Rath and Ruins, como ele tinha evitado cuidadosamente suas perguntas a respeito dos élfos e os mortais. Existia a possibilidade de que, se ela fosse sua rainha, perdesse Seth. Ela fechou os olhos.

— Ash, eu te desejo. Eu te desejo, mas pelo o que há entre nós, não por algo que eles façam ou deixem de fazer.

Ela assentiu. Seth tinha razão, mas não lhe parecia justo. Nada daquilo lhe parecia justo ou correto.

— Mas isso não significa que você não possa ficar. Só que sem sexo. – Ele falava suavemente, como naquele dia em que ela estava tão desesperada. – Assim deixaremos abertas todas as opções.

Enquanto se dirigiam para o outro vagão, o que ele havia transformado em dormitório, Seth a segurou pela mão, mas sem mal apertá-la. Se ela quisesse, podia dar meia volta e ir em direção contrária. Mas Aislinn não fugiu. Entrelaçou seus dedos com os de Seth com tal força, que provavelmente o machucou.

Mas quando se detiveram na porta, com uma cama que praticamente ocupava o estreito espaço de um lado ao outro, ela quase entrou em pânico.

—É...

— Cômoda. – ele soltou a mão dela.

Bom, na realidade não era tão grande. Ela media uns dois metros por um e meio, mas deixava somente uns sessenta centímetros de cada lado. Ao contrário do interior espartano do vagão dianteiro, aquele cômodo era mais chamativo. Havia almofadas de um púrpuro escuro, quase preto, em cima da cama; algumas caídas pelo chão, como sombras sobre o tapete preto. E de ambos os lados havia pequenos aparadores pretos. Em cima de um descansava um elegante equipamento de música também preto; em cima do outro, um candelabro. A cera derretida descia pelas velas e chegava até o tampo do móvel.

— Eu poderia dormir no sofá. – Seth manteve a distância ao dizê-lo, sorrindo com delicadeza. – Para te deixar mais espaço.

— Não. Eu quero que você esteja aqui. É só que – acrescentou, acenando o lugar – é tão diferente do resto da casa...

— Você é a única garota que eu já convidei para entrar aqui. – Ele foi para o equipamento de música e ficou olhando os discos de uma estante da parede – Só estou dizendo para que você saiba.

Aislinn se sentou na borda da cama com uma perna dobrada, mas deixando o outro pé no chão.

— Eu me sinto estranha. Como se fosse mais importante agora que estou aqui.

— Deveria ser. – Ele ficou do outro lado da cama, com um porta-jóias transparente na mão – Eu o fiz de outra forma, com garotas que não me importavam. E não é o mesmo.

— Então porque você fez?

— Por vontade. – Ele não afastou a vista, mesmo que parecia desconfortável. Ele deu de ombros. – Por que tinha bebido. Por todo tipo de razões, eu acho.

— Oh. – Aislinn desviou o olhar.

— Mas isso é passado. Há... umm... – Ele limpou a garganta. – Há alguns papéis aí. Eu queria ter te dado eles antes. Eu ia pegá-los outro dia, mas... – Ele apontou para eles.

Aislinn estendeu a mão e os pegou da cômoda do candelabro. Na primeira folha leu: “Clinica Huntsdale”. Ela olhou para Seth.

— O que é isto?

— São exames. Eu os fiz ainda nesse mês. Eu os faço regularmente. Pensei que você queria saber. Eu quero que você saiba. – Ele pegou uma almofada e deu voltas entre as mãos. – Eu não fui... você sabe... imprudente no passado, mas ainda assim... as coisas acontecem.

Aislinn olhou por cima das folhas, os resultados de análises de topo tipo, desde HIV até Clamídia; todos, negativos.

— Então...

— Eu tinha pensado em comentar isso antes... – Ele espremeu a almofada, amassando-a – E eu sei que isso não é muito romântico.

— Tudo bem – Ela mordeu o lábio. – Eu nunca... você sabe.

— Sim. Eu sei.

— Não houve nada que... que supusesse algum perigo. – Ela manuseou o edredom, se sentindo cada vez mais atordoada.

— Será melhor que eu vá...

— Não, por favor, Seth... – Ela cruzou por cima da cama e o puxou – Fique comigo.

Várias horas mais tarde, Aislinn sentiu como suas mãos se retorciam agarrando-se ao edredom. Já tinham beijado ela antes, mas não daquela maneira, e muito menos naquele ponto íntimo e secreto. Se o sexo era ainda melhor que aquilo, ela não estava certa se iria sobreviver.

Toda a pressão e a inquietude tinham se desvanecido sob o contato de Seth.

Depois ele a abraçou. Ele continuava com os jeans postos, ásperos contra as pernas nuas dela.

— Eu não quero ser um deles. – Aislinn colocou a mão no estômago dele. Deslizou uma unha pintada de rosa pela borda da argola de seu umbigo. – Eu quero estar aqui, com você, ir para a universidade. Eu não tenho nem idéia do que eu quero ser, mas sem dúvida não uma élf. E, é claro, ainda menos uma élf rainha. Mas eu sou; eu sei que sou. O que eu não sei é o que fazer agora.

— E quem disse que você não pode fazer tudo isso mesmo que você seja uma élf?

Aislinn levantou a cabeça para olhá-lo.

— Donia usa a biblioteca – prosseguiu Seth. – Keenan vai ao Obispo O'Connell. Por que você não pode fazer o que desejar? – Ele passou uma mecha de cabelo por cima dos ombros dela.

— Mas eles fazem essas coisas pelo jogo que trazem entre as mãos – protestou Aislinn; no entanto, enquanto o dizia ela começou a duvidar. Talvez não tivesse que ser tudo ou nada.

— E o quê? Eles têm suas razões, você tem as suas, não?

Soava muito mais simples na boca de Seth... Bem, não simples, mas não impossível. Será que ela poderia conservar seu estilo de vida? Talvez Keenan não tivesse respondido à suas perguntas por que ele não gostava das respostas.

— Sim. – Ela voltou a apoiar a cabeça sobre Seth, sorrindo. – Mais razões a cada dia.

Capítulo 26

“Se pudéssemos amar e odiar com todo o coração como fazem os elfos, talvez nós passássemos a ter uma vida longa como a deles”.

O crepúsculo Celta, William Yeats (1893 – 1902).

Ela. – Beira apareceu pisando com força, deixando um rastro de gelo pelo jardim de Donia. – Você não pode deixar que ela chegue perto do cetro. Você me escutou?

Donia se encolheu com a voz cortante de Beira. Ela não falou ou se moveu quando o vento atravessou o quintal, despedaçado árvores, e arrancando as flores outonais que ainda se aferravam a vida.

Beira jogou o cetro no chão e disse:

— Aqui, eu o trouxe. Eu segui as regras.

Donia assentiu. Todas as vezes que Beira havia lhe entregado o cetro, em todas as vezes elas haviam jogado esse jogo, nunca houvera duvida na Rainha do Inverno.

“Mas desta vez é diferente. Essa garota é diferente.”

Os olhos de Beira haviam mudado para completamente brancos, o temperamento dela estava prestes a ficar incontrolável, e Donia não falou nada.

— Se ela vier para levantar o cetro. – Beira levantou a mão e o cetro se moveu em sua direção como uma coisa viva indo para seu mestre. – Você pode impedi-la. Eu não. Esses foram os termos que Irial criou quando submetemos meu filhote: se eu interferir de modo direto, o poder que irá transformar esta mortal na Rainha do Verão se porá manifesto inevitavelmente e eu perderei meu trono; ela ganhará o dela e libertará Keenan. – Beira acariciava o cetro enquanto falava. – Não posso agir, equilíbrio... Maldito equilíbrio... Essas foram às condições de Irial quando decidimos as limitações de Keenan.

Donia apenas sussurrou uma pergunta.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que os teus lindos lábios azuis poderão solucionar meus problemas. – Beira bateu o dedo duas vezes contra seus próprios lábios exageradamente vermelhos. – Isso foi claro o suficiente?

— Sim, foi – Donia forçou um sorriso. – e se eu fizer isso, você me liberta?

— Sim. – Beira cerrou os dentes em um sorriso cruel. – Se isto não estiver terminado nos próximos dois dias, irei mandar as harpias atrás dela, e então eu estarei de volta por você.

— Eu entendi. – Donia molhou os lábios, e tentou imitar a crueldade do rosto de Beira.

— Boa garota. – Beira beijou a testa de Donia e pressionou o cetro em suas mãos. – Eu sabia que poderia contar com você para fazer a coisa certa. Será perfeito, ser você a responsável pela queda de Keenan depois de tudo o que ele te fez.

— Eu não me esqueci de nada que Keenan fez. — Donia realmente sorriu então, e ela soube pelo olhar de aprovação de Beira, que ela parecia tão cruel quanto à própria Rainha do Inverno. Segurando o cetro tão apertado que sua mão doía, Donia falou. — Irei fazer exatamente o que devo.

Keenan dispensou os guardas, as garotas, todos exceto Niall e Tavish. Os guardas que haviam seguido Aislinn confirmaram suas suspeitas, sobre para onde ela estava indo. “Agora ela sabe. Como ela ainda pode fugir? Ir para ele?”

Niall o aconselhou a ter paciência enquanto ele caminhava pela sala. Era o que ele havia oferecido para Aislinn mais cedo, mas agora, agora que ela sabia como ele poderia esperar?

— Eu tenho sido paciente por séculos. — Keenan falou frenético. Enquanto ele caminhava, sua Rainha (aquela pela qual ele estivera esperando por toda sua vida, por séculos) estava nos braços de outro, nada mais que um mortal. — Eu preciso falar com ela.

Niall parou em seu caminho.

— Pense sobre isso.

Keenan empurrou Niall para o lado.

— Você a vê vindo para mim? Eu estou aqui. Eu não a segui até a casa desse cara, mas ela não vem para mim.

— Apenas mais algumas horas? — Niall falou com calma, como ele fizera inúmeras vezes antes, quando o temperamento do Keenan o fazia agir como tolo. — Somente até você se acalmar.

— A cada momento que espero, Beira tem a chance de saber o que aconteceu, e onde ela está. — Ele se dirigiu para a porta. — Ela já sabe o que as Eolas falaram. É por isso que ela apareceu esta noite. Se ela souber o que Aislinn pode fazer, sobre o que podemos fazer juntos...

— Escute o que esta falando. — Niall colocou a mão na porta, mantendo-a fechada. — Você não vai convencê-la enquanto estiver desse jeito.

— Deixe-o ir, Niall. — Tavish disse, sem levantar a voz, mas soando ainda mais sério do que nunca. Sua expressão era assustadora quando ele falou para Keenan. — Lembre-se sobre o que falamos. Nada é longe demais para perseguir esta garota. Todos sabem que ela é a Esperada.

Niall mostrou uma expressão aterrorizada.

— Não.

Keenan empurrou Niall para o lado, abrindo a porta, e prontamente colidiu com Donia. Um silvo de vapor saiu de seus corpos enquanto ele continuava contra o seu corpo frígido por aquele momento muito breve.

Imperturbável como a primeira neve do inverno, ela entrou no apartamento. Por vontade própria. E disse calmamente:

— Feche a porta. Nós precisamos conversar.

Donia passou por Keenan, mostrando sua expressão preocupada para seus conselheiros ao invés de mostrar para ele. Ele não precisava ver isso, não da maneira que estava.

Assim que ela escutou a porta ser fechada, ela disse:

— Ela quer a Ash morta. E quer que eu a mate. — Ela permaneceu perto da porta, mais longe na sala do que gostaria, com ele parado entre ela e a saída. — Você precisa fazer alguma coisa.

Ele não respondeu, apenas ficou olhando para ela com um olhar de pânico.

— Keenan? Você me ouviu? — Ela perguntou.

Ele fez um gesto para Niall e Tavish os dispensando.

— Me deixem sozinho com Don.

Os dois saíram, mas somente depois que Niall a olhou nos olhos e disse para ela.

— Seja gentil.

Keenan se ajoelhou no sofá.

— Ela fugiu de mim.

— Ela fez o que? — Ela se aproximou de Keenan, se abaixando quando um de seus execráveis pássaros passou sobre ela.

— Fugiu de mim. — Ele disse, e a sala se encheu do barulho de penas. — É ela. Ela desfez o congelamento de Beira, me curou com um beijo.

— Você pode convencê-la. — Donia disse em voz baixa. Ela não precisava que Tavish e Niall e qualquer Ninfa do Verão que estivesse pelo apartamento a escutasse ser tão gentil com Keenan. — Deixe que ela tenha essa noite para pensar, mas amanhã...

— Ela correu para ele, Don. Os guardas estavam lá para ver. — Ele pareceu ferido, seus lindos olhos assombrados. — É ela. Ela sabe disso, mas ela fugiu para ir para o mortal. Eu vou perder se...

Donia segurou a mão dele, ignorando a dor de seu toque, o vapor que fluía como uma nuvem de suas mãos.

— Keenan, dê um tempo para a garota pensar. Você sabe disso por toda a eternidade. Isso para ela é algo novo...

— Ela não me ama, ela nem mesmo me quer. — A voz dele tinha tanta tristeza que uma chuva fina começou a cair na sala.

— Então mude isso. — Donia deixou seu olhar correr sobre ele, o desafiando, tentando reavivar aquela arrogância que parecia perdida ultimamente. — O que? Você de repente ficou sem idéias? Vamos Keenan. Vá falar com ela amanhã. Se isso não funcionar, use seu charme. Beije-a. Seduza-a. Apenas faça isso rápido, ou ela será morta.

— E se...

Ela o cortou.

— Não. Eu consegui para um você dois dias no máximo. Beira acha que farei o que ela quer, matar Ash, mas não levará muito tempo para ela perceber. Que não sou dela nem pode me controlar. — Antes que ele pudesse responder, ela levantou a voz para ser ouvida por cima do repicar do gelo que caía de sua pele onde as lágrimas de Keenan a tocavam. — Se você não conquistar Aislinn, ela irá perder a vida. Consiga que ela te escute, ou todos vamos perder.

Capítulo 27

“Cidadãos elfos têm uma qualidade suprema em comum, aquela única alma”.

Élfos, Gertrude M. Faulding (1913).

Quando Aislinn acordou na próxima manhã, ainda aninhada nos braços de Seth, ela sabia que era hora, passado da hora na verdade, de contar para Vovó toda a verdade. “Como? Como eu conto para ela alguma coisa disso?”

Aislinn tinha verificado na última noite, uma breve ligação para acalmar as preocupações de sua avó. Vovó não objetou com Aislinn ficando na casa de Seth, só lembrou para ela ser cuidadosa, para “usar precauções e bom senso.” E Aislinn percebeu que sua avó sabia por que Aislinn estava ficando. Mesmo com sua idade, Vovó acreditava em todos os tipos de igualdade da mulher, um detalhe que é aparentemente chocante com suas conversas “pássaros e abelhas” de não muitos anos atrás.

Aislinn deslizou para fora da cama para uma rápida ida ao banheiro. Quando ela voltou, Seth estava apoiado em um braço.

— Você está bem? – Havia uma óbvia preocupação na voz dele. – Depois dessa noite?

— Muito. – Ela subiu de volta para a cama e se aconchegou perto dele. Ficando com ele era a única coisa que ela sentia realmente certo. – Mas ainda assim eu preciso ir logo.

— Depois do café-da-manhã... – A voz dele estava baixa, quase um resmungo, enquanto ele deslizava a mão embaixo da borda da camiseta que ela estava usando, a que ele estava na última noite.

— Eu deveria ir. Eu preciso conversar com a Vovó sobre coisas e... – Ela engoliu enquanto ele a puxava para perto do peito dele e suspirava contra sua garganta.

A respiração dele estava quente na pele dela, fazendo cócegas.

— Tem certeza? Ainda está cedo.

Ela deixou seus olhos fecharem de novo, se deixando relaxar nos seus braços.

— Hmm... Só mais alguns minutos.

A risada dele era escura, diferente em um jeito que ela não poderia ter imaginado, preenchida com promessas não ditas. Foi maravilhoso.

Quase uma hora depois, ela se vestiu e assegurou a ele que ela não precisava dele para ir para casa.

— Volta mais tarde?

— O mais cedo que eu puder. – ela sussurrou e pensou: “E enquanto eu quiser”. Ela não iria desistir de Seth. Isso não era uma opção. “Se eu sou realmente a Rainha deles, quem tem o direito de me dizer o que fazer?”

Ela ainda estava sorrindo quando os élfos do lado de fora se curvaram para ela. Vários daqueles que pareciam ser guardas a seguiram enquanto ela andava pela cidade, mantendo uma leve distância, mas inegavelmente lá.

Atrás deles ia o elfo com a cicatriz no rosto que havia agido com um dos tios de Keenan no instituto.

Na luz brilhante da manhã – depois de uma longa noite com Seth – isso pareceu de algum jeito menos horrível, não fácil, mas possível. Ela só precisava falar com Keenan, falar para ele que ela faria o teste dele se ela ainda pudesse manter a sua vida real, também. A outra opção – desistindo da sua vida mortal para ser uma Ninfa do Verão ou a Rainha do Verão – não funcionava. Agora ela precisava descobrir como contar para ele e onde achar ele.

Mas ela não precisava achá-lo: ele estava sentado no corredor fora do apartamento dela, invisível para os vizinhos dela.

— Você não pode ficar aqui. – ela disse mais irritada do que com medo.

— A gente precisa conversar. – Ele tinha um olhar cansado no rosto, e ela se perguntou se ele tinha dormido.

— Tudo bem, mas não aqui. – Ela agarrou o braço dele e puxou – Você precisa ir. Ele ficou em pé, mas ele não saiu. Ele olhou furioso para ela.

— Eu esperei quase a noite toda, Aislinn. Eu não vou até a gente conversar. Ela o empurrou longe da porta, longe da casa da Vovó.

— Eu sei, mas não aqui. – Ela cruzou os braços sobre o peito. – Essa é a casa da minha avó. Você não pode ficar aqui.

— Então ande comigo. – A voz dele estava quieta, preenchida com aquele desespero que ela escutou no Rath e Ruins.

Ela tinha se preocupado que ele poderia estar com raiva depois que ela correu, que ele estivesse relutante sobre o compromisso, mas ao invés disso ele parecia tão destruído quanto ela, se não mais. Seu cabelo bronze reluzente parecia tedioso, como se o brilho tivesse sumido. Ele esfregou as mãos no rosto dele.

— Eu preciso que você entenda. Depois da última noite...

Vovó abriu a porta e parou do lado de fora.

— Aislinn? Com quem você está conversando...? – Então Vovó o viu. Ela se moveu tão rápido quanto podia, agarrou Aislinn, e puxou ela para trás. – Você!

— Elena? – Keenan começou, olhos se ampliaram, as mãos abertas em um jeito sem ameaças. – Eu não pretendo fazer nenhum dano.

— Você não é bem vindo aqui. – a voz dela tremeu.

— Que diabos...? – Aislinn olhou do quase pânico nos olhos de Keenan para os de fúria na Vovó. Isso não estava indo bem...

Vovó puxou Aislinn através da porta aberta e começou a fechá-la.

Keenan parou a porta com seu pé enquanto Vovó empurrava com toda sua força.

Ele caminhou para dentro e empurrou a porta fechada atrás dele.

— Eu lamento sobre Moira. Eu queria te contar antes...

— Não. Você não tem o direito nem de dizer o nome dela. Nunca. – A voz de Vovó rachou. Ela apontou para a porta. – Sai. Sai da minha casa.

— Em todos esses séculos, eu nunca fui embora por outra, só por ela. Somente por Moira. Eu ofereci tempo para ela – Keenan chegou como se ele desejasse segurar a mão de Vovó.

Vovó bateu a mão dele longe.

— Você matou minha filha.

Aislinn não podia se mexer. “Como Keenan matou minha mãe? Ela morreu no parto...”

— Não. Eu não fiz. – Ele respondeu em uma voz baixa, soando tão certo quanto ele tinha feito na primeira noite que Aislinn encontrou ele, soando do jeito que ele tinha no instituto. Ele pausou uma mão no ombro da Vovó. – Ela correu de mim, dormiu com todos aqueles mortais. Eu tentei detê-la, mas...

Plaft! Ressoou a bofetada.

— Vovó! – Aislinn agarrou a mão da Vovó e deu um puxão, colocando ela longe de Keenan, conduzindo ela para sua cadeira.

Keenan nem mesmo piscou.

— Uma vez que a mortal é escolhida, não há um jeito de 'desescolher' ela, Elena. Eu teria cuidado dela, mesmo depois que o bebê nascesse. Eu esperei, parei de procurá-la enquanto estava grávida

Vovó estava chorando agora. Suas lágrimas rolaram pela sua bochecha, mas ela não fez nenhum movimento para secar elas.

— Eu sei.

— Então você sabe que eu não a matei. – Ele virou para Aislinn, seus olhos implorando para ela. – Sua mãe escolheu morrer por sua própria decisão antes que se convertesse em Ninfa do Verão.

Vovó encarou a parede, onde poucas fotos existentes de Moira e Aislinn estavam.

— Se você não tivesse caçado ela em primeiro lugar, ela estaria viva.

Aislinn virou para Keenan; a voz dela saiu meio estrangulada quando ela falou.

— Vai embora dessa casa.

Ao invés, ele cruzou a sala, vindo para perto dela, passando pelos retratos de sua mãe sem mesmo dar uma olhada neles. Ele colocou um dedo embaído do queixo de Aislinn e forçou ela olhar para ele.

— Você é a minha rainha, Aislinn. Nós dois sabemos disso. A gente pode conversar agora ou depois, mas eu não vou deixar que você me dê às costas.

— Não agora. – Ela odiou como a voz dela tremeu, mas ela não se afastou dele.

— À noite então. Nós precisamos falar com Donia, providenciar guardas para você e... – Ele olhou pelo apartamento – decidir para onde você vai querer se mudar, onde você quer morar. Existem outros lugares adoráveis que a gente pode morar.

Esse era o élfico que estava perseguindo ela: confiante e atraente. Tão rápido quanto um relâmpago no céu, ele foi de suplicante para exigente.

Ela foi para trás da cadeira da Vovó, fora do alcance dele.

— Eu moro com a minha avó.

Sorrindo beatificamente, Keenan caiu nos seus joelhos em frente da Vovó.

— Se você quiser se juntar a ela na nossa casa, suas coisas serão trazidas. Seria um honra para nós.

Vovó não disse nada.

— Eu lamento que Moira tenha se assustado de tal modo. Eu esperei tanto, quase desisti. Se eu soubesse que Moira seria a mãe da nossa rainha... – ele balançou a cabeça – mas tudo que eu sabia era que ela era especial, que ela me atraía.

Todo o tempo que ele estava falando, Vovó não se moveu: ela cerrou as mãos no colo e olhou para ele.

Aislinn o alcançou e pegou os braços de Keenan.

— Você precisa sair. Agora.

Ele deixou ela o colocar de pé, mas o olhar no rosto dele era horrível. Sumiram todos os traços de bondade, implorativo, de qualquer coisa, mas não de uma crua determinação.

— Você vai vim para mim essa noite, ou eu vou te achar, achar o seu Seth... Não era assim que eu queria fazer isso, mas eu estou ficando sem alternativas.

Aislinn o encarou enquanto as palavras entravam. Ela começou o dia preparada para discutir com ele, para aceitar o inevitável, e ele estava ameaçando ela. Ele estava ameaçando Seth. Ela fez a voz dela o mais frio que ela podia.

— Não vá até lá, Keenan.

Ele abaixou a cabeça.

— Isso não é o que eu quero, mas eu...

— Sai. — Ela o interrompeu. Ela agarrou o braço dele e o levou para a porta. — Nós podemos conversar mais tarde, mas se você pensa por um minuto que ameaças vão ajudar... — ela parou enquanto o temperamento dela flamejava — Você realmente não quer me ameaçar.

— Eu não quero, — ele disse suavemente — mas seu eu tiver que fazer, eu vou.

Ela abriu a porta e o empurrou para fora. Ela deu vários suspiros profundos, inclinada na porta agora fechada, e começou:

— Vovó, eu...

— Corra antes que ele volte. Eu não posso te proteger. Pegue seu Seth, vá embora, vá para algum lugar longe. — Vovó foi para a estante de livros, pegou um livro empoeirado, e abriu isso. Estava vazio no meio. Dentro estava uma espessa pilha de notas. — É o dinheiro de fugir. Eu tenho guardado desde que Moira morreu. Pegue.

— Vovó, eu...

— Não! Você precisa ir enquanto pode. Ela não tinha dinheiro quando ela fugiu; talvez se você tiver... — Ela foi para o quarto de Aislinn e puxou uma bolsa com algum tipo de tecido, decididamente empurrando roupas para dentro, ignorando tudo, incluindo as tentativas de Aislinn para falar com ela.

Capítulo 28

“Dizem que eles têm governantes aristocráticos e leis, mas não uma religião perceptível.”

A comunidade secreta, Robert Kirk y Andrew Lang (1893)



Keenan ouviu as palavras de Elena tão claramente como se ela estivesse do seu lado, mas não se deteve. “De que me serviria?” Ele não podia voltar a entrar em seu apartamento.

Ele saiu ao passeio quase baldio que havia ante ao edifício e esperou que Niall, que estava escarrapachado sobre um banco do outro lado a rua, chegasse até ele.

— Eu disse que ninguém me seguisse.

— Eu não seguia você. Eu seguia a ela, — esclareceu o conselheiro, inclinando a cabeça para o bloco de apartamentos em que vivia Aislinn — A rainha. Isso me pareceu prudente depois da visita da Dama do Inverno.

— Bem — suspirou Keenan — Eu deveria ter enviado mais guardas aqui.

— Você estava distraído. De qualquer forma, isso é o que nós fazemos: cuidar de você. Também poderíamos a começar a cuidar da rainha. — Suas palavras eram despreocupadas, como se Aislinn já tivesse aceitado.

Mas não era assim. E por mais que Keenan tivesse a esperança de que ela não fugisse, ele não estava seguro de que ela não fosse fazê-lo.

Enquanto aguardava no patamar em frete ao apartamento — sabendo que sua rainha estava com outro, sabendo que morreria se ela não o aceitasse, sabendo que Donia morreria quando Aislinn o aceitasse — havia enfrentado a horrível realidade da situação. Ele tinha que fazer o que fosse necessário para vencer. Não havia tempo para esperar. Não podia obrigar Aislinn, mas podia empregar a persuasão élfica, oferecer-lhe muito vinho, ameaçar Seth... Ela acabaria aceitando. Não havia outra saída.

— Como foi? — perguntou Niall enquanto começavam a caminhar, seguidos pelos guardas — Você parece melhor que ontem à noite.

— Bem... — Keenan começou, mas se deteve — Eu não sei. Moira era a mãe de Aislinn.

— Uf. — Ele fez um gesto de dor.

Keenan respirou fundo para se acalmar.

— Mas há maneiras de convencê-la... Coisas que eu não quero fazer.

— As coisas de que Tavish falou?

Mesmo que o tom de Niall foi brusco, Keenan se manteve impassível.

— É questão de negócios. Eu poderia levar seu mortal ao apartamento, fazer com que as garotas durmam⁵⁹ com ele, deixar que Aislinn o veja prejudicado e inconsciente.

⁵⁹ No sentido de fazer sexo, abusar sexualmente do Seth... Tadinho dele =O

— Essa não é nossa forma de agir. Não é próprio da Corte Estival. – Niall fez um sinal aos guardas, que mudaram de direção e os guiaram lentamente para outra rua.

— Não haverá Corte Estival se Beira matar Aislinn. – replicou Keenan. Ele não gostava daquelas opções, mas, por acaso o destino de todos os élfos estivais e dos mortais não valia mais do que a angústia de uma garota?

— Certo. – Niall virou entre duas fachadas para atalhar por uma ruela. – Sei que para Tavish parece necessário ser expeditivo, sem importar o custo... mas eu estou com você há tanto tempo quanto ele.

— Sim. – replicou Keenan devagar. Ele sabia que Niall era ainda mais sensível quanto a questões delicadas.

A expressão do conselheiro se escureceu; quase pareceu doente. Ele falou com voz áspera.

— Não cruze essa linha, Keenan. Não, se há alguma maneira de evitar. Você jamais tolerou essas coisas... Se nosso rei o faz, porque deveria fazer o contrário qualquer um de nossos élfos? – ele se deteve e colocou uma mão no ombro de Keenan.

Nas sombras da ruela, vários élfos de cardo⁶⁰ haviam encurralado uma élfia do bosque, que tinha as costas pregadas à parede e lhes pedia clemência. Eles mal podiam tocá-la, já que estranhamente os próprios guardas de Keenan protegiam a élfia. Os homens de sorveira haviam bloqueado a boca da ruela e impediam que ninguém entrasse ou saísse.

A pobre tinha arranhões sangrentos na pele, produzidas pelas mãos cobertas de cardo dos élfos obscuros. Sua blusa estava praticamente feita em farrapos, o que deixava exposta seu estômago ensangüentado.

— Esta curiosa cena é em minha honra? – perguntou Keenan surpreso.

— É – O conselheiro baixou a voz, mas seu olhar foi audaz. Ele endireitou os ombros, que já os tinha rígido. – Com você não posso empregar a influência paternal que exerce Tavish nem o amor melancólico das Ninfas do Verão.

— E então o que? Você encena uma agressão?

Toda a aversão que Keenan sentia pelas atrocidades dos élfos obscuros pareceu transbordar dele quando olhou para seu conselheiro e em seguida a cena montada ante a eles.

— Eu mandei os guardas buscá-los e recolocá-los aqui – Ele sinalou para os que estavam na ruela. – Agora você verá o comportamento que distingue a Corte Obscura. Jamais foi próprio de nós.

A um sinal de Niall, os guardas interpostos entre os élfos obscuros e a élfia retrocederam, deixando a infeliz à sua mercê. Os agressores riram ao pegar sua vítima. Eles acabaram de arrancar-lhe a blusa e ela ficou com o torso desnudo; ela gritou e suplicou:

— Não, por favor!

Um deles lhe perfurou o braço, cravando-a na parede e deixando-a aprisionada e indefesa.

— Nós vamos dividi-la! – berrou o élfio enquanto lhe lambia o pulso ensangüentado.

Com voz angustiada, Niall perguntou à Keenan:

⁶⁰ Alcachofra-brava, que é uma flor cheia de espinhos... Não é difícil adivinhar o porquê dos élfos obscuros conseguirem machucar tanto a élfia do bosque... Os caras são sádicos FATAO. Vide Fig. Pág:179.

— Você seria capaz de ordenar algo assim? Poderia ver como lastimam o mortal da rainha? Você gostaria que sua Corte agisse assim? Olhe para eles. — Acenou para os élfos obscuros, um dos quais se excedia com lascívia enquanto a élfia do bosque tentava afastá-lo dando-lhe chutes — Nisso que você quer que se converta sua Corte?

Keenan não podia afastar a vista da soluçante élfia, que lutava desesperadamente apesar de que já lhe tinham cravado à parede os dois braços.

— Não é o mesmo.

Utilizando as pernas, a desafortunada agarrou um homem de sorveira pela cintura e esticou até colocá-lo na frente dela como um escudo. O guarda parecia se sentir doente enquanto se safava de seu abraço.

— Não é? — alfinetou Niall sem dissimular seu desgosto. — Você faria isso com a sua Corte?

Keenan se deixou levar pela raiva e desferiu um soco em seu conselheiro, que caiu no chão com o lábio ensangüentado.

Nenhum dos guardas se moveu nem despregou a vista da élfia.

— Você gosta, heim, pequena prostituta?

Seus companheiros começaram a rir.

Keenan olhou para Niall, que estava encurvado no chão.

— Eu farei o que devo fazer para deter Beira. E se tiver que usar algo a mais que palavras com Seth ou Aislinn, vou assegurar-me de que não seja algo violento.

Ainda que detestasse até mesmo pensar sobre isso, ele não devia deixar que sua repugnância por aquele comportamento condenasse todos eles. Aislinn podia desprezá-lo, mas ele não podia permitir que ela se afastasse. Com o tempo, ela acabaria entendendo ele. E se não, ele faria o que estivesse em suas mãos para compensá-la.

— Isso não importa. Não para ela. — afirmou Niall. — Você me contou o que ela te disse depois do parque de diversões, o quão preocupada ela estava... — ele inclinou a cabeça mostrando submissão em sua postura, ainda que suas palavras fossem desafiantes. — Se você forçá-la ou deixar que as garotas utilizem seu mortal, você terá perdido. Houve um tempo em que isso não seria visto como violação, mas hoje em dia é muito diferente.

Com o temperamento mal contido, Keenan ordenou a seus guardas:

— Libertem-na. E eles, tirem-nos daqui. Agora.

Visivelmente aliviados, os homens de sorveira — que superavam em números os atacantes — libertaram com muita rapidez a élfia e despacharam os élfos obscuros, que seguiram rindo.

A élfia soluçava, agarrada ao guarda que tinha tirado a jaqueta para envolvê-la com ela.

— Não é o mesmo. — insistiu Keenan. Ele limpou o sangue de Niall dos nós dos dedos e estendeu uma mão para o conselheiro, que repicou:

— Com o devido respeito, meu rei, é exatamente o mesmo, e você sabe disso tão bem quanto eu. — Ele aceitou a mão que Keenan lhe estendia e ficou em pé. — Essa pobre não chora pelos machucados de seu corpo. Beira lhes faz muito mais dano e todas elas guardam silêncio. Ela chora por medo do que poderia ter acontecido. Ela lutou para impedir o que lhe teriam feito.

Niall não estava dizendo nada que Keenan não soubesse, mas não havia mais opções se Aislinn continuava rejeitando-o. Ela deveria ceder e ele não sabia a forma de convencê-la para que o fizesse. A garota não estava interessada nele de um modo romântico.

A repulsão dela para os élfos era um grande obstáculo, o mesmo que sua relação amorosa com aquele mortal; e agora, as revelações sobre Moira haviam eliminado quase com certeza qualquer mínima possibilidade que lhe restava.

Depois que um par de guardas foi embora com a élfia para escoltá-la amavelmente, Keenan continuou andando.

— Se a escolha é isto ou a morte de Aislinn, nossa morte, o que você me aconselharia escolher? – ele perguntou em voz baixa.

— Talvez você devesse perguntar isso a ela. – Niall acenou para as costas de Keenan.

Keenan se virou e ali estava: Aislinn, sua recente rainha. Niall a cumprimentou inclinando a cabeça, assim como os guardas.

Keenan estendeu uma mão para ela, esperançoso. Ela o ignorou e enfiou ambas as mãos nos bolsos da jaqueta de coroa grande demais que ela estava usando. Não era sua; só de vê-la Keenan soube que a jaqueta pertencia ao mortal.

Ela o olhou soltando fogo pelas ventas.

— Pensei que íamos dar um passeio e falar de certas coisas. Tive que pedir para um de seus guardas que me ajudasse a te encontrar.

Keenan piscou, desconcertado pelo quão imprevisível que era aquela jovem.

— Eu tinha suposto que você estava...

— Vovó me deu dinheiro para que eu escape. Mas imagino que eu não poderia chegar muito longe... – ela se aproximou tanto que a respiração de Keenan agitou-lhe as mechas de cabelo que lhe caíam sobre o rosto. – Estou errada? Eu poderia me livrar de você pelo simples fato de fugir?

— Eu duvido. – respondeu ele, desejando quase poder responder o que ela queria ouvir.

— Para minha mãe não lhe serviu, não é? – ela sussurrou enquanto o encarava fixamente, com uma expressão insondável. – Vamos conversar então. Você me pareceu bastante insistente ao me ameaçar.

Pela primeira vez, Keenan sentiu vontade de se afastar dela. Mas ele não o fez. Antes, no apartamento da avó, ele havia se sentido mais seguro. Agora, com as demonstrações de Niall e os gritos da élfia frescos em sua memória, com Aislinn observando-o com os olhos sombrios, ele teve que se esforçar em recuperar a compostura.

Ela não retrocedeu, mas deu uma olhada aos guardas – ainda invisíveis – que os rodeavam.

— Eles podem nos dar um pouco de privacidade?

— Claro.

Keenan fez um sinal para seus homens, contente por se ocupar de algo cotidiano. Frequentemente, a proximidade dos guardas era para ele agonizante. Eles se afastaram, aumentando o perímetro do círculo protetor.

Com uma mão nos quadris, Aislinn ladeou a cabeça e olhou para Niall, que continuava atrás de Keenan.

— Você também, tio...

Depois de esboçar um sorriso, Niall avançou e lhe fez uma profunda reverência.

— Niall, minha senhora, conselheiro da Corte de nosso rei durante os nove últimos séculos.

— Dê-nos espaço, Niall. – exigiu ela com a mesma voz cortante; ela já soava bastante cômoda dando ordens.

— Como desejar. – Ele se tornou invisível e foi se reunir com os guardas.

Uma vez que ele se fez afastado, e que supostamente não podia ouvi-los, Aislinn olhou para Keenan semicerrando os olhos e lhe disse:

— Me ameaçar ou ameaçar Seth é uma coisa das mais estúpidas.

— Eu...

— Basta. – ela soltou, cortando-o antes que ele pudesse alegar algo em sua defesa... ainda que não havia nada que ela pudesse encontrar aceitável. – Não me chateie. Não se aproxime de minha avó nem de Seth. Essa é primeira coisa que devemos deixar bem clara se vamos conversar.

— Hein? – Ele deu um passo para trás. Além de Donia e Beira, ninguém havia empregado essa classe de tom com ele. Ele podia ser um rei submetido, mas ainda assim era um rei.

— Assim, como você está ouvindo. – Ela o empurrou com ambas as mãos. – Você precisa de mim para recuperar a energia que a Rainha do Inverno te arrebatou, não é?

— Sim – admitiu com dificuldade.

— De modo que se acontece alguma coisa comigo, má sorte para você. Não é assim? – Ela levantou o queixo.

— É.

— Se acha que as ameaças vão fazer com que eu coopere então você está louco. Porque não vou cooperar. – Ela assentiu uma vez, como para reafirmar suas palavras – Eu não vou permitir que você me utilize como desculpa para lastimar as pessoas que eu amo. Entendido?

— Entendido – respondeu, depois de limpar a garganta.

Então ela começou a andar com súbita resolução. Os guardas tiveram que apertar o passo, para seguir o ritmo de seus furiosos passos largos, assim como Keenan.

Depois de alguns tensos momentos, ele perguntou:

— E o que é que você... mmm... propõe? Você é a Rainha do Verão.

— Eu sou. – ela respondeu suavemente – Eu acho isso, mas o caso é que você precisa muito mais de mim do que eu de você.

— O que você quer então? – ele inquiriu cautelosamente. Jamais havia conhecido nenhum mortal (nem élfos) tão longe de suas expectativas.

Ela pareceu triste durante um momento.

— Eu quero liberdade. Não saber se quer que os élfos existem. Ser mortal. Mas já não posso ter nada disso.

Keenan sentiu desejo de tocá-la, mas não o fez. Aislinn estava tão inacessível quanto da primeira vez em que se viram, mas não por causa do medo, mas sim da determinação.

— Diga-me o que é que você quer do que eu posso te dar. Eu preciso que você governe ao meu lado, Aislinn.

Ela mordeu o lábio e em seguida – tão baixinho que foi quase um sussurro – respondeu:

— Esse último eu posso fazer. Não é o que eu desejo, mas não vejo como vou negar isso se realmente é o que eu sou.

— Você está me dizendo que sim? – ele a olhou boquiaberto.

Ela se deteve e cravou seus olhos nele; suas feições voltavam a mostrar frieza.

— Mas eu não vou viver com você ou ficar com você.

— Ainda assim você vai precisar de um quarto em meu apartamento. – Ele não acrescentou “para quando surjam problemas”, pois teria tempo de tratar essa questão

mais para frente. A realza podia ser assassinada: sua mãe havia demonstrado isso – Haverá ocasiões em que as reuniões se estendam até muito tarde ou...

— Meu próprio quarto. Não vamos compartilhá-lo.

Keenan assentiu. Ele podia se permitir ser paciente.

— E não deixarei de ir ao instituto.

— Podemos procurar tutores... – começou ele.

— Não. Ao instituto e depois à universidade. – ela soou muito decidida, quase feroz.

— A universidade. Então vamos procurar uma adequada para você.

Keenan assentiu de novo, ainda que ele não gostasse de sua insistência em ser independente – quando no passado ele havia iniciado a busca de sua rainha, as mulheres eram muito mais dóceis – era razoável que, em suas circunstâncias, Aislinn se agarrasse ao mundo mortal. Até mesmo poderia beneficiar sua Corte com isso.

Então ela o recompensou com um sorriso quase amistoso, e pareceu ilusoriamente disposta a cooperar.

— Eu posso assumi-lo se é um trabalho, sabe?

— Um trabalho? – repetiu ele.

— Um trabalho – confirmou ela, com um curioso tom, como se o estivesse meditando ao mesmo tempo que o dizia.

Ele não disse nada para preencher o tempo que sucedeu. “Um trabalho?” Sua consorte via sua união como um trabalho?

— Eu não te conheço, Keenan. Você não me conhece. – Ela lançou-lhe outro olhar estranhamente intimidador. – Eu posso trabalhar com você, mas isso é tudo o que podemos fazer juntos. Eu estou com Seth. E isso não vai mudar.

— Por acaso você está me pedindo para continuar com o mortal? – Ele tentou manter a voz firme, mas aquilo lhe doeu.

A garota já tinha insinuado isso antes, mas o fato que ela dissesse isso o fazia muito mais real. Sua rainha, a companheira que ele tinha destinada, queria estar com outro, com um mortal ao invés de com ele.

Aislinn levantou o queixo novamente.

— Não, não estou te pedindo nada. Simplesmente estou te informando que vou continuar com ele.

Keenan não discutiu, não assinalou o quão limitado eram os mortais. Não lhe disse que a tinha esperado durante toda a sua vida. Não lhe recordou como eles tinham rido e dançado no parque. Nada disso importava. Não nesse momento. A única coisa que importava era que ela havia aceitado.

— Isso é tudo? – ele perguntou amavelmente.

— Por agora. – Sua voz soou fraca, já privada de ira ou agressividade. Ela pareceu perdida por uns instantes, e em seguida, vacilante, inquiriu: – E agora o que?

Keenan sentiu vontade de comemorar, de estreitá-la entre seus braços até que ela se retratasse de suas condições, até que ela confessasse chorando que na realidade sua negativa era uma aceitação. No lugar disso, respondeu:

— Agora, minha rainha, vamos localizar Donia.

Ele sacou seu celular e discou o número da Dama do Inverno. Ela havia saído – ou não estava prestando atenção nele, – de modo que lhe deixou uma mensagem para que ela ligasse para ele. Depois de desligar o celular, ordenou aos seus guardas que buscassem Donia.

— Eu sei onde ela mora. — murmurou Aislinn. — Podemos nos reunir lá mais tarde. Me ligue e ...

— Não. Vamos esperar juntos. — Agora que ela estava junto a ele, não tinha o menor desejo de perdê-la de vista até que tudo houvesse acabado. Ele não estava seguro de desejar perdê-la de vista jamais. — Tanto faz se você vê isso como um trabalho como não, você é minha rainha, a que eu estive esperando. Eu estarei ao seu lado.

Aislinn cruzou os braços sobre o peito, se abraçando.

— Você se lembra de quando me pediu para que voltássemos a começar do zero? — Ela olhou para ele nervosa. — Poderíamos fazê-lo agora? Que tal se nós tentarmos ser amigos? Será muito mais fácil se nós procurarmos nos dar bem, certo? — Ela lhe estendeu uma mão para apertá-la.

— Amigos. — repetiu ele, tomando-lhe a mão. Então, lhe impactou o absurdo que era aquilo: a soberana que lhe deparava o destino via seu reinado como um trabalho compartilhado por colegas. Em todos os seus sonhos sobre o achado de sua rainha, de alcançar finalmente aquele ponto, jamais havia imaginado que aquilo seria uma tentativa forçada de amizade.

Depois de que ela lhe soltou a mão, eles ficaram um momento ali, plantados, incômodos, até que ele perguntou:

— E aonde você iria agora se eu não estivesse com você?

— À casa de Seth. — Aislinn se ruborizou ligeiramente.

Keenan tinha esperado demais; ela parecia se voltar para seu mortal — “Para Seth”, corrigiu a si mesmo — cada vez mais. Então lhe dedicou um sorriso que pretendia ser de ânimo e anunciou:

— Eu gostaria de conhecê-lo. — “Eu posso fazê-lo”, ele se disse.

— Sério? — Aislinn se mostrou mais receosa que surpreendida. Ela franziu a testa.

— Por quê?

Keenan deu de ombros.

— Agora ele é parte de nossa vida.

— Sim...

— Pois então eu gostaria de conhecê-lo. — Ele começou a andar para que ela não pudesse ver seu rosto e se deteve antes de dobrar a esquina. — Vamos?

Capítulo 29

“O local favorito para acamparem é sob uma árvore Hawthor... Que são sagradas para os elfos, e geralmente ficam no centro de um círculo élfico.”

Lendas antigas, amuletos místicos, e superstições da Irlanda, Lady Francesca Speranza Wilde (1887).

Aislinn permaneceu parada enquanto Keenan começou a caminhar. Alguns dos guardas esperavam atrás dela, outros se moviam em frente ao Keenan, caminhando ao redor dele como uma cerca.

— Vou te apresentar para o Seth. – Ela experimentou as palavras em sua língua. Fazia certo sentindo introduzi-los. Pelo menos era o que ela tentava falar para si mesma, esperando que isso fosse acalmar o nó que apertava seu peito.

Eles caminhavam dessa maneira (em um silêncio tenso) até quase chegarem ao pátio da ferrovia.

— É uma boa pessoa, o seu Seth?

— Ele é. – Ela sorriu para si mesma, ela não podia evitar.

Muitos dos guardas se afastaram com expressões de dor quando eles entraram na ferrovia.

Keenan tinha um estranho meio sorriso quando ele murmurou.

— Eu não passo muito tempo perto de mortais do sexo masculino. Os que eu conheci não pareceram muito amigáveis quando cortejei as outras garotas.

Ela começou a rir.

— Você acha?

— O que? – Suspeita apareceu em sua voz.

— Keenan você é lindo. Você tem todo esse... – ela gesticulou para sua calça estilo militar e seu blusão verde escuro, casual na maioria das pessoas, incríveis nele – esse sortilégio trabalhando para você. A maioria das garotas provavelmente tropeçava uma nas outras para falar com você.

— Muitas, mas... – ele fez uma pausa, com um sorriso fraco para ela – nem todas.

Ela olhou para a porta da casa de Seth que ainda estava fechada e disse:

— Ainda assim você chamou minha atenção.

— É claro. Você é uma mortal. – Ele deu de ombros como se a admissão dela fosse esperada.

E ela acreditava que provavelmente era. Ver ele sem o disfarce era como ver um perfeito nascer do sol sobre o oceano, como ver uma chuva de meteoros no deserto, e então ter alguém perguntando se você gostaria de guardar isso, somente para você. Ela mordeu as bochechas para evitar rir, com a idéia de ele tentar ser amigo de Mitchell ou Jimmy ou qualquer outro de seus amigos. Eles não são nem de perto seguros o

suficiente para saírem em público com Keenan. Mesmo com ele usando a magia para parecer comum. Uma risada disfarçada escapou, e ele a olhou rapidamente.

— O que foi agora?

— Nada. — Ela disse com apenas um traço de divertimento. Então ela teve outro pensamento. — As élfas te tratam dessa maneira também?

— Sou o Rei do Verão. — Ele fez outra careta, parecendo confuso.

Aislinn então começou a gargalhar.

— O que? — Ele perguntou novamente.

Ainda tentando se controlar, Aislinn fez sinal para Niall.

Hesitante ele disse.

— Minha rainha?

— Se você se aproximar de uma elfa, ela humm... sempre corresponde o seu interesse? — Aislinn viu que o rosto de Niall mostrava tanta confusão quanto ao de Keenan.

— Sou o conselheiro do rei. As Ninfas do Verão possuem desejos. — Ele olhou para Keenan, como se pedindo aprovação. Keenan deu de ombros. — Nosso rei tem apenas algumas horas para esparecimento. Os guardas, Tavish e eu, fazemos nosso melhor para deixar as garotas satisfeitas.

A risada dela sumiu.

Se virando de um elfo para outro ela perguntou.

— Quantas garotas são?

Keenan levantou uma mão em um gesto pedindo para esperar. Então ele olhou para Niall e disse:

— Agora não são mais do que oitenta. Certo?

O conselheiro assentiu.

— São numerosas demais para cuidar sem ajuda. — Keenan completou.

— Então, nenhuma diz que não? — Aislinn perguntou com incredulidade.

— Claro que sim, mas nunca para o rei, mas sim para os outros. — Niall a olhou de uma maneira que dizia que achava suas perguntas tão desconcertantes quanto Keenan. — Mas então sempre tem outra disposta. São Ninfas do Verão, minha rainha. O verão é para o prazer, a frivolidade, e o...

— Já entendi. — Ela interrompeu. — De maneira que a sua Corte...

— Nossa corte. — Keenan a corrigiu.

— Certo. Nossa corte... É muito afetuosa?

Então foi Keenan que caiu na gargalhada.

— Ela é... Mas também gostamos da dança, de musica, de rir... — Ele a pegou pela mão, girando-a em um círculo, deixando seu disfarce de lado por um momento, para que o calor do sol se espalhasse sobre ela. — Não somos frios como os da Corte Invernal, ou cruéis como os da Corte Obscura. Não somos contidos como os da Corte Eminente, que se oculta no “outro mundo”.

Aislinn viu como os guardas os olhavam sorridentes. Pareciam mais felizes quando Keenan ria. Ela também se sentia mais feliz, e se perguntou se era por que agora fazia parte da Corte Estival.

Ela espantou a languidez e perguntou.

— Então os elfos que machucam as pessoas não são seus?

O sorriso de Keenan desapareceu tão rapidamente como havia aparecido.

— Muitos não, mas alguns sim. Uma vez que sejamos fortes... — Ele parou e pegou a mão dela e a olhou de uma forma tão intensa que ela precisou lutar contra a

vontade de correr. – Nós podemos fazer mais para conter isso. A Corte Estival é a mais inconstante e temperamental. Sem a liderança de meu pai, nem todos limitam suas paixões em passatempos honrados. Temos muito que trabalhar.

— Oh! – Aislinn falou. Consciente da enormidade do que havia se comprometido, e achou incrivelmente desalentador.

Keenan devia ter visto a preocupação em sua expressão, pois ele rapidamente completou.

— Mas nós também devemos relaxar. A Corte do Verão é lugar de dança e desejo. Trabalhar apenas seria fugir de nossa natureza, como seria permitir que a perversidade siga sem punição.

— O que concordei em fazer é gigantesco. Não é? – Ela apertou as mãos para evitar tremer.

A voz dele era cuidadosa quando concordou.

— Sim, eu acho que é.

— O que eu, não sei, faço?

— Você lembra a terra quando o inverno precisa soltar suas garras; você sonha com a primavera comigo. – Ele pegou a mão dela, abrindo seus dedos para que a palma da mão ficasse aberta sobre a dele. E disse. – Feche os olhos.

Ela estremeceu, mas fez o que ele pediu. Ela sentiu a respiração dele em seu rosto quando ele falou em um leve murmúrio.

— E eles sonham com finas raízes se afundando no chão, e criaturas peludas estivendo suas patas, sonham com peixes nadando contra a corrente, ratos do campo correndo na grama, e serpentes subindo em rochas. O rei e a rainha do verão sorriem para a nova vida que eles haviam despertado.

E ela podia ver isso. O mundo se espreguiçando como uma besta gigante há muito adormecida, chacoalhando a neve que o havia mantido adormecido por tanto tempo. Ela sentiu seu corpo brilhar, ela sabia que estava brilhando, e não queria parar. Ela podia ver o carvalho branco que ela escutar farfalhar com a brisa na primeira vez que vira Keenan. Ela podia sentir o perfume fraco das flores da primavera. Juntos eles iriam agitar as criaturas e o próprio mundo. Eles iriam olhar para o mundo desperto e se regozijar.

Quando ela abriu os olhos e olhou para ele, ela percebeu que estava chorando.

— É tão... Imenso. As coisas que precisam voltar à vida novamente... Como eu poderei? Nós? E se eu falhar?

Keenan pegou seu rosto nas mãos com um carinho rápido.

— Nós não vamos.

— E o resto? Os assuntos da Corte? – Ela limpou o rosto, tentando não se apavorar quando notou que as lágrimas eram douradas. Rapidamente ela colocou as mãos nos bolsos e voltou a caminhar. – Não sei como reger nada.

Ela estremeceu quando ele a acompanhou.

— Então você terá que aprender. Eu estarei lá. Eu sei como comandar. Mas hoje não precisamos pensar sobre tudo isso. Essa também é a beleza do verão. Haverá bailes para comparecer e danças para dançar. Se nos regozijarmos nossa Corte também o fará. É um dever tanto quanto o de acordar a terra.

— Certo. Soa como um trabalho fácil. Acordar a terra, comandar os desgarrados, reparar coisas quebradas, e festejar. – Ela engoliu com dificuldade quando eles pararam em frente à porta da casa de Seth. – Acho que qualquer um poderá lidar com essa pequena lista?

— Não, mas a Rainha do Verão poderá. – Keenan a assegurou. Então ele lhe ofereceu um último sorriso antes de virar sua atenção para a porta que se abria e falar. – Hoje, entretanto, vamos começar com o primeiro passo. Irei conhecer o amado de minha rainha, e tentarei ser amigo de um mortal. Sim?

— Sim, isso é manejável. – Ela sacudiu a cabeça como se para espantar o cansaço, mas então ela olhou para cima.

Seth estava esperando pacientemente como se fosse qualquer outro dia. O restante de suas preocupações, sua mudança, o mundo em si, desapareceu. “Como Seth estará se sentindo?”

Ela teve um momento de terror de que as coisas poderiam ser diferentes, depois da noite passada, que ele não fosse mais querê-la, de que ele estaria bravo por ela ter levado um elfo até sua casa. Mas ele não estava se descontrolando, sobre eles ou sobre os elfos ao redor. Além dela e Keenan, todos eles estavam invisíveis, mas ela sabia que Seth podia vê-los e que ele estava sabendo quem estava ao lado dela.

A expressão de Seth era impossível de ler. Mas ele estendeu a mão e disse.

— Olá.

Então a Corte, Keenan, Niall e os guardas, estavam todos esquecidos quando ela deslizou para os braços de Seth.

Depois de observar os rostos de Aislinn e seu mortal, Keenan descobriu que era mais fácil entender que sua rainha estava fazendo a única escolha que poderia. Ele conhecia aquele olhar, havia visto nos olhos de muitas garotas, e nos olhos de Donia.

— Vamos. – Seth acessou para que ele os seguisse. Então parou e olhou para Aislinn. – Ele pode...

Ela parou.

— Bem. Você pode entrar aqui?

— Eu posso. – Keenan trocou um rápido olhar com Niall com a óbvia preocupação de Seth, sobre o que ele é e sobre a aversão de elfos por ferro. “O que mais ela contou para ele?” sua curiosidade se aguçou, e ele completou. – Ferro não causa danos a um monarca.

Seth não perdeu nada. Ele ergueu uma sobrancelha e disse:

— Acho que isso significa que você é o Keenan.

Aislinn estremeceu. Niall e os guardas ficaram parados. Keenan riu. “Ele é um descarado.” – e disse:

— Sim.

— Bem, desde que a casa não o deixa doente... – Seth deixou suas palavras desaparecerem enquanto acompanhava Aislinn para dentro.

Keenan os seguiu para o interior escuro. O lugar era pequeno, mas bem arrumado. Seu primeiro pensamento fora que Donia acharia o lugar atraente, se não fosse por sua incapacidade de ficar tão perto de metal.

— Você deseja alguma coisa? Seth estava em sua pequena cozinha, colocando algum tipo de prato para arroz no microondas. – A Ash precisa se alimentar.

— Estou bem. – Ela corou.

— Você já comeu alguma coisa hoje? – Seth esperou por um momento, e quando ela não respondeu se virou para o balcão e começou a pegar um prato.

A opinião positiva de Keenan por Seth aumentou.

— Bem, eu vou fazer isso. A coisa sobre a rainha. – Aislinn disse em uma voz envergonhada. Ela sentou em uma das pontas do sofá.

— Imaginei isso quando você o trouxe. – Seth jogou uma garrafa de água para Aislinn e olhou para Keenan.

Ele estendeu a mão e pegou a garrafa que Seth jogou para ele.

O micro ondas apitou. Ninguém falou por um momento, enquanto Seth pegava a comida. Então ele perguntou.

— Então o que isso significa para nós?

— Nada. Eu acho. – Aislinn olhou para Keenan. – É um dos termos para eu aceitar o emprego.

Keenan sentou em uma das cadeiras de cores vibrantes e esperou.

— Escola? – Seth entregou para ela um prato com comida quando se sentou ao seu lado. Um pouco de sua tensão se dissipou quando Aislinn colocou suas pernas para cima e se recostou contra ele.

— Isso está acertado também. – Ela disse.

Seth estava lidando com a situação com considerável calma, mas Keenan não deixou de notar os gestos possessivos do mortal. Os toques casuais que denunciavam uma conexão física com Aislinn.

Assim que ele entregou a comida para Aislinn ele se virou para Keenan.

— Agora, então o que vai acontecer?

— Aislinn virá comigo para ver Donia e se tornar a rainha. – Keenan manteve sua irritação em ser questionado sobre controle. Ambos queriam a mesma coisa. O bem estar de Aislinn.

Seth pareceu pouco a vontade.

— Isso vai machucá-la?

Aislinn pareceu assustada pela pergunta, seu garfo cheio de comida ficou parado no meio do caminho.

— Não. – Keenan disse. – E depois não haverá muito coisa no seu ou no meu mundo que poderá feri-la seriamente.

— E quanto à outra, a Rainha do Inverno? – Seth havia entrelaçado seus dedos no cabelo de Aislinn, o acariciando enquanto falava.

— Ela ainda poderá. Monarcas podem ferir ou matar uns aos outros.

— Monarcas como você. – Seth falou. – Você poderá feri-la.

— Eu não farei isso. – Keenan olhou para Aislinn, encolhida junto de Seth, e parecendo feliz. Era isso o que ele queria para ela, felicidade. Havia pouco que ela pedisse que ele se negasse a fazer. Mesmo se isso significasse que ela estaria nos braços de outro homem, no momento. – Dei a ela minha palavra.

Então eles ficaram sentados, em silêncio enquanto Aislinn comia, até que ela finalmente perguntou.

— Seth pode ir conosco?

— Não. Sem mortais, não durante o teste. Poderia não ser seguro para ele. – Keenan respondeu com cautela, resistindo à urgência de estremecer diante do perigo de um mortal durante o teste. Mesmo sem a visão, o brilho o poderia segar, quando seus poderes forem liberados, e quando os poderes de Aislinn deslizarem para dentro dela.

Aislinn colocou seu prato de lado e se moveu para o colo de Seth.

Keenan não deixou de perceber a tensão entre os olhos delas. Ele respirou profundamente e completou.

— Entretanto depois você poderá trazê-lo para o Rath conosco. Ele poderá se juntar a nós para celebrar.

— E quanto a vê-los... Nos ver. — Ela se corrigiu antes que Keenan pudesse fazê-lo. — Dê a visão a ele, assim será mais fácil.

— Um monarca pode autorizar isso. — Keenan sorriu diante da atenção dela aos detalhes. Ela realmente seria uma rainha maravilhosa.

— Então se você...

— Ou você, Aislinn. — Ele interrompeu.

— Certo. Se um de nós aprovarmos isso, não terá problemas em achar uma maneira que ele possa nos ver? — Ela continuou com uma estranha, quase medrosa nota em sua voz.

— Eu já aprovei. Nós apenas vamos precisar conseguir os ingredientes. Tenho um livro no apartamento. — Keenan notou seus olhares. — A menos que vocês já tenham encontrado tal receita?

Nenhum dos dois respondeu. Eles não precisavam. Ele amaldiçoou baixo, sabendo exatamente onde eles teriam encontrado a receita. Quem mais poderia ter lhes dado tal coisa? Ele mudou de assunto e disse.

— Nós vamos precisar praticar para que você possa esconder suas emoções melhor que isso. Vocês dois. Agora que Aislinn é uma elfa estival, suas emoções serão mais voláteis. É a natureza da corte.

Quando Seth ergueu as sobrancelhas, Keenan comentou:

— Você vai ficar por perto tempo o suficiente para que isso seja útil para você também. As coisas que serão melhores se você souber, se você pretende estar junto de minha rainha.

Aislinn não falou nada, mas o rosto de Seth ficou tenso. Ele manteve o olhar de Keenan por várias batidas do coração, e Keenan percebeu que o mortal não estava desinformado sobre a inevitável competição pela atenção de Aislinn.

O respeito de Keenan por Seth cresceu. O mortal amava Aislinn o suficiente para estar ao lado dela, apesar de tudo contra ele. Era uma qualidade admirável.

E quando eles conversavam (não sobre a corte ou sobre o futuro, mas simplesmente conversando tentando aprender mais sobre o outro) Keenan achava surpreendentemente fácil sentar junto de sua rainha e seu amante.

Ele ainda estava distraído quando Donia ligou avisando que ela estava em casa esperando por eles e para se apressarem. As harpias de Beira estavam andando por toda Huntsdale, provocando confusões. Élfos da Corte Eminente já haviam começado a deixar a cidade, indispostos a ficar enquanto as coisas continuassem confusas.

“Claro que eles não irão ficar.” Ele assentiu. Seria ótimo ter pelo menos mais uma Corte tentando acabar com o problema ao invés de começá-los ou correr deles.

Quando ele desligou, Keenan disse para Aislinn e Seth das notícias de Donia, e eles se aprontaram para partir.

Aislinn parecia nervosa em deixar Seth, apesar de seus murmúrios que garantiam que ele a veria logo.

Falando suavemente Keenan o lembrou.

— As harpias não podem entrar, mas Beira pode. Até voltarmos, você deve permanecer aqui. Não quero que fique a mercê de Beira.

— Vovó. A vovó esta sozinha. — Aislinn sussurrou seus olhos se arregalando. Então ela estava saindo pela porta, e correndo.

Keenan parou apenas por uma batida do coração, olhando para Seth.

— Fique aqui. Voltaremos assim que der.

Seth concordou e o guiou em direção à porta de ferro.

— Mantenha Ash segura.

Do lado de fora, Niall já estava mandando guardas atrás de Aislinn.

— Deixe alguém para tomar conta dele. – Keenan instruiu enquanto partia, seguindo Aislinn, esperando que ela estivesse se preocupando a toa, que Elena estaria segura.

Quanto Aislinn chegou, a porta estava aberta. Ela entrou na sala de estar. A TV estava ligada, mas ela não via a avó. Ela seguiu até o outro corredor.

— Vovó?

Atrás dela, os guardas invadiam a sala.

No chão, com os olhos fechados, jazia a avó.

Aislinn abriu caminho até ela, procurando por sua pulsação, por batimentos cardíacos. A avó estava viva.

— Ela está...? – Keenan a ajudou a se levantar e se ajoelhou ao lado da avó.

— Ela esta ferida. – Aislinn disse. – Todos vocês vem conosco para o hospital. Se alguém se aproximar dela, vocês devem detê-los.

Severo, Keenan concordou.

— A rainha de vocês ordenou.

Os guardas assentiram. Um deles deu um passo para frente.

— Faremos nosso melhor, mas se a própria Rainha do Inverno quem...

Aislinn escutou o medo em sua voz.

— Ela é tão forte assim?

— Apenas o Rei do Verão, ou o líder de outra Corte, pode enfrentá-la. – Keenan disse. – Se eu possuísse minha força total, se você possuísse a sua força, nós poderíamos. Se formos para o hospital, não seremos muita defesa para Elena. Mas depois da cerimônia, poderemos protegê-la.

Um dos guardas levantou gentilmente a avó. Ele a segurou com cuidado. Os outros seguiram porta afora.

Aislinn engoliu, odiando a idéia de abandonar sua avó.

— Se vamos fazer isso, e se for ela que feriu minha avó...

— Mesmo se não foi ela, foi ordem dela. – Keenan fez uma careta. – ela estava ameaçando você, ameaçou Donia...

— Bem, então vamos. – Ela olhou para a avó desacordada nos braços do elfo. Então se virou para Keenan. – Isso levará muito tempo?

— Não muito. – Ele olhou para os guardas. – Façam o que tiverem que fazer. Nós iremos ao hospital assim que pudermos. Vão.

Enquanto os guardas corriam para o hospital, Aislinn pegou a mão de Keenan, e eles correram – mais velozes que ela achava que seu corpo poderia – em direção à casa de Donia e para o teste que mudaria tudo.

Capítulo 30

“Nunca houve alguém tão bonito quanto [ele]... Os lobos não causaram ruínas, os ventos gelados não feriram, e o Povo Oculto saiu das montanhas dos élfos para repartir música e satisfação em todos os lugares.”

Maravilhosas lendas célticas, Ella Young (1910).

Donia sabia que eles estavam vindo, mas isso ainda fazia ela respirar com dificuldade quando eles chegaram perto dela, segurando as mãos e se movendo na velocidade embaçada que só os élfos mais poderosos podiam dominar.

— Don? – ele parecia febril com o entusiasmo, rosto brilhante, o cabelo de cobre já radiante com a estranha luz do sol que ele carregava.

Ela forçou um sorriso e parou dentro do jardim. A última vez que ela esteve na cerimônia, o teste, ela era a que segurava a mão dele, esperançosa que ela seria parceira dele, a rainha dele.

Em todo lugar envolta da clareira havia élfos: a maioria da Corte Estival, mas alguns representantes das outras Cortes. Mas isso só era um lembrete de quão incomum esse teste seria.

Keenan veio em direção a ela.

— Você está...?

Aislinn o interrompeu com uma mão gentil no ombro. Ela balançou a cabeça.

Ele parecia confuso, mas ele parou, ficando um pouco longe de Donia, não fazendo perguntas que ela não queria ter que responder. Donia pegou o olhar de Aislinn e acenou; ela não poderia lidar com a gentileza dele, não enquanto ela se preparava para entregar ele para outra garota.

“Ash vai ser uma boa rainha. Bom para ele”, ela se lembrou. Então ela andou para o arbusto de espinhos – ainda não florescido – no meio do jardim dela e colocou o cetro nisso. Sasha se moveu para ficar ao lado dela, e ela colocou uma mão na sua cabeça para apoio.

— Aislinn – Donia chamou do centro da clareira.

A garota parou perto, já brilhando, só um pouco mortal agora.

— Se você não for a Esperada, você vai carregar o gelo do inverno. Você vai contar para o próximo amor mortal dele – Donia inclinou a cabeça para Keenan – o quanto imprudente isso é. Você vai contar para ela, e qualquer uma que se seguir enquanto você carrega o frio, como é muito tolo confiar nele. Se você concordar fazer isso, eu estou livre do frio, independente do resultado. – Ela pausou para deixar um momento para Aislinn considerar as palavras dela, e então ela perguntou, –

Você aceita tudo isso?

— Eu aceito. – Aislinn chegou mais perto, os passos dela devagar e hesitantes enquanto ela cruzava o espaço entre elas. Atrás dela, Keenan esperou, a luz do sol resplandecendo da pele dele, fazendo Donia tonta de olhar para ele. Fazia tanto tempo desde que ela o viu resplandecer assim tão brilhantemente, e ela tinha se convencido que ele não era realmente tão bonito como ele parecia em suas memórias.

Ela estava errada.

Ela se forçou a romper seu olhar dele.

— Por favor – ela rezou. – Por favor, que Aislinn seja a Esperada.

Aislinn sentiu a atração, a insistência que ela pegasse o cetro. Ela parou impaciente.

— Se você não for a que eu tenho procurado você vai carregar o frio da Beira. – A voz de Keenan a envolveu como uma tempestade de verão correndo através das árvores. Ele suavizou mais perto. – Você aceita esse risco?

— Sim. – A voz de Aislinn estava muito baixa para ser ouvida, então ela disse mais alto – Sim.

Keenan parecia selvagem enquanto ele andava em volta dela, tão radiante que ela tinha que se forçar a olhar para ele. Os pés dele afundaram no quase fervendo solo enquanto ele se movia.

— Isso é o que eu sou. O que eu sinceramente serei se você é, realmente, a Rainha do Verão.

Ele parou alguns passos dela e acrescentou.

— Isso é o que você vai ser se o frio não te pegar.

Ela sentiu os músculos dela se tencionarem, mas ela não foi para longe dele.

Então Keenan, o Rei do Verão em todo o seu brilho, se ajoelhou ante dela e deu a ela ainda outra chance de desistir.

— Isso é o que você escolhe livremente: se arriscar ao frio do inverno?

As Ninfas do Verão se espalharam dentro da clareira, assistindo. As harpias de Beira e um bom número de outros elfos de outras Cortes, alguns mais familiares que os outros, ficaram em volta deles.

— Cada mortal desde Donia – com olhos desejosos, ele olhou brevemente para Donia – escolheu ficar com a luz do sol. Elas não arriscaram ficar como ela. Os dedos brancos cadavéricos de Donia se esticaram sobre o pelo de Sasha enquanto Keenan acrescentava: – Você é consciente que se você não for a Esperada, você sofrerá o frio do inverno até a próxima mortal arriscar isso? E você vai que aconselhá-la que não confie em mim?

Os sussurros das árvores berraram em volta deles, como uma tempestade sem água, como vozes chorando em uma língua que ela não podia lembrar.

Donia alcançou e apertou a mão de Aislinn.

— Eu aceito – A voz de Aislinn estava mais forte então; ela tinha certeza que isso estava certo. Em algum lugar dentro dela aquele conhecimento esperou; mesmo se ela não tivesse tido qualquer umas das outras provas, naquele momento ela tinha certeza que ela ainda saberia que isso estava certo. Ela soltou a mão de Donia e andou para o espinheiro.

— Se ela me recusar, você vai contar para a próxima garota e a próxima – Keenan a seguiu, irradiando calor – E você não vai se libertar do frio até que outra aceite.

— Não vai haver outra garota. – Aislinn agarrou o cetro, enrolou os dedos em volta, e esperou.

Ela olhou para Donia e Keenan; a última garota que fez isso e o rei elfo que ainda a amava. Ela desejou, por eles e por ela, que tivesse sido Donia, mas não foi.

“A Esperada sou eu”.

O cetro estava preso na mão dela, mas não tinha nenhum um frio para levar ela para os joelhos. Em vez disso aquele brilho segador não estava mais vindo só de Keenan: isso flamejou da sua própria pele.

As Ninfas do Verão riram e rodopiaram em um borrão de videiras e cabelos e saias.

Donia, seu cabelo branco agora um loiro suave, suas bochechas coradas com saúde, disse em uma surpreendente voz musical:

— Você é realmente ela.

Aislinn olhou para as mãos dela, os braços, no suave brilho dourado que cobria sua pele.

— Eu sou.

Isso sentia como nada que ela poderia ter imaginado antes: o mundo fazia sentido. Ela podia sentir os elfos em volta dela bebendo da felicidade dela, festejando no sentimento de segurança que ela e Keenan davam para eles. Isso a fez rir alto.

Então ele a agarrou em seus braços, girando ela no ar, rindo.

— Minha Rainha, minha adorável, adorável Aislinn.

Em volta dele, flores saltaram para vida, o ar esquentou, e uma suave chuva caiu do brilhante céu azul. E a grama embaixo do pé de Keenan cresceu exuberante, tão verde quanto os olhos dele.

Por vários momentos ela o deixou girar ela no ar, até que ela viu um homem de sorveira ferido lutando para chegar até eles.

— Minha rainha – ele resmungou enquanto rastejava pela multidão, sangrando mais ainda, tentando chegar até ela.

Aislinn parou, assistindo enquanto os elfos dela – agora eles eram realmente dela – carregaram o ferido para ela. Todos pararam. Keenan colocou uma mão nas costas dela enquanto parou ao lado dela.

— Nós tentamos – o homem de sorveira disse, mais sangue vindo para os lábios dele com cada palavra que ele falava. – Nós tentamos como nós tentaríamos se ela tivesse vindo por você. O garoto mortal...

Se não fosse por Keenan segurando ela, ela teria caído.

— Seth. Ele está...? – ela não podia terminar as palavras.

O guarda fechou os olhos. A respiração dele forçada, e quando ele tossiu, cacos de gelo derramaram para fora de sua boca. Ele os cuspiu na grama.

— Ela o levou. Beira o levou.

Donia deslizou para fora, incapaz de suportar assistir Keenan com Aislinn. Era uma coisa que ele finalmente tinha achado sua rainha perdida; era outra sentir as emoções que vinham com aquele conhecimento. Isso era o que precisava acontecer, o que era melhor para todos.

Isso ainda parecia como uma ferida recém aberta. Ela não era a Esperada, nunca foi a Esperada para ele.

“Aislinn é.”

E Donia não podia ficar para assistir a alegria deles.

Ela não estava muito longe da cabana quando os guardas de Beira a acharam. “Não demorou muito”.

Ela sabia que Beira seria fiel a sua palavra, sabia que sua morte não seria muito depois da ascensão de Aislinn. Sem o gelo do inverno para defender ela, ela era quase tão desamparada quanto um mortal nas mãos deles.

Os guardas não eram tão violentos quanto os élfos obscuros, mas não por falta de tentativas. Quando eles a jogaram nos pés de Beira, a Rainha do Inverno não disse nada. Ao invés disso, ela chutou Donia no rosto, lançando ela para trás com a força de seu ataque.

— Beira, que bom ver você. – Donia disse em uma voz muito mais fraca que ela gostaria.

Beira riu.

— Eu poderia quase gostar de você, querida. Uma pena – ela levantou uma mão salpicada de sangue, e algemas de gelo se formaram em volta dos pulsos de Donia – que você não é confiável.

Donia tinha pensado que o peso do gelo de Beira tinha doido antes, mas enquanto ela tentava se soltar das algemas geladas, ela realizou que ela não tinha nem idéia do quão frio o gelo de Beira pode realmente ser.

Enquanto Donia virava para responder à Rainha do Inverno, um som de tosse- engasgo a distraiu.

Agachado no canto estava Seth, tentando ficar em pé, as pernas enterradas embaixo de vários metros de neve. O peito dele estava meio exposto, sua blusa esfarrapada por alguma coisa com garras.

Beira curvou para baixo. Sua respiração gelada escovando o rosto de Donia; o gelo acumulando no cabelo de Donia.

— Você deveria me ajudar. Ao invés disso você estava andando como inimigo.

— Eu fiz a coisa certa. Keenan é...

Com um som feio, Beira colocou a mão na boca de Donia.

— Voce. Me. Traiu.

— Não a faça ficar com mais raiva. – Seth chamou fracamente enquanto lutava para ficar livre do monte de neve. Os jeans dele estavam do mesmo jeito que sua camiseta. Sangue escorria dentro da neve em volta dele. Uma parte da sobrancelha dele tinha sido arrancada fora e sangue escorria pelo seu rosto.

— Ele é bonito, não é? Ele não gritou como as élfas do bosque, mas ele ainda é divertido. Eu quase esqueci o quão fácil os mortais quebram. – Beira lambeu os lábios enquanto assistia Seth tentando ficar de pé. Ele tremia violentamente, mas ele continuou tentando.

Donia não disse nada.

— Mas você, bem, eu sei o quanto de dor a mais você pode agüentar. – Beira colocou as mãos no rosto de Donia, dirigindo a unhas já sangrentas dentro da bochecha e da garganta de Donia. – Eu deveria deixar os lobos te terem quando eu terminar? Eles não se importam se os brinquedos estiverem um pouco usados.

— Não – Seth disse em uma voz estrangula, prova que ele já tinha encontrado o elfo lupino.

Beira virou para ele e assoprou. Navalhas afiadas surgiram no gelo onde ele estava tentando agora rastejar. Varias cortaram as pernas dele.

— Persistente ele, não é? – Beira perguntou, rindo.

Donia não falou, não se moveu. Ao invés ela rolou os olhos.

Por um bater de coração, Beira só a encarou. Então ela sorriu, tão frio e cruel quanto o pior élfio obscuro.

— Bem. Isso seria mais divertido se você jogasse. Isso é o que você quer, certo? Como se você pudesse me enganar... Então você pretende sair correndo, hein? — Beira deu um tapa nela, batendo a cabeça da Donia no chão tão forte que ela sentiu náuseas. — Mas você não vai correr.

As algemas derreteram então, deixando machucados como a única prova que elas estiveram lá. Donia se arrastou até Seth, ignorando os cacos que entraram no pé dela, e ajudou ele a levantar. Ela não podia realmente vencer Beira, mas ela ainda era uma élfia; forte o suficiente para erguer um mortal, forte o suficiente para suportar mais dor do que ele.

— A porta é por ali — ele murmurou ela meio que carregava ele para frente.

— Que adorável! — Beira esguichou — Os trágicos amores da maldita Corte Estival trabalhando juntos. Isso é tão doce.

Por vários minutos ela os assistiu enquanto eles tentavam cruzar a crescente barreira de gelo, aplaudindo em cada pequeno progresso e acrescentando mais obstáculos enquanto ela aplaudia.

Donia não falou, salvando a energia dela para tentar, sem sucesso, alcançar a porta com Seth.

Finalmente Beira acenou para as harpias chegarem mais perto.

— O homem de sorveira finalmente conseguiu chegar ao meu filho tolo?

Quando as harpias acenaram, Beira aplaudiu.

— Adorável. Então eles vão estar aqui logo. Que divertido! — Então ela inclinou a cabeça curiosa e perguntou para Donia — Você acha que eles vão ficar mais aborrecidos se você estiver morta ou ainda sofrendo? Decisões, decisões — Beira murmurou enquanto ela andava sobre as lâminas de gelo, lentamente e graciosamente, como se ela estivesse entrando em um teatro. — Só para ter certeza, vamos ter uma de cada, não? — Beira disse enquanto ela puxava Donia para cima pelo cabelo dela e beijava cada bochecha. — Eu acredito que eu já te contei o que aconteceria com você, querida.

Seth deslizou para o chão, tentando alcançar Donia quando ele caiu, mas uma parede de gelo se formou entre eles.

Então Beira fechou os lábios dela para os de Donia.

Donia lutou enquanto o gelo descia pela garganta dela, engasgando ela, enchendo seus pulmões. Então ela viu Seth se jogar para cima de Beira. Em sua mão estava uma cruz de ferro enferrujado. Com uma surpreendente força para um mortal, especialmente um machucado, ele encravou dentro do pescoço de Beira.

Beira largou Donia com um guincho e chicoteou para Seth, batendo ele dentro de uma parede.

— Você acha que uma joiazinha vai me matar? — Beira perguntou enquanto ela seguia ele naquele jeito muito-rápido-para-seguir. Ela cavou os dedos dela para dentro da pele do estômago dele e, usando as costelas dele como uma alça, e o puxou em pé.

Ele gritou de novo e de novo, horríveis sons que faziam Donia tremer. Mas ela não podia ajudar ele; ela não podia nem levantar a cabeça do chão.

Aislinn escutou os gritos de Seth enquanto ela vinha pela porta. Quando ela viu Beira segurando ele pelo estômago, ela teve que agarrar os braços de Keenan por apoio.

Em meio caminho pela sala, Donia estava espalhada imóvel no chão, os lábios dela brilhando com cacos de gelo igual aqueles que o homem de sorveira tinha cuspidos. Não havia tempo para checar ela, não com Beira movendo a mão dela pela pele de Seth daquele jeito.

Keenan ainda estava se movendo, puxando Aislinn fora de tudo e de todos, chegando mais perto de Beira e Seth.

Uma vez que eles estavam ao lado dela, Keenan alcançou o pedaço de metal que saltava do pescoço de Beira e golpeou ao lado como uma faca.

— Eu estava pensando se vocês iam chegar aqui. — Beira largou Seth no chão.

Os olhos de Seth rolaram para trás enquanto ele apagava. Ele ainda estava respirando, embora, o peito dele subindo e descendo instável.

Mesmo com sangue descendo pelo seu pescoço, Beira parecia destemida. Ela alcançou e agarrou o metal. Depois de uma apressada olhada nisso, ela derrubou isso no chão com nojo. Sangue rolou para longe em poças do gelo derretido.

— Isso não tem que ser desse jeito. — A voz de Keenan estava baixa, sofrida. — Nós podemos trabalhar nisso, como isso deveria ter sido antes. Se você concordar...

Beira riu, turbilhões de ar frio agitando dos lábios dela.

— Você sabe que esse é exatamente o tipo de coisa que seu pai disse antes que eu o matei?

Ela levantou a mão e gesticulou. Uma grossa parede de gelo se formou entre Aislinn e Keenan, deixando Seth com Aislinn, e Keenan sozinho do outro lado da parede com Beira.

— Aislinn — Keenan chamou enquanto ele colocava uma mão no gelo.

Ela seguiu a liderança dele e colocou a dela no outro lado da parede, imitando a posição dele. Entre eles o gelo chiou e estourou enquanto o toque deles derreteu isso devagar.

Beira só assistiu por um momento. O rosto dela era uma marcara distorcida, mais horrível pelo gelo grosso. Sua voz, entretanto, estava perfeitamente clara enquanto ela perguntava para Keenan.

— Quanto tempo você acha que vai ser até ter outro Rei do Verão?

— Não vai ter outro Rei do Verão. — Keenan rosnou para ela, alcançando para pegar um braço dela.

— Ah, ah, ah, doce. — Ela colocou a mão dela na bochecha dele e o empurrou e longe da parede de gelo que separava ele de Aislinn.

O gelo na bochecha de Keenan derreteu tão rápido quanto se formou, deixando ele ensopado e vaporizando. Ele estava tropeçando, porém, incapaz de ficar estável na camada de gelo que estava sobre o chão.

Seth gemeu e brevemente abriu seus olhos.

Varias harpias caminharam para dentro da sala, e mesmo sem olhar para elas, Beira disse:

— Matem a Dama do Inverno, e o mortal.

Elas se moveram na direção de Donia.

Keenan virou para elas.

Enquanto ele estava distraído, Beira agarrou o rosto dele e assoprou gelo sobre os olhos dele. Os espessos flocos brancos amontoaram suas pestanas juntas. Isso estava derretido tão rápido quanto se formou, mas naquela hora, Keenan não podia ver.

Com um olhar para Aislinn, Beira levantou o braço dela. Uma longa, fina lâmina de gelo cresceu da mão aberta dela. Ela piscou para Aislinn e colocou isso dentro do peito de Keenan.

Ele caiu para frente, ainda cego. Furiosa, Aislinn bateu os dois punhos na parede de gelo, e isso derreteu sob seu toque tão rápido quanto tinha se formado sob o de Beira.

Aislinn agarrou os dois braços de Beira e parou ela de perfurar Keenan de novo.

Então, pensando quente, Aislinn assoprou no rosto de Keenan. Não só o sopro dela esquentou Keenan, mas a pele dela ficou tão quente que os braços de Beira estavam saindo fumaça, vapor saindo dela até que a sala estava nublada com isso.

Keenan piscou várias vezes; então ele pegou o rosto de Beira nas mãos dele.

— Você estava certa, Mãe. Isso nunca irá funcionar com nós dois ainda respirando.

Com Aislinn ainda segurando os braços de Beira, Keenan inclinou mais perto, até que seus lábios estavam quase tocando a boca de Beira. Então ele só respirou. Luz do sol derramou dentro dela como um fluido pegajoso. Ela lutou para virar a cabeça e não podia. Ela estava presa no lugar pelas mãos brilhantes de Keenan, enquanto ela engasgava com a luz do sol. O calor queimou pela garganta de Beira, e calor chiou pela ferida no pescoço dela.

Quando finalmente ela estava mole nas mãos deles, Keenan parou longe, e Aislinn abaixou o corpo de Beira para o chão.

Ele passou um dedo sobre a bochecha de Aislinn e murmurou.

— Você é muito mais digna do que eu poderia ter pedido.

Keenan parou sobre a vazia carcaça da sua mãe. Ele uma vez tinha esperança que eles não tivessem que vim para esse lugar, que eles achariam um jeito de coexistir. Eles não acharam, mas ele não lamentava isso.

As harpias ficaram quietas, murmurando entre elas. Elas teriam desobedecido a Beira, mas ela não estava lá para disciplinar.

Seu rosto pálido com choque e preocupação, Aislinn rastejou no chão encharcado tentando despertar Seth.

Uma das harpias segurava um pedaço de pano, e Aislinn silenciosamente colocou nas costelas de Seth que estavam sangrando. Ele não parecia bem, mas os homens de sorveira tinham chegado e já tinham chamado curandeiros; élfos e mortais.

Keenan foi para o ainda imóvel corpo de Donia. Curandeiros não iriam ajudá-la. Ele a embalou nos braços e chorou. Donia abriu os olhos para achar Keenan segurando ela. Pela primeira vez em muito tempo, ela estava nos braços dele.

Ela teve que tossir antes que ela pudesse falar.

— Beira está morta?

Ele sorriu então, parecendo como todos os sonhos que ela negava ter.

— Ela está.

— Seth? — Machucava falar, a garganta dela em carne viva pelos finos pedaços de gelo que ela tinha engolido e devolvido.

— Machucado, mas não morto. — Ele afagou o rosto dela, gentilmente, como se ela fosse alguma coisa delicada e preciosa. Lágrimas desciam pelas bochechas dele e gotejavam no rosto dela, derretendo o gelo que ainda estava nela. — Eu pensei que eu tinha te perdido. Eu pensei que nós chegamos muito tarde.

— Não importa. Você tem a sua rainha. — Apesar das palavras dela, ela pressionou o rosto dela mais perto da mão dele, se sentindo mais em paz do que ela tinha sentido em décadas.

— Não é assim com a gente. – Ele assoprou no rosto dela, derretendo os últimos traços do gelo de Beira que estavam no cabelo dela. – Aislinn vai continuar com Seth, ela chama isso de um trabalho – ele riu então, um som pequeno, mas ainda sim uma risada – Ela governará ao meu lado, mas não será minha. Quando você ficar bem, Don...

Uma das harpias se ajoelhou ao lado deles, o interrompendo.

— Minha rainha – ela falou – Seu cetro.

A harpia segurou o cetro da Rainha do Inverno, o repositório do peso do Inverno.

Os olhos de Keenan se ampliaram.

— Não.

A bruxa sorriu seu sorriso sem dente e reiterou.

— Minha rainha. Não sua, Rei do Verão. Ela – ela gesticulou silenciosamente – carrega em seu interior o gelo do inverno. Ele está cresce.

Keenan rosnou para as harpias, parecendo longe de humano.

– Então vocês sabiam, hein?

— O tempo de Beira passou. – As harpias trocaram olhares calmos. – Ela conhecia os termos que Irial estabeleceu, ela deveria saber o que teria acontecido se ela interferisse: escolha dela, falha dela.

A mesma falou de novo.

— Donia vai ser uma rainha forte. Nós esperamos até que alguém sobrevivesse do beijo do inverno. Ela – a harpia olhou para Donia com alguma coisa com um tipo temor nos olhos dela – É nossa agora.

Elas todas se curvaram, parecendo graciosas apesar dos corpos abatidos.

— Nós servimos a Rainha do Inverno. É a ordem das coisas.

Donia lutou para sentar. Ela levantou uma mão, as pontas dos dedos dela escovando o rosto do Keenan. Passar a eternidade com Keenan; esse era a fantasia que ela guardou em silêncio por décadas.

Ele segurou o olhar dela.

— Não, Don... Tem outro jeito. Os curandeiros vão estar aqui e...

— Isso não precisa curar. A Corte Invernal é minha. Eu sinto isso; assim como eu sinto os élfos invernais, eu os sinto.

— As harpias podem fazer alguma coisa... Eu não me importo o que. Fique comigo, Don. Por favor. – Ele a segurou apertado, franzindo as sobrancelhas para as harpias e os élfos lupinos que vieram para dentro da sala. Atrás deles, varios membros das pessoas de espinho esperaram.

Curandeiros de ambas as Cortes Invernal e Corte Estival pararam perto. Alguns estavam tratando Seth sob o olhar atento de Aislinn.

Rapidamente Donia olhou para Aislinn, e a Rainha do Verão ficou. Ela, pelo menos, entedia a inevitabilidade do que precisava acontecer.

— Keenan. – Donia subiu para ele e puxou o rosto dele mais perto dela. – O gelo já esta dentro de mim. Se eu lutar com isso, vai demorar mais para crescer, mas não vai mudar.

Tirando a esmagadora urgência de tirar o horror dos olhos de Keenan, Donia não estava chateada. Ela esperava morrer hoje. Reinara estava longe de um final ruim.

Antes que fosse muito tarde, ela jogou os braços dela em volta de Keenan e se gloriou com o tipo de beijo que eles não foram capazes de compartilhar por muito tempo. Quando ela se separou, Keenan começou a chorar e suas lágrimas, semelhantes à chuva quente, sussurraram sobre o rosto de Donia.

Então Aislinn puxou Keenan longe e o segurou enquanto as harpias ajudavam Donia chegar até o cadáver de Beira.

Nuvens pretas se reuniram e romperam abertas, encharcando eles todos, enquanto as emoções de Keenan cresciam mais voláteis.

Agarrando o cetro do poder, Donia pressionou a boca dela no corpo imóvel de Beira e inalou. O resto do frio a Rainha do Inverno fluiu para dentro dela, rolando através dela como uma onda gelada, agitando até que isso parou de repente e ficou quieto – uma insondável piscina congelada rodeada por árvores carregadas de gelo e perfeitos campos brancos.

As palavras vieram para ela do mundo branco, deslizando através dos lábios dela como um vento do inverno.

— Eu sou a rainha do inverno. Como aquelas que me procederam, eu vou carregar o vento e o gelo.

E ela estava curada, mais forte do que ela nunca esteve. Diferente de Beira, Donia não tracejou cacos de gelo no seu caminho enquanto ela passava por Keenan.

As lágrimas banhadas de sol dele cintilaram enquanto elas caíam dentro das poças no chão.

Ela alcançou para puxar ele para ela, cuidadosa para deixar o gelo dela contraído, emocionada que ela podia fazer isso agora. Então ela sussurrou.

— Eu amo você. Eu sempre amei você. Isso não muda nada.

Com olhos arregalados, ele a encarou, mas ele não falou. Ele não repetiu as palavras.

Então Donia levantou Beira nos braços dela, e com as harpias seguindo atrás dela, foi para a porta. Pausando na entrada, ela pegou o olhar de Aislinn e disse:

— Nós vamos conversar logo.

Depois de uma rápida olhada para o ainda calado Keenan, Aislinn acenou.

Então, ansiosa para esta fora do brilho do casal, Donia jogou os dedos dela em volta do cetro de poder e foi para longe do Rei e da Rainha do Verão.

Epílogo

Primeira nevada

A garrando a sedosa madeira do cetro de poder da Rainha do Inverno – “Meu cetro de poder” – Donia saiu de sua casa e se infiltrou na sombra das árvores nuas.

No exterior seus élfos aguardavam; os guardas de Keenan tinham ido embora... Todos exceto Evan, que havia ficado como responsável de sua nova guarda. Houve protestos por essa razão, – um elfo estival, dirigindo a guarda da nova Rainha do Inverno – mas ninguém tinha direito de desafiar as eleições de Donia.

“Já não mais”, ela pensou.

Andou para a margem do rio, seguida por seis dos guardas que Evan havia selecionado como os mais confiáveis entre os élfos do inverno. Os homens não falavam. A grei⁶¹ invernial não era tagarela, não com as Ninfas do Verão.

Como se o houvesse feito desde sempre, Donia dava golpezinhos ao cetro enquanto avançava, mandando dedos gelados dentro do solo, o primeiro indício do inverno que logo chegaria. Ao seu lado perambulava Sasha. Em silêncio, Donia caminhou sobre a superfície do rio, que tinha se congelado. Ela levantou a vista para a ponte de aço que o atravessava, – aquilo já não era venenoso, não para a Rainha do Inverno. – elevou o rosto para o céu cinza e abriu a boca. De seus lábios brotaram ventos uivantes e no metal da ponte se formaram sincelos.

Na ribeira se achava Aislinn, envolta em uma longa capa. Ela já estava mudada; cada vez que Donia a via, se parecia mais ao que ela já era. A Rainha do Verão levantou uma mão de modo de saudação.

— Keenan estaria aqui se pudesse – ela disse – Ele se preocupava por como você se sentiria com tudo isso. – Acenou para o gelo.

— Eu estou bem – Donia deslizou sobre a água gelada, graciosa como jamais havia sido na pele da Dama do Inverno. – É algo familiar, e ao mesmo tempo não.

Ela não acrescentou que continuava estando sozinha; isso não era algo para compartilhar com a rainha de Keenan.

Elas permaneceram em silêncio; os flocos de neve sussurravam ao tocar as bochechas de Aislinn.

— Keenan não está tão ruim, sabe?

— Eu sei. – Donia estendeu uma mão e pegou alguns flocos de neves como se fosse um punhado de estrelas brancas – Embora eu não pudesse te dizer isso, não é?

Aislinn se estremeceu.

⁶¹ Povo, nação.

— Estamos aprendendo a trabalhar juntos. A maioria das vezes. – Ela esfregou os braços, se rendendo por fim ao frio – Desculpe. Eu ainda posso sair, mas suponho que não poderei ficar muito tempo perto de você e do gelo.

— Outra vez, talvez.

Donia se virou. Mas então Aislinn disse a última coisa que Donia teria imaginado que diria a Rainha do Verão, ou qualquer um, na realidade:

— Você sabe que Keenan te ama, não?

Sem responder, Donia a olhou fixamente, olhou a nova élfica que compartilhava o trono com Keenan.

— Eu não sei... – respondeu ao final, mas se interrompeu, tentando dominar sua confusão. Talvez fosse certo, mas se era assim, porque ele não tinha lhe respondido quando ela lhe disse que continuava amando-o?

Aquela era uma conversa para qual ela não estava preparada para manter com Aislinn.

Donia não estava ciente ao certo o quanto Keenan havia mudado depois de que Aislinn o libertara, o quão conectado eles estavam. Quanta coisa Aislinn conhecia dele na realidade; na maior parte dos dias ela não queria descobrir. A Corte Estival já não era assunto seu, já não era mais. Ela já tinha bastantes problemas se ocupando de sua própria Corte. Os élfos invernais podiam não ser um grupo loquaz, mas ainda assim eles protestavam: pela antiga mortalidade de sua rainha, pela sua insistência em restaurar a ordem, por restringir sua cumplicidade com os élfos obscuros.

“Esse é um problema que não quero afrontar agora.” O Rei da Corte Obscura já estava pressionando, colocando à prova os limites, tentando a grei invernal. Irial havia estado aliado com Beira durante muito tempo para se retirar com elegância. Donia sacudiu a cabeça. Ao redor de seu rosto caía neve e sentia algo quase elétrico quando os flocos de neve tocavam-lhe a pele. “Centre-se no bom”. Havia tempo de sobra para lidar com Irial, com Keenan, com seus próprios élfos. Aquela noite era sua.

Tão silenciosa quanto a neve que caía em torno dela, Donia regressou à gélida noite e escorregou sobre o rio, espalhando sobre o gelo punhados de neve como purpurina.

Solstício

Aislinn e Seth estavam no vagão central do trem de Seth com Keenan, enquanto este tentava se recuperar de sua breve excursão pelo frio.

— Vá em frente. – Seth empurrou Aislinn para Keenan. – Eu tenho que pegar algumas coisas.

Aislinn se sentou ao lado do Rei do Verão, estranhamente cômoda.

— Keenan?

Ele abriu os olhos.

— Estou bem, Aislinn. Dê-me um momento.

Ela tomou a mão dele e se concentrou, deixando que a calidez do verão a recorresse. Ela tinha acabado se convertendo em algo surpreendente fácil, como se aquilo houvesse estado sempre dentro dela. Ela o percebeu: um minúsculo sol chamejava em seu interior e então se inclinou e soprou com suavidade sobre a face de Keenan. Um vento quente se derramou sobre ele. Em seguida, ela o beijou em ambas as

bochechas. Ela não sabia o porquê, do mesmo modo que não compreendia por que o tinha feito naquela outra noite no beco. Simplesmente parecia o adequado. Essa era a primeira coisa que havia aprendido sobre suas mudanças: devia escutar seu instinto.

Keenan ficou olhando-a.

— Eu não tinha te pedido...

— Psiu. — Ela lhe afastou o cabelo cobre da testa e lhe deu outro beijo. — Os amigos se ajudam entre si.

Keenan já se sentia quase bem quando Seth regressou. O jovem deixou um isqueiro e um saca-rolha sobre a mesa.

— Na estante há velas. E também comida que Niall me forneceu, além de seu vinho estival e uma garrafa de vinho invernial.

— Vinho invernial? — perguntou Keenan — Por quê?

Seth começou a rir.

— Niall me disse que você está em dívida com ele por ter conseguido isso pra você. — Apesar de que Aislinn lançou-lhe um olhar intimidador, Seth piscou um olho e acrescentou: — Está tudo bem.

Então Aislinn se levantou e passou um braço pela cintura de seu garoto.

— Estarei com o celular ligado. Tavish já sabe que estou localizável se houver algum problema.

— Os dois irão? — Keenan se ergueu. Ele confiava em sua rainha, mas aquilo estava ficando cada vez mais estranho. — Então, vou ficar preso aqui?

Aislinn e Seth trocaram outro curioso olhar. Depois Seth colocou a jaqueta.

— Estarei fora. — Ele sorriu para Keenan, não com a persistente tensão com que ele parecia estar batalhando desde a ascensão de Aislinn, mas sim com genuíno regozijo. — Te verei dentro de alguns dias.

Depois de fechar a porta atrás dele, Aislinn olhou para Keenan sorrindo com doçura.

— Feliz solstício. Aqui você está seguro. Até mesmo pedimos para Tavish que o comprovasse por nós.

Ela deu-lhe um abraço e em seguida se escapuliu, deixando-o sozinho e confuso.

“Preso. Aislinn me prendeu. — Ele foi até a janela e observou como sua rainha ia dali com seu amante mortal. — E o que eu faço agora?”

Donia abriu a porta com a chave que Seth havia lhe emprestado. Ouviu Keenan passeando para cima e para baixo, movendo-se aborrecido com fortes passos, como uma criatura enjaulada. Aquele gênio não a assustava, aquela perigosa energia. Pela primeira vez eles se encontrariam com igual força, igual poder, igual paixão.

“Isso é o que eu espero.”

Ela tirou as botas, dobrou seu casaco e desenvolveu duas garrafas de vinho. Acabava de encher a primeira taça quando Keenan entrou na sala.

— Don! — ele se surpreendeu. — Você aqui?

— Humm? — Ela lhe estendeu a taça. Como ele a recusou, ela a deixou sobre a bancada.

— O que você está fazendo...? — Ele parecia inusitadamente nervoso e a olhou com cautela. — Você está procurando por Aislinn?

— Não. — Ela serviu uma segunda taça, desta vez com seu próprio vinho. Ela devia se lembrar de mandar uma lembrancinha⁶² a Niall por pensar em consegui-lo. — Eu já vi Ash. — Levantou a chave da casa e balançou o chaveiro com forma de caveira para que ele o visse. Ela gostava de ter o controle, o poder.

“Até mesmo poderia me acostumar”, ela disse a si mesma. Governar a Corte Invernal tinha lhe resultado fácil e cômodo; podia ser justa e equânime com seus súditos. Mas ter poder sobre Keenan... Isso era perigoso. Queria que ele se submetesse a seus desejos, como ela havia feito durante tanto tempo aos seus. Ela umedeceu os lábios com a língua e foi recompensada por um lampejo escuro naqueles olhos estívais.

Ele se aproximou em dúvida, mas em seus olhos havia uma luz esperançosa.

— Por que você está aqui, Don?

— Por você. — ela bebeu um gole de vinho e nem se abalou, mais tranqüila do que jamais havia estado ao seu lado.

Ele se aproximou ainda mais.

— Por mim?

Donia deixou sua taça e levou as mãos ao laço que mantia unida sua saia. Keenan ficou sem ar. Em sua pele lampejou a luz do sol, gloriosa e fulgurante.

— Por mim. — ele sussurrou.

Ao redor de Donia giraram flocos de neve quando ela estendeu uma mão para ele e disse:

— Sim.

E então Keenan sorriu, com aquele incrível e perturbador sorriso que havia obcecado Donia em suas fantasias durante mais tempo que ele deveria saber, do que jamais ele saberia.

“O verão e o inverno devem se enfrentar. Jamais seremos capazes de evitá-lo.” Ela lhe rodeou a cintura com uma mão e o trouxe para si.

O corpo de Donia ardia como se fosse uma escultura de gelo, pronta para se fundir ao contato com o sol. Seu gelo se levantou para receber aquele sol, e envolveu a ambos em uma tempestade de neve.

“Eu te amo”. Mas ela não disse; não desta vez. Agora ela era sua igual; não ia se arriscar a ladear a balança com a ilusão de que ele também dissesse as palavras que sufocariam o turbulento murmúrio de confusão de seu interior.

“Ainda te amo, sempre amei.” Ela não o diria, mas pensou nisso uma vez ou outra enquanto nos olhos de Keenan brotavam flores, enquanto o resplendor da luz solar a fazia se estremecer.

— Minha. Finalmente você é minha. — sussurrou ele. E seus lábios desceram sobre os de Donia.

Ela sentiu vontade de rir de alegria, de chorar pelo crepitar de gelo e calor enquanto caíam sobre o monte de neve que havia a seus pés.

“Isso é muito melhor que negociar as condições de nossa paz”, ela pensou.

Aquilo influiria nos desejos de Keenan quando eles negociassem; Donia sabia bem disso. “Mas esta não é a razão pela qual estou aqui”, ela se lembrou, ainda que com a parte consciente de sua mente, ela admitiu que era razão o suficiente para estar ali, que ela seria uma idiota se não se aproveitasse disso.

⁶² No sentido de “presente” ou agrado, por ter conseguido os vinhos (Invernal e Estival) para ela e Keenan.

— Eu pensava que jamais poderia... – Keenan murmurava doces palavras, e soava enlevado. – Minha Donia, finalmente toda minha.

A neve se derreteu, desapareceu em forma de vapor, enquanto ambos se tocavam.

— Psiu. – Donia cobriu os lábios de Keenan com os seus, calando suas insensatas palavras.

Aislinn avançou cuidadosamente pelo solo gelado. Os guardas que haviam seguido eles esperavam ao lado de Seth. Eles ainda eram pouco familiares para ela, pois Donia os havia emprestado para os meses de inverno, enquanto os élfos estivais não podiam sair.

— Que ninguém os incomode – Passeou o olhar pelo guardas, um por um.

Eles esperaram tão silenciosos quanto às noites de inverno.

— Por nenhuma razão – acrescentou ela sorrindo. – Se houver algum problema, me liguem. – Em seguida moveu a cabeça afirmativamente e estendeu uma mão para Seth. – Vamos. É hora de que te apresente a minha avó. Se ela pode aceitar tudo isso, – acrescentou, sinalando ao redor, aos élfos e a si mesma – ela pode aceitar você.

Seth levantou uma sobrancelha.

— Você tem certeza disso? Niall me disse que eu podia dormir com eles em seu apartamento.

— Confie em mim. – Ela tomou a mão dele.

Ele olhou seus jeans desgastados e a surrada jaqueta.

— Pelo menos poderíamos passar pelo apartamento. Se eu me trocar talvez...

— Esquece. – Aislinn entrelaçou seus dedos com os dele. – Eu falei à vovó das solicitações para as outras universidades que você pegou para nós. Ela acha que nós poderíamos examiná-las.

Os olhos de Seth se iluminaram e ele trouxe Aislinn mais para ele.

— O que eu mais gosto é o programa de Filosofia da universidade estatal. E ali têm um bom programa de Ciências Políticas para você.

Ela começou a rir.

— Podemos nos mudar se quisermos. Keenan e minha avó já estão pedindo isso.

De trás e diante deles, se dispersaram os guardas. Nenhum dos élfos estivais podia sair aos brancos ventisqueiros⁶³. Só os élfos invernais e os obscuros brincavam na tranqüila noite, solenes até mesmo em sua brincadeira quando ela passava por seu lado... Ainda que mais de uma bola de neve se transformava em vapor sussurrante quando os que não se deixavam intimidar com facilidade a viam.

Mesmo depois de quase três meses, eles não eram para ela menos terríficos, nem sequer um pouco na verdade, mas pela primeira vez em sua vida Aislinn se sentia a salvo. “Não é precisamente perfeito, mas poderia ser.”

Ela puxou Seth para tê-lo mais próximo.

— Vamos para casa.

Eles atravessaram as ruas nevadas; a pele de Aislinn resplandecia o bastante para manter quentes a ambos. O resto – seus medos, as exigências da Corte, as inquietudes de Keenan – teria que esperar.

⁶³ Lugar onde a neve se amontoa e se conserva muito tempo

Quando a Rainha do Verão estava alegre, seus súditos se alegravam com ela. De modo que ela se alegrou, deixando que seu júbilo se estendesse a sua grei, sentindo que Keenan o devolvia, vendo isso refletido nos olhos de Seth.

“Não é perfeito, mas será”.

* * *

fim

Figuras das Notas de Rodapé



24 - Arvore do Gênero Sorbo



56 - Dente-de-Leão



60 - Cardo

[Extra] Playlist e Comunidade Oficial do Orkut

Essa playlist consta no final do livro em inglês, portanto as canções não foram nenhuma indicação dos fãs, são canções que inspirou a autora ao escrever o livro.

1. Beth Orton "She Cries Your Name" (the Prologue)
2. Limp BizKit "Break Stuff" (the opening scene at Shooters)
3. Jem "Flying High" (Ash and Seth)
4. Teddy Geiger "For You I Will (Confidence)" (Ash and Seth)
5. Simple Plan "Shut Up" (Keenan at Beira 's)
6. Keren Ann "Not Going Anywhere" (Donia at the fountain)
7. Beth Orton "Sugarboy" (Donia with Keenan at the railroad yard)
8. Jem "Falling For You" (Ash and Seth after their first kiss)
9. The Corrs with Bono "Summer Wine" (at the faire)
10. The Corrs with Bono "When the Stars Go Blue" (at the faire)
11. Tegan and Sara "You Wouldn't Like Me" (Ash/Seth after the faire)
12. Sugarcult "Pretty Girl" (Donia/Keenan after the faire)
13. Sugarcult "Counting Stars" (Keenan at river with Beira)
14. Dashboard Confessional "Screaming Infidelities" (Donia dealing with Summer Girls, on Keenan)
15. Jem "Missing You" (Ash at the Rath, thinking about the way she's changing)
16. Out Boy "Dance, Dance" (Summer Girls spinning at the Rath)
17. Muse "Time is Running Out" (Keenan when Ash arrives at the Rath)
18. Nine Inch Nails "Closer" (at the Rath)
19. Sean Paul "Temperature" (at the Rath as they're walking out)
20. Jem "Stay Now" (Ash and Seth at his place)
21. All American Rejects "Dirty Little Secret" (Keenan at home after Ash ran)
22. Simple Plan "Shut Up" (Keenan outside Ash's with Niall)
23. Victoria Williams "This Moment" (when Ash finally says yes)
24. Jem "Finally Woken" (Ash after she takes the staff)
25. Beth Orton "Touch Me With Your Love" (final chapter and Epilogue, Donia with Keenan)

Melissa Marr's Reading List

Comunidade do Orkut Oficial da série no Brasil:

Se você quiser saber mais sobre a série e ler a continuação do livro (Ink Exchange – Tinta Peligrosa, livro 2 e Fragile Eternity, livro 3), entre na comunidade oficial do Brasil.

Faerie in a Dark [Brasil]

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=87096741>

